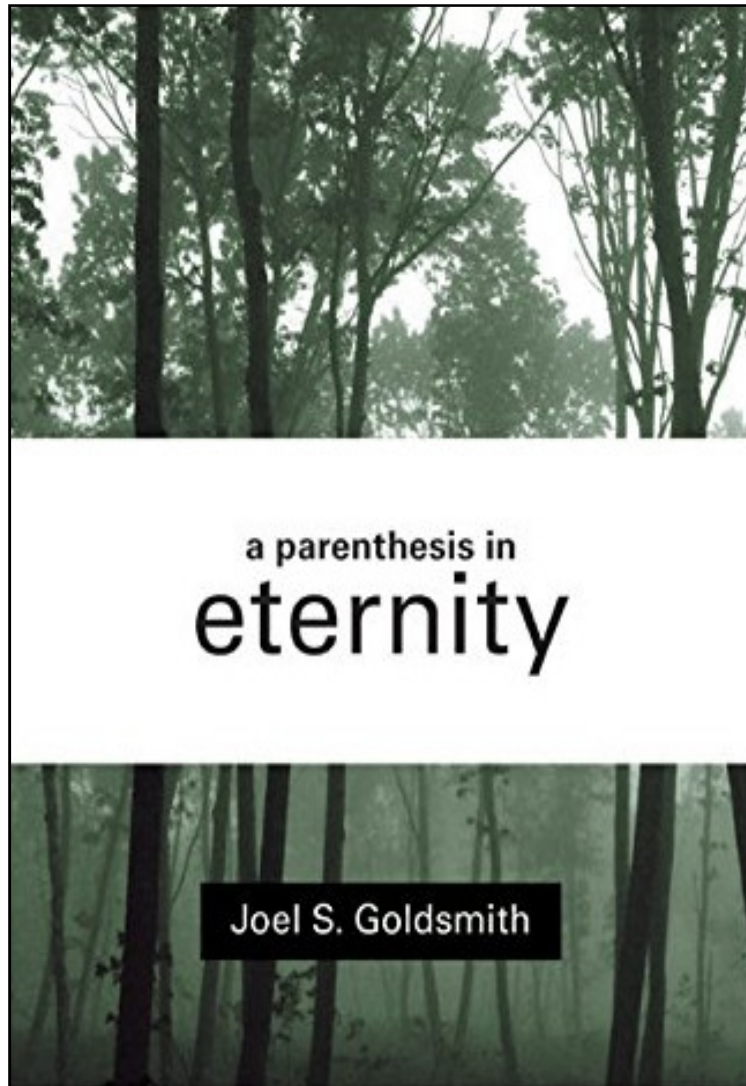




tradução:
Giancarlo Salvagni
2018



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
PARTE 1 - O CÍRCULO DA ETERNIDADE - AS BASES DO MISTICISMO	
OS DOIS MUNDOS	9
LIBERE DEUS	14
A AVENTURA ESPIRITUAL	26
A JORNADA INTERIOR	35
SEMEAR E COLHER	43
DEUS, A CONSCIÊNCIA DO INDIVÍDUO	51
A PALAVRA SAGRADA	59
O EU MÍSTICO	67
UM INTERVALO NA ETERNIDADE	76
REALIDADE E ILUSÃO	85
A NATUREZA DO PODER ESPIRITUAL	94
A DESCOBERTA DO SER	101
PARTE 2 - EMERGINDO DO PARÊNTESE - ALCANÇANDO A CONSCIÊNCIA MÍSTICA	
O NÃO ILUMINADO E O ILUMINADO	109
"E SERÃO TODOS ENSINADOS POR DEUS"	118
AUTO-ENTREGA	130
O SEGREDO DA PALAVRA QUE SE FEZ CARNE	135
A VIDA MÍSTICA ATRAVÉS DOS DOIS GRANDES MANDAMENTOS	146
A FUNÇÃO DA MENTE	153
ALCANÇANDO A FILIAÇÃO DIVINA	162
O SIGNIFICADO DA INICIAÇÃO	167
"O ESPÍRITO DO SENHOR DEUS ME UNGIU"	181
A UNIÃO MÍSTICA	190

PARTE 3 - VIVENDO NO CÍRCULO - VIVENDO A VIDA MÍSTICA

VIVER, PELO E ATRAVÉS DO ESPÍRITO	193
O MESTRE ALQUIMISTA	198
PERDENDO O EGOÍSMO NO "EU"	204
MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO	212
VIVENDO ACIMA DO PAR DE OPOSTOS	219
A ÁRVORE DA VIDA	226
ALÉM DO TEMPO E DO ESPAÇO	234
DEUS FEZ ESTE MUNDO PARA HOMENS E MULHERES	243
"RESTA UM DESCANSO"	253
ABENÇOE SILENCIOSAMENTE O MUNDO COM A PAZ	259
O UNIVERSO INTERIOR	268

INTRODUÇÃO

Há, em algum lugar da consciência, uma terra não descoberta, uma terra ainda não revelada pela religião, filosofia ou ciência. Eu sei que ela existe, porque continuamente se impõe à minha consciência. Eu sei que, quando ela se revelar, mudará a natureza da humanidade: guerras cessarão e o cordeiro se deitará com o leão. Eu sei seu nome, porque ela é revelada como Meu Reino, ou Minha Graça. O Cristo Jesus falou desse Reino, mas nem as palavras faladas e nem os manuscritos descobertos mostram seu pleno significado.

Em meus primeiros momentos, vivi e experimentei esse Reino, e às vezes sua atmosfera me envolvia por dias, mas então novamente ele me escapava. Algumas vezes, em curas, eu testemunhei sua ação, mas captava apenas vislumbres dele. Ele me mostrou sobre a mente humana e suas atuações, como os homens podem usar a mente para o mal, tanto quanto para o bem.

Esse mundo espiritual, esse mundo interior, é tão real quanto o mundo que vemos, ouvimos, provamos, tocamos e cheiramos. Na verdade, é mais real. Tudo aquilo que conhecemos pelos sentidos eventualmente muda e desaparece; mas esse mundo interior, essas glórias espirituais que são reveladas a nós, essas luzes espirituais que nos guiam para o Tabernáculo - nunca desaparecem.

Esse é o mundo que o Mestre Cristo Jesus revelou, um Reino que existe bem aqui onde estamos, desde que recebamos o Espírito de Deus em nós. Ele já está estabelecido aqui na terra, esperando apenas pela nossa percepção e pelo nosso reconhecimento.

Encontrar esse Reino não nos tirará, de modo algum, do mundo: estaremos no mundo, mas não seremos dele. Vamos desfrutar de todas as alegrias e coisas boas que fazem de uma vida plena e afortunada. Não nos tornaremos ascetas, mas não mais desejaremos ou esperamos por essas coisas. E ainda que aspectos da riqueza façam parte de nossa experiência, estaremos totalmente livres delas interiormente, porque todo o nosso Ser será vivido em Deus.

O mundo místico é um mundo real. É um mundo de coisas e pessoas, formado pela consciência esclarecida e iluminada. E como nos tornamos esclarecidos e iluminados? Como encontramos esse mundo místico? O que é misticismo?

O misticismo é "a experiência da união mística ou da comunhão direta com a realidade última, relatada pelos místicos. É uma teoria do conhecimento; é a doutrina ou a crença de que o conhecimento místico, direto de Deus, da verdade espiritual, da realidade final, pode ser atingido através de intuição ou iluminação imediata (insight), de forma diferenciada da percepção sensorial comum"(dicionário Webster).

A mensagem mística de todos os tempos é sempre a mesma. A linguagem e a abordagem podem ser diferentes, mas a mensagem e a meta - chegar a uma União Consciente com Deus - isso nunca muda.

Ninguém pode se tornar um buscador de Deus somente pela sua humanidade, mas quando Deus toca a pessoa e a desperta em alguma medida, ela é conduzida a algum ensinamento espiritual. Ela pode permanecer no mesmo caminho até o fim de sua busca, ou pode ir de ensinamento em ensinamento, até que finalmente encontre algo que preencha suas necessidades, até então insatisfeitas, e a traga para a realização de Deus. Ainda que seja revelado em diferentes linguagens, diferentes termos e formas, o desenvolvimento interior conduz infalivelmente para o objetivo único.

Nada pode se igualar à fascinante aventura da vida mística. É uma vida de descobertas que estão sempre adiante de nós, nunca atrás. Talvez tenhamos vivido uma experiência ontem que nos elevou ao topo da montanha, mas não podemos viver pela pérola de ontem, pelo maná de ontem, porque a experiência de ontem, a despeito de quão incrível e instigante para alma possa ter sido, foi apenas uma preparação para experiências maiores, mais adiante. Sempre há o desafio de coisas intangíveis esperando pela nossa descoberta, aqui e agora.

O Reino de Deus é sem limitações ou fronteiras, e toda a verdade que foi dada ao mundo nos milênios passados é apenas uma centelha, em comparação com tudo o que ainda está por ser descoberto. E ninguém ainda experimentou um milionésimo do que já foi revelado.

Pode alguém revelar a última palavra sobre a Verdade Espiritual? Pode alguém penetrar nas profundezas de Deus? Pode alguém sequer supor a totalidade de Deus? É verdade que místicos de todas as eras nos deram lampejos da Verdade, e suas palavras eram carregadas de convicção, porque, por trás das palavras, havia a própria experiência. Mas quanto do que lemos sobre a revelação espiritual nós realmente experimentamos? Quanto dela ainda permanece entre as capas de um livro? Quanto dela podemos testemunhar? Quanto de Verdade chegou como desenvolvimento interior, renovando a força e o poder dessa revelação?

Todo aspirante do caminho espiritual deveria estar constantemente alerta para alguma revelação original da Verdade. Mas se ele estiver satisfeito em se manter apenas nas

palavras, sem mergulhar em busca de significados mais ricos e mais profundos, dos quais essas palavras são apenas símbolos, então ele não é alimentado a partir de dentro, mas somente pelas páginas de um livro. Tinta preta não tem bom sabor, e nem páginas impressas podem sustentar essas pessoas que estão vivendo da palavra impressa, que continuarão tão mal alimentadas quanto aqueles que sofrem de desnutrição. A substância encontrada em palavras, impressas ou gravadas, capaz de sustentar alguém, está na Verdade que pode ser trazida à consciência.

As verdades reveladas na literatura espiritual são sementes plantadas na consciência, e se essas sementes são plantadas no solo fértil e ativo da consciência, elas brotam e dão frutos; mas se são semeadas na consciência adormecida - inconsciente, morta ou vivendo na forma, no ritual ou pelos pensamentos de ontem - não podem brotar e amadurecer.

Cada palavra da Verdade que ouvimos ou lemos deveria ser tomada como semente em nossa consciência, a qual deveríamos nutrir e cuidar; o solo deveria ser fertilizado com meditação, ponderando e colocando-a em prática, até que, num momento de silêncio e serenidade, as sementes podem romper-se, criar raízes e dar frutos. Portanto, o que lemos não pode ficar estagnado. Sempre há a expectativa de que o próximo parágrafo tenha "a pérola de grande valor" para nós. O próximo parágrafo, ou aquele que leremos amanhã, pode ser a "pérola" também para o nosso vizinho ou alguém mais. Não existe algo como uma única "pérola".

A vida espiritual é como um colar envolvendo todo o globo - um colar de muitas pérolas. Toda declaração da Verdade é uma pérola, cada princípio é uma pérola, cada experiência, quase toda meditação, se pudermos buscar isso mais fundo, dentro de nossa própria consciência. Cada grão da Verdade deveria ser usado como um degrau ou uma ponte para nos levar a um conhecimento mais profundo, permitindo que mais e mais verdade possa vir à tona, conforme avançamos em nossa viagem. No entanto, se não estivermos em alerta, mantendo mente e ouvidos abertos, bem abertos para o que está à nossa frente, será a mesma coisa que cruzar o oceano num pequeno barco, adormecido no leme.

A literatura espiritual e os princípios espirituais certamente são degraus e pontes pela quais podemos prosseguir, mas degraus e pontes que levam aonde? Sempre para nossa própria consciência! Esse é o único lugar para o qual um verdadeiro ensinamento espiritual pode levar - para nossa própria consciência.

"Deus não faz diferença entre as pessoas", tudo que é possível para um é possível para todos, mas somente para aqueles que buscam. Busque e encontre; mas busque dentro do reino de sua própria consciência. A sua e a minha consciência são tão infinitas quanto

a de qualquer vidente espiritual, e qualquer grau de desenvolvimento que tenha uma alma iluminada, nós também o podemos ter, no mesmo nível de profundidade. Podemos não expressar esse Infinito em toda sua plenitude, mas, sem dúvida, essa é a verdade sobre nós.

No entanto, a despeito de quanto de verdade possa revelar-se para nós, ou quantas experiências de natureza espiritual possamos ter, tão logo tenham servido a seus propósitos, deixemos elas saírem de nossa memória e olhemos para a frente, porque as próximas serão maiores. Se deveríamos escrever uma centena de livros sobre a Verdade, ou curar cem mil pessoas, nunca acreditemos que chegamos ao fim de nossa consciência, pois ela tem uma profundidade muito além daquela do oceano, e uma circunferência maior que este inteiro universo e quaisquer outros universos ainda desconhecidos. Não há limite de profundidade do nosso ser e nem de fertilidade de nossa consciência, mas devemos mergulhar mais profundamente em nós mesmos para trazermos a revelação da natureza de Deus, e, conseqüentemente, a natureza de nosso próprio Ser. E então descobriremos que Deus, na verdade, é nosso verdadeiro Ser e nossa verdadeira Vida.

Buscar, encontrar e experimentar esse brilho interior, essa percepção interior da Presença, essa comunicação interior com Deus, e então perceber que, a cada vez que isso se repete, a experiência torna-se mais e mais profunda e rica, mais frutífera, e que nunca pode chegar a um fim ou sensação de tédio ou monotonia, nisto consiste a verdadeira aventura da vida espiritual.

Deus é infinito. A Verdade é infinita. Devemos nos elevar nesse Infinito, explorar novas vias da Verdade, abrir novas áreas de nossa consciência, porque toda essa Verdade é a nossa consciência, nossa própria consciência! Num certo nível de consciência, podemos trazer literatura, arte, invenções e descobertas. Num nível mais profundo, podemos trazer experiências espirituais, incluindo a mais suprema, conhecida como a União com Deus. Tudo depende do que se busca. E o que estamos buscando? Meramente algum tipo de cura? Mais conforto no mundo humano? Uma companhia mais feliz, ou um pouco mais de dinheiro? É certo desfrutar de saúde. É certo ter suprimento em abundância e ter uniões afetivas mais satisfatórias. Todas essas coisas inevitavelmente se seguirão, mas, se somente elas são o objetivo de nossa busca, então estamos degradando a Verdade. A meta em si mesma é descobrir a essência da sabedoria espiritual, explorando cada canto do reino espiritual, cada profundidade e altura dele. Eis a aventura espiritual.

Quem sabe que grande verdade nos será revelada? Quem sabe que coisas maravilhosas estarão à nossa frente daqui uma hora? Quem sabe que revelações surpreendentes podem vir a nós? É maravilhoso quando elas surgem; é lindo quando acontecem, mas elas não podem vir, se permitirmos que uma mensagem em particular se torne

cristalizada em nós, se vamos para a cama à noite pensando que conhecemos a verdade, ou se acordamos achando que alcançamos a verdade definitiva da sabedoria espiritual. Por todos os dias da semana, cada dia é uma dia novo. A cada dia deveria sempre haver uma saudade interior, não no sentido de recordar algo que nos foi revelado no dia anterior, mas num reconhecimento de nosso vazio e vontade de alcançar: "Pai, Pai, vem! Vem e revela-me Tua mensagem! Dá-me uma visão hoje; deixa-me conhecer-Te corretamente; deixa-me entrar mais profundamente em Tua consciência!"

Há maiores verdades enterradas em nossa consciência do que quaisquer outras que já surgiram. Assim como a verdade pôde vir por um humilde sapateiro como Jacob Boehme, a Verdade que abala o mundo pode vir por mim ou por você, e se ela não vem, pode ser porque não a queremos incondicionalmente, como a quiseram os grandes místicos do mundo, ou porque nosso interesse tem estado mais na superfície da vida do que em suas profundezas.

Às vezes, estudantes desencorajados, de pouco tempo de estudo, um ano talvez, escrevem-me sobre sua insatisfação e desapontamento, sua falta de progresso e de desenvolvimento espiritual. Minha resposta é sempre "mas somente em um ano, um ano? Há talvez mil milhões de anos à sua frente, e ninguém conseguirá a transição do "homem cujo fôlego está nas narinas" para o homem que tem seu Ser em Cristo em apenas um ano de estudo e meditação! Se o Reino de Deus fosse tão facilmente alcançado, todos o teriam feito. Mas tão poucos o fizeram...

Não se engane, esse é um dos caminhos mais difíceis; essa é a vida mais difícil que há. É muito mais fácil para uma pessoa tornar-se um Creso ([rei muito rico da Lidia, 560 A. C. - nota do tradutor G. S.](#)), com uma fortuna fabulosa ou conseguindo grande fama, do que ser bem sucedida em alcançar a vida espiritual. É bem mais fácil conseguir qualquer coisa no mundo humano do que no espiritual, porque, no mundo espiritual, você e eu somos chamados para "morrer", antes de conseguirmos o que buscamos.

A vida espiritual não é alcançada por desistir de fumar, beber, comer carne, estudar por alguns anos ou freqüentar igrejas e aulas. Ah, se fosse tão fácil! O Reino é conseguido "morrendo diariamente". Todo dia da semana, como parte de nosso envolvimento na vida do Espírito, devemos ver que traço de humanidade nos resta ou é enviado para as nossas coisas. Cada problema deve ser visto como uma oportunidade de se elevar acima da situação que se apresenta, e se isso parece tão difícil assim, é melhor nem começar. Mas se há um impulso que nos compele a prosseguir, então precisamos ser pacientes e persistirmos.

A realização é possível para todo aquele que se lança na aventura espiritual, e isso é possível sem se pagar um preço - com exceção de um grande preço. Este é o preço: "vai

e vende tudo o que tens". Esse é o preço, e ele é pago na moeda da devoção exterior. Esse é o preço pedido pelo Mestre a seus seguidores, quando disse: "aquele que ama pai e mãe mais do que a mim não é digno de mim... vende tudo o que tens... segui-me, e Eu vos farei pescadores de homens". Podemos entender, então, quão difícil é a realização espiritual, e porque nosso progresso é tão lento; mas não reclamaremos. Ficaremos satisfeitos, percebendo que, se os seguidores de Jesus, em seus dias, tiveram que seguir seus passos, nós também o faremos.

Mas, ainda que possamos sondar as profundezas até o limite de nossa capacidade e possamos falhar em atingir nossa meta, a busca ainda será valorosa, mesmo que atravessemos anos e anos acreditando que não fizemos nenhum progresso. A verdade é que, com cada esforço, cada diligência, cada busca, cada meditação, estamos nos movendo lenta e inexoravelmente em direção à meta de toda a vida - a União com Deus.

Problemas e circunstâncias afetam as vidas de diferentes pessoas, de diferentes modos. Eles podem levantar ou derrubar a pessoa, podem deixá-la ou encontrá-la. Não há nada trágico ou desgraçado na queda ou no fracasso, nada mesmo. A pessoa que falhou tentou, em geral duramente, e há uma satisfação nisso, e há uma esperança também, porque, se a pessoa continuar a tentar, ela poderá não mais cair, e mesmo que caia, ela se erguerá novamente. A tragédia, se é que há uma, ou a desgraça, é o ser querer seguir no dia a dia, acordando pela manhã e dormindo à noite, e estando em lugar nenhum amanhã que já não tenha estado ontem.

Pense nas oportunidades ilimitadas que existem, numa área metropolitana, para adquirir conhecimento e apreciação de arte, literatura, música, religião e ciências naturais do mundo, e então pense nas milhares de pessoas sem rumo, andando pelas ruas da cidade, sem consciência dessas oportunidades e, freqüentemente, sem se importar com isso: eis a tragédia.

Não é a mesma coisa, ou mais, a respeito de qualquer ensino ou mensagem verdadeiramente espiritual? Não há incontáveis pessoas no mundo que são expostas à Verdade uma vez e outra vez, de algum modo e por algum meio, mas mesmo assim passam batido, "do outro lado da rua"? Isso é triste, porque encontrar uma mensagem espiritual poderia e deveria ser o início de uma vida de aventura. Mas é verdade, isso nem sempre acontece assim. Ela poderia nos deixar aonde nos encontrou. Ela não pode nos derrubar - jamais poderia - mas ela pode nos levantar, e deveria abrir a vida para a alegria e o estímulo espiritual de buscar e encontrar. Ela deveria ser nosso impulso para rodar e rodar e começar de novo, para ver o quanto podemos nos manter e avançar neste Caminho.

Não há Deus fora, no espaço. O Deus que existe está oculto dentro de nós, esperando que cada um de nós descubra a Si Mesmo. Nós não temos que ir a nenhum lugar no tempo e no espaço. A jornada espiritual, a maior de todas as aventuras, não é realizada no tempo e no espaço. É uma jornada na consciência - e esta jornada ninguém pode fazer por nós.

1 - O CÍRCULO DA ETERNIDADE - AS BASES DO MISTICISMO

DOIS MUNDOS

Existem dois mundos. Há "este mundo" e há o "Meu Reino". Há o mundo que podemos ver, ouvir, provar, tocar e cheirar, o mundo em que vivemos, em nosso trabalho, nossa casa e nossa família; e há o mundo interior, onde vivemos quando o Cristo foi erguido em nós, o mundo dentro de nossa consciência, onde estamos sós com Deus, e onde comungamos com o Filho de Deus. Por um lado, há o homem mortal, e de outro, o filho espiritual de Deus.

Paulo, que foi espiritualmente e interiormente ensinado pelo Mestre, descreveu o homem mortal como "a criatura", "o homem natural", que "não compreende as coisas do Espírito de Deus porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente"; e explicou que "todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus".

Até que aprendamos sobre o homem que tem seu ser em Cristo - o homem em que devemos nos tornar - nós somos esse "homem natural", essa "criatura", o mortal que precisa descartar essa mortalidade, o homem que deve "morrer diariamente".

O progresso no caminho espiritual ocorrerá muito mais rápido, uma vez que for entendido que esse homem humano e mortal, essa "criatura", esse "homem natural", está totalmente cortado fora de Deus, não está nunca sob a lei ou a proteção de Deus, e nunca é governado ou sustentado por Deus. Se fosse, poderia existir assassinato, estupro, incêndio criminoso ou guerra? Poderia haver morte, se o homem fosse governado por Deus? Poderia haver enfermidade? Poderia um avião cair do céu e matar todos os passageiros?

Se o homem fosse governado por Deus, não teriam as doenças diminuído? Mas não parecem ter aumentado? Para cada doença controlada, não parece surgirem duas novas, mais mortais que as anteriores? No entanto, todos os dias, milhões e milhões de

preces sobem a Deus; e então, quando uma solução dos problemas de doenças da carne aparece, ela vem de Deus ou de um frasco de remédio, um antibiótico ou uma nova técnica cirúrgica? Os seres humanos não morrem de doenças horríveis e de acidentes trágicos? Deus interfere nisso?

Seres humanos sofrem terríveis injustiças nas mãos de outros; são governados por tiranos; ocorrem guerras e nem sempre os justos são os vencedores. Em todas as eras houve escravos e aprisionados. Basta olharmos para a história para saber há quantos milhares de anos este mundo tem sofrido com guerras, mesmo com cada geração sentindo, assim como nós, que as guerras são um engano, que não resolvem nada e que nada de bom pode vir delas. E toda geração não rezou pelo fim da guerra, e, em todos esses milênios, acaso houve respostas para essas preces? Não estão as nações de milhares de anos de história, apesar de seus povos rezarem a Deus todos esses anos, ainda mergulhadas em escravidão, ignorância e pobreza?

Nunca se soube que Deus fez algo por um ser humano enquanto ele está imerso nas "coisas da carne". Uma falta de entendimento deste ponto faz com que muitos aspirantes do Caminho percam o alvo, porque eles estão sempre tentando conseguir que Deus faça algo a respeito de alguma coisa ou de alguém, mas Ele não faz. A despeito de quanto a humanidade possa sofrer ou se alegrar, a despeito dos homens estarem doentes ou saudáveis, ricos ou pobres, eles não estão sob a lei de Deus; não são alimentados, sustentados ou protegidos por Deus; e por essa razão, coisas trágicas acontecem à raça humana, e continuam acontecendo geração após geração, com uns poucos escapando do destino comum.

Não é o caso de se ensinar, tanto por Cristo quanto por Paulo, que essas experiências da raça humana podem ser evitadas; eles ensinaram a "sair dentre elas e estar... à parte", e então dar frutos abundantemente. Esse era todo o propósito do ministério do Mestre - revelar ao mundo como sair dentre as massas e evitar as disputas, as privações, pecados e doenças que atormentam a humanidade.

Os seres humanos acreditam que podem somar espiritualidade à sua humanidade, e assim receber a Graça de Deus. Mas isso não pode ser, temos que "morrer diariamente". Temos que descartar o "homem velho"; temos que descartar a mortalidade e revestirmo-nos de imortalidade; tem que haver uma transição do homem da terra para o homem que tem seu Ser em Cristo; tem que haver arrependimento. Deus não se compraz da "morte daqueles que morrem... convertei-vos, pois, e vivei". Deve haver uma mudança antes que possamos viver de novo.

A maioria de nós pensa que podemos nos voltar a Deus e o persuadirmos a nos dar algo, sem perdas, sem desistências, ou sem qualquer mudança. Esperamos adicionar

imortalidade e Graça Divina ao nosso ser humano. Mas somente se o "homem velho" em nós "morrer", pode o homem novo "nascer". Somente se mudarmos nosso perfil, a harmonia espiritual pode começar a agir em nós e como nós.

Não é que Deus, o Espírito, vá fazer algo pelo homem mortal, material; é o homem mortal e material que tem que rejeitar sua materialidade, para que a identidade espiritual possa ser revelada. É um contra-senso acreditar que os seres humanos estão sob a lei de Deus, quando todas as orações inventadas pela humanidade jamais trouxeram paz na terra, não eliminaram doenças e nem venceram o pecado e a pobreza do mundo. Foram as preces dos cristãos, dos judeus, dos hindus ou budistas respondidas? Por que não? O que está errado? Será Deus um discriminador de pessoas? Será Deus um discriminador de raças ou religiões?

Por milhares de anos, os seres humanos seguiram todo tipo de ritual, sem jamais aproximarem-se do Reino de Deus. Jesus deixou claro, quando advertiu seus discípulos, que sua retidão deveria ser ainda maior do que a de escribas e fariseus, porque, de todos os homens, esses eram os mais escrupulosos e rígidos seguidores da lei mosaica. E mesmo assim, Jesus pediu que a retidão daqueles que buscam o Reino de Deus fosse ainda maior que a deles. Eles devem entrar no silencioso santuário dentro de seu próprio Ser, e orar onde os homens não podem vê-los. Eles não devem apenas contribuir com o templo ou igreja: eles devem fazer benevolências, sem que ninguém saiba a respeito deles.

É fácil ser um humano cheio de problemas - parece ser a coisa mais fácil do mundo de se fazer. Mas não é fácil ser uma criança de Deus, espiritualmente livre de problemas. Todo aquele que tenta viver o Sermão da Montanha e desistir do estilo de vida "olho por olho, dente por dente", todo aquele que tenta "não resistir ao mal", que tenta não responder o mal com o mal, acha esse caminho muito difícil no começo. Isso porque, como seres humanos, não somos as crianças de Deus e nem estamos sob a lei de Deus. Para sermos as crianças de Deus, há um preço a pagar, e o preço é "não resistir ao mal"; o preço é aprender a orar pelos inimigos, perdendo setenta vezes sete vezes; o preço está em se firmar na percepção de que nós, por nós mesmos, não somos nada.

Ganhar o Reino de Deus é algo a ser realizado em nosso interior. Alguma coisa tem que ocorrer dentro de nós; deve haver uma lembrança consciente de que o Cristo habita em nós. Através dessa lembrança consciente de nossa Unidade com Deus, a Graça de Deus torna-se ativa, a Graça que nos traz coisas e experiências que seriam humanamente improváveis, senão impossíveis. Há uma diminuição de dependência de nossa mente, de nossa educação e de nosso bolso, e um aumento de confiança no Infinito Invisível. A

consciência é aberta para receber as coisas invisíveis de Deus, das quais todas as coisas visíveis são feitas.

Toda a vida espiritual tem a ver com uma atividade da consciência, uma atividade da consciência individual, minha e sua. Viver como o Filho de Deus, e não como um ser humano, significa habitar conscientemente na percepção de uma Presença Invisível. Significa viver conscientemente no conhecimento de que Deus é o princípio que guia e sustenta nossa vida. Precisa haver uma mudança de base, precisa haver uma mudança de consciência. Não é Deus que vem à experiência humana: é o ser humano que tem que desistir da experiência humana, trocando-a por sua identidade espiritual.

Se uma pessoa é boa ou ruim, não é um fator determinante da descida da Graça sobre ela. Milhões de pessoas nunca alcançaram - e nem alcançam - seu estado espiritual, porque não é a bondade humana que o traz. O que realmente conta é o grau de devoção na busca por Deus. Quanto de fome e sede há depois da Verdade? Quanto se espera pela compreensão de Deus, para se chegar a Deus face a face? Não é a nossa vida exterior que conta. Não é somente tentando mudar a nós mesmos para humanos melhores que nos preparamos para a aceitação de nossa identidade espiritual. Ser humanamente bom não tem qualquer relação com "morrer diariamente". "Morrer diariamente" é uma percepção de que estamos insatisfeitos com o nosso atual estilo de vida, insatisfeitos mesmo se temos suficiência econômica, boa saúde ou uma família feliz. Ainda assim há uma insatisfação, uma sensação de algo faltando em nós. Há uma inquietação interna, uma falta de paz, um descontentamento interior.

Sem essa fome e esse impulso interior, não há "morrer". Mas tão logo tomamos a decisão de trilhar o caminho que leva à plenitude espiritual, começamos a necessária transformação da mente, iniciamos nossa jornada espiritual. Primeiro deve vir a percepção clara e aguda de que não podemos continuar sendo apenas seres humanos que tentam adicionar a Graça de Deus à nossa humanidade. Isso não tem nada a ver com nossa vida exterior. A mudança acontece dentro de nós. A experiência toda é interior; é uma experiência da consciência, e quando ela acontece, ela afeta toda a nossa experiência exterior.

Ninguém, por si mesmo, tem o poder de receber a Graça de Deus. A Graça vem por desenvolvimento progressivo e evolutivo de nossa consciência. Para ilustrar isso, voltemos na memória para nossa própria experiência de vida, e conforme recordamos de nossa infância, adolescência, juventude e maturidade, somos capazes de pontuar um momento - possivelmente até uma data específica - a partir do qual nos voltamos para outra direção. Pode ter sido uma enfermidade que nos compeliu a buscar uma nova e mais elevada dimensão da vida; pode ter sido um pecado ou um falso desejo; pode ter

sido uma privação, limitação ou infelicidade; ou pode ter sido justamente um desenvolvimento natural que nos levou ao ponto de insatisfação com a vida como vinha sendo levada, perguntando a nós mesmos se não seria possível algo melhor, mais elevado. Foi, então, a partir disso que nossa consciência começou a mudar, e mesmo que não pudéssemos notar qualquer progresso, nunca deixou de haver um progresso gradual, dia após dia, mês após mês.

Alguém já bem adiantado no caminho espiritual, buscando e seguindo seriamente um estudo dessa natureza, já esteve indiscutivelmente no Caminho, antes de nascer nesta experiência. Qualquer que tenha sido seu estado anterior de existência, se ele já não estivesse no Caminho em alguma experiência de vida prévia, ele não estaria pronto agora para o ensinamento místico, e nem sequer teria sido levado a ler este livro. Uma vez que uma pessoa entre em contato com um ensinamento místico, ela começa a ser atraída mais e mais para a realização final do nome e natureza de Deus e de sua verdadeira identidade. Através de todos os tempos, tem sido verdade que, quando um indivíduo percebeu o nome e a natureza de Deus, esse indivíduo foi libertado; mais ainda, na medida em que pôde transmitir essa percepção ou revelação, aqueles que puderam aceitá-la e recebê-la também foram libertos.

Em cada era, sempre que havia um grande mestre religioso ("[Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre](#)" - Mateus 23:10 - aqui e em vários outros pontos do livro, a palavra "mestre" com "m" minúsculo tem o sentido de professor, instrutor, e a palavra usada muitas vezes é "teacher". Em muitos outros pontos o autor usa o termo "Mestre" ou "Divino Mestre", com "M" maiúsculo, referindo-se ao Cristo Jesus, como ele mesmo diz - nota do tradutor G. S.), havia aqueles capazes de receber a palavra de sabedoria transmitida, de responder a ela e demonstrar sua filiação divina; mas nessa mesma era e mesma nação, também havia aqueles que rejeitaram a Palavra e que não quiseram aceitar os princípios. Vivendo lado a lado, estavam os salvos e os não salvos, aqueles que eram capazes de se elevar acima das discórdias da carne e aqueles que não podiam receber a palavra espiritual em seu peito.

Ninguém que acredite ser um homem ou uma mulher jamais chegou a suspeitar da verdade espiritual. Ninguém que acredite que há um poder, em algum lugar, que possa operar o bem por ele, e um poder que possa operar pelo mal, sequer chegou a tocar a barra do Manto, pois tais poderes não existem. Não há poder do bem; não há poder do mal.

Ninguém pode estar preparado para receber este ensinamento em apenas uma vida, e nem é capaz de assimilar esta sabedoria em uma única vida. São necessárias muitas vidas dedicadas ao desenvolvimento espiritual para preparar o indivíduo para a revelação

final de sua verdadeira identidade. Somente aqueles que têm sido preparados têm a capacidade de receber a Verdade.

Temos olhos e não vemos? Temos ouvidos e não ouvimos? Não podemos ver a identidade espiritual com olhos físicos, ou ouvir a pequena e silenciosa Voz e suas transmissões com ouvidos físicos. Cada indivíduo tem uma faculdade da Alma que não tem qualquer relação com os sentidos físicos, visão, audição, paladar, tato e olfato, e nem sequer com o sentido da intuição, que é o sétimo sentido. É essa faculdade espiritual que se torna nosso poder de discernimento, poder de discernir entre a natureza dos dois mundos em que vivemos.

Com tal discernimento, este mundo exterior torna-se apenas um símbolo, uma concha, quase um "deixa que assim seja por agora". O mundo real é o mundo da Consciência e de Suas formas, não das formas criadas pela natureza, não as formas criadas pela imaginação do homem ou as formas que vemos com os olhos, mas sim as formas que a Consciência assume, as formas que contemplamos no Reino de Deus dentro de nós.

As lições que aprendemos no mundo interior tornam-se a base de nossa conduta no mundo exterior. A Graça Espiritual que recebemos dentro torna-se nossa vida fora. Sem o impulso dessa Graça Espiritual, a vida, como é vivida no plano exterior, é uma vida animal. Ela tem períodos bons e períodos ruins, de saúde e de doença. Ela nunca conhece a Paz que ultrapassa o entendimento; ela nunca conhece a Vida que Deus deu a nós, a Vida que é Deus. Essa Vida é discernida somente pela Graça Interior. Através desse poder de discernimento, vislumbramos o Espírito de Deus, e então o contemplamos nos outros também; nós testemunhamos esse Espírito vivendo no que chamamos de forma humana, e assim como o Espírito de Deus viveu como a forma humana de Jesus, assim ele vive como eu e você individuais, quando somos animados por Ele.

Ah sim, existem dois mundos - o mundo exterior dos sentidos e o mundo interior do Espírito, e uma vez que fomos tocados por esse mundo interior do Espírito, o "homem natural" torna-se cada vez menos, para que o Filho de Deus possa ser cada vez mais.

LIBERE DEUS

Somente os muito corajosos podem embarcar na jornada espiritual, e somente aqueles de grande força e visão podem esperar continuar nesse Caminho. Há cerca de vinte séculos atrás, o Mestre deixou claro que o caminho era reto e estreito, e são poucos os que entram. Isso é verdade, confirmada pelo fato de que, até o presente, muito poucos

foram capazes de permanecer e continuar a seguir o caminho espiritual. Não é fácil superar a superstição, ignorância e medo, e, apesar dos prejuízos e primeiros fracassos, firmar-se na busca de novos horizontes.

Não podemos adotar novas ideias, enquanto ainda nos prendemos às desgastadas crenças do passado: devemos renunciar aos nossos velhos conceitos. É aqui que entra a coragem e a ousadia. É preciso coragem para deixar para trás tudo o que provou ser insatisfatório em nossa experiência. É preciso coragem para olharmos para nós mesmos objetivamente e perguntar: eu adorei sinceramente a Deus? Em alguma medida, eu vivi minhas convicções sobre Deus?

Quando nos voltamos para a busca de Deus, deveríamos ser firmes o suficiente para perguntarmos a nós mesmos: estou satisfeito com as respostas às preces que foram dadas ao mundo? Acredito que a verdade que foi revelada é toda a Verdade que existe? Ou eu estou buscando por algo desconhecido, exceto por uns poucos místicos que vivenciaram a Verdade, tentaram transmitir seu conhecimento, muitas vezes falharam e então seguiram seu caminho? A herança do homem é a liberdade espiritual e, se a revelação de Jesus não nos ensinou outra coisa, então somos designados para viver na plena liberdade do Espírito como Filhos de Deus, e não como prisioneiros da mente e do corpo.

Liberdade não é uma condição da mente e do corpo, mas da Alma. Se não acharmos nossa liberdade na alma, então só encontraremos limitação e dependência em nossa vida. A liberdade não pode ser dada a uma nação ou a uma raça, ela deve primeiro ser realizada no ser individual, e aí sim ela poderá ser compartilhada com aqueles que necessitam dela.

Nada externo a nós pode nos limitar ou deter, pois nossa liberdade deve primeiro acontecer em nossa consciência, e isso ninguém pode impedir, porque, afortunadamente, ninguém pode ler nossos pensamentos, olhar em nossa consciência, ou saber o que passa por nossa alma. E tanto é assim que, seja lá onde estivermos - em casa, na rua, no trabalho - podemos realizar essa transição da escravidão dos sentidos para a liberdade de nossa alma. Tudo isso acontece dentro de nossa consciência.

Há aqueles que reclamam que não podem encontrar essa liberdade porque não têm tempo, mas não há falta de tempo: isso é apenas uma desculpa. Outros dão a desculpa da falta de dinheiro; outros, falta de visão e audição. Mas todas são desculpas, meras desculpas.

Algumas pessoas reclamam que não podem estudar a sabedoria espiritual porque não podem comprar livros. Mais uma desculpa! As livrarias públicas desta nação e de muitas

no mundo são cheias de livros e ensinamentos de todos os tipos. Leva apenas uns poucos minutos para telefonar e saber quantos informativos e livros inspiradores existem numa biblioteca e em lojas de livros usados (a realidade do autor é dos anos sessenta - uma disponibilidade incrivelmente menor do que a nossa, no terceiro milênio, com a internet - nota do trad. G. S.). Quem usa essa inabilidade de comprar livros como desculpa para não estudar só está tentando fugir de ser ensinado, ou garantir que não será ensinado.

A liberdade é alcançada dentro de nós, e não depende de tempo, dinheiro, saúde ou relacionamentos - nem mesmo estando sujeito a países que fizeram leis contra a religião. O que eu quero dizer é que, se estamos presos pelo pecado ou doença, por qualquer forma de limitação, seja física, mental ou moral, financeira, a liberdade é nossa, desde que queiramos romper esses padrões. Mas não pode ser um desejo tímido, somente a esperança tipo "oh, eu queria ser livre; eu queria ser como outras pessoas; eu queria saber o que outros sabem, eu queria ter a educação que eles têm". Quantos álibis, quantas desculpas! Há educação disponível para todos, da escola elementar a cursos em universidades, e isso sem nem sequer assistir as aulas pessoalmente. Existe uma liberdade física, mental, moral e financeira suficientes para todo aquele que realmente deseja a liberdade. Sem esse impulso, nada pode ser alcançado. Se queremos atingir as alturas, deve haver tal aspiração pela liberdade que seja verdadeiramente um entusiasmo, em vez de sentar, desejar, esperar e reclamar que não conseguimos alcançar. Nenhuma pessoa ou condição exterior podem nos deter. Podem nos atrapalhar por um ano, ou cinco, ou dez, enquanto lutamos, trabalhamos e rezamos por liberdade, mas eventualmente a liberdade vem, não importa qual a forma de limitação.

A única coisa essencial para a liberdade é o desejo de ser livre - nada mais - porque o desejo de ser livre faz com que os meios para isso revelem-se por si mesmos. Já foi dito que quando o discípulo está pronto, o mestre aparece, às vezes como uma pessoa, às vezes como um livro (que é também uma pessoa, uma Consciência individualizada - nota do trad. G. S.); mas se não há nenhum outro modo, quando o desejo é suficientemente profundo, o mestre aparecerá internamente, porque há tantos mestres espirituais no plano interior quanto no exterior, se não houver muito mais.

A liberdade vem quando podemos romper as limitações da mente, quando não tentamos rebaixar tudo a um significado ou confinar cada afirmação a significar sempre a mesma coisa. Palavras, às vezes, parecem contraditórias, mas isso é porque significam uma coisa hoje, outra diferente amanhã, e são usadas de modos diferentes.

As coisas verdadeiras da vida não podem ser restringidas. A liberdade não se limitará a uma palavra. É como a paz, é como a alegria: sabemos o que são, mas não podemos

descrevê-las ou explicá-las, porque não são confináveis a uma palavra ou frase. Como pode alguém explicar o que o salmista quis dizer com "o abrigo secreto do Altíssimo"? O que é isso? Onde é isso? Isso é um lugar? Algum lugar mais alto? Será que o "abrigo secreto do Altíssimo" está localizado no tempo e espaço? Paulo disse: "porque Nele vivemos, nos movemos e existimos". Como podemos descrever o lugar onde vivemos, se vivemos em Deus? Onde é isso, qual seu clima?

Somos instruídos a abrir nossas consciências. Como abrir nossas consciências? Como se parecem quando abertas? E quando fechadas? Quando falamos em voltar-nos para dentro, fechando a porta e entrando no santuário, onde é o santuário? Em nossa casa? Na igreja? Em algum lugar que não seja a consciência? Tudo isso são apenas palavras, e se tentamos dividi-las em seu significado, nós as perdemos. Digamos que elas são poesia. Sim, elas são, e nunca encontraremos o Reino de Deus sem poesia. Devemos deixar a imagética e a poesia ter seu caminho em nós, e não tentar confinar a nós mesmos nos significados literais das palavras. Libertemo-nos das limitações de palavras prontas e preces prontas e aceitemos a poesia e as imagens da alma, aceitemos nossa liberdade em Deus - sem perdê-lo por analisar e dissecar cada palavra.

Por muitos anos eu procurei uma palavra com a qual pudesse capturar o que eu tentava ensinar, e isso durou muito, e eu não encontrava. O que chegou mais perto de expressar o significado que eu queria foi a palavra "Cristo", mas se tentarmos rebaixar o termo, tentando adequá-lo a um significado, nós o perdemos. O que o Cristo significa não pode ser reduzido a palavras ou termos (por isso mesmo, muitas vezes encontramos palavras com letras maiúsculas em seus livros, que pressupõem um significado transcendente - nota do tradutor - G. S.).

O Espírito do homem, ou a Consciência, não pode ser restringido. Não podemos confinar Deus; não podemos analisar ou dissecar Deus; não podemos sequer nomeá-lo. O próprio Deus nos escapa quando tentamos reduzi-lo a quatro letras, D-e-u-s. A Alma do homem é livre, a Consciência do homem é livre. É por isso que não podemos limitar Deus a uma religião. Não podemos limitar Cristo a uma religião. E não podemos limitar a religião a um homem. Não podemos confinar, restringir, limitar Deus, o Cristo ou a religião, pois são livres, e se tentarmos encerrá-los numa forma, nós os perderemos.

Mas uma coisa sabemos: há um Deus, e a natureza de Deus é Onipotência, Onipresença e Onisciência. Isso não limita Deus; não o limita, porque é certo que não podemos afirmar conhecer o significado de onipotência, onipresença e onisciência: são apenas palavras que usamos e têm um significado especial para nós.

Se podemos aceitar o Cristo, se podemos abrir-nos para recebê-lo e descansar nele, Ele vai agir em nós e através de nós. Se tentarmos compreendê-lo ou explicá-lo, nós o

perderemos. Não podemos rebaixá-lo, para confiná-lo em nossa mente. Ninguém jamais teve uma mente enorme o suficiente para conter o Cristo; ninguém jamais teve uma mente tão grande para abraçá-lo, ainda que a alma humana possa vivenciá-lo. Mas devemos querer vivenciá-lo, e então deixá-lo ir. As experiências vem, de novo e de novo, e se vão. Quando vão, deixamos que se vão, porque não é possível a ninguém viver nas nuvens vinte e quatro horas por dia. A quem muito foi dado, muito será cobrado. Então, quando recebemos um raio dessa Luz Espiritual, temos que descer até o vale e compartilhá-la com outros que a procuram.

A liberdade espiritual é alcançável por qualquer um de nós. É nosso direito de nascimento. Cada pessoa na terra, seja branca, amarela ou negra, amiga ou inimiga, cristã, judia, muçulmana ou budista, tem direito à plenitude da vida. Mas a realização dessa plenitude espiritual não vem facilmente, e nem rapidamente. A questão principal é se o desejo por isso torna-se o significado final da vida, ou se estamos querendo realizá-lo somente em nosso tempo livre, porque ela não vem desse jeito. Isso envolve esforço e dedicação.

E por que, então, não desfrutamos dela? Somente por causa de nossa ignorância de Deus e ignorância de nossas preces, pois, quando conhecemos Deus como Ele é, quando compreendemos como rezar e rezar sem parar, descobrimos que nenhum dos males da terra podem chegar até nossa morada, nosso abrigo.

Isso requer firmeza e ousadia para liberar Deus, reconhecer que não conhecemos Deus e que não sabemos como rezar. Isso requer a coragem de considerar o antigo como feito e buscar o novo, provando que podemos viver como as crianças de Deus, como o templo de Deus, glorificando-o.

O primeiro tanto de coragem é reconhecer que nunca realmente oramos a Deus. Ao invés disso, sempre oramos a um conceito de Deus, um conceito vindo de nossos pais, igreja ou de livros. Entretanto, não foi Deus que foi revelado a nós: se Deus tivesse sido revelado a nós, estaríamos agora vivendo como Filhos de Deus, e nossas preces seriam respondidas desde há muito. Ninguém pode negar que, na Presença de Deus, há plenitude de Vida. Quem seria tão presunçoso de negar que, "onde está o Espírito do Senhor", há plenitude e liberdade, liberdade de todas as discórdias da vida? A menos que neguemos isso, devemos estar dispostos a admitir que é verdadeiro; e se é verdade, teremos que confessar para nós mesmos: "não conheci Deus: eu conheci e aceitei um conceito de Deus para o qual tenho rezado, mas esse conceito de Deus é apenas uma imagem em minha mente, um pensamento, uma crença, ou uma ideia". Admitir isso requer coragem.

Se Deus é infinito, deve ser auto-evidente que Deus não pode ser contido dentro da mente, a menos que continuemos acreditando que um conceito de Deus em nossa mente é que seja o Deus Infinito. Se o Espírito de Deus estivesse tão próximo de nós para estar dentro de nossa mente, seríamos realmente as crianças de Deus, e como tal, seríamos separados desta terra. Mas, ao invés de termos o Espírito de Deus, temos somente um conceito de Deus, um conceito que supõe Deus como um homem de longas barbas brancas, sentado em uma nuvem, ou um homem pendurado na cruz, ou uma centena de conceitos diferentes. E o que fazemos? Oramos para essas imagens em nosso próprio pensamento e esperamos receber respostas delas. E isso é sensato, é razoável?

Nenhuma imagem que possa ser concebida na mente jamais será Deus. Nenhum conceito de Deus elaborado pelo homem tem o poder de responder preces. Então, não será o primeiro passo a ser tomado pelo buscador o reconhecimento de que Deus é grande demais para ser abarcado pela mente e pelo corpo?

"Não farás para ti nenhuma imagem"... "Não te curvarás a elas e nem as servirás". Qual a diferença se a imagem esculpida for externa a nós ou uma imagem no pensamento? Continua sendo uma imagem esculpida, que nós mesmos escavamos em nosso pensamento. Desistamos das imagens gravadas, não tenhamos mais imagens de Deus, e nem crenças do que Deus é. Ninguém sabe o que Deus é, mas se pensamos em Deus como Onipresença, estamos livres de conceitos, porque, se Deus "é", Ele tem que ser aqui, lá e em toda parte. Não há lugar onde Deus não esteja, ou Ele não seria o Ser Infinito. Se pensamos em Deus como Onipotência, não estamos construindo uma imagem de Deus: estamos simplesmente afirmando que Deus é o Único Poder que existe, o Todo-poderoso, o Poder Onipresente. Se pensamos em Deus com Onisciente, aí também não estamos construindo uma imagem de Deus no pensamento: estamos simplesmente reconhecendo que não poderia existir Deus, se Sua natureza não fosse Inteligência Infinita. Infinita Inteligência, Todo o Poder, Toda a Presença! E ainda assim, não temos uma imagem no pensamento, não estamos criando um Deus à nossa imagem.

Definitivamente, todo o conceito de Deus que temos precisa ser descartado - toda imagem, toda crença. No momento em que pensamos na Onipotência, Onipresença e Onisciência, não temos tempo, espaço ou local, e nem há qualquer tempo, espaço e local onde possa haver a ausência de Deus. Alguns podem gritar "vocês levaram meu Senhor para longe, onde o enterraram?" Oh sim, sim, nós o fizemos, e esse é um lugar saudável para se estar: o lugar de onde o Senhor foi tirado de nós. Mas era mesmo Nosso Senhor? Ou era nosso conceito do Senhor que foi tirado de nós?

Não pense nem por um minuto que cada um de nós não é culpado por ter criado um Deus, e depois ter que ir a Jerusalém procurar por Ele, ou a Roma, Meca, ou qualquer outro lugar. Nós o fizemos: isso é parte da natureza humana; é parte da crença de que somos homens e em alguma parte há um Deus - mas ah, se pudéssemos ao menos ter os dois juntos! Originalmente, isso era parte do paganismo, construir uma imagem mental do que Deus é, e então sair e tentar encontrá-lo. Mais tarde, esse sentido de separação de Deus passou a ser abordado pelos ensinamentos do Cristianismo.

O iniciante que pensa em Deus como algo muito distante, talvez acreditando só pela metade que há realmente um Deus, deveria ser guiado para o reconhecimento de que Deus existe, e é de Seu agrado dar-lhe o Reino. Mas isso é realmente uma armadilha na qual ele está caindo, porque, quando ele acredita que Deus existe e que Deus está dentro dele, então depois, quando ele está maduro, dizemos a ele: "agora, livre-se disso. A imagem era boa para ontem, mas hoje atiremos todas as imagens fora". "Você quer dizer que não há um Deus, não há um Deus dentro de mim, nem acima de mim, e nem há um Deus aqui comigo?" "Não, não é isso que eu quero dizer. Estou dizendo que Deus está tanto dentro quanto fora, tanto acima quanto abaixo". Nós agora estamos fazendo uma transição, adquirindo uma imagem melhor na mente do que tínhamos antes, mas somente para o propósito de conduzir-nos, passo a passo, ao momento em que poderemos dizer "Agora, fique quieto, silencie e saiba". Isso é tudo - silencie e saiba, mas não que saibamos alguma coisa, porque qualquer coisa que conheçamos será incorreta, apenas um objeto do sentido, um objeto na mente.

Deus "É"! Isso é suficiente para se saber. Sem imagens! Sem conceitos! No momento do não saber, do desconhecimento - mas não num momento de vazio, de embotamento ou adormecimento - mas em vibrante vivacidade, Deus é experimentado. E então, descobrimos que, através dessa experiência, vivemos, nos movemos e temos nosso Ser em Deus, e Deus em nós.

Mente e corpo não podem conter Deus, e Ele está tão além de nossa imaginação que ninguém pode desenhar, pintar ou manter ideias mentais ou conceitos do que Ele realmente é. Tudo o que podemos fazer é declarar de todo coração e alma que Deus "é". Somente Deus mantém e sustenta os céus, o sol, a lua e as estrelas em suas órbitas. Somente o que está além da capacidade do homem de conceber poderia demonstrar tal sabedoria, como é evidenciada pela engenhosidade do homem em sua descoberta dos princípios que geraram as invenções, como o automóvel, o avião, rádio, telefone, televisão, foguetes espaciais e energia atômica. Somente do armazém de Deus poderia tudo isso emanar.

Quem pode exercer sua imaginação o suficiente para conceber o que Deus é, o Deus que é a Fonte de tudo o que existe no céu, no ar, na terra e nas profundezas das águas? Nós, criaturas terrenas, estamos conscientes de apenas um minúsculo canto do universo, um pequeno grão chamado terra, mas o que mais deve ser a Sabedoria de Deus, que engloba incontáveis planetas, sóis, luas e estrelas deste ou de outros universos? ("outros universos" eu penso que deve ser entendido aqui como uma "licença poética", porque sendo infinito e sendo o corpo de Deus, só pode haver, a rigor, UM uni-verso... Se não for UM, não será o universo que será dois ou três ou qualquer multiplicidade, mas sim nosso conceito dele - nota do tradutor - G. S.).

Pense nas descobertas e invenções dos séculos passados, e então lembre-se de que um século inteiro não tem mais importância ou significado na mente de Deus do que um único grão de areia nas praias do mundo todo. Pense no que ainda há por ser revelado! Pense nas maravilhas que já existem e têm sua existência desde que o tempo começou, somente esperando por serem reveladas!

Depois de vermos o quanto é tolo agarrar-se a um conceito de Deus, vamos a um segundo ponto de sabedoria, e vejamos o quanto é tolo dizer a Deus do que precisamos ou tentar influenciá-lo através de nossas preces para que Ele atenda nossos desejos, como se ele tivesse a capacidade de deter o bem ou como se ele fosse algum tipo de ser humano com poder de dar e tomar. Como é limitado o nosso conceito de Deus, se acreditamos que temos o poder de influenciá-lo para fazer por nós o que já não esteja fazendo; e como deve ser finito nosso sentido de Deus, quando vamos a Ele com nossos desejos insignificantes, ou nos aproximamos dele com qualquer intenção, exceto por pedir por mais luz, graça e sabedoria para um entendimento de Seus caminhos, Suas leis e Sua Vida.

Quando oramos, deveríamos libertar Deus de qualquer obrigação pessoal em relação a nós, libertá-lo, no entendimento de que confiamos que Ele criou este universo e mantém e sustenta a Si Mesmo e Sua criação, de que confiamos em Sua Infinita Sabedoria para cuidar de todas as suas coisas, e em Deus e Seu Divino Amor para cuidar de Si Mesmo. Ao fazermos isso, estamos libertando Deus, e assim, não mais tentando canalizar Deus na direção dos nossos desejos pessoais. Realmente, vamos descobrir que, na verdade, não podemos libertar Deus, já que Deus jamais esteve aprisionado em nossa mente ou em nossos desejos, nem jamais foi ele obediente à nossa vontade. Deus não mudará Seus caminhos para nos beneficiar ou abençoar: nós é que devemos mudar nossos caminhos para receber a Graça de Deus. Não podemos trazer Deus para nossa desobediência e ignorância, mas podemos nos tornar obedientes e espiritualmente sábios.

Desistamos de toda tentativa de usar Deus e de toda expectativa de que Deus faça nossa vontade ou atenda nossos desejos, e então nos rendamos a Ele:

Não a minha vontade, mas a Tua vontade seja feita em mim. Eu não peço que atendas a meus desejos, minhas esperanças ou ambições, e sim que eu preencha a Tua Vontade, Tua Graça e Tua Direção.

Nunca me falhaste, mas agora, Pai, diz agora de que modo eu falhei contigo. Nunca mais te pedirei que faças algo por mim. Usa-me. Preenche a Ti Mesmo em mim. A Tua Vontade seja feita em mim.

Liberta-me, Pai, de todos os desejos, esperanças e planos. Deixa-me ser obediente para com Teu plano para mim. Mostra-me claramente por qual caminho devo seguir, e eu Te prometo seguir a Luz, conforme vai sendo dada a mim.

Devemos soltar Deus e deixar que Deus nos use. Precisamos liberá-lo de nossas garras mentais, parar de nos pendurarmos em Deus, e deixar que ele se apegue em nós. Se somos ignorantes de Deus e Seus caminhos, tornemo-nos espiritualmente sábios. Se somos voluntariosos e desobedientes às leis de Deus, sejamos corretos, trazendo-nos em sintonia e alinhamento com Suas leis, para que o dedo de Deus possa nos tocar, com Sua Vontade e Sua Graça. No momento em que relaxamos e paramos de tentar trazer Deus para nossa mente e nosso corpo, nesse momento descobriremos que Ele sempre esteve aí.

Deus fez uma aliança com Sua própria imagem e semelhança:

Não temas! Não temas! Se andares através do fogo, as chamas não te alcançarão; se atravessares a água, não afundarás. Não temas! Segue confiante! No silêncio e na confiança, realizarás tua filiação espiritual.

Minha Paz Eu a dou a ti. Não vês que não há necessidade de lutares, nem de teus esforços mentais, ou de tentares moldar Minha Vontade à tua? Minha Paz eu te dou, a Minha Paz, esta é a dádiva que eu te dou, uma dádiva espiritual, de paz espiritual. Somente deixa acontecer!

E ainda algumas vezes há um estresse mental, como se isso não fosse verdade, como se tivéssemos que fazer com que fosse verdade, ou como se tivéssemos que cortejar Deus. A mente luta para "ter" Deus, ao invés de deixar Deus "ser", enquanto, durante todo o tempo, a Presença nos envolve e nos acolhe.

Não podemos esperar que Deus faça a nossa vontade, mas isso não nos deixa sem esperança. Ao contrário, isso nos dá coragem e força, porque sabemos que não há

necessidade de alcançar Deus para convencê-lo, influenciá-lo. Quando aprendemos isso, percebemos que, em vez de liberarmos Deus, teremos liberado a nós mesmos de nossos conceitos limitados de Deus, das nossas superstições ignorantes sobre a prece, e da crença pagã de que sabemos mais que Deus e temos mais amor que Deus.

Quando oramos por nós mesmos ou por nossos próximos, nós evidentemente pensamos saber, melhor do que Deus, qual a nossa necessidade ou do que nosso próximo precisa, e mais ainda, que temos o amor de querer para o nosso próximo o que ele precisa, acreditando, porém, que Deus não sabe quais as necessidades, e nem tem amor para querer atendê-las. Mas no fundo do coração, sabemos que isso não é verdade, mesmo quando se trata do contexto humano. E mesmo que seja no contexto humano ou não, não é por aí o caminho. Deus não é o servo do homem, e Deus não age de acordo com o que o homem pensa que Ele deveria ser ou fazer. Se coubesse ao homem guiar os acontecimentos do mundo, todos os seus amigos e parentes seriam abençoados, e todos os inimigos amaldiçoados. E então amanhã, se o seu inimigo se tornasse amigo, o procedimento mudaria totalmente: começaria a rezar pelo inimigo que agora teria se tornado amigo, e passaria a amaldiçoar o amigo, que teria se tornado inimigo.

Deus não é assim. Deus não é volúvel como nós somos. E nós precisamos desistir desses conceitos infantilizados de Deus e crescer na maturidade espiritual, sem tentarmos dizer a Deus como Sua Graça deveria ser e quando atuar, mas nos acalmarmos, na confiança de que Sua Graça é nossa suficiência, libertando-nos da ideia absurda de que podemos convencer Deus para que faça por algo por nós, se for de Seu agrado.

Libertemo-nos no ritmo de Deus, e assim tornemo-nos parte do ritmo deste universo. O Mestre nos deu instruções explícitas, ao dizer: "não vos preocupeis com vossa vida... é do agrado do Pai dar-vos o Reino" - é do agrado do Pai dar-nos a Vida Eterna. Não se preocupe pelo seu sustento. Não se preocupe pela paz na Terra, pois é do agrado do Pai dar-nos a Paz na Terra.

Sigamos o ensinamento do Mestre. Desistamos de acreditar que nossa sabedoria é maior que a de Deus, ou que nosso amor é maior que o Amor de Deus, e em silêncio, aceitemos a Graça de Deus. O silêncio é a única e verdadeira forma de oração. Sim, é verdade que podemos usar palavras e pensamentos para elevar-nos numa atmosfera na qual podemos então silenciar. Nesse caso, as palavras e pensamentos que estamos usando não são preces, são meramente auxiliares para nos erguer às alturas, onde a verdadeira prece pode ser experimentada. Se a prece é efetiva, frases e pensamentos que empregamos no início devem cessar, para que possamos nos retirar em nosso interior, nesse estado: "fala, Senhor, teu servo escuta!" Se isso vai levar um dia, um ano

ou muitos anos, é imperativo que tenhamos esses períodos de silêncio, até que ouçamos dentro de nós a "pequena e silenciosa voz", sentindo a Presença e Seu Poder.

Não temos que ir a nenhum lugar para encontrar Deus: trazemos Deus dentro de nós, não em nossas mentes ou corpos, mas ainda assim, o Reino de Deus está dentro de nós. Deus constitui nosso ser; Deus constitui nossa vida; portanto, nossa vida é tão eterna e imortal quanto a Vida de Deus, pois só há uma Vida. Deus constitui nossa consciência; portanto, nossa consciência é a mesma que a de Deus, porque não há duas: há somente uma. "Eu e o Pai Somos Um... Quem vê a mim, vê Aquele que me enviou".

Só há uma Vida, a Vida Infinita; só há uma Consciência, a Consciência Infinita; só há uma Alma, a Alma Infinita. A Alma de Deus abrange o homem; a Consciência de Deus contém o homem; e a Vida de Deus é a vida do homem - não uma parte dela, mas ela toda.

Rezar corretamente, portanto, significa liberar Deus de qualquer obrigação de nos dar mais do que agora temos. A oração verdadeira é a percepção de que Deus constitui nosso ser e nossa vida. Deus é o Pai, e Deus é o Filho, e tudo o que Deus Pai é, Deus Filho também é; e tudo o que Deus Pai tem, o Deus Filho tem com Ele: todo o Domínio, a Graça e a Glória.

Rezar sem parar é se alegrar por todo o dia, porque a Graça de Deus está agindo em nós e através de nós, sem falar ou implorar a Deus, sem pedir ou desejar qualquer coisa, porque Ele já nos deu todo o bem, e nós temos que apenas perceber e demonstrar isso. Procuramos todo tipo de poder no céu e na terra para satisfazermos nossas necessidades, menos um, e esse um é o Poder que está dentro de nós. Esse Poder não está nos céus e não está na terra; ele não pode ser encontrado em um livro, em um templo ou em grandes mestres. Na verdade, está sim dentro dos grandes mestres, mas tanto neles quanto em mim ou em você, exatamente no mesmo grau, nem mais e nem menos. Somos todos iguais perante Deus; e a Graça de Deus, que foi espiritualmente dada a um, foi dada a todos. A única diferença é que uns poucos parecem ter acesso a ela, porque esses poucos aprenderam que o Poder de Deus manifesta-se no silêncio e na serenidade. É um Poder que não pode ser usado por nós, mas pode fluir por nós, se o percebermos e o reconhecermos.

Conforme caminhamos pela terra, percebendo que o Reino de Deus é interior, liberamos esse Poder e deixamos que ele flua para fora de nós, para o mundo; mas se tentarmos usar ou impor ao mundo o Poder de Deus, nós o perderemos. É quando nós percebemos, silenciosamente, pacificamente e confiantemente, que todo o Poder de Deus está em nós. Só precisamos nos aquietar e saber que o Deus que está no meio de

nós é poderoso, e aí então vamos para nosso trabalho diário, seja ele qual for: cuidar da casa, pintar, construir ou cuidar dos doentes. Fazemos tudo o que formos chamados a fazer, sempre percebendo que somos testemunhas da Glória de Deus e do Reino de Deus dentro de nós. Quando fazemos isso, o Espírito de Deus se faz sentir pela nossa própria presença, trazendo paz, conforto e elevação para outros, não porque queremos ser uma bênção para nossos companheiros de jornada, mas simplesmente porque aprendemos a nos silenciar e deixar o Poder e a Graça de Deus fluir, sem qualquer ajuda nossa, sem forçar ou implorar, sem pensar que eu e você é que somos espirituais. Só há Um Espírito, que é Deus no meio de nós.

Estaremos desonrando a Deus se pensarmos que Ele está retendo e negando sabedoria, integridade, lealdade, fidelidade, justiça ou harmonia, a nós ou a qualquer pessoa. Quaisquer qualidades que pareçam ausentes rapidamente começarão a aparecer, se aprendermos a honrar e amar o Senhor Nosso Deus de todo nosso coração:

Eu repousarei na certeza de que sabes, Senhor, das minhas necessidades, antes que eu mesmo o saiba, e que é do Teu agrado Dar-me o Reino. Eu não o buscarei: eu descansarei. Eu me libertarei de qualquer crença que possa separar-me de Ti. "Se fizer minha cama no inferno", estarás lá comigo. "Se eu andar no vale das sombras da morte", sei que estarás comigo. "Aonde eu for, Tu irás comigo, pois Tu e Eu Somos Um".

Nossa reconhecimento e realização disso traz a Presença de Deus atuando na experiência individual. É importante lembrar que não há poder no céu ao qual possamos apelar para salvar o mundo de uma catástrofe. Não há nenhum poder, a não ser o que vem de Deus: não há poder no furacão, nem na tempestade, nem nos homens insanos, na ambição, na luxúria e na sede de poder. O Poder reside somente na pequena e silenciosa voz interior. Então, não diremos a ninguém o que temos aprendido, mas compartilhemos a Verdade com aqueles que, por sua dedicação e devoção, mostram estar prontos para isso, e assim estaremos liberando esse poder infinito para o mundo, e o mundo responderá.

Não temos que fazer ou pensar nada para liberar o Reino de Deus no mundo, temos apenas que ficar em silêncio e saber que Ele "é". Ele fará seu próprio trabalho. Pode ser que a prática fiel dos princípios da vida espiritual por "dez homens justos" aqui e outros dez ali libertem esse Poder de Deus para o mundo. Mas ninguém poderá tomar os créditos para si. O Poder de Deus sempre esteve disponível - essa é a Glória! E ninguém pode se gabar de poder usá-lo. Ao contrário, quanto maior o poder que flui de uma pessoa, menor a pessoa é como pessoa, e maior ela é como Filho de Deus. Dentro de nós mesmos, entretanto, saberemos que liberar Deus para o mundo traz liberdade e plenitude espirituais para todos os que forem receptivos.

A Vontade de Deus, o Amor de Deus e a Lei de Deus são a Verdade toda-abrangente operando universalmente: para você, para mim, para o amigo, inimigo, santo, pecador, para o justo e o injusto. A atividade de Deus não é dirigida a você ou a mim, mas inclui você e eu: abraça todos os homens, por ser toda-inclusiva.

Não podemos trazer Deus para nossa mente e nosso corpo, Deus já é a vida de todo corpo; todo corpo é o templo do Deus vivo, seja animal, vegetal ou mineral. Nós estamos agora sob a Lei de Deus, sob o Amor de Deus, estamos no Ser de Deus; e não trazendo Deus para nós, mas trazendo a nós mesmos para Deus, e situando cada pessoa - santos e pecadores - em Deus.

Aqueles que se trazem a Deus são os beneficiários da Graça de Deus. Aqueles que tentam limitá-lo em suas mentes e corpos finitos perdem a Deus. Solte-o, e você o terá.

Quando libertamos a nós mesmos de todo esforço mental e deixamos que Deus tenha Sua Vontade aqui onde estamos e neste inteiro universo, libertamos Deus, e nós mesmos passamos a sermos livres. As correntes que nos prendem são mentais. É com a nossa mente que tentamos prender Deus. Se deixarmos nossa mente relaxar, perceberemos que não podemos segurar Deus, mas Deus pode nos segurar. Não podemos usar a mente para ter Deus. Nossa mente tem uma função, e ela pode trabalhar construtivamente em nossa vida, mas não tentemos usá-la para ter Deus.

Não existe esforço, a não ser na mente. Quando a mente está silenciosa, não há tensão e Deus torna-se uma Presença Viva: o Cristo, a individualização e a experiência individual de Deus, torna-se vivo em nós. Nós o sentimos como uma Presença, como um Manto que nos cobre. Libere Deus de qualquer obrigação e deixe Deus fazer as Suas obras.

A AVENTURA ESPIRITUAL

Desde os tempos antigos, este mundo, com toda sua magnificência, ainda que pontuado por tragédias, tem sido um mistério; e o homem ele mesmo, o maior enigma de todos. Aqui um homem, ali outro, buscou penetrar nesse mistério, mas a maior parte dos homens cuidou de seus negócios, fazendo humanamente todo o necessário - alguns com grande integridade, outros com menos, uns com habilidade, outros não, mas todos com uma coisa em comum: tudo o que existia para eles era o que podiam ver, ouvir, provar, tocar e cheirar, ou ainda analisar e pensar a respeito.

Eles podem ter olhado para o céu ocasionalmente - uma passada de olhos, um vislumbre, um pensamento ligeiro - mas isso não tinha significado para eles, exceto,

talvez, o sol estar acima durante o dia, sempre muito desconfortável, e a lua e as estrelas à noite, muito bonitas. Essas coisas não tinham significância: eram apenas coisas que viam ou sentiam, coisas das quais estavam cientes, mas das quais não tinham conhecimento e, naquele momento, nenhum interesse.

Para essas pessoas, era como se não houvesse outro mundo, exceto o que viviam. Viam o horizonte e era tão real que, para eles, representava a beirada do mundo e não ousavam sair e investigar. Se soubessem da natureza global da terra e das leis de navegação, poderiam navegar em torno do mundo, descobrindo continentes, ilhas e uma riqueza ilimitada, mas por causa de sua ignorância, ficaram confinados dentro dos limites de seu ambiente imediato.

De modo similar, não é o mundo de hoje cheio de pessoas educadas ou não, ainda sem nada saber além do que podem ver, ouvir, provar, tocar, cheirar ou sentir? A raça humana, como a conhecemos, é composta de homens e mulheres vivendo completamente desligados da ajuda divina, do sustento divino, da providência divina. Desde os mais antigos dias até os tempos modernos, o homem não só tem vivido do suor do seu rosto, mas tem se empenhado em conflitos para defender seus fins, seja como indivíduos, ou como companhias sob a marca da competição, ou nações sob o signo da guerra.

Em algum lugar no meio da estrada, o homem perdeu sua identidade e começou a olhar para si mesmo como uma pessoa separada, à parte de sua Fonte, sob a necessidade de ganhar a vida e sustentar sua família; mais tarde, foi compelido a proteger sua família e comunidade dos povos vizinhos, que também perderam o conhecimento de sua verdadeira identidade, e que, lutando por sua sobrevivência, pouco se importavam se o faziam ganhando, roubando ou indo à guerra por isso.

Depois, desenvolveram este mundo de seres humanos, cada um vendo a si mesmo como uma individualidade separada dos outros, com seus próprios interesses, com responsabilidades em seus ombros, de prover não só para o presente, mas também para o futuro.

Entre os povos primitivos, no entanto, sempre houve alguns não tão terrenos, alguns capazes de se erguerem acima de suas circunstâncias, de se elevarem em suas consciências e, enfim, começarem a se questionar sobre as maravilhas deste universo. Aqueles que olharam para as estrelas distantes do céu num deserto ou talvez uma lua próxima em uma noite clara, ou aqueles que estiveram sozinhos no mar certamente sentiram o mistério da atmosfera, do céu, e alguma coisa até mesmo do deserto e do mar incompreensíveis.

A grandeza desse universo impressionante levantou questões, sem dúvida, na mente da pessoa que já estava sintonizada com seus mistérios, ou que, por uma razão ou por outra, veio sem amarras a este mundo, sendo terrena, mas não da terra, andando nela, mas não sendo dela. À noite, conforme olhava para aquelas maravilhosas, distantes e inacessíveis estrelas, deve ter sentido que havia um mistério escondido, algo desconhecido da mente do homem. Então aí estava: isso tudo existia. Devia haver um significado para essas estrelas no céu, devia haver uma causa. Para essa pessoa, seja na terra ou no mar, vieram as questões inevitáveis: o que há por trás desse mundo visível? Como esse mundo entrou na existência? O que estou fazendo na terra? Será esta vida - nascer, caçar, pescar, cuidar de uma família e de um negócio, e depois envelhecer e morrer? Será este universo produto de algo maior do que eu, ou eu sou uma porção de protoplasma atirado aqui na terra, num momento qualquer e sem uma boa razão? Será este um mundo acidental? Sou uma vítima do acaso e da mudança, vítima de um deserto impiedoso, de um maremoto, um furacão, dilúvios, fogo ou outros cataclismos?

Deve ter havido na experiência dos homens tempos em que buscaram penetrar no mistério da vida, quando imaginaram a possibilidade de serem mestres, em vez de vítimas, quando passaram a acreditar que este mundo foi dado a eles, e que era deles. Podem ter tido vislumbres fugazes, mas mesmo assim, certamente ainda estavam lá.

Provavelmente longos dias e noites montando um camelo através do deserto, ou esperando na margem por um pequeno bote para pescar levaram a períodos de introspecção, especulação e reflexão. Na verdade, isso pode não ter acontecido com frequência, mas alguém, em algum lugar no escuro, no passado sombrio, milhares de anos antes da história escrita, captou um vislumbre do homem interior, do "Eu" interior, e cada um deve ter interpretado e avaliado diferentemente.

Com o passar dos séculos, o registro de muitas dessas revelações nos mostram claramente e inequivocamente que esses homens do passado distante sabiam que eles, como seres humanos, não eram os homens da criação de Deus. Eles descobriram, séculos antes de Abraão, Isac e Jacó, que há dentro de toda pessoa o que veio a ser chamado de Cristo, o homem espiritual, o "Eu" Divino, o Infinito Ser, o Filho de Deus. E, embora cada um desses místicos antigos cunhassem novas palavras e novos termos para expressar essa Interioridade, todas eles descreviam a mesma experiência.

Quatro mil anos antes do nascimento do Mestre Cristo Jesus, havia mestres de visão espiritual, revelando a seus seguidores a verdadeira identidade do homem e instruindo-os como viver por uma Graça interna, mais do que por um poder externo. Esses que eram totalmente receptivos foram atraídos para esses ensinamentos e, sem dúvida,

alguns deles fizeram a transição do homem da terra para o homem que tem seu Ser em Cristo. Talvez não tenham sido muitos, porque a humanidade, como um todo, permaneceu em completa ignorância do caminho espiritual da vida. Essa ignorância pode ser comparada a um grupo de pessoas nascidas e trazidas para uma ilha, sem qualquer conhecimento ou contato com o mundo exterior, e, depois, vivendo como se sua ilha particular fosse a circunferência do mundo inteiro, com nada acontecendo, a não ser o que ocorresse em sua pequena e isolada esfera.

Da mesma forma, o homem tridimensional, o homem da terra, vive num mundo circunscrito pelo seu próprio conceito limitado de si mesmo e do mundo, acreditando que isso é o mundo todo que existe, e que para poder sobreviver é necessário mentir, enganar e usar todos os truques do comércio, até mesmo a guerra. Para ele, o poder é um caminho certo e normal, e qualquer outra coisa é sinal de fraqueza. Essa é a vida vivida pelo homem que está na ignorância da Verdade, que pertence a outro reino da consciência, na qual ele até poderia entrar e encontrar uma vida mais gloriosa, um mundo no qual poderia viver em paz com seus vizinhos, com seus competidores e com todas as outras raças e religiões da face da terra.

Assim como as pessoas na ilha isolada não poderiam se mover para fora, para um mundo que elas não sabiam existir, ou como os índios americanos de quinhentos anos atrás não poderiam se mover para a Europa, porque não tinham conhecimento de que existia tal lugar, assim nunca foi possível em qualquer tempo dos milênios passados dizer ao homem que ele estava vivendo numa prisão de sua própria mente, cercado pelas suas próprias limitações. Ora, como o homem poderia visualizar tal coisa! Como ele poderia acreditar em algo tão além de sua imaginação selvagem!

Deve ter havido indivíduos, no entanto, que, primeiro de tudo, tiveram algum tipo de convicção interior de que existe algo além e maior do que esse estado de limitação, esse estado de aprisionamento mental, e captaram existir um reino tetradimensional ou espiritual sobre o qual nada sabiam. Eles apenas tiveram o sentimento dentro de si mesmos de que deveria existir algo mais do que a vida para a qual nasceram, de cuidar da família, ganhar a vida e morrer. Então pensaram que deveria haver algo melhor, alguma coisa além disso tudo.

Os poucos que experimentaram essa inquietação interior foram os mesmos que começaram a busca. Mas por onde e como começar a busca pelo desconhecido? Não havia livros naqueles dias, nem escolas e nem bibliotecas públicas. Então, como poderia o homem iniciar sua jornada, e por onde? Nós só podemos especular o que ele fez, mas ele tem que ter começado por si mesmo, disso estamos certos: não havia mais para onde se voltar. Então provavelmente ele começou por levantar questões para si mesmo,

ponderando sobre as circunstâncias que o cercavam, pensando sobre o significado delas, e tentando ver além das aparências.

Milagres são milagres, e um dia algo maravilhoso aconteceria, e ele encontraria outro homem com quem sentisse afinidade e atração, e logo esses dois homens estariam dialogando, trazendo à luz suas tentativas de sondar o mesmo mistério e rasgar o véu da ilusão.

Pode ser que um deles tenha dito "sabe, eu ouvi falar de um homem do próximo vilarejo que parece saber de alguma coisa, um homem muito estranho, vamos encontrá-lo". E então iriam atrás desse estranho personagem da comunidade vizinha. A princípio, podem não ter conseguido uma única palavra dele, mas com sua persistência, seu novo conhecido os teria reconhecido como situados à parte pelo Caminho, e ele pode ter começado a revelar a eles os pequenos segredos que descobriu. Pode ter dito a eles que, bem distante dos homens, haveria um templo usado como local de encontro.

Num templo, caverna ou nas montanhas distantes, aqueles que descobriram alguma verdade podem ter se juntado em grupo. Com o tempo, esses grupos teriam se multiplicado, e então havia alguns que receberam a luz plena do entendimento espiritual. A experiência logo deve ter mostrado que não adiantava sair pelas estradas e falar sobre isso com as pessoas, porque a maioria vivia dentro de suas próprias mentes, limitados pela própria ignorância, incapazes de enxergar qualquer coisa além de seu presente modo de vida e, portanto, não poderiam aceitar qualquer ensinamento novo.

Dada a ignorância da humanidade, não é um espanto que Jesus tenha encontrado toda uma dúzia de discípulos a quem poderia pedir que deixassem as redes para segui-lo? O homem da terra, vivendo em sua concha de ignorância, só poderia responder "como posso ganhar a vida sem rede para pescar ou campo para arar? E você me diz para largar, para largar tudo! Como posso fazer isso?" Mas é evidente que aqueles que foram atraídos para o Mestre tinham suficiente intuição interior para compreender que, mesmo sem saber para onde os estava conduzindo, podiam confiar nele, pois tinham o discernimento para virem a saber o que o Mestre sabia.

Hoje em dia, assim com antes, se dizemos que não há necessidade de viver num mundo de "cachorro comendo cachorro" ("**mundo cão**"), mas que há outro caminho, a questão volta: "mas qual é ele?" E fica sem resposta. O materialista não tem como compreender o que significa viver pela Graça, ou viver "não pela força ou poder", mas pelo Espírito de Deus. Isso para ele é uma linguagem tão estranha quanto o sânscrito, e hoje, como antes, a mensagem espiritual alcança somente aqueles que, por alguma razão, tiveram seus olhos abertos para Algo além de si mesmos e de seu mundo de lutas e competição - não porque alguém lhes disse isso ou porque leram a respeito, mas por causa de seu

sentimento interior. Essas são as pessoas que, eventualmente, são levadas ao ensinamento espiritual. Esses são aqueles que já tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, são aqueles iniciantes do caminho espiritual que, enquanto vivem nesse plano humano da mente e do corpo, estão expandindo sua visão e captando centelhas de um outro estado de consciência. Eles já começaram sua busca.

Para alguns, a busca pela realidade definitiva é bastante longa, um andar em círculos com muito e muitos passos falsos. Mas no fim, nada disso é importante. A única coisa importante é a busca que foi iniciada, mantendo uma suficiente firmeza de propósito, pois mesmo que tenham um caminho longo, com pedras e barreiras, desânimos e problemas, eles não desistem, na esperança e na convicção de que há um caminho para esse Reino da Verdade. Com essa convicção interior, desenvolvendo-se passo a passo, encontrar-se-ão habitando em Deus. Isso sempre esteve garantido, desde o início de sua jornada.

A razão pela qual não puderam dar um passo rápido e direto é que a meta é algo que os seres humanos não podem conceber, eles não sabem como atingi-la diretamente, então seguem cada pequeno atalho que se abre para eles, com as promessas que os trouxeram até aí, muitas vezes chegando a um beco sem saída ou a uma estrada bloqueada, tendo que retomar seus passos e recomeçar tudo de novo. Se pudessem ao menos saber qual é a meta, aí sim poderiam buscá-la mais rápida e diretamente.

As coisas de Deus são loucura para o homem da terra, e são de tal forma que, mesmo que lhe fosse falado o que a Verdade é, pareceria tão ridículo a ele, que não seria capaz de aceitá-la; e por esse motivo ele seria levado a todos os tipos de caminhos tortos, tentando seguir os que lhe parecessem mais razoáveis e certos. Mas ao "homem que tem seu fôlego nas narinas", o caminho espiritual é absolutamente impraticável e nem um pouco razoável.

Para esse homem da terra, tudo no mundo é efetivado por atividades externas, e então, quando ele começa a procurar a Verdade, ele tende a continuar procurando nas coisas exteriores, buscando em montanhas ou templos sagrados, pensando que vai achar aqui ou ali, mesmo que o Mestre tenha afirmado muito claramente que o Reino de Deus "não está aqui e nem está ali, pois eis que o Reino de Deus está dentro de vós". Essa é uma linguagem simples, mas os humanos não podem aceitá-la ou acreditar nela, porque não a compreendem. É tão estranha ao seu modo de pensar que não tem registro entre eles como sendo plausível, ou sequer como uma possibilidade. Depois de uma pessoa estar no caminho espiritual por um longo período, no entanto, eventualmente chega uma revelação a ela, vinda de seu próprio ser, ou então ela é levada a um mestre que possa

revelar a Verdade, e a essas alturas, provavelmente já alcançou uma prontidão que lhe permite assimilar a Verdade que lhe é transmitida.

Seres humanos não são iluminados; nascem na completa ignorância de sua verdadeira identidade, ignorância daquele Algo que habita em nós, sem serem instruídos pelo Divino Mestre. Essa é a raça humana como nós a conhecemos; essas são as pessoas sobre as quais lemos nos jornal: aquelas na prisão, na prisão da escassez, do pecado, da doença, na escravidão política e religiosa, na ignorância acadêmica - essas são as não iluminadas, as pessoas terrenas.

Desde o início de toda revelação, tem sido destacado que isso não precisa ser assim, pois a qualquer momento você pode voltar-se para dentro e começar sua ascensão para fora da tumba de nossa escuridão, para fora da prisão em direção à luz, fora da ignorância para o entendimento. O não iluminado pode se tornar iluminado. O homem vivendo nas trevas pode tornar-se a luz do mundo. O homem vivendo em pecado, doença e pobreza pode tornar-se Filho de Deus, e conseqüentemente herdeiro de Deus, co-herdeiro de todo o céu.

Saber disso marca o início de nossa jornada espiritual, a meta e o propósito final, que é a iluminação. Na literatura mística, essa iluminação costuma ser chamada de iniciação, que é alcançar a mente que estava também em Cristo Jesus. Que diferença faz em que termos isso é expressado? O significado é claro, e quando nossos passos forem dirigidos para a via espiritual, inevitavelmente chegaremos.

Os antigos descobriram que dentro de si mesmos estava Algo que, fosse o que fosse, reconheciam que os tinha tocado, mas não estava flutuando no ar, e nem tinham razões para acreditar que estivesse acima, no céu. Eles sentiram que era Algo residente em si mesmos, Algo com "A" maiúsculo, Algo que tinha uma voz, Algo que poderia transmitir, revelar, e então tornaram-se receptivos. Aprenderam sobre a natureza dos ouvidos de ouvir. Comungaram dentro de si mesmos, e então a resposta veio e souberam que, de algum mar profundo dentro de si mesmos, de alguma profundidade de Interioridade, pérolas de sabedoria lhes estavam sendo dadas.

E assim foi que um ou mais entre esses antigos declararam, e depois escreveram, que há uma Presença permanente, há um Cristo ou Filho de Deus interior, mas eles eram sábios o suficiente para perceberem que isso, na verdade, era apenas outra dimensão de si mesmos. Não era uma outra pessoa se apossando deles: era um "Eu" mais profundo, mais pleno, e gradualmente aprenderam a comungar com esse "Eu" interior, divino e espiritual. Aprenderam a receber instrução, e a instrução que receberam tornou-se a base dos ensinamentos religiosos das grandes escolas de mistério da Índia, Tibete, Egito, e mais tarde Grécia, Roma e a Terra Santa.

Há muitos e muitos séculos antes de Jesus, já foi revelado que há este Ser Interior que é o nosso verdadeiro Ser, e que é o mediador entre o homem e Deus. O elo de conexão entre nós e nossa Fonte é esse Centro divino dentro de nós, esse Cristo do qual fala Paulo, o Pai que habita em nós, com diz Jesus. Esse é o Mediador por meio do qual alcançamos a definitiva e absoluta Fonte de nosso Ser, de onde recebemos nossa experiência na Terra, nossa função, dever, missão, vida, imortalidade, harmonia e a preparação para a próxima fase de vida, que virá quando estivermos graduados nesta experiência terrena.

Ninguém pode comungar com seu Mediador, com esse "Eu-Cristo", a não ser empenhando-se em períodos de introspecção e comunhão interior. Mas se nos mantemos tão despropositadamente ocupados no mundo exterior, de modo a não termos períodos freqüentes para nos voltarmos para dentro, perdemos a experiência definitiva de receber a Palavra de Deus, vinda da boca de Deus.

O propósito de todo ensinamento místico é revelar o Filho de Deus interior. Não é nos convencer a adorar uma outra divindade, na pessoa de um fundador de uma religião. Na verdade, todo mestre espiritual deve despertar em nós gratidão e reconhecimento por conta de sua vida de dedicação, mas não adoração. A missão real do mestre e seu ensinamento é nos trazer de volta para dentro de nós mesmos, até que nós também, como o mestre, recebemos transmissões. Quando isso começa em nossa experiência, a terra derrete, os problemas desaparecem; os conflitos terrenos são resolvidos e dissolvidos - não por alguma sabedoria que tenhamos, ou que tenhamos aprendido em livros, mas pelo trovão deste silêncio que está dentro de nós.

Não precisamos ouvir uma voz audível - podemos, mas não é necessário.

Não precisamos ter visões - podemos, mas não é importante.

O que é necessário e importante é entrarmos no santuário, esse templo de Deus que nós somos e no qual Deus habita. Quando o reconhecemos e entramos nele, começamos a comungar com esta Presença. Muito cedo veremos os frutos em nossa vida e coisas começarão a acontecer, coisas pelas quais sabemos não sermos humanamente responsáveis. Alguma coisa foi adiante de nós para endireitar os caminhos tortos; Algo foi adiante para nos preparar mansões; Algo anda ao nosso lado para nos proteger das discórdias e conflitos da vida terrena.

Somente quando começamos a entender que há um reino interior, somente quando podemos concordar que há um campo de conhecimento desconhecido para o "homem natural", somente então nossa busca se inicia.

Devemos chegar ao ponto em que somos capazes de perceber o significado do que disse o Mestre: "Meu Reino não é deste mundo... Guarda tua espada na bainha, porque todo aquele que tomar de sua espada, morrerá pela espada".

O caminho místico, o caminho infinito, não é o caminho da espada. Não é o caminho da força e do poder, é o Caminho do Silêncio. Mais cedo ou mais tarde, devemos ver que dentro de nós há um reino interior. Isso responderá toda e qualquer questão. Isso nos ensinará que o único lugar onde podemos ser ensinados - é dentro. A pequena e silenciosa voz nos instruirá em cada dom particular, cada talento ou área que possa ser, sabedoria espiritual ou matemática, arte, literatura, ciência ou música.

Um grande gênio como Einstein estava consciente de que há um ponto na matemática em que os mais brilhantes matemáticos chegam a um limite da razão e do pensamento e então afastam-se para a intuição. Então, se desejarmos ser limitados pelo que outros disseram da matemática, ou o que outros escreveram sobre música, nós o seremos; mas não precisamos ser.

Toda a arte, ciência, matemática e religião vieram da Alma do homem através dele voltar-se para dentro, trazendo para fora glórias nunca antes vistas ou conhecidas na Terra, e ainda há coisas muito maiores por serem reveladas. Quão longe estamos de sequer tocar os recursos internos de nosso ser! Isso já é suficiente para deixar claro o quanto é necessário conseguirmos a capacidade de meditar, nos inspirar e comungar com nosso Ser interior.

Não é muito difícil aprender a fazer isso, depois que chegamos ao entendimento de que há uma Presença que habita em nós. Essa é a dádiva de Deus desde o começo, e sem esse dom de Deus, o homem seria apenas um animal. O fato, portanto, de termos nos erguido acima do estágio animal prova que temos dentro de nós algo que foi desenvolvido num grau mais elevado. Entretanto, estamos apenas no começo, e assim como a aranha tece a sua teia a partir de dentro de seu próprio ser, assim também nós precisamos desenvolver a Graça, a Divina Sabedoria e o Divino Poder a partir de dentro de nosso próprio ser.

Aquele que não é iluminado e é inconsciente de que podemos recorrer à infinita Fonte interior tem que suportar todas as limitações deste mundo. Os iluminados que tocaram a Infinita Divindade no centro de seu Ser nunca são limitados pelo tempo, espaço, local ou por valores. Não há limitação, quando percebemos que todo o Reino de Deus está seguro dentro de nós. Ele não tem que ser alcançado; não temos que ir a Deus por ele: temos que soltá-lo a partir de dentro de nós mesmos.

Deus, no princípio, plantou a Si Mesmo em nós e soprou em nós o seu sopro de vida. Deus não soprou em nós vida humana: Ele soprou em nós a Sua Vida. Deus não nos deu uma alma limitada, mas Sua Alma - infinita, eterna e imortal - mas temos que ir a esse Centro.

Quando abrimos essa Fonte dentro de nós mesmos, lá devemos encontrar o Mestre. Nós nunca somos o Mestre, nós sempre somos os servos. Mas uma vez iluminados, O Mestre dentro de nós passa a se expressar e agir.

"Maior é Aquele que está em vós do que o que está no mundo". Mas quem é "Aquele"? o Mestre, o Espírito de Deus, o Filho de Deus que é erguido em nós pelo nosso reconhecimento e humildade - não humildade no sentido humano de permitir a nós mesmos sofrermos imposições ou suportarmos abusos, mas humildade no sentido de perceber que, seja lá o que formos, é por causa do Mestre fluindo através de nós. Sem isso, não seríamos nada, menos do que nada. O Espírito de Deus nos ergueu acima do homem animal, como pessoas que podem viver não somente pelos Dez Mandamentos, mas bem além deles, segundo o Sermão da Montanha, numa vida de Graça, no Reino Interior.

A JORNADA INTERIOR

Aquele que é Um com Deus é uma transparência através da qual Deus está vivendo a Sua Vida: ele não tem uma vida por si mesmo, uma mente por si mesmo ou até mesmo um corpo por si mesmo. Seu corpo é o templo de Deus, e sua mente é um instrumento de Deus, a mente que também estava em Cristo Jesus. Essa mente pode ser alcançada somente em silêncio, não por palavras e nem por pensamentos, embora ambos possam ser usados como um passo preliminar no que nós conhecemos como meditação, que é de importância vital no desenvolvimento de nossa vida espiritual.

Sem a prática da meditação, um ensino espiritual, seja conduzido e guiado por um instrutor pessoal ou através do estudo de livros, desce a um nível de exercício puramente mental. Desenvolvimento espiritual não pode vir por aí. É a meditação que faz com que um ensino chegue vivo, porque a meditação é o elo de ligação entre a vida exterior e nosso Ser Interior, que é Deus.

É verdade que, num primeiro estágio de nossa vida espiritual, o único modo de trazer alguma verdade para nossa consciência é através da mente. E é por isso que, no Caminho Infinito, não tentamos parar a operação da mente; nunca falamos a ninguém

para parar de pensar ou tentar destruir a mente pensante, porque a mente é o portal pelo qual a Verdade encontra a entrada de nossa consciência.

A mente é o instrumento pelo qual podemos ter ciência da sabedoria espiritual das eras - as Escrituras, a literatura espiritual e ensinamentos. É através da mente que disciplinamos o corpo e buscamos disciplinar nossos pensamentos; é a mente que mantém a si mesma firme em Deus; é com a mente que pensamos pensamentos espirituais; é com a mente que ponderamos as coisas profundas do Espírito.

Essa reflexão, esses pensamentos e palavras, nós os chamamos de meditação contemplativa. As palavras podem ser faladas ou pensadas, mas elas são apenas um passo para a meditação propriamente dita. Como é quase impossível para a maioria de nós evitar o turbilhão de pensamentos na mente, e como é muito difícil fazer cessar os pensamentos, a prática da meditação contemplativa nos ajuda a alcançar um estado de consciência no qual nos encontramos finalmente em completo silêncio. Um peso nos é tirado dos ombros, e talvez por dez, vinte ou trinta segundos, ficamos tão parados que nem um único pensamento se introduz.

Esse silêncio, no melhor dos casos, é um período muito breve, mas não importa o quão breve ele seja, nesses poucos segundos alcançamos nosso contato com Deus, isso é tudo o que é necessário para o momento. Então voltamos ao nosso pensar consciente e estamos prontos para voltar ao trabalho.

Quando nos sentamos para meditar, devemos buscar ouvir apenas a Palavra de Deus, desejar apenas o sentimento da Presença de Deus, somente restabelecer a nós mesmos em nossa Fonte Interior, e nada mais além disso. E então, quando sentimos a certeza da Presença, nossa meditação está completa: a Palavra torna-se carne, e o Espírito sentido dentro de nós torna-se tangível como experiência individual.

É quando pensamos que sabemos de que coisas precisamos que cometemos nosso maior engano, pois estamos medindo nossas necessidades em termos de nossas experiências anteriores e presentes, olhando para a vida como uma continuação de nosso passado, a mesma existência monótona e aborrecida, apenas somando a possibilidade de um pouco mais de saúde ou dinheiro; mas quando o Espírito de Deus assume a nossa consciência, Ele provê tudo a Si Mesmo, em Seu próprio nível. Essa realização pode nos levar a uma nova pátria ou nova atividade - trabalho, arte, profissional ou social - porque não temos meios humanos de saber a Vontade de Deus e nem saber sobre os Caminhos de Deus. Mas a Vontade de Deus pode trabalhar através de nós, se nos rendermos e percebermos:

Tua Graça é minha suficiência em todas as coisas. Não penso na forma em que tua Graça deve me aparecer, e nem penso como deveria trabalhar em mim, ou quais os Teus caminhos. Eu busco apenas Tua Graça.

Eu me comprazo na certeza de que és Onisciência, a Inteligência que tudo sabe, divina, infinita, toda amor, e eu posso confiar mais nessa infinita Inteligência que governa este universo do que posso confiar em meu próprio julgamento do que preciso, do que eu gostaria, ou de como gostaria de viver. Certamente posso confiar mais no cuidado do Divino Amor do que posso em mim mesmo, em meu próprio sentido finito e limitado de amor, que não chega a ser sequer um grão de areia, comparado com a natureza do Amor de Deus.

Em cada meditação deve haver uma entrega como essa, de nós mesmos para o Espírito interior, junto com a percepção de que a Graça de Deus é nossa suficiência, e que estamos em meditação para expressar o propósito de receber o conforto de Sua Presença. Nada pode ser maior do que a certeza da pequena e silenciosa voz que chega até nós, porque sabemos que todo o Infinito se derrama para nós, toda a Onipotência, e sabemos que não pode haver poder à parte de Deus.

Uma vez que conhecemos a natureza de Deus, mesmo que pouco, a dúvida e o medo raramente entram em nossa consciência, porque conhecer a natureza de Deus significa perceber a Onipresença: Deus, aqui e agora onde estamos - aqui e agora. Sabendo disso, nós descansamos nisso, e não temos mais nada a fazer, a não ser deixar que haja Luz: que haja mais Luz em nossa vida, que haja Amor, saúde, força e abundância, que justamente se permita que tudo isso "seja". Não tentamos fazer nada disso, porque, compreendendo a natureza de Deus, sabemos que é a Vontade de Deus que provê todo o bem.

Meu método habitual de entrar em meditação contemplativa é abrir meus ouvidos por um segundo para um assunto dado a mim, e se isso não me vem logo, então eu fico com a palavra "Deus". Em minha primeira meditação, cedo de manhã, antes de sair da cama, procuro me alinhar com a Presença e o Poder de Deus, para que meu dia seja governado por Deus, e não governado pelo homem: um dia de plenitude espiritual, e não cheio de acidentes, limitações, enganos e julgamentos humanos. E então a parte contemplativa da meditação pode seguir algum padrão desse tipo:

"Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele". Deus fez o sol para brilhar hoje, dando-nos luz e calor: Deus providenciou chuva e neve em suas estações devidas. Deus regulou o fluxo das marés. Deus proveu tempo de semear e tempo de colher, de atividade e de descanso. Deus governa este mundo com infinita sabedoria, inteligência e paciência.

Neste dia, eu sou governado por Deus. Deus é a Inteligência que dirige a atividade do meu dia, a pequena e silenciosa voz que me protege e me sustenta.

Esta é minha prece, que eu seja governado por Deus, que nunca esqueça de buscar Deus em cada momento do meu dia. Que nunca esqueça de agradecer a Deus pelo meu pão de cada dia, que nunca deixe de perceber que Deus é a Fonte de tudo, e que eu nunca esteja inconsciente da abundância sem limites, de suprimento que Deus expressa através de mim, para todos aqueles que entram no campo de minha consciência.

A Graça de Deus está comigo por todo o dia, e Sua Presença vai à minha frente e caminha ao meu lado. Nesta Presença há harmonia e plenitude, e onde o Espírito de Deus está, há liberdade de toda e qualquer forma de limitação.

E então, tendo me estabelecido nesta meditação de palavras e pensamentos, eu agora posso entrar na verdadeira meditação ou comunhão, na qual convido Deus: "fala, Senhor, Teu servo escuta... Seja feita a Tua vontade - e não a minha". Após um breve período de escuta, de comunhão interior, silêncio, serenidade e paz, o conhecimento da Presença está comigo. E agora estou livre para cuidar do meu dia de trabalho. Contudo, o estresse do dia de trabalho e o mesmerismo da animosidade, ciúme e intriga do mundo têm a tendência de entrar em minha consciência, assim como na sua, e assim, vêm também momentos de distúrbio; então deve haver outro período de meditação contemplativa, e dessa vez, pode tomar uma expressão diferente:

"Eu vos dou a minha Paz", esta é a promessa do Mestre, "mas não como o mundo a dá" - não a paz que vem de uma bolsa de dinheiro ou créditos bancários, não a paz que vem de um corpo saudável - mas "Minha Paz", Paz espiritual, a Paz que ultrapassa qualquer entendimento. a Paz é tudo o que eu busco, é tudo o que desejo. Eu não peço por prata nem ouro, nem pelo bem ou pela paz deste mundo. Peço apenas que essa "Minha Paz" esteja sobre mim.

Então espero por alguns minutos de comunhão interna, e novamente eu orei a oração dos justos, porque busquei não mais do que é o divino direito de cada um: a Graça de Deus e a Paz de Deus, não somente para mim, mas para todos que possam chegar ao campo de minha consciência.

A meditação contemplativa, praticada fielmente, leva a um momento de silêncio no qual todas as palavras e pensamentos silenciam, num silêncio tão profundo que nos tornamos uma transparência para a pequena e silenciosa voz que fala a nós. A contemplação da Graça de Deus, do Deus Uno e Único e das passagens das Escrituras que dão testemunho da Presença Divina nos levam à quietude interior e nos levam à segunda fase da meditação. É quando alguma coisa vem a nós, não algo em que pensamos

conscientemente, mas algo que foi pensado através de nós. Esses pensamentos vêm de um vazio, das profundezas do Infinito Invisível, da consciência espiritual que nós somos.

Em outros momentos, uma mensagem pode vir a nós, mas se não uma mensagem de fato, uma sensação de que tudo está bem, um sentimento de paz. Algumas vezes é uma sensação de calor suave, de gratidão e amor - não para alguém, ou por alguém ou por alguma coisa. É um sentimento completo em si mesmo, sem objetos.

Se somos fiéis e constantes em nosso trabalho, isso continua a ocorrer mais e mais freqüentemente, até que chega o dia em que tanto habitamos na Palavra que estamos nela mais ou menos o tempo todo, e precisamos apenas de um momento de calma para trazer alguma mensagem em particular, que possa atender à necessidade do momento. Nesse estágio, fomos erguidos acima do pensamento humano, que não é mais nosso mestre, e sim nosso instrumento. No entanto, como estamos na terra, precisamos usar nossa mente pensante, e deveríamos agradecer a Deus por ter-nos dado uma. Mas, conforme nos elevamos mais e mais na consciência, essa mente pensante vai desempenhando uma parte cada vez menor em nossa vida espiritual.

Nesse estágio de nossa instrução espiritual, a transmissão da Verdade vem de dentro, como Algo invisível derramando-se para fora. Nós simplesmente nos conectamos, e esse Algo transmite a Si Mesmo para nós. Esse é o ponto, uma nova fase, onde o "dois" entra em cena: eu, eu mesmo, em meditação ou contemplação, chego face a face com a Presença dentro de mim, com Algo outro que não eu. Esse Algo pode tomar a forma de um brilho interior ou às vezes uma voz de dentro que parece realmente falar. Algumas vezes não estamos bem certos de ser realmente uma voz ou uma impressão que recebemos. Mas seja qual for a forma, nesse estágio estamos em comunhão com Deus. Uma atividade tem lugar e vai e volta, quase como se fosse de mim para Deus e de Deus para mim - um fluir gentil para trás e para frente, dentro e fora. "O Espírito do Senhor está sobre mim... Onde está o Espírito do Senhor, há liberdade". É uma experiência de real libertação.

O terceiro estágio, esse da União Consciente com Deus, é o definitivo, e nesse estágio, o ser separado e pessoal desaparece. É como se não fôssemos conscientes de nós mesmos como pessoas, com se somente Deus Ele Mesmo estivesse presente. Deve ter sido em momentos assim que o Mestre disse usando a palavra "Eu": "Eu nunca te deixarei, jamais te abandonarei". Não era um homem falando, era Deus falando, e nessas ocasiões o homem Jesus estava temporariamente ausente do corpo. Mais tarde, esse mesmo homem disse "se eu não for, o Consolador não virá a vós". Isso era Deus falando, quando Jesus estava ausente de si mesmo e somente o Espírito do Senhor estava presente (mas como poderia Jesus estar ausente, se o terceiro estágio é uma

comunhão perfeita, na qual se diz "Eu e o Pai somos Um"? No meu entendimento, isso seria impossível. Não é um "pré-conceito" meu, isso simplesmente seria impossível. Minhas grandes divergências com o autor referem-se sempre à figura única de Jesus - mas é importante declarar que isso em nada compromete a obra como um todo, e seria muito esquisito apenas aceitar na íntegra, sem qualquer reflexão - nota do tradutor G. S.).

Há uma Presença que é tão real quanto nós somos uns aos outros, e uma vez que ela é sentida e vivenciada, há um relaxar de qualquer esforço pessoal. Quando a Presença é percebida, vemos que ela toma forma de órgãos e funções renovadas do corpo, da nossa casa, família, suprimento, de nossas relações humanas e até mesmo de vaga para estacionar.

"Eu de mim mesmo nada posso fazer", isso é o homem Jesus falando, mas quando a Presença é percebida, "Eu tenho carne que vós não conheceis". Esse é o terceiro estágio, em que Deus fala como o ser individual: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida"- Essa é a Palavra feito carne, Deus encarnado andando por esta terra, e esse é o destino final de cada indivíduo.

Há reviravoltas na consciência individual, até que venha Aquele a quem é de direito. Esse "Aquele" é Deus. Haverá uma reviravolta em nossa consciência, e isso aparecerá como se fosse uma guerra entre a carne e o Espírito, entre a doença e a saúde, entre a falta e a abundância e, finalmente, entre os dois "eus": o "eu que somos como pessoa, e o "Eu" que é Deus. Mas oh, como é difícil o ser humano "morrer"! Ele quer se perpetuar. Quer ser algo, fazer algo, saber algo. Assim, a guerra prossegue até que finalmente o ser humano é chacoalhado tão forte que ele acorda para o fato de que, por si mesmo, ele não é nada, mas que o Eu - que é Deus - é tudo.

Essa é a fase final da meditação. Quando não há nada de individual, o Pai fala - assume, cura, redime e instrui - e o Pai vive essa vida.

Cada um de nós ainda chegará ao estado de consciência de Paulo, quando disse "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim": o Filho de Deus, o verdadeiro Espírito e Presença de Deus vive a minha vida. Então, e somente então, entramos num estado de humildade que não tem em si nenhum traço de virtude, mas somente a percepção da verdade de que nós, por nós mesmos, não somos nada e nem podemos fazer nada.

É verdade que isso pode nos trazer uma sensação de vazio, mas embora possa parecer estranho, com essa sensação de vazio, vem a sensação de plenitude e perfeição. Mas isso não é no sentido pessoal; não é no sentido egoísta de quem se autoproclama "eu sou espiritual", "eu sou perfeito", "eu sou o todo". Trata-se muito mais da sensação de

não ter qualidades por si mesmo, e ainda assim sentir e assistir essa Presença transcendental viver a nossa vida.

Uma vez unidos com nossa Fonte, descobrimos que nossa vida é realmente a vida da torrente da Vida, a vida da Fonte da Vida que agora flui como nossa vida. Agora somos alimentados pela torrente, pelas águas que caem das nuvens acima, por uma Fonte maior do que nós mesmos, que agora flui como nossa vida.

Saber disso é uma atividade libertadora. Não nos sentimos mais separados e solitários, nem dependentes só de nós mesmos: estamos unidos com o Rio da Vida, não mais limitados por nossa sabedoria, força ou longevidade, por nossa educação, nosso status social ou econômico. Agora temos acesso ao Infinito: infinita Sabedoria, infinito Amor, infinita Vida, infinita Fonte de todo o Bem. Não mais estamos limitados às nossas circunstâncias imediatas, a uma ilha ou continente, e nem mesmo limitados a todo um planeta. Não há limitação, a não ser aquelas em que o homem se situa a si mesmo, por crer que vê este mundo como tudo o que há, ou como o que ele vê no espelho é tudo para ele. O que ele conhece pelos sentidos é parte dele, mas certamente não a totalidade do seu ser, assim como um dedo é parte de sua mão, mas não a mão inteira.

Quando atingimos o contato com nossa Fonte, fazemos contato com a Fonte da vida de toda pessoa, e somos agora Um com toda a Vida Espiritual. A mesma Vida que flui em um de nós flui em todos nós, porque há somente um fluxo de Vida, uma Fonte da Vida, uma Força Criativa da Vida. Se a vida espiritual aparece como um humano ou como um animal, vegetal ou mineral, somos agora Um com tudo através do ato da meditação, unidos com esse fluxo em nós, e somos Um com esse fluxo que está em Cristo Jesus.

A mente que estava em Cristo Jesus é a sua mente e a minha mente, e quando rompemos com esse exterior humano da mente e, através da meditação, entramos em contato com a Fonte, então somos Um com a mente espiritual do universo, que é a mente de Buda, de Jesus, Lao Tzu e a mente de todo santo e vidente espiritual. Nós nos tornamos Um com ela, quando nos tornamos Um com a Fonte de nossa própria vida.

O Espírito que flui através de nós está agora fluindo conscientemente através de todos aqueles que estão sintonizados com o UM - aqueles que podem estar rezando em igrejas ortodoxas ou aqueles em preces pagãs. Somos uma bênção para todos eles, porque, a despeito de qualquer forma de adoração e do fato de que talvez nem saibam disso, todos estão se voltando para Algo além do humano, e, voltando-se para esse Algo, estão voltando-se para o Cristo, e todos os que alcançam o Espírito, seja de que jeito for, são abençoados.

Freqüentemente pessoas enfermas em estágio terminal, que talvez não sejam religiosas ou que talvez nunca tenham pensado sobre si mesmas em termos espirituais, alcançam Deus em sua situação extrema e recebem a cura. Médicos relatam que, muitas vezes, pacientes têm curas imediatas sem nenhuma razão conhecida, mas isso porque, talvez, dentro de si mesmas, ocorreu um alcançar a Deus e provavelmente sintonizaram-se e fizeram contato com alguém em um ato de meditação, e então suas preces foram respondidas. Na medida em que somos bem sucedidos em fazer contato com nossa Fonte, qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, ou em qualquer nível de conceito de Deus - falso ou correto - pode se beneficiar de nossa meditação.

Quando estamos cheios do Espírito, qualquer um que esteja sintonizado conosco recebe a Graça, cada um de acordo com sua necessidade no momento. Um recebe a Graça numa cura física ou mental, outro recebe uma cura moral ou financeira, e outra ainda uma maior alegria em seu lar. O grau de dedicação de nossas vidas individuais e a pureza de nossa consciência têm um efeito na vida de todos os que entram em contato conosco. Nossa Unidade consciente e individual com Deus torna-se uma benção para todos os que são receptivos. Toda vez que Deus é libertado no mundo através de nós, Ele tem a oportunidade de andar pelo mundo e neutralizar algumas das influências carnis nos governos, tribunais, comércio, indústria e mesmo nas artes e profissões.

Todas as vezes em que meditamos - e nós meditamos somente para alcançar essa união consciente, essa "Paz, aquieta-te" - nós estamos, ao mesmo tempo, diminuindo o mal e as influências egoístas no mundo. O grau em que o mal parece ser diminuído pode ser de pequena proporção, e provavelmente é, mas uma vez que o Espírito é liberado, não há limites para o alcance de seus efeitos, porque não existe uma coisa como pequeno Espírito ou pequeno poder do Espírito.

O Espírito em si mesmo é Infinito, e é justamente tão infinito através de um quanto através de milhões. Isso foi provado pela vida dos grandes místicos: o Espírito de Deus em Jesus Cristo tornou-se uma liberação em todo o mundo cristão: o Espírito no Buda Gautama tornou-se a luz e a iluminação de toda a Índia, China e Japão, por um longo período de tempo. Não podemos medir o efeito do Espírito, mesmo quando o Espírito encontra entrada neste mundo através ou como a consciência de um indivíduo.

A meta final da vida espiritual é viver tão completamente em sintonia com a Fonte, Deus dentro de nós, que a influência de Deus, que está fluindo através de nós, fluirá para fora e será uma Lei do Bem para todos que entrarem no campo de nossa consciência, sendo assim elevados e aumentados em sua aspiração pela vida espiritual.

SEMEAR E COLHER

A maioria das pessoas do mundo acreditam que os males por que passam chegaram a elas por conta de seus pecados, de atos ou omissões. Essencialmente, isso é verdade. Mas porque também acreditam que Deus infligiu-lhes esses males como castigos, acabam perdendo a chance de evitá-los no futuro. Na medida em que acreditam que Deus, por uma razão qualquer, afundaria um navio, faria cair um avião ou permitiria adultos e crianças serem mutilados, perdidos, afogados ou sofrerem por doenças, elas perdem a oportunidade de aprenderem porque esses males vieram a elas e como evitar que eles toquem suas famílias.

O Sol, a Lua e as estrelas certamente não foram dados por Deus às pessoas da Terra como recompensa por alguma coisa, e nem o foram a prata e o ouro, a platina e os diamantes, rubis e safiras nas entranhas da terra, e nem as pérolas e outras riquezas imensuráveis dos mares. Tudo isso é a ordem natural da criação, aparecendo por meios maravilhosos, mas nunca dados por Deus como recompensas, e nem retidos como punições. A natureza real de Deus é expressar a Si Mesmo, expressar Suas qualidades, caráter e natureza como um universo harmonioso.

Se pudéssemos ver este mundo sem pessoas, nós seríamos capazes de entender melhor que esta é uma criação perfeita de Deus, funcionando harmoniosamente e operando continuamente. Quaisquer problemas que surjam, não são originados pelo mundo em si, mas pelo próprio homem. Reconhecendo, então, que Deus é o criador deste universo, o mantenedor e sustentador dele, e que Deus o governa perfeitamente, sem qualquer ajuda, conselho ou urgência do homem, nós paramos de responsabilizar Deus pelos nossos males e nos voltamos para nós mesmos: "por que o erro? E o mal? De onde vem e como podemos nos livrar disso?"

Um dos primeiros passos do caminho espiritual para qualquer pessoa é aprender que no nível humano de vida há uma coisa chamada lei cármica, a lei do "aquilo que você semear é aquilo que você colherá", uma lei que colocamos em movimento, individualmente e coletivamente. Todo pensamento que pensamos e todo ato que executamos põem em movimento a lei de ação e reação. Se semearmos para a carne, colheremos corrupção. A lei dentro de nós sabe o que estamos fazendo, e nos recompensa de acordo com isso. As Escrituras creditam isso a Deus, mas não é realmente Deus, é a lei do carma.

Se toda nossa caridade, benevolência e filantropia fossem feitas anonimamente, se qualquer bem que fazemos fosse feito sem que uma única alma da Terra soubesse que nós é que fomos instrumentos disso, nossa recompensa seria enorme. Não há um Deus

no céu olhando para baixo, dando tapinhas nas nossas costas e dizendo "oh, meu filho querido, isso é tão bonito de sua parte, eu vou recompensá-lo". Não, ninguém precisa saber nada do que fizemos: a lei ela mesma, a lei que colocamos em movimento, sabe de tudo e agirá para nos recompensar abertamente. Por outro lado, podemos fazer tanto mal quanto nos aprouver, e ainda que seja o mais completo segredo, a mesma lei reagirá contra nós, e eventualmente seremos punidos.

Qualquer que seja a lei posta em ação hoje retornará a nós amanhã, no ano que vem, daqui a dez ou mil anos. Em outras palavras, hoje estamos criando nossos amanhãs, mesmo que seja no próximo século, e o outro e mais outro. Isso nada tem a ver com Deus, tem a ver com você, tem a ver comigo, tem a ver com nosso ser individual. Mas porque há apenas um Ser, tudo o que fazemos para outro realmente fazemos para nós mesmos. Eu sou você, e o que eu faço a você eu faço a mim mesmo, seja algo bom ou ruim. O bem que faço a você já tem seu caminho de volta marcado para mim; o mal que faço a você também tem sua via de retorno, porque só há um Ser. É como se eu tirasse dinheiro do meu bolso esquerdo para por no meu bolso direito. Não importa para onde enviei meu dinheiro - ou meu amor - ele termina em meu próprio bolso. Quando sabemos disso, mudamos todo o nosso conceito de dar e compartilhar como sendo multiplicação, e não divisão.

Há apenas um Ser, e tudo o que faço a você, faço a mim mesmo. Por isso é tão importante tirar um tempo todo dia para perdoar todos aqueles que agiram contra mim, perdoar qualquer inimigo de minha nação, raça ou religião - não porque Eu sou um homem bom, mas porque sou sábio: eu estou perdoadando a Mim Mesmo. Só há Um Ser, só há um Divino Ser, e tudo o que eu fizer para prejudicar sua vida terá sua reação na minha. Qualquer coisa que eu faça a outros deve retornar a mim. Posso até pensar que uma ação minha está oculta, mas não está oculta no lugar onde ela é realmente pontuada e gravada: dentro de mim.

Se fechamos nossos olhos no escuro e pensamos "estou aqui sozinho, e ninguém, a não ser eu, vai saber qualquer coisa que eu pense ou faça", logo descobrimos que bem ali conosco está o nosso Ser. Não há uma coisa sequer que possamos pensar ou fazer que não seja conhecida pelo nosso Ser, nem que o nosso Ser não retorne a nós. É simples assim! Podemos pensar que nossos motivos e ações estão ocultos, mas "teu Pai, que vê em segredo, ele mesmo te recompensará publicamente". A Lei Divina que vê em segredo recompensa abertamente. Não podemos dar nem sequer uma moeda, sem que nosso Ser saiba e reflita imediatamente de volta em nossa experiência, fazendo a restituição imediata através da lei cármica, a lei "do que você semeia é o que você colhe"; e se nos recompensa, por outro lado também faz-nos pagar pelas nossas más ações. Não é Deus

quem faz isso, é a lei que opera dentro de nós. Aquilo que o Filho faz, o Pai sabe, porque o Pai e o Filho são Um.

No mundo todo só há Um Ser, e é o que constitui o meu Ser, o seu Ser e o de cada pessoa, ainda que cada um expresse sua identidade de uma forma individual. Pode haver uma centena de laranjas numa laranjeira, mas há uma única Vida. Assim também, há milhões de pessoas na terra, mas há apenas uma Vida, apenas um Ser na terra, e esse Um é Deus, é Espírito: o seu Ser e o meu Ser.

Por causa dessa Unidade, portanto, o que fazemos ao outro fazemos a nós mesmos. Se praticamos o bem para outro, colocamos em movimento a lei que traz o bem a nós: estamos lançando o pão às águas, e é o bom pão que retorna a nós - mas sempre por causa de uma atividade do Ser. Para qualquer mal que movimentemos, mesmo que atinja alguém apenas temporariamente, maior mal é feito a nós mesmos, porque fomos nós que movimentamos o mal.

Como o mundo permanece na ignorância da Verdade, é possível para umas pessoas praticar o mal e prejudicar a outros temporariamente, e talvez até adiar o mal que retorna e recai sobre ele: o mal que praticamos hoje pode não retornar hoje ou amanhã, daqui a um ou cinco anos, e geralmente, quando chega de volta, nós já esquecemos o que fizemos. Mas a lei jamais se esquece: a lei é inexorável.

Num próximo século, ou menos tempo do que isso, talvez isso não seja verdade. Por esse tempo, o homem poderá ter se iluminado o suficiente para saber que todo mal movimentado não toca a quem se dirige, mas retorna imediatamente a quem mandou. Ninguém será capaz de fazer o mal porque, se o fizer, será golpeado ele mesmo de volta. O mal jamais tocará a quem foi alvo, porque este saberá que nenhuma arma levantada contra si será efetiva. Na realização consciente de sua divindade, o mal não poderá agir em sua experiência.

Em algum momento podemos começar a provar isso, se tirarmos um período do dia para percebermos Deus como o nosso Ser, esse Espírito que é a vida e essência de nosso Ser, e assim percebermos que mal nenhum pode invadir nossa morada, porque Deus é nossa morada. Sabendo que há somente Um Ser, e que esse Um é Deus, libertamo-nos. Podemos não demonstrar isso em toda sua plenitude, porque o mesmerismo do mundo ainda toca cada indivíduo, uma vez que estamos na Terra e teremos problemas a enfrentar. Mesmo assim, é possível nos libertarmos de 80 a 90 por cento de nossos problemas, se percebermos que Deus constitui nosso Ser individual: meu Ser, seu Ser, e o Ser mesmo daqueles com os quais não concordamos, daqueles que podem ser ditos como nossos inimigos, inimigos da nação ou da humanidade.

Saber esta verdade da identidade de Deus como o ser individual significa que reconhecemos que todo o bem que movimentamos, movimentamos em nós mesmos; de modo similar, todo o mal que movimentamos, movimentamos em nós mesmos. Isso começa a nos libertar de qualquer inclinação para o mal, ainda que, para o momento, ainda seja muito difícil libertar-se completamente dessa tentação. Contudo, a partir do instante em que percebemos que há apenas um Ser, começamos a diminuir a crença do mundo de que você e eu somos distintos um do outro, e que podemos fazer o mal ou o bem um ao outro. Cada um de nós é a lei em si mesmo.

Isso nos leva um passo adiante, e passamos a perceber que não é Deus que está nos dando bênçãos, e não é Deus quem está observando nossos males: somos nós mesmos, e não necessariamente por fazermos o mal conscientemente. Muitas vezes nós trazemos mais problemas para nós mesmos através da nossa ignorância deste princípio do que por qualquer mal que fazemos. Mesmo falando em termos humanos, há muito poucas pessoas realmente más no mundo, muito poucas. Talvez noventa e nove por cento ou mais de todo o mal no mundo é cometido por causa de uma ignorância da verdade, e até mesmo o mal pelo qual nós mesmos somos ou fomos responsáveis não foi tanto por causa de uma natureza má quanto por causa de uma ignorância da verdade espiritual. Se tivéssemos aprendido o princípio de semear e colher cedo o suficiente, nossas vidas teriam sido inquestionavelmente diferentes.

Mas não é tarde demais! Nossas vidas serão diferentes no momento em que conscientemente aceitarmos o fato de que existe apenas um Eu, e o que fazemos a outro, estamos fazendo para nós mesmos.

Uma compreensão da lei cármica nos permite começar a libertar Deus. Dentro de nosso próprio pensamento, consideramos Deus responsável pelo bem e pelo mal. Nós tememos Deus porque nós tememos uma punição. Muitas vezes nós adoramos Deus na esperança de uma recompensa, um presente ou alguma outra coisa. De fato, a maioria das orações hoje não são orações a Deus, mas orações para a lei cármica violar a si mesma. Muitas pessoas acreditam que podem fazer Deus para dar-lhes o bem. Isso não pode ser: o bem não pode resultar do mal, o mal retorna como mal.

Depositar nossa fé em amigos, influências políticas ou qualquer outra forma de dependência é semear para a carne e colher corrupção, porque no pior momento, alguém nos trairá ou falhará conosco. Se depositarmos nossa esperança no que o homem criou, seja feito de prata, ouro ou pedra, seja uma cruz, uma estrela ou qualquer outro símbolo de crença religiosa, mais cedo ou mais tarde seremos desapontados. Se nossa dependência é de pessoas ou coisas, no fim é o que devemos colher. Toda essa

dependência de meios humanos não tem valor, e inevitavelmente nos conduzirão à frustração e decepção, que são tão comuns à maioria da humanidade.

Viver a vida mística é vivermos de um modo normal e natural, cumprindo nossa função na vida, seja em casa, na escola, escritório ou fábrica, e ainda assim perceber em nós mesmos:

Deus é o meu bem. Deus é a saúde do meu semblante, minha proteção e segurança, minha torre mais alta, minha rocha, minha fortaleza. Deus é minha habitação, meu lar. Eu vivo, ando e tenho meu ser no abrigo secreto do Altíssimo, oculto do mundo. Meu corpo pode ser visto, mas não o "Eu" do meu Ser, porque eu vivo na Consciência Interior de Deus. Meu corpo está fora, andando e trabalhando no mundo, mas Eu não. Eu vivo no templo que é meu interior, o templo que é minha Consciência.

Em qualquer lugar ou situação da vida, eu me lembro que Eu sou invisível, Eu estou oculto na Consciência Divina. Em qualquer lugar que eu esteja, seja no ar ou no mar, Eu me lembro que abaixo estão os Braços Eternos que me amparam.

Se sou chamado a compartilhar com outros, Eu posso fazer isso sem sentir que tiro algo de mim ou de alguém, ou que fico com menos, porque tudo o que Eu tenho é de Deus. Se sou chamado para trabalho extra, posso fazê-lo sem sentir que estou me esgotando, porque toda a Força do Pai é a minha força.

Eu não temo a passagem dos anos, porque "antes que Abraão fosse" Eu vivia no coração do Pai, e é aí onde Eu existo Agora.

Somente meu corpo é visível, mas não Eu: "Eu e meu Pai Somos Um" e somos invisíveis; vivemos um no outro - O Pai em mim e Eu no Pai, inseparáveis e indivisíveis.

Quando comungamos com Deus desse modo, movimentamos bom carma; movimentamos a lei cármica de saber a Verdade, e a Verdade volta para nós. O reverso é verdadeiro, se perdemos tempo com o ódio, o medo ou o amor deturpado. Isso não quer dizer que nunca haverá reações momentâneas e normais a certas condições maléficas, ou uma alegria normal por boas condições humanas, mas isso não significa tomar ambas demais a sério, nem deixar que isso nos devore por dentro, mas sempre lembrando:

Deus dentro de mim é o Único Poder. Não temerei o que o homem ou a condição mortal possa me fazer.

Isso é saber a Verdade que nos liberta. Não tem nada a ver com Deus; isso tem a ver conosco, com nosso conhecimento da Verdade. Quanto mais espiritual a nossa consciência se torna, mais harmoniosa fica a nossa vida externa, porque movimentamos a lei do carma do bem.

Quando paramos de acreditar que Deus vai nos recompensar ou punir, deixamos que Deus aja por si mesmo: não tentamos aconselhá-lo e nem dizer a Ele o que fazer, quando fazer e como fazer. Isso será honrar a Deus, dando crédito por sabermos seus propósitos e sua disposição de realizá-los.

O que aceitamos em nossa mente como sendo real e tendo poder é o que determina o tipo de semeadura que estamos fazendo. Quanto mais poder atribuímos a pessoas e coisas, mais semeamos para a carne e mais colheremos corrupção. Quanto mais atenção temos em habitar na Palavra, quanto mais permanecemos na verdade de que há o Espírito de Deus em nós, que nos ensina, alimenta, sustenta, mantém e transporta, quanto mais deixamos o Cristo, a Verdade, habitar em nós, mais permanecemos nele.

Conforme persistimos numa prática desse tipo, estamos colocando peso no lado certo da balança, enquanto que antes, a maioria dos nossos pensamentos e objetivos estavam sujeitos a poderes e valores materialistas e humanos. A princípio, podemos ter só dois, três ou quatro por cento de nossos pensamentos e de nosso tempo para nos envolvermos com a verdade espiritual, mas gradualmente, conforme continuamos com a prática da Presença, mais peso é adicionado ao lado espiritual, e muito em breve temos vinte ou vinte e cinco por cento de tempo com a verdade espiritual, e a convicção espiritual ocupando o primeiro lugar em nossa mente. Haverá um dia em que o peso estará tão completamente no lado espiritual que mais de cinquenta por cento de nossas horas despertas - e também algumas de nossas horas de sono - estarão ocupadas com atividades espirituais. A atividade da lei nunca para: a lei cármica pode operar o bem enquanto dormimos, ou ela pode trabalhar para o mal; ela pode produzir cura em nós enquanto dormimos, ou podemos acordar nos sentindo doentes; podemos ser elevados em nosso sono, de modo que acordamos assobiando ou cantando, ou podemos acordar abatidos e mal humorados.

Preencher os últimos minutos do dia com Deus antes de ir para a cama é, por si mesmo, suficiente para nos dar uma noite de descanso e uma manhã pacífica. Estamos sempre pensando em alguma coisa: ou estamos sabendo da verdade, ou não estamos sabendo da verdade; ou estamos pensando coisas espirituais, ou coisas carnis. Estamos sempre dirigindo nossa fé, esperança e confiança para o Infinito Invisível que está dentro de nosso Ser, ou para algo coberto de ouro e prata, algo de natureza carnal. De um modo ou de outro, colocamos em movimento a lei que, no final, nos recompensa ou castiga.

Eis porque o Mestre, mesmo quando perdoou o pecador, liberando-o de condenação, ainda assim disse depois "não peques mais, para que não te aconteça coisa pior". Por quê? Ele não era aquele que diria se a pessoa deveria ser condenada ou não. Isso é o que a pessoa pensa e determina - mas não o que o Cristo faz. Quando apelamos ao

Cristo, o Cristo pode nos libertar no mesmo instante - mas não amanhã. Cabe a nós irmos e não pecarmos mais, até a hora em que estejamos plena e completamente no Espírito.

Onde há receptividade ao Cristo, há regeneração, e não faz diferença se a pessoa tem sido boa ou má, rica ou pobre, santa ou pecadora. O que conta é o grau de receptividade à mensagem espiritual que há dentro dela, porque, em última análise, tudo vem para o individual. Na verdade, a atividade de uma pessoa espiritualmente envolvida pode trazer harmonias infinitas e divinas para sua experiência, pode trazer liberdade para nós e pode se tornar uma lei para nós, se quisermos abrir nossas consciências para ela. Algum benefício pode chegar a nós através de outros, mas a menos que prossigamos a partir deste ponto, a menos que nós mesmos respondamos, abrindo nossa consciência para deixar o Cristo habitar em nós, isso será apenas temporário. Habitando no Espírito, movemos a lei do bom carma. Por outro lado, viver com nossos pensamentos constantemente focados nos nossos interesses mundanos é colocar em ação a lei cármica do bem e do mal, com a grande possibilidade de preponderância do erro, da discórdia e desarmonia, porque estamos semeando somente para a carne.

Semear para o Espírito não nos torna ascetas, não significa largar o nosso trabalho, nossa profissão, casa ou família. Não tem nada a ver o que se passa com nossa consciência, enquanto nossa mente e corpo desempenham suas funções em outro plano. O que se passa na consciência determina se estamos semeando para a carne ou semeando para o Espírito, e se estamos pondo em ação a lei cármica do bem ou a lei cármica do mal.

Nem sempre colhemos instantaneamente ou com brevidade. "Os moinhos dos deuses rodam devagar, mas moem extraordinariamente fino". É verdade que às vezes a pessoa pode viver muitos anos numa certa medida de realização espiritual antes que a reviravolta aconteça e Ele, a quem é de direito, apareça. Mas também há pessoas que se entregam a todo modo de ofício do mal, e parecem capazes de fazer isso por um longo período antes que a lei do carma comece a operar. Portanto, não deveríamos nos sentir desencorajados se não vemos os frutos de nosso empenho espiritual imediatamente, pois temos gerações de humanidade para remover de nosso sistema. E por outro lado, nunca entremos em desespero se os malfetores parecem prosperar. Não temos meios de saber o que passa por suas mentes, suas almas ou em seus corpos. Pode ser um quadro muito pior do imaginamos, e mesmo que não seja, a lei cármica ajusta todas as coisas do seu jeito e em seu próprio tempo.

Pagar o mal com o mal é movimentar a lei cármica de natureza negativa. Ao invés disso, passemos a retribuir o mal com o bem, como aprendemos, mas não pelo bem da outra

pessoa, mas para o nosso próprio bem, porque temos conhecimento de como a lei opera e de como a colocamos em ação. Quando vemos isso, percebemos: "bem, isso significa que eu tenho muitos débitos a pagar por meus pecados anteriores, de ações e omissões". Mas agora, chegamos aqui ao mais encorajador aspecto da lei cármica: "ainda que teus pecados sejam como o vermelho encarnado, tornar-se-ão brancos como a neve"... Como assim? Quando? Agora, neste minuto! Não temos que nos confessar exteriormente; de fato, nem é sábio fazer isso, mas confessar dentro de nós mesmos "isso não foi certo", "eu sou melhor do que isso", "eu não sou isso". Sempre que fazemos uma confissão interna, anulamos os maus resultados da lei cármica.

No mesmo segundo de seu arrependimento, a adúltera tornou-se seguidora do Cristo, sem punições, sem espera, foi no Agora: "nem Eu te condeno, vai e não peques mais". O ladrão na cruz não foi condenado a um período de purgatório, de sofrimento: "ainda hoje estarás comigo no paraíso". Por quê? Porque ele voltou-se ao Mestre e pediu ajuda.

A lei cármica não tem que operar por gerações e gerações, a menos que queiramos. Em outras palavras, se decidimos nos prender à nossa humanidade, podemos ter a certeza de que a lei cármica continuará a operar, mas a qualquer momento que escolhermos, podemos sair dela. E então passado é passado, já consumado.

Em meu trabalho com todos aqueles doentes fisicamente, mental ou moralmente, financeiramente, eu observei que, a despeito do passado que tiveram, ou dos pecados de atos e omissões que cometeram, quando se entregam ao ensino espiritual, suas penas são apagadas. Eles não se tornam anjos do dia para a noite. E quem o faria! Mas esse não é o ponto, mesmo sendo possível alcançar esse estado angélico em um curto período de tempo, "esquecendo as coisas que ficaram para trás", e pondo em ação a lei cármica do bem, semeando para o Espírito.

Nossa União Consciente com Deus constitui nossa Unidade com todo ser e ideia espirituais. Isso significa que somos Um, e como amamos o próximo como a nós mesmos, e agimos com o outro conforme gostaríamos que agissem conosco, no mesmo grau acionamos a lei espiritual.

A responsabilidade do estudante espiritual é grande. Ninguém mais tem a mesma responsabilidade como nós do caminho espiritual, porque não podemos nos valer da esperança da maioria dos cristãos, de que Jesus morrer na cruz nos redimiu de todos os pecados, ou que nosso pastor, confessor, missa ou serviço religioso tirarão nosso fardo. Não podemos depender de nenhum sistema ou pessoa. Sabendo a Verdade, seguindo os princípios espirituais, semeando para o Espírito em vez da carne - é isso que nos trará regeneração, ressurreição, renovação e, finalmente, nossa ascensão acima de toda a materialidade. Nesse exaltado estado de consciência, até mesmo a lei cármica do bem

para de operar em nossas vidas, porque, em reconhecimento de que nós nunca somos o ator ou o "fazedor", mas que somente Deus está agindo através de nós, nós então paramos de semear. Aí então a lei cármica estará anulada para sempre.

DEUS, A CONSCIÊNCIA DO INDIVÍDUO

Muita gente pensa que entende o mistério da vida porque podem planejar o crescimento e o desenvolvimento próprio e de seus filhos, desde uma pequena semente no tempo da concepção ao nascimento, e do nascimento à maturidade plena. Mas isso não é o mistério da vida: esse é o *efeito* do mistério da vida. O mistério está no que produziu e no que trouxe essa semente em expressão. Não importa o quanto os cientistas possam teorizar sobre a origem da vida, eventualmente chegam ao ponto que desafia qualquer explicação, porque, além das aparências de tudo o que é visível, há o Infinito, Algo que podemos chamar de Consciência da Vida, e esse Infinito expressa a si mesmo como forma, como o mundo, e tudo o que está nele.

Tudo o que é visível primeiro teve que ter um Algo invisível para aparecer como forma, e esse Algo invisível é a Consciência, que manifesta a Si Mesma em expressão como uma semente, e tudo o que vem a partir da semente ([este é um conceito platônico que permeia quase a totalidade do pensamento dos místicos - sugiro pesquisa da "Teoria das Ideias", de Platão - nota do tradutor G. S.](#)). Se não fosse pela Consciência, não haveria nada a se expressar como forma. Independente do quão maravilhosa possa ser uma coisa, quão bela ou abundante, devemos olhar o que está por trás e perceber que não poderia existir se a Consciência não a tivesse formado.

Anos atrás, um inverno severo estava previsto para algumas regiões dos EUA, uma previsão baseada no fato de que os animais estavam desenvolvendo pelos muito mais grossos do que o normal, e também estavam estocando comida para o inverno mais do que o normal. Mas pode um animal decidir quanto pelo vai nascer em sua pele? O animal sabe que o pelo está crescendo tanto quanto nós sabemos que o cabelo cresce? Então, qual a causa subjacente do crescimento do pelo no animal, e por que os pelos são mais grossos em alguns anos e mais finos em outros? O que faz um animal estocar mais comida num ano do que noutro?

Mais recentemente, outra previsão foi feita, de que o inverno por vir seria muito ameno, porque não se encontrou praticamente nenhuma gordura na carne de veados e ursos. Esses animais sabem ou não quando produzir gordura? Para aqueles no caminho espiritual, a resposta é óbvia: cada animal tem uma consciência que determina a

espessura dos pelos, a gordura da carne e a quantidade de comida a armazenar. Ela também prevê as misturas de cores para proteção no habitat nativo.

Todo pássaro tem uma consciência. Sabe um pássaro onde é o sul, norte, leste ou oeste? E, no entanto, voam para o norte numa estação e para o sul em outra, sem que precisem recorrer a mapas. Somente nós precisamos de mapas quando viajamos, não os pássaros. Eles sabem para onde estão indo, por quê e quando. Por que um pássaro sabe disso? Será seu cérebro, coração, pés ou asas, ou será sua consciência-de-pássaro que o leva de norte a sul? Não é a consciência agindo sem a vontade consciente?

Isso não explica, mas dá significado à passagem das Escrituras: "Eu, de mim mesmo, nada posso fazer... É o Pai que habita em mim quem faz as obras". Há alguma coisa sobre nós muito maior do que aparentamos ser. Um dia descobriremos que esse algo é nossa consciência: está conosco acima, num avião; está conosco num submarino; está conosco sobre o oceano e sobre a terra. Para onde podemos fugir de nossa consciência? Se fizermos nossa cama no inferno, ela estará lá, para nos elevar e retirar de lá.

Se ao menos percebêssemos que Deus é nossa consciência individual e entendêssemos como essa Consciência nos guia pelo caminho que devemos trilhar, então pela primeira vez, poderíamos dizer honestamente: "oh, como te amo, Senhor meu Deus! Como te amo, Deus da Criação!"

Somente quando discernimos que Deus, o Infinito Invisível, age como nossa consciência individual, podemos entender o verdadeiro significado desta passagem: "jamais te deixarei, nem te abandonarei... Estarei contigo sempre, até o fim do mundo". E quem ou o que pode estar conosco o tempo todo, senão nossa Consciência? O Mestre chamou essa Consciência de "o Pai interior", e disse: "Eu e meu Pai Somos Um". Certamente, nós e nossa Consciência somos Um! Como podemos ser separados de nossa Consciência? Você percebe que um corpo humano não se sustenta por si mesmo? Remova a Consciência do corpo e ele desaba e cai. Somente a onipresença de sua Consciência pode manter seu corpo em pé. E o que dizer sobre seus órgãos digestivos? Podem eles digerir e assimilar alimentos? Você não vê que, se a Consciência não estivesse funcionando em seu corpo, o estômago e os órgão digestivos seriam somente matéria morta, sem poder de movimento? O que, então, causa a atividade de órgãos e funções do corpo? Estará Deus no alto do céu, ou é a mesma Consciência que faz crescer pelos mais grossos em animais e governa os pássaros em seu vôo - Consciência, Consciência deles, sua Consciência?

Essa Consciência de tudo sabe e molda nosso corpo, de acordo com nossas necessidades. Para aquelas pessoas que viveram por gerações nos climas tropical e

subtropical, a Consciência desenvolveu uma pigmentação da pele mais escura e mais profunda, como provável proteção contra o calor intenso do sol; já os que vivem em zonas temperadas, essa proteção é desnecessária, e por isso a cor da pele dessas pessoas é mais clara. De novo, a Consciência age de acordo com onde ela se expressa. Não é um Deus desconhecido que faz isso, é a Consciência Individual atendendo a cada necessidade.

"Decerto vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas... É do agrado do Pai dar-vos o Reino". Quem é esse Pai? Não há um Pai dentro do seu corpo: há a sua própria Consciência. Sua Consciência sabe do que você precisa; forneceu-lhe um corpo, com a exata forma necessária para a sua presente experiência.

Desde o momento de nascimento, você foi ensinado a buscar em outros o que precisava; você foi advertido sobre um diabo aqui, e um Deus lá acima do céu, e você começou a ser separado de sua Consciência. Logo depois você já estava tão dissociado de sua Consciência que passou pela vida, sem ser atraído por ela. Então você começou a culpar aqueles que não lhe deram o que você precisava ou queria, quando o tempo todo sua própria Consciência é que era a fonte, a substância e a atividade de cada experiência sua. Se você sobe ao céu, você leva sua Consciência consigo; se faz sua cama no inferno, ela está lá com você; não importa se surgem problemas, voltar-se para sua Consciência pode lhe trazer libertação.

O tipo de prece mais profundo poder ser um sorriso que você dá a si mesmo, quando pensa nos animais com pelo mais grosso antecipando o inverno rigoroso, ou nos pássaros voando para o norte ou sul, dependendo da estação: "se a Consciência deles é capaz de prover antes de um inverno frio, a minha pode prover para a eternidade. Se pássaros têm uma Consciência que os guia para o norte ou para o sul, eu também tenho uma consciência que me guia para o norte, sul, leste e oeste, e que enche meus celeiros e despensas, ainda com doze cestos sobrando".

A Consciência tem um jeito de prover os animais com pelos mais grossos no inverno e pelos mais finos no verão, e este Deus, que é nossa Consciência, tem um jeito de nos prover, seja qual for o clima ou estação que estivermos vivendo. Essa Consciência forma e molda a si mesma, de acordo com o que precisamos. Uma vez que você entenda que Deus é Consciência infinita, divina, espiritual e perfeita, ainda que individual, você chega perto de conhecer Deus. Como você poderia não amar a Deus - talvez não agora, neste momento, mas depois de um ano em que você descobriu que Deus foi à sua frente para preparar o caminho para você, que Deus andou a seu lado como protetor, e atrás de você como guardião? Depois de um ano relaxando nessa infinita e divina Consciência, e

descobrimo o milagre do mistério da vida, mais perto do que sua própria respiração, como seria possível não amar o Senhor Deus?

Você só tem que se lembrar desses pássaros no céu e dos animais na floresta, e só pode sorrir ao perceber que a Consciência deles providenciou tudo tão sabiamente, sem que eles precisassem rogar: "Pai, que tal me dar um casaco mais pesado?" ou então "que tal me tirar daqui em férias neste inverno?" Você não vê que a Consciência funciona sem tomar pensamentos conscientes - sem tomar pensamentos de sua vida, o que comeremos, o que vestiremos, beberemos ou se faremos a passagem com trinta, sessenta ou noventa anos?

Quando você trazer Deus mais próximo do que sua própria pele, quando observar que a Consciência dos animais providencia suas necessidades antecipadamente, você entenderá que também você tem uma Consciência. Então você poderá relaxar, satisfeito de que não terá mais uma fé cega em um Deus desconhecido.

Atente para a diferença na sua visão de vida quando você conhece Deus corretamente, e então lê os Evangelhos e compreende a vida como é apresentada pelo Mestre. Posso estar errado, mas posso até detectar um piscar de olhos de Jesus ao falar às multidões: "por que temeis? Por que vinde a mim por pães e peixes? Não vos mostrei o mistério ontem? Existe algum poder fora daqui que vá engolir-vos ou deter-vos? Vinde, segui meus passos!"

Se Deus é a Consciência dos animais, pássaros e abelhas, não é nossa também? Deus veste as flores em sua beleza e dá a elas sua forma e perfume, e não a nós? Todos têm um Deus que lhes opera maravilhas, e nós não? Não, apenas temos "orado errado".

Com o olho da minha mente eu posso ver Gautama antes de se tornar o Buda. Posso vê-lo andando pelas florestas da Índia, indo de professor em professor, ouvindo que, sentando em posição de lótus, de cabeça para baixo (ásana - posição de Yoga), deitando numa cama de pregos, abstendo-se de comer carne ou parando de rezar a Deus por qualquer coisa, certamente ele encontraria Deus. O pobre homem fica perplexo: ele é honesto, sincero. Ele faz tudo isso, mas não encontra Deus. Então ele decide comer e ficar confortável, senta-se sob a árvore Bodhi e lá, sozinho com Deus, ele O encontra face a face e recebe sua Iluminação. Ele procurou Deus em práticas, exercícios, dietas e austeridades, e Deus não foi encontrado em nada disso, somente no interior de si mesmo. Não é fácil calar o mundo e entrar no santuário dentro de seu Ser, mas se você faz isso e se mantém afastado do mundo por um ano, ou sete anos, isso tem seu valor, porque quando você encontrar Deus, encontrará a vida eterna. E então você jamais morrerá. Você pode sumir de vista, mas você nunca morrerá e nunca mais ficará ansioso; e não importa qual aparência ou circunstância humana - guerra, perseguição, desastre -

você continuará, sabendo que tudo isso é o mesmerismo dos sentidos externos. Deus não abandona você, e se você ficar firme e sereno, a tempestade vai passar, e você sairá a céu aberto novamente.

O capitão de um navio tem que atravessar tempestades, mas como ele confia nos princípios de navegação, passará pela tempestade. Nenhuma tempestade dura para sempre. E assim é conosco. Há tempestades na vida humana, algumas causadas por nós mesmos, mas muitas vezes nos envolvemos em tempestades de nossas famílias ou de nossos alunos, que são incapazes de encontrar sua paz. Cada professor deve aceitar os fardos de seus alunos e pacientes. Ele não pode evitá-los. Algumas vezes, ele pode perder noites; pode levar semanas com os problemas desta ou daquela pessoa. Ele está assumindo o fardo daqueles a quem ele tenta elevar acima da adversidade; mas isso também torna a vida interessante, porque nesse caso também não interessa o quão severas são as tempestades, não importa o quão difíceis ou profundas, ele prova para si e para outros que a saída é conhecer Deus corretamente.

Conhecer Deus corretamente é vida eterna, mas não conhecemos Deus corretamente até que o conheçamos como a Consciência divina e infinita, que criou o sol, a lua, as estrelas e planetas, que nos informa, governa, sustenta, guia e dirige ao nosso destino final, que é a realização de nossa verdadeira identidade como esta Consciência. Eu não creio que poderíamos ser trazidos mais próximos de Deus sem esbarrarmos nele.

Através dos anos, sempre houve homens que perceberam que a meta da vida poderia ser atingida somente se encontrassem Deus, mas a maior parte deles pensou em Deus como algo separado e à parte de si mesmos; e eles, portanto, saíram procurando por Ele, onde Ele não pode ser encontrado. Sucesso nessa busca só é possível quando se compreende que a Consciência é a substância de toda forma de atividade, não somente de toda a vida, mas até mesmo do corpo, esse mesmo corpo com o qual andamos, comemos e dormimos.

Se não houvesse uma Consciência invisível expressando-se como forma, não poderia existir uma árvore, ou mesmo uma folha na árvore. Mas a Vida Una expressa a Si Mesma como centenas de espécies diferentes de árvores, flores, ervas e folhas. A Vida expressa a Si Mesma como essas formas, mas a Vida não deveria estar presente, nesse caso, antes de suas formas surgirem como seres ou manifestações?

As emanções da vida são invisíveis na Consciência, e conforme um maior entendimento desta verdade é adquirido, a Consciência, então, surgirá em maior proporção em nossa experiência. Nós somos essa Consciência infinita, mas não estamos manifestando o Infinito neste estágio de nossa experiência. Estamos manifestando apenas o grau de Consciência que podemos perceber neste momento, mas porque estamos

desenvolvendo esse estado de consciência, ao menos ele deveria ser bem maior do que era há vinte ou trinta anos atrás. De fato, um dos propósitos da vida neste plano é prover nossa consciência individual com a oportunidade de evoluir, evoluir através e como nós, conforme nos abrimos para o Infinito.

O Reino de Deus está dentro de nossa Consciência, e quando nos voltamos para dentro, em meditação, para que essa infinita Consciência possa fluir, nós mostraremos mais desse Infinito que somos e sempre fomos, e no próximo ano em maior grau, e ainda mais um pouco no ano seguinte. Em outras palavras, estamos expressando tanto da Consciência infinita quanto no momento a compreendemos.

Começamos com a percepção de que não somos forma: nós somos consciência, e pela nossa devoção à meditação, chegamos a um grau maior e a uma compreensão mais profunda do Deus - Consciência. A Consciência sempre se expressa em formas individuais de inteligência. Quer tome a forma de um músico compondo um oratório, um poeta escrevendo um poema épico, uma artista dando uma Mona Lisa ao mundo, um escultor entalhando David ou um engenheiro construindo uma ponte, trata-se de uma só Inteligência que se revela exteriormente na vida como forma, como múltiplas expressões de seus próprios dons infinitos.

Quando percebemos que nós somos Deus-Consciência expressando a Si Mesmo em grande variedade de formas individuais, já não sentimos uma tão grande responsabilidade de perpetuar nossos pequenos egos, e nem ficamos excessivamente preocupados sobre nosso conforto mundano. A Consciência que existia antes desta forma individual de experiência ter sua forma individual é responsável por manter e sustentar a Si Mesma "como" nós, como nossos negócios, nossa profissão, habilidade e nossa integridade. O governo de tudo está sobre Seus ombros: a responsabilidade pela vida não é nossa. Nossa responsabilidade é viver no presente, com o mais alto sentido de retidão.

Não podemos ser algo que não somos num dado momento, não mais do que um girassol não pode ser uma orquídea, ou do que uma folha de grama não pode ser uma rosa. E se um girassol ou uma folha de grama se esforçassem por ser outra coisa do que são - se pudessem - destruiriam a si mesmos. Muitos estudantes do caminho místico recriminam a si mesmos por não serem mais espirituais e querem saber como podem ser mais espirituais. Eles não podem! Se ao menos cada um de nós pudesse relaxar e perceber: "Eu sou o que Eu sou, e não posso ser outra coisa do que Sou. Aquilo que criou a Si Mesmo como esta forma perpetua-se na eternidade".

Isso não significa que devemos nos agarrar à forma para mantê-la, assim como não podemos manter uma criança de seis anos para sempre, e não podemos manter nossa

própria forma nesta terra. Todos nós superamos nossos corpos: infantis, adolescentes, adultos. A vida é um processo contínuo de superação.

A vida não pode ser vista com olhos físicos. A Vida Ela Mesma é invisível; vemos apenas as formas que a Vida assume. A Vida manifesta a Si Mesma como belas flores e folhas, mas sabemos que, com o tempo, todas serão descartadas. Mas a vida não será descartada, somente a folha ou a flor será. A Vida continua para sempre e sempre, sempre aparecendo como novas formas. Nós somos Vida-Consciência. Não somos aquilo que é visível: nós somos o Ser Invisível aparecendo como forma, mas nem a forma e nem a personalidade são o nosso ser real. Nosso Ser é a Consciência individualizada, a grande e infinita Consciência, que manifesta a Si Mesma como tantas formas e variedades de beleza e harmonia.

Viver assim com o Invisível produz uma mudança milagrosa em nossa vida. Treinamos a nós mesmos para não comermos ou bebermos sem uma pausa consciente de um minuto, para perceber que qualquer coisa vamos consumir vem do Invisível. Deus aparecendo como nossa Consciência Individual, essa é a Fonte. Sempre voltemos nosso pensamento para Deus como a Fonte Invisível, e então observaremos, em poucos dias ou semanas, coisas começando a acontecer em nossas vidas como nunca aconteceram antes.

Com qualquer coisa que entre em nossa experiência, nós permanecemos por um segundo na natureza invisível de sua fonte, percebendo que isso tem seu fundamento na Consciência que somos. Essa mesma Consciência divina e infinita que nos enviou como expressão também traz todo o bem em nossa vida, senão nem estaríamos aqui, porque nada que não seja parte de nossa consciência pode aparecer para nós. Tudo o que aparece ou é expressado por nós tem que primeiro estar em nossa Consciência, ou não poderíamos vir a ter conhecimento disso.

Isso pode ser provado por qualquer pessoa que, depois de caminhar por uma via pública, para e começa a fazer um balanço do que viu na rua, e depois, refazendo seus passos, observa quanta coisa deixou de ser registrada por ela. Por quê? Porque não eram parte de nossa consciência. O ponto é que uma pessoa caminha e vê cada joalheria em sua passagem, enquanto que outra pessoa só vê lojas de roupas, e quase nada mais. Tudo o que aparece em nossa vida deve primeiro ser parte de nossa consciência (podemos entender com clareza a ideia do autor; contudo, hoje sabemos que uma pessoa pode dar um descrição detalhadíssima de todo o caminho, com auxílio da hipnose. Então esse "filtro" seria bem característico da consciência "humana"... Na minha opinião, isso não invalida a opinião do autor, mas torna o exemplo difícil de entender, já que o comportamento consciente/inconsciente é bastante complexo. - nota do trad. G. S.).

Portanto, quando reconhecemos qualquer forma, seja uma mesa diante de nós, dividendos que entram, salário, subsídio, juros, o que quer que seja - é um produto de nossa Consciência, então toda a natureza de nossa vida começa a mudar. Em vez de vivermos uma vida material centrada em coisas, passamos a viver uma vida espiritual centrada na Causa, e aí as coisas aparecem em nossa experiência como coisas acrescentadas, e daí em diante não mais as odiamos, tememos ou amamos; nós meramente desfrutamos delas conforme vêm e vão, mas não temos mais apego a elas. Não há como romper um apego indevido, a não ser permanecendo firme no fato de que há uma Causa ou Fonte invisível de tudo o que aparece.

E o que é esse Invisível, senão a Consciência? E Consciência de quem, senão nossa mesmo, já que é nossa Consciência que atrai nossas experiências? Quando percebemos Deus como substância e tecido de nossa Consciência, começamos a atrair dela somente o Bem, mas se atraímos da consciência humana, há sempre a possibilidade de atrairmos tanto o bem quanto o mal.

Consciência é a essência e substância de tudo o que existe. Isso, no entanto, seria tão sem sentido quanto dizer que Deus é a substância de todas as formas, ou que Deus é a essência de nosso Ser, a não ser que compreendamos que estamos falando de uma Consciência Individual, não "*uma*" consciência ou "*a*" consciência, mas a "*nossa*" Consciência.

Tendo isso como base, nossa única preocupação é com nosso próprio estado de consciência, porque é ele que determina a nossa experiência individual. Toda pessoa se beneficia ou sofre por seus próprios atos, e por isso é o indivíduo que determina diretamente a natureza de sua própria experiência. As Escrituras de todos os tempos mostraram que o indivíduo é responsável por sua experiência.

Quando entendemos isso, entendemos a passagem bíblica que diz "lança teu pão às águas". E por que deveríamos lançar nosso pão às águas? Porque esse é o pão que deve retornar a nós. Não podemos esperar desfrutar o pão que outro alguém jogou nas águas, e quer o desejemos ou não, não seremos capazes de fazê-lo. O Mestre revelou essa verdade quando ensinou que "o que você planta, você colhe", e isso, corretamente interpretado, significa que toda a sua experiência é uma emanção de sua própria consciência. Deus-Infinito, Eternidade, Imortalidade - é nossa Consciência em seu estado mais puro. Não somos um ego separado e aparte de Deus: nós somos Deus expressado como seres individuais. É isso que nós somos quando somos como Adão e Eva no Jardim do Éden.

Somente quando a crença em dois poderes entra em nossa consciência é que somos expulsos do Jardim do Éden e passamos a viver como seres humanos, que têm que

ganhar a vida com o suor de seu rosto. Somos humanos que vivemos vidas às vezes boas, às vezes más, saudáveis ou enfermas, ricas ou pobres, e para a maioria das pessoas predominam os aspectos negativos. Todas essas coisas acontecem para nós porque agora desenvolvemos, através dessa crença do bem e do mal, transmitidas a nós por eras, uma consciência, uma mente, uma vida por nós mesmos, às quais nos referimos como "*minha*" vida ou "*sua*" vida. E por causa dessa identificação, achamos que temos uma vida a perder, uma mente a perder. A busca pela verdade tem sido e sempre foi uma via de retorno ao Deus-Consciência. O Filho Pródigo teve uma certa quantia da substância de seu Pai, com a qual ele começou, mas a cada dia que vivia, usava um pouco dela, até terminar sem nada. Assim é a experiência humana. Começamos na vida com alguma medida de Deus-vida, mas por acreditarmos que nossa vida é separada de Deus-Vida, começamos a chamá-la "*nossa*" vida e começamos a usá-la. Quanto atingimos uns sessenta anos mais dez ou vinte, já gastamos toda nossa força e capacidade mental.

Viver a vida espiritual significa encontrar um caminho de retorno à casa do Pai e ser vestido com o manto real da filiação e receber o anel da autoridade espiritual. No caminho espiritual, buscamos "morrer" para nossa vida humana, uma vida feita do bem e do mal, e então renascermos em nossa Essência original, nossa divina Consciência, ou Deus-Vida.

A plenitude começa a aparecer com o reconhecimento de que Deus constitui nossa Consciência, e que essa Consciência é infinita: ela inclui nossa vida e nosso ser até o infinito e a eternidade; e, portanto, nosso bem se desenvolverá a partir de dentro de nós, e os caminhos humanos pelos quais deve aparecer serão abertos.

Nós somos Consciência: Consciência é nossa identidade; Consciência é o infinito de nosso ser, é a Fonte de nosso ser, é o princípio criativo. E é nosso estado de consciência que manifesta a si mesmo como nossa forma e experiência particulares. O mais importante fator em nossas vidas e em nosso progresso no caminho espiritual é a Consciência - nossa Consciência Individual.

A PALAVRA SAGRADA

EU SOU O QUE SOU (Êxodo 3:14)

"Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede" (João 6:35)

"Antes que Abraão existisse, Eu Sou" (João 8:58)

"Eu sou a luz do mundo" (João 9:5)

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vai ao Pai senão por mim" (João 14:6)

"Eu sou a ressurreição e a vida: aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25)

"Não te deixarei, nem te desampararei" (Hebreus 13:5)

"E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mateus 28:20)

Numa tentativa de sondar o mistério de Deus, de explicar o que não pode ser explicado e de abranger o que não poder ser abrangido, o homem usa palavras. Mas as palavras jamais podem explicar Deus. Jamais haverá uma palavra que seja Deus. Nem mesmo a palavra "Deus" é Deus, e nem as palavras Mente, Alma, Espírito ou Verdade, pois todas essas são efeitos objetivos para a pessoa que os anuncia.

Em absoluta verdade, não há sinônimos para Deus. Esses que usamos são apenas atributos descritivos de Deus. Alma é um atributo da pureza de Deus; Espírito descreve a incorporealidade de Deus; amor, mente, princípio e lei são facetas do Deus-Ser; mas nenhum desses termos são realmente Deus.

Quando acabamos com essas palavras, não estamos mais perto de Deus do que estávamos antes: nós não encontramos Deus. E então, partimos para outra palavra, e mais outra e mais outra. Finalmente, percebemos que não podemos encontrar Deus em uma palavra, em nenhuma palavra fora daqui.

Finalmente, voltamo-nos a uma palavra que contém o segredo das eras - "Eu". "Eu", não é nem sujeito e nem objeto, e esse "Eu" é o "Eu que Eu Sou", o Conhecedor. É o Conhecedor e o conhecido, quem conhece e é conhecido; e Eu Sou ambos: Eu Sou Ele.

Se todas as palavras que usamos como sinônimos de Deus realmente fossem Deus, o ambiente em que estaríamos repetindo essas palavras se encheria de iluminação flamejante, e nele não poderia haver nem doença e nem discórdia. Mas tudo o que fazemos ao repetir essas palavras é declará-las ou afirmá-las, e como nada acontece, elas não podem ser Deus. Não há palavra que possamos pensar que não seja um efeito do pensador, e o pensador tem que ser maior do que qualquer palavra que ele possa pensar, anunciar, declarar ou escrever.

Independente da palavra que proferimos - mesmo a palavra Deus - há um Eu que a profere, e algo a ser proferido. Depois que todas as palavras se vêm e vão, e não podemos mais vê-las ou ouvi-las, o Eu ainda permanece. Esse Eu tem que ser maior do que qualquer pensamento que eu possa ter, ou qualquer conceito que eu possa manter, maior do que qualquer crença ou teoria que eu possa formular ou aceitar ([aqui como em](#)

vários - senão todos - os livros do autor, "Eu" com letra maiúscula é a Consciência transcendente, Deus; e "eu" com letras minúsculas é o ego mundano - nota do tradutor G. S.).

Qualquer palavra para Deus, exceto uma palavra, ainda levaria a algo como "Isso" e eu. A única palavra que elimina tudo isso menos a si mesma é a palavra "Eu". "Eu" é a palavra definitiva por trás do que não podemos alcançar, porque esse Eu é o pensador, o agente, a consciência, a causa, aquele que "é". Não há palavra que expresse realmente Deus, a não ser a palavra Eu. Se qualquer outra palavra for usada, ainda haverá um "Eu" que a declara, e certamente esse Eu que a declarou, pensou, inventou ou descobriu será maior do que qualquer dessas palavras.

E o que é isso, senão o entendimento da palavra Eu que teve Moisés, líder e salvador do povo hebreu? Essa palavra era tão sagrada que seu uso era reservado somente para os altos sacerdotes, e eles não eram autorizados a anunciá-la, exceto em um dia do ano, quanto então recolhiam-se no Santo dos Santos, no santuário interior do templo, e ninguém estava autorizado a estar lá para ouvi-la.

Moisés guardou essa palavra cuidadosamente, pois sabia que os seres humanos a usariam falsamente. Eles a usariam para identificar a si mesmos como Jim, Bill ou Mary. Se fosse dito que esse Eu é Deus, eles a traduziriam como Jim sendo Deus, Mary sendo Deus ou Bill sendo Deus; e teríamos seres humanos agitando suas asas e anunciando o sacrilégio "eu sou Deus".

Por essa razão, essa palavra Eu foi mantida sagrada e secreta. Seu conhecimento foi mantido à parte pelos sacerdotes, e foi esse conhecimento que constituiu seu sacerdócio - esse entendimento de sua verdadeira natureza. Com essa compreensão, eles podiam administrar a necessidade daqueles que os procuravam, porque todo aquele que conhece esse Eu imediatamente desiste de toda preocupação pelos próprios problemas, e pode, então, alimentar as multidões, suprir, sustentar e curá-las.

Também o Rei Salomão conheceu este segredo, e durante a construção de seu templo, ele prometeu que, quando o templo estivesse pronto, aqueles que trabalharam nele teriam a senha que lhes permitiria viajar a lugares distantes e ter para sempre o soldo de um mestre. A ninguém era permitido saber essa senha até que passasse por cada estágio dessa construção, desde aprendiz até chegar a mestre ([alusão à Maçonaria - nota do trad. G. S.](#)).

Simbolicamente, isso significa que o ignorante e iletrado, o ser humano não espiritual, era o aprendiz, o grau mais baixo da evolução espiritual; e naquele estágio, não poderia receber a senha, porque ela não lhe traria nenhum bem; mas se trabalhasse através dos

vários estágios de humanidade, até que chegasse a um nível de discernimento, de mestrado, então receberia a palavra, porque só então era capaz de entendê-la.

E que senha era essa? *EU SOU*. Aqueles que conhecem o *EU SOU* jamais terão que procurar "o homem cujo fôlego está em suas narinas" para nada. Qualquer um que realize o *EU SOU* pode viajar para qualquer lugar do mundo, com ou sem bagagem. Todo o necessário lhe será suprido a partir de sua Interioridade. Ele não tem que depender da caridade, da boa vontade ou influência de ninguém. Ele já carrega consigo tudo de que necessitará.

Esse EU SOU conhecido por Moisés, por Salomão, Isaías, era o ensino secreto de Jesus: "Eu tenho carne para comer que vós não conheceis... Eu sou o pão da vida... Eu sou o caminho, a verdade e a vida... Eu sou a ressurreição e a vida... Eu e meu Pai somos um... O Pai é maior que tudo". Em outras palavras, a nossa parte invisível é maior do que a visível, e o Eu é maior do que o que somos, porque nós somos alimentados pelo Eu que nós já somos. Essa não é mais uma palavra inventada pelo homem, não é um outro poder, presença ou símbolo criado no tempo e no espaço. Esse é o Eu que nós somos, que nos alimenta, seja em forma de livros, leituras, comida, roupa, lar e transporte: tudo vem do Eu. O apogeu da correta mensagem da verdade é quando vamos mais além de usar uma palavra como Deus e chegamos onde não há mais nada, a não ser esse "Eu", ou *EU SOU*. E isso basta!

"Eu" é Deus: não há dois. Quando Ele-Eu revela-se a nós, algo quente, alegre e sagrado toma lugar dentro de nós. Essa é "a pérola de grande valor". E nós jogaríamos fora um tesouro desses para um amante de bugigangas montá-la numa moldura barata e usá-la como bijuteria? Se o Eu em nós é Deus, o que há interno ou externo que possa contrariar a Vontade de Deus? O que pode destruir a vida de Deus, ou destruir a mente ou o corpo de Deus?

Há um Deus no alto dos céus? Há um Deus sentado numa nuvem? Há um Deus flutuando no ar? Há um Deus vagando pela terra? Eu não conheço nenhum. Nunca vi e nem ouvi falar. O único Deus que revelou a Si Mesmo é Aquele que vem como a pequena voz silenciosa que é proclamada dentro de mim. Mas não há nada dentro de mim que não seja Eu. "Eu Sou" o único ser que eu sou, e se escuto a pequena voz silenciosa, ela só pode vir das profundezas do meu próprio Ser. Mas não pode ser o que é chamado "ser" humano ([ego](#)); tem que vir daquele Ser em mim que eu reconheço como sendo divino. Se "Eu e Meu Pai Somos Um", eu devo ser esse Um; e, portanto, a menos que eu saiba que Eu dentro de mim sou Ele, então não conhecerei Deus.

EU SOU - não o impetuoso e desavergonhado "eu" humano, que quer andar pelas ruas gritando "eu sou Deus", mas o eu humano que secretamente e sagradamente recebeu a afirmação interna:

Silêncio, aquieta-te: Eu Sou Deus. Fica em silêncio! Não sabes que Eu, dentro de ti, sou Deus? Jamais te deixarei. Eu vim para que possas ter vida, e que a tenhas plenamente. Fica quieto! Eu estou dentro de ti. Eu Sou teu ser, Eu Sou teu pão, tua carne, teu vinho e tua água. Que tua mente silencie. Que todos os temores se aquietem. Não há poderes externos a ti: não há Deus em palavras ou pensamentos. Eu sou Deus!

Essa é a "pérola" que deve permanecer oculta, para que não seja pisoteada; porém, é uma pérola que deve ser compartilhada. E ela pode ser compartilhada somente com aqueles que são confiáveis e que a podem receber como sagrada, porque, quando ela é dada à mente despreparada, essa mente quer usá-la para conquistar o mundo: "oh, eu sou Deus, então quero um milhão agora... quero dez, cem milhões! E por que não? Se eu sou Deus!"

Mas a Alma que está preparada ouve o sussurro: "oh, Eu Sou Deus, Eu não preciso de nada, Eu não quero nada. Eu tenho tudo o que preciso e o que quero, e as bobagens do mundo não me interessam". Não podemos ser esse Eu que é Deus, se ainda estivermos interessados em nome, fama e fortuna. Essas coisas podem vir até nós, mas quando acontecer, não daremos valor a elas.

Enquanto houver um "eu" procurando Deus, ainda não teremos chegado em casa. Somente quando percebemos que Eu Sou Deus é que estamos em casa com Ele, em paz, pois, quando sabemos que Eu e o Pai Somos Um, não temos nada por nos inquietar, nada por temer, nada por odiar e nada por ressentir. Nem vida e nem morte pode nos separar do Amor de Deus.

Ao compartilhar essa "pérola", pode ser que alguns que aprenderam sobre ela a usem mal e destruam a si mesmos. Eles não nos destruirão; e nem destruirão o mundo: eles destruirão a si mesmos. Mesmo assim, apesar de tais pessoas, essa verdade deve ser revelada, para que aqueles que a podem aceitar sejam completamente livres - espiritualmente livres, na percepção da grande sabedoria que Moisés ocultou de muitas pessoas, e que o Mestre foi crucificado por revelar: "EU SOU ISSO, EU SOU... Eu e o Pai Somos Um".

Se a Graça Divina nos deu a sabedoria de aceitá-la - e somente a Graça Divina pode nos dar isso - aceitemo-la como sagrada, mantendo-a em segredo, sem anunciar ou deixar que alguém saiba que sabemos.

Se falamos a uma pessoa não desenvolvida e nem treinada na sabedoria espiritual que Deus é o "Eu", ela pensará, em seu estado não iluminado, que nós estamos deificando um ser humano. E isso não é verdade. O ser humano tem que "morrer" para que esse Eu, que é sua verdadeira identidade, possa ser revelado em toda a sua pureza e plenitude. Esse Eu que é Deus é o Eu em você, é o Eu em mim, pois há somente um Eu, um Ser. Há apenas uma Vida Divina que eu sou e você é.

O Caminho Infinito ensina que uma pessoa nunca deve dizer "Eu Sou Deus", porque isso não é verdade. Nenhum ser humano é Deus. Se um ser humano fosse Deus, toda a palavra que ele dissesse curaria os doentes, ressuscitaria os mortos, abriria os olhos dos cegos, mas isso ele não é capaz de fazer. Por quê? Porque um ser humano não é Deus. Mas quando ele volta para o Reino de seu próprio Ser, em paz e silêncio, e escuta a Voz que lhe fala "não temas, Eu estou aqui", é Deus dentro dele proclamando sua Voz, e então a terra derrete e o erro desaparece.

Nós somos os instrumentos, as testemunhas da Palavra de Deus, e essa Palavra é "Eu". Mas não devemos dizer "Eu", nós devemos ouvir "Eu". Essas coisas são tão sagradas que não deveriam nunca ser anunciadas por ninguém: elas só são verdadeiras se estiverem realmente dentro e forem ouvidas no santuário interior de nosso Ser.

Quando estamos em oração e sentimos essa atividade que mostra que Deus está em campo, uma cura ou um melhoramento pode ter lugar, porque nada pode atrapalhar o caminho do Eu, nada! Poderíamos falar dela de hoje até o juízo final e nada aconteceria, mas se Ele anuncia a Si Mesmo através de nós, então Ele se torna a Palavra feito carne. A única coisa que cura é a Palavra de Deus, e ainda que se use uma velha linguagem familiar, Ela sempre vem como inspiração renovada, porque vem das profundezas da Alma. Este ensinamento não afirma que você e eu somos Deus: este ensino revela o Eu dentro de você e dentro de mim, não por virtude de falarmos dele, mas por ouvirmos interiormente. E esta revelação não nos faz um com o Pai: ela estabelece dentro de nós a percepção de que antes que Abraão fosse, Eu e o Pai éramos Um. Esse Eu é a Presença e o Poder, e é onipresente e onipotente. É a manifestação de tudo o que é necessário para o nosso desenvolvimento, de tal modo que, se precisássemos sair de casa sem levar nada, poderíamos andar onde quiséssemos pelo mundo todo, se fosse esse o nosso propósito - e alcançarmos nosso destino, mas desde que não procurássemos fora de nós mesmos, esperando que alguém nos ajudasse ou nos desse uma passagem ou um dinheiro. Tudo é possível para quem permanece no EU SOU.

Quando sabemos que o Eu está aqui, lá e em qualquer lugar, podemos usar qualquer um, ou todos, os muitos sinônimos de Deus - Vida, Verdade, Alma, Princípio. Não há diferença, porque estamos meramente usando termos descrevendo atributos de Deus.

No entanto, ninguém pode definir Deus para nós, porque Deus é indefinível. Nós não sabemos quem somos, somos um mistério até para nós mesmos. Há um Eu dentro de nós que nunca foi conhecido por ninguém.

Se, em sacralidade e segredo, mantemos protegida dentro de nós mesmos a palavra Eu, aquilo que hospedamos secretamente nos recompensará abertamente, e todos os que chegarem em nossa presença sentirão um impulso divino. É como se uma voz dentro de nós falasse "Eu, dentro de ti, sou Deus, e tudo o que Eu tenho é teu".

Então descansamos na promessa de que o Infinito Invisível interior é a Fonte de nossa vida, que nos criou desde o princípio. Deus nos criou - não pais humanos, mas Deus. Nós somos espiritualmente criados e espiritualmente formados, ainda que, para o sentido humano, mantenhamos um sentido físico dessa criação espiritual. Se aprendermos a olhar além do véu deste mundo e perceber que não dependemos de nada do mundo exterior, começaremos a compreender que o Eu dentro de nós é poderoso:

Não preciso ter fé em "príncipes"; Não preciso confiar "no homem com o fôlego nas narinas", e nem preciso temer o que o homem me possa fazer, porque carrego comigo o grande Salvador, o grande Princípio, o Eu do meu próprio Ser, o Eu que me criou e me mantém, o Eu que é o verdadeiro pão da vida, minha carne, meu vinho, minha água, minha salvação e ressurreição.

Se este templo do meu corpo for destruído, em três dias o chamado Eu ressurgirá. Mesmo se eu estiver inconsciente, mesmo morto, o Eu dentro de mim está vivo, e esse Eu ressuscitará até mesmo meu corpo, se houver ocasião e necessidade.

E o que é isso que restaura os anos perdidos para os gafanhotos? Eu. O que é isso que ressuscita nosso corpo, trabalho, lar, força, saúde e vitalidade? Eu. Há apenas uma única Presença Divina, um Poder, e está manifestada nisso que sagradamente e secretamente chamamos de "Eu".

O Mestre teve grande dificuldade em transmitir essa ideia aos hebreus que seguiam as cerimônias, rituais, preceitos e dias sagrados, pois a eles foi dada pouca ou nenhuma iluminação. Toda sua instrução tinha sido no campo da mente e no acompanhamento de ritos exteriores, e isso não é suficiente. O ensino espiritual deve entrar no coração, precisa estar na alma: ele tem que ser mais sentido do que pensado, precisa ser compreendido intuitivamente. Só então podemos ter a palavra Eu no sagrado e secreto abrigo do Altíssimo, e aí permanecer com Ele. Se permanecermos no lugar secreto do Altíssimo e habitarmos com esse Eu, deixando que esse Eu habite em nós, deixando que esse Eu inunde nossa consciência, Ele se transmitirá a Si Mesmo a nós, e nos dirá: "não sabes que Eu Sou Deus? Aquieta-te e sabe que Eu Sou Deus; Eu em ti sou poderoso.

Eu nunca te deixarei, nem te abandonarei". Estamos procurando algum outro Deus que não o Eu por nossa saúde? Se estamos, perdemos a meta. A Árvore da Vida está verdadeiramente plantada no meio de nossa consciência, e tudo está contido nessa pequena palavra Eu. "Sou Eu, não tenhas medo.. Jamais te deixarei". Mantenhamos a Palavra no centro de nosso Ser, em nossa consciência, em nosso coração. Não vamos desfilar ou exibi-lo, senão o perderemos. Quanto mais silencioso e sagrado o mantermos, maior será Sua demonstração.

Ninguém pode se vangloriar de Deus; ninguém tem o direito de agir como se o segredo fosse sua possessão pessoal. É um segredo, mas não é seu e nem meu: é o segredo dos místicos de todas as eras. Foi conhecido por Lao Tzu na China; por Gautama, o Buda; é o tema central de Shankara; e é o tema central do ensinamento de Jesus Cristo, como foi revelado no Evangelho de João. É o tema central da vida de todo místico. A palavra Eu é o segredo do desenvolvimento do místico. Mesmo antes de existir um conceito de Deus na mente do homem, Eu, Deus, sempre existiu. Antes que houvesse seres humanos na terra, o Eu existiu como Poder Criativo de tudo o que existe. É difícil para uma pessoa aceitar essa ideia, a menos que haja uma resposta interior, algo que diga "sim, isso é o que sempre acreditei, mas não podia falar. Isso é o que eu sempre soube, isso é o que eu sinto".

Eu é a palavra sagrada. É a Presença suave e gentil, mas mesmo assim, uma Presença poderosa. Se tivermos um senso de correção sobre esta Palavra sagrada, então poderemos mantê-la dentro de nós e viver para fora, a partir do centro de nosso Ser. Andaremos pela Terra, abençoando todos os que chegam a nós.

Quando uma pessoa alcançou a realização de Deus, sua presença é uma benção para os outros; e se é encarregado de cuidar de algum lugar consagrado, como uma igreja, templo ou sinagoga, a atmosfera de sua consciência permeia tudo, e até entrar nesses ambientes pode ser uma benção. Qualquer lugar de adoração onde há um ministro, rabi, sacerdote ou qualquer pessoa verdadeiramente dedicada ao caminho espiritual da vida, é solo sagrado. Tão sagrado que basta andar por ele para receber uma cura. Até as pedras proclamam com suas línguas espirituais: "a Presença de Deus está aqui!"

Não é um templo que consagra o homem: é o homem que consagra o templo. E nem precisa ser um templo, ou igreja ou sinagoga, isso é de pouca importância. Pode ser um quarto em sua casa, uma cadeira, mas se somos consagrados a Deus e se preenchemos a nós mesmos com a convicção da Onipresença de Deus, a atmosfera ao nosso redor enche-se de poder espiritual, e aqueles que chegam podem sentir sua influência curativa.

Onde há esse reconhecimento da Presença e do Espírito de Deus, o Poder de Deus flui, mantendo nossa liberdade mental, moral, financeira e física, e sempre que uma

necessidade aparece, criamos o que parece ser um vazio dentro de nós, uma atitude de ouvir, e em seguida, a palavra certa chega a nós, a Palavra de Deus, que é imediata, afiada e poderosa, e que opera curando, sustentando e reformando.

Só há um Eu permeando cada pessoa, constituindo toda a vida individual, seja humana, animal, vegetal ou mineral. Esse Um Eu é a Alma de todo ser, o princípio criativo, a atividade, a causa, a vida e até mesmo o próprio corpo. É tanto causa quanto efeito. É o Eu que é a sacralidade de nosso ser, a consciência de nosso ser. É isso que nos governa. o Eu no meio de nós é poderoso. Tire seus sapatos na presença da palavra Eu, porque você está pronunciando o nome de Deus.

O EU MÍSTICO

A busca por Deus deve ser conduzida para dentro, mas isso não significa dentro de nosso corpo, porque nenhuma sondagem física ou mental jamais revelou o Reino de Deus no corpo de qualquer pessoa. Portanto, podemos rapidamente rejeitar qualquer ideia de buscá-lo na medula espinhal, no estômago, no coração ou mesmo no cérebro. *O Reino deve ser encontrado dentro - dentro de nós.*

Isso nos leva às questões: Quem somos? O que somos? Onde estamos? Muito de nós já sabem que não estamos confinados em nosso corpo, e uma vez que sabemos disso, demos um enorme salto adiante no caminho espiritual, porque, se estamos convencidos de que não estamos no corpo, não deveria demorar muito e nem exigir muita reflexão para estabelecer a verdade de que, para estarmos fora do corpo e sermos invisíveis, devemos ser incorpóreos e espirituais, alguma outra coisa que não o corpo. Então, quando buscamos o Deus dentro, não o buscamos dentro do corpo, nem mesmo da mente: estamos buscando dentro de nós mesmos.

Compreender a natureza da vida como consciência revela como é possível o Reino de Deus estar dentro de nós, dentro de nossa consciência, dentro da parte que conhece, mas não dentro de alguma parte do corpo em particular. A Consciência, somente, constitui o Ser. Quando percebemos a nós mesmos como consciência e podemos olhar nosso corpo no espelho a agradecer a Deus que não estamos nele, agradecer a Deus que temos um corpo, mas não estamos no corpo - somos invisíveis - começamos a entender os maiores ensinamentos do Mestre, que são o "abre-te sésamo" do progresso no caminho espiritual. "A ninguém chameis de Pai sobre a terra, pois um só é vosso Pai, que está nos céus". Como pode o filho desse Pai ser outro senão o Ser Espiritual, entidade e identidade espiritual, incorpóreo e invisível? A verdade é que nosso

verdadeiro Ser nunca é visto por ninguém, ele é completamente invisível. É verdade que nosso corpo é visível, mas nós não somos. Estamos ocultos com o Pai.

A identidade espiritual do nosso ser é Melquisedeque, o homem que nunca nasceu, nunca pode morrer e é sempre invisível.

Eu sou Melquisedeque. Eu sou Ele que nunca nasceu e nunca morrerá, mantido e sustentado pelo Ser. Eu sou a descendência de Deus, o próprio Deus jorrando como manifestação e expressão, Deus Ele Mesmo aparecendo como ser individual e como identidade individual.

Ninguém jamais viu Melquisedeque - não com olhos. Ninguém viu você e nem me viu. Você e eu podemos ver as formas que aparecem, mas não podemos ver a realidade, porque ela é invisível. Nós simplesmente vemos uma forma, tão grande ou tão pequena, e quem sabe, daqui a dez anos, que tamanho terá ou onde estará, e isso não fará diferença, porque isso não será o Eu que você é e nem o Eu que eu sou. Assim, olhamos para o espelho com um novo tipo de visão: agora sei que não estou dentro dessa forma: Eu sou o que governa essa forma, Eu sou o que se move e que é identificado pela forma, mas Eu não sou essa forma. Estou no coração do Pai, e o Pai está em mim; estamos ambos no céu, ambos espirituais. Deus, o Pai, e Deus, o Filho, são Um, e esse Um permanece como eterna identidade espiritual, essa parte de nós que nunca nasceu e jamais morrerá. "Nem a morte e nem a vida nos separará do Amor de Deus". Há um Ser que é inseparável do Amor e da Vida de Deus, e quando descobrimos esse Ser, encontramos Deus, com o qual somos Um: Uma Vida, Um Amor, Uma Substância, Um Ser.

O materialista não pode perceber isso: ele olha no espelho e diz "esse sou eu", mas no caminho espiritual, buscamos a nós mesmos no corpo, dos pés à cabeça, e chegamos à conclusão: "aí Eu não estou"!

Se formos honestos, teremos que admitir que ninguém nos conhece, exceto nós mesmos, e talvez mais de 99% de nós não compreende ou conhece nem a nós mesmos. Há uma área desconhecida de nosso ser, mesmo para mãe, marido ou esposa. É um lugar secreto em nós, nossa verdadeira e real individualidade, que ninguém pode perceber ou compreender, e que mantemos oculta do mundo. Essa parte de nós é o Eu, o Eu que é a identidade individual, o Eu que tem que ter existido antes da concepção, antes que fosse uma forma na qual se manifestar, e é o Eu que continuará a existir depois que Eu deixar essa forma. Isso não significa que Eu serei sem forma: a forma que eu serei provavelmente terá natureza e textura diferentes. É somente esse conceito particular de forma que será superado e desaparecerá. Mas Eu, Eu permanecerei para sempre. E isso significa reencarnação? Em muitos casos sim, porque se nascemos uma

vez neste plano em particular, não há razão para duvidar que poderíamos nascer mais uma dúzia de vezes nele, se houver uma razão válida para repetir a experiência. As questões que precisam de resposta de cada um de nós são: por que eu escolhi vir para cá? Por que eu fui enviado aqui? A resposta depende do nosso ponto de vista. Fomos enviados em expressão para cá? Escolhemos entrar em expressão, ou simplesmente viemos? Você só pode responder isso por si mesmo. Se, à luz da minha experiência, eu lhe disser que estou convencido de que é verdade que fomos enviados com um propósito específico, e que esse propósito está sendo trabalhado, não há meio de transmitir isso a você, para que você possa acreditar. Você decide se chega à convicção dentro de si mesmo, onde pode receber esclarecimento sobre isso.

Minha convicção pessoal sobre a verdade disso é o resultado de minha experiência de vida particular, e mesmo agora, que tento comparar minha vida anterior aqui neste plano com a que eu vivo agora, surgem as questões: como pôde isso acontecer? O que pôde fazer isso acontecer? Como pode alguém viver vidas tão completamente diferentes e ser pessoas tão diferentes numa mesma continuidade? Então, retrocedendo, pergunto: isso é mesmo verdade? Não sou eu agora a pessoa que sempre fui, mas incapaz de mostrar isso externamente, o que fui internamente, porque eu não sabia acessar isso? Não é por isso que eu sempre esperei? Não é isso que sempre pressenti, mas não podia romper padrões?

Posso me lembrar do dia em que, como rapazinho, minha mãe disse: "eu sei o que há de errado com você, Joel. Você está procurando por Deus". "Ora, mãe, como pode dizer isto? Eu nem mesmo sei se há um Deus". "Ah, mas eu sei. Você está procurando por Deus".

Certamente, eu estava. E toda a vida hoje mostra os frutos disso. Eu entrei neste mundo procurando por Deus, mas ninguém acreditaria nisso, julgando pelos meus primeiros 38 anos. Essa ansiedade estava trancada dentro de mim, eu não ousaria dizer isso a ninguém, embora quando eu tinha 19 anos, consegui responder à minha mãe: "eu descobri que você está certa. Há um Deus, mas eu não posso encontrá-lo. Não importa com quem eu fale, todos parecem não conhecê-lo". E ela disse: "bem, não pare, e quando você o encontrar, venha e me diga" - e eu espero estar dizendo a ela.

Esse é o único jeito que eu sei que eu sou o mesmo eu que eu era quando vim para este mundo, o eu que nasceu no nível de busca da realização de Deus, e eu tive que sair da concha e buscar por mim mesmo.

Eu não posso provar isso a você. Você tem que aceitar minha palavra ou duvidar, até que tenha uma experiência por si próprio que lhe mostre que esse Eu que você é tem consciência, desde que nasceu, de que realmente existiu, antes de você vir para esta

experiência. Pela Graça Divina, me foram mostradas outras vidas que eu vivi, então eu sei que estive antes aqui, e também sei de algumas experiências que tive aqui.

Qualquer um de nós, em algum ponto do passado, em alguma forma anterior de evolução, foi o homem animal, o homem mental, e foi sendo preparado para entrar neste estado particular, evoluindo em alguma medida para o homem espiritual. Tudo isso leva muito tempo, embora não seja uma questão de tempo: é uma questão de evolução que, na nossa experiência, aparece como tempo. Tudo isso por comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, na experiência conhecida como Jardim do Éden, que resultou num falso estado de consciência que chamamos de humanidade, e nesse estado de humanidade, não somente precisamos uns dos outros, mas precisamos de coisas, precisamos de dinheiro, precisamos disso e daquilo. Toda a experiência humana se dirige a conseguir coisas.

Há o homem puramente animal, que sai atrás do que quer com martelo e tenazes, usando total força física do seu corpo ou armas materiais. Também há o homem que quer as coisas com sua mente, e embora a maioria das pessoas seja honesta e tente conquistar o que quer, quando as coisas não vêm facilmente, muitas vezes aplicam truques para conseguirem o que querem legalmente, mas sem preocupação nenhuma com a ética; e se isso não funcionar, podem agir fora da lei, e até roubar e matar pelo que querem. Numa escala maior, o homem recorre a uma forma de assassinato "legalizado", chamada guerra.

Eventualmente, talvez depois de muitas vidas, o homem que dependeu de sua força física e de seu esforço mental eleva-se ao status de homem espiritual, e aí está a história do desenvolvimento da consciência.

Se você vai ou não nascer novamente depende desta questão: Haverá uma razão para isso? Houve uma razão para eu nascer da última vez. Foi porque eu não tinha feito o contato com Deus; o "Eu" não tinha vencido as barreiras, então tomei esta experiência para sair da concha. Quantas lições mais por aprender, somente posso saber no contexto de uma experiência de vida, e se haverá a necessidade de nascer novamente, dependerá de haver a necessidade de um determinado serviço que eu tenha a oferecer na Terra. Se há, reencarnarei. E você também. Foi a sua consciência em desenvolvimento que o trouxe a esta fase particular de experiência, suficientemente adequada para abri-lo para uma abordagem espiritual da vida. Você viveu no plano animal; você viveu no plano mental, e agora se aproxima do plano espiritual. Mas não esqueçamos que, durante todo o tempo, permanecem traços do animal em cada um de nós, assim como do mental, mas por agora, a maioria de nós está destinada ao caminho espiritual.

Cada um formou para si mesmo um corpo, um lar no qual se educa, e uma atividade para operar, a serviço de desenvolver a consciência, ao ponto de reconhecer a realização. Toda experiência de nossa infância, tanto as boas quanto as ruins, e toda nossa experiência no trabalho e na vida familiar foram necessárias para nos trazer a este desenvolvimento. Nós sempre estivemos funcionando no nível particular necessário para o nosso desenvolvimento espiritual, porque o propósito de nossa estada aqui é nos desenvolvermos espiritualmente, mudando de experiência em experiência, até que o Eu que nós somos se estabeleça em toda sua pureza e plenitude.

O Eu não é nem masculino e nem feminino: o Eu é o Eu. O Eu não é preso e nem livre. O Eu é a identidade universal, suprema, divina e verdadeira de todos nós, a despeito de qualquer forma assumida nesta encarnação.

Devemos aprender a viver com este Eu no meio de nós, aprender a procurá-lo por inspiração. Se precisamos de uma ideia para um livro ou uma pintura, para um trabalho ou uma lei, seja lá o que for, o Eu abrange tudo. Então, se for necessário encontrar um livro, um professor, um editor ou qualquer outra coisa, quando nos voltarmos para dentro, o Eu aparecerá externamente como a forma necessária para a nossa expansão naquele momento.

Nós nunca descartamos nossa forma - mas nosso conceito de forma sim. Nós descartamos um conceito assim de quando tínhamos 3 anos de idade, outro de quando tínhamos 13 anos, outro com 21, e ainda outro com 40. Continuamos descartando esses conceitos de forma, mas o Eu continua para sempre, e o Eu sempre tem forma; o Eu está sempre incorporado em forma. O Eu nunca pode perder Sua forma, assim como eu não posso perder minha identidade.

Minha verdadeira identidade nunca nasceu e nunca morrerá. Ela estava presente quando fui concebido no ventre de minha mãe, e testemunhará minha passagem desta cena, e também quando parece permanecer aqui, conforme eu sigo adiante, progredindo. Esse é o Eu em mim que nasceu, o Eu em mim quando eu era criança, o Eu em mim da maturidade, o Eu que eu sou, conforme prossigo me caminho. Eu, imaculadamente concebido, auto-criado (pelo Ser), mantido e sustentado pelo Ser, infinito, individual, eterno e imortal.

Esta é minha verdadeira identidade e este é o Eu que agora olha através de meus olhos. Esse é o Eu em mim que agora é professor e curador, mas é o mesmo Eu de quando era vendedor de mercadorias. Este Eu é o mesmo Eu que eu era, quando estava na escola. O mesmo Eu que se manteve observando esses diferentes estágios do meu desenvolvimento, mas que não poderia operar mais rápido do que Joel poderia assimilar. Este é o Eu em mim, o Eu em você. Este é o Eu no amigo ou no inimigo.

Todos aqueles que põem a mão no arado devem se determinar a não voltar atrás - jamais. A mulher de Ló voltou-se para trás, olhou para trás, distante de Deus, e então estava perdida. O caminho é reto e estreito, e poucos entrarão, e esses poucos o alcançarão. E quando alcançarem, o que é que terão alcançado? O conhecimento de que "Eu entre vós sou poderoso", a percepção de que "Eu tenho estado contigo desde antes de Abraão", e esse Eu jamais os deixará, nem os abandonará.

Eu no meio de mim alimenta-me, veste-me e dá-me um lar. Eu dentro de mim jamais fui limitado. Eu dentro de mim tem me sustentado com todo o necessário, pois Eu não sou dependente do "homem com o fôlego nas narinas".

Eu no meio de mim não dá a conhecer a Si Mesmo, mas permanece em silêncio, em segredo, sagrado, habitando em Deus; e juntos, somos dois que Somos Um, caminhando pela terra.

Eu dentro de mim é o filho espiritual de Deus, o Cristo, Melquisedeque - Aquele que nunca nasceu e nunca morrerá, e que é e sempre será invisível. Eu Sou a Presença invisível dentro de mim, que vai na minha frente para abrir caminho; Eu Sou a Presença invisível que anda ao meu lado, me protegendo, e anda atrás de mim, me guardando.

Eu sou a vida dos meus amigos, Eu sou a vida dos meus inimigos: nós somos Um, embora cada um com uma expressão individual - Um em essência, infinita, mas em forma e modos individuais de expressão. Eu sou o autor em um, o compositor em outro, o curador, o pastor, o pintor, o poeta em outro ainda. Eu Sou a inspiração em minha vida e a inspiração para qualquer um que a busca. Eu posso fechar meus olhos a qualquer hora do dia ou da noite e voltar-me para o Infinito Invisível, para o Eu dentro de mim, e receber nova iluminação, nova luz, nova saúde e nova força.

Interiormente e silenciosamente, diga a palavra Eu, gentilmente, suavemente - Eu, significando seu Ser, sua Verdadeira Identidade. Feche seus olhos a toda aparência externa e, dentro do santuário interno, sozinho com Deus, ouça a voz de Deus dirigindo-se a você:

Eu te digo: filho, para de depender do homem. Eu estou aqui, no meio de ti - este Eu que declaraste. Olha para Mim, escuta-Me, o Eu do teu Ser, e serás salvo. Não procura por efeitos, nem por pessoas, não procura por fama, honrarias ou fortuna.

Olha para Mim, Eu, dentro de ti, sou teu pão, tua vida. Não necessitas ganhar teu pão pelo suor de teu rosto. Trabalha, mas desfruta do teu trabalho, ama teu trabalho, mas nunca te sintas dependente dele para viver, pois Eu estou vivendo em ti, Eu sou tua vida.

Eu sou teu Ser. Eu permaneço como a Árvore da Vida, no meio do jardim que é o teu Ser. Eu no meio de ti sou poderoso. Mesmo teu corpo é o templo do Deus Vivo, que sou

Eu. Teu corpo, tua mente, tua alma: todos dedicados a Mim, e eu os ordenei. Eu te dei tua mente e teu corpo. Eu sou a substância do teu corpo. Eu sou quem faz teu coração bater e governo cada órgão e função de teu corpo; deixa, pois, que ele controle a si mesmo. Eu o fiz segundo Minha imagem e semelhança, da Minha substância. Eu te conhecia antes de seres concebido no ventre de tua mãe, ali Eu formei teu corpo. Eu nunca te deixei, nunca te abandonei.

Muitas vezes me deixaste. Muitas vezes fizestes falsos deuses, deuses de ouro e prata, deuses de pílulas, pós e emplastos, e os procurou por saúde e alegria. Procuraste exteriormente por prazeres, satisfação e paz, e ainda assim Eu sou o vinho da inspiração. Busca a mim, porque, encontrando-me, estarás em Paz.

Acaso fala a criatura com seu Criador? Fala o barro com o oleiro? Não! Eu sou o oleiro, Eu sou o criador, e toda a criação escuta a Mim. Os céus declaram a minha Glória, a terra mostra Minhas obras. Sabes que te dei domínio sobre tudo na terra, no céu, nas águas e profundezas abissais?

Eu sou o Caminho: vive no Meu Caminho. Não vivas nos caminhos do mundo, não vivas no caminho da forma - mesmo que pareça uma forma tão poderosa quanto uma bomba de hidrogênio. Eu sou tua torre mais alta, Eu sou tua fortaleza. Oculta-te em Mim, abriga-te no entendimento de que só existe Um Poder, que sou Eu. Olha para mim e serás salvo - não por força, não por poder. Baixa tua espada! Aqueles que vivem pela espada, física ou mental, morrerão. Vive por Meu Espírito - não por força, não por poder, mas por Meu Espírito.

Permaneça em mim, deixa-Me permanecer em ti. Se permaneceres em Mim e deixares que Eu permaneça em ti, se viveres no reconhecimento de que Eu, no meio de ti, sou tua Verdadeira Identidade, tua vida eterna, atrairei para ti tudo o que te for necessário para um desenvolvimento harmonioso, seja pessoa, lugar ou coisa.

Vai no santuário interior do teu Ser e aquieta-te. Não ores em público, não digas aos homens do que precisas, não digas aos homens o que gostarias de ser, e nem digas o que gostarias de fazer.

Vive em Mim! Deixa-me viver em ti, deixa-me ser a Invisível Presença que vai adiante e prepara o caminho para ti. Deixa-me ir na tua frente silenciosamente, como o que é sagrado e secreto.

Não fiques impaciente se levars um tempo para voltar para casa. Já te envolveste com pessoas e situações que não podes deixar subitamente. Tens que te afastar disso tudo, mas sem injúrias à vida, ao bem-estar ou ao conforto de outros. Não podes ter tua vida e teu bem-estar às custas dos outros. Não é essa a lei. "Ama a teu próximo como a ti

mesmo", essa é a lei, e essa podes cumprir, se olhares para Mim, se entenderes que Eu estou dentro de ti e sustento meu próprio ser.

Não fiques impaciente se tudo parece demorar. Eu te guiarei por um caminho que não conheces, e nem sempre te parecerá um caminho curto, nem sempre será um caminho sem uns poucos passos sangrentos ou mesmo uma cruz, mas, mesmo assim, Eu estou te guiando por este mundo de ilusão, de volta à casa de teu Pai, que sou Eu.

Eu tenho carne - tem certeza disto. "Eu tenho carne para comer que não conheces". Não deixes tua mente vagar, especulando como conseguirás uma casa, companhia, sustento ou saúde. Tem certeza de que eu tenho carne. Eu tenho carne, vinho e água. Descansa e permite que isso venha a ti.

Não tentes atrair suprimento - nem mentalmente, nem fisicamente. Apenas faz teu trabalho de cada dia, o trabalho que te foi dado fazer. Faz do melhor modo que sabes fazer, mas não faz isso para viver; faz isso por amor. Deixa que o viver te seja a coisa acrescentada. Eu, teu Pai que está nos céus, Eu, que estou no meio de ti, Eu sei das tuas necessidades antes mesmo de ti. É de meu agrado dar-te o Reino, se habitares em mim e permitires que minha Palavra habite em ti.

Vive em mim, vive na percepção de que o Eu, dentro de ti, é Deus, que Eu, no meio de ti, é ordenado por Deus, pois Deus é tanto o Pai quanto o Filho, Deus é tanto o dom quando o doador. Confia neste Eu, no centro de teu ser. Confia a Ele teus desejos secretos, mas que eles não almejem pessoas, lugares ou coisas. Teus desejos devem ser descansar em Mim, paz em Mim, satisfação plena em Mim, alegria em Mim.

Congrega comigo em teu sacrário interior, pois Eu, dentro de ti, sou tua Vida. Eu sou Aquilo que prospera em ti, que atrai tudo que te é necessário para tua expansão e desenvolvimento espiritual.

Se enfrentares 40 anos de adversidade, até que possas entrar na Terra Prometida, sê paciente, sê paciente. Criaste essa adversidade através da qual deves ser guiado. Se houver a experiência da cruz, aceita-a. Trouxeste a ti mesmo até aqui, e este é o jeito de saíres da adversidade. Se fizeres tua cama no inferno, ou no céu, Eu, no meio de ti, nunca te deixarei, nunca te abandonarei. Mesmo que sejas o ladrão preso na cruz, Eu te levarei comigo ainda hoje para o paraíso.

Não temas por efeitos, nem por condições exteriores. Eu, o Eu de teu ser, sou a parte de ti que nunca nasceu. Eu te trouxe nesta experiência; Eu te conduzirei através dela; e Eu te levarei para a próxima experiência, até mesmo no fim do mundo.

Como tenho estado contigo há tanto tempo e não Me conheces? Apesar de todo esse tempo, ainda não me reconheces como o Cristo, como Melquisedeque, como o Filho

espiritual? Quando prosseguires o suficiente, perceberás que Eu Sou Deus, o Pai, assim como Eu Sou Deus, o Filho. E então compreenderás a Unidade, porque sou infinito, e não há poderes do mal. As imagens do mal, que vês, escutas, tocas, provas e cheiras, são feitas do tecido do nada, do tecido do hipnotismo, do tecido da sugestão. Não as temas. Elas não têm entidade, nem identidade, não têm ser real. Somente compreendas que são tecidas com ilusão mental - nada, na verdade - pois Eu dentro de ti sou o Único Poder e a Única Presença.

"Ama o Senhor teu Deus de todo coração, e a teu próximo como a ti mesmo". Eu sou Ele, e Eu, no meio de ti, sou o Eu no meio de teu próximo. Se realizas isso até o último dos teus próximos, é a Mim que realizas, porque Eu sou ele, tanto quanto sou tu. Portanto, se nada fizeste pelo menor dos teus próximos, foi por Mim que nada fizeste. O que recusaste a alguém, recusaste a ti mesmo, pois Eu sou o teu Ser e sou também o Ser do teu próximo. Eu, o Deus no centro de teu Ser, sou Ele; Eu, Deus, sou teu próximo.

Eu sou Melquisedeque. Tudo que tem forma deve honrar e pagar dízimo a mim. Eu sou Melquisedeque, que não nasceu e que não morrerá. Eu sou o Espírito de Deus em ti, Eu sou tua Verdadeira Identidade. Eu sou a Verdadeira Alma do teu Ser, a Vida do teu Ser.

"Desperta, tu que estás adormecido". Desperta, e quando despertares, verás a Mim como Eu Sou, e ficarás satisfeito com tua semelhança!

No caminho espiritual, fazemos uma transição da vida sob a lei para a vida sob a Graça. E então nos lembramos conscientemente que não estamos sob a lei. Isso significa qualquer tipo de lei: da medicina, de infecção, hereditariedade, teológica, punitiva pelo passado ou pelo presente, ou pelas faltas dos pais ou avós. Não vivemos mais sob as leis da matéria, não vivemos mais sob as leis da mente, não vivemos mais sob as leis da teologia. Vivemos sob a Graça.

Tua Graça me é suficiente em todas as coisas - Tua Graça, não dinheiro, não meu coração, fígado ou pulmões. Tua Graça me é suficiente em todas as coisas - saúde, sustento, companhia, liberdade, alegria, paz e domínio.

Por Tua Graça, não mais vivo sob a lei. Não mais vivo pensando por suprimimento, porque os pensamentos de Deus são muito maiores do que os meus pensamentos. Eu vivo por todo pensamento que procede da mente de Deus, por cada Palavra, que é a Graça. Eu vivo minha vida ouvindo a voz suave, pequena e silenciosa.

Eu sou a criança de Deus, herdeiro de Deus, co-herdeiro de todas as riquezas celestiais. Foi-me dado o domínio sobre este corpo. Eu sou livre. Achei minha liberdade na percepção da minha verdadeira identidade como o "Eu". Como Filho de Deus, sou livre, e não mais vivo sob a lei da limitação, mas sob a Graça.

Como seres humanos, estamos no túmulo onde o Cristo permanece sepultado, e tudo o que o mundo vê é esse cadáver vivente no qual estamos sepultados. Dentro de nós, nessa tumba da humanidade, está o Cristo, e em certos momentos de nossa vida, que podem nos acontecer mesmo neste momento, uma experiência acontece, e então, poucas horas depois, olhamos no espelho e descobrimos que nossos olhos foram abertos:

Tenho sido limitado por um corpo finito e por uma conta bancária, circunscrito por suas dimensões. Mesmo minha fortuna era um túmulo no qual eu fui enterrado, mas agora Eu não estou mais lá, fui ressuscitado. Não mais estou enterrado no túmulo do corpo, nem estou sujeito às suas limitações.

Esta forma agora é um veículo para mim, assim como meu automóvel. E este dinheiro - isso também é uma ferramenta, um instrumento, um meio de troca, algo que me foi dado para usar.

Não mais estou no túmulo de minhas crenças: Eu ressuscitei. Não estou mais enterrado num corpo e nem num talão de cheques. Agora estou fora de tudo isso; essas coisas estão a meu serviço, ferramentas dadas a mim para o dia a dia.

Não tema andar sobre as águas do Espírito. Lembre-se que você pode até falhar, mas não há desgraça em falhar. A única desgraça é não tentar. Todo mundo tropeça um pouco ao avançar. Até mesmo Jesus Cristo esteve sujeito a tentações, até o último momento. Não se envergonhe porque tentações lhe assaltam. Tem que ser assim, que você tropece e caia, pois estamos sujeitos às tentações, porque cada uma delas nos fortalece em nosso caminho, até que cheguemos ao Monte da Transfiguração, até "morrermos" e renascermos no Espírito, e assim também nossos discípulos, que se elevarão o suficiente para nos contemplar como realmente somos, em nossa pura perfeição espiritual, e mesmo na perfeição no corpo.

Pela Graça, alcançamos um ponto de transição, e então nossos amigos e parentes dizem "você mudou... Alguma coisa maravilhosa aconteceu em sua vida".

UM INTERVALO NA ETERNIDADE

A vida é freqüentemente representada por um círculo que simboliza a eternidade, sem começo e sem fim. Se visualizamos a vida desse modo, e percebemos que nosso presente período de vida está confinado a um segmento desse círculo, e que todos os outros segmentos desse círculo ainda estão por ser englobados, podemos ver que dentro do confinamento desse círculo há o passado, tanto quanto o futuro.

Um místico descreveu a vida como "um parêntese na eternidade". Esta vida! Observando a vida objetivamente, e usando o círculo como símbolo de toda a vida, fica óbvio que viemos de um passado entre parênteses no círculo, e quando esses parênteses são removidos - um que marca o nascimento e outro que marca a morte - seguiremos nosso caminho entre outros parênteses, que podemos chamar de futuro.

Isso deveria nos ajudar a entender nossa vida presente na Terra apenas como um intervalo na eternidade. Viemos de algum lugar e estamos indo para algum lugar, e assim por diante... Se isso vai acabar, quem pode saber?

Os antigos diziam que, quando somos aperfeiçoados, isto é, quando vivemos esta vida como Deus vive a vida, nesse grau de pureza, não entraremos nos parênteses novamente: simplesmente deixamos o círculo, para fora, para além, acima de toda a experiência humana.

Ainda que os não iluminados e não iniciados possam reclamar que tudo isso é apenas especulação, eu posso lhe dizer que há aqueles que completaram seu ciclo de vida na Terra, e que, portanto, não teriam que voltar à experiência neste mundo. Mesmo assim, eles reencarnam, em alguns casos voluntariamente e em outros sob instruções de outros mais graduados, que talvez cuidem das influências espirituais por trás deste plano terreno.

Que há um processo evolucionário da vida nesta cena humana, poucos tentariam negar. Que a consciência humana está se expandindo numa espiral ascendente e progressiva, isso podemos ver, pelo fato de que, anos atrás, quando as nações tinham conflitos de interesses, elas raramente sentavam-se para discutir seus problemas, preferindo partir direto para a guerra. Os muitos horrores das guerras do século vinte, porém, forçaram uma evolução da consciência das nações, e elas agora tentam resolver seus problemas sem guerra, ainda que aqui e ali haja um desejo de retornar aos velhos caminhos (hoje, em 2018, esse progresso parece altamente questionável, e a indústria das armas de guerra parece não abrir mão de seus lucros... Mas se considerarmos a visão espiritual do autor, não devemos tomar um quadro imediatista, um momento, só um momento na eternidade, recortado de uma linha de evolução, e não devemos esquecer que tudo na natureza tem um movimento cíclico ou pendular, o que em outros livros o autor chama de "ritmo"... - nota do trad. G. S.). No todo, a tendência se distancia da guerra, talvez por causa da percepção de que a guerra, como ela seria nesta era nuclear, aniquilaria a espécie humana.

Em outras áreas também tem acontecido uma mudança significativa de consciência. Os que puderem retroceder o suficiente na memória lembrarão que as greves da indústria de roupas de Nova York, das minas de carvão na Pensilvânia e na indústria automobilística

em Detroit não foram bem uma novidade, em tempos em que quase viravam uma guerra de tiros. Ainda há um pouco disso hoje em dia, mas com mais e mais intermediação e arbitragem, o que representa uma evolução do nível de consciência. Nas disputas legais, também há um grande esforço de estabelecer leis fora da corte, em vez de forçar praticamente todo caso a recorrer aos tribunais. Uma enorme evolução tem acontecido nos últimos 50 anos, e quão maior será dentro de mil anos! O canibalismo agora está praticamente extinto; as guerras tribais, que resultavam em prisioneiros, homens e mulheres feitos de escravos, foram praticamente varridas.

Os progressos e mudanças que foram acontecendo devem levar-nos a especular como e por que a evolução acontece, na medida em que cada geração eventualmente deixa a cena humana, dando lugar a uma nova que se segue. Será que cada nova geração é melhor do que a de vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou duzentos anos atrás? Eram esses homens e mulheres melhores, ou eles seriam, provavelmente, os mesmos que aprenderam lições em experiências prévias, e estão agora desfrutando delas?

Não é tudo o que aprendemos nesta vida transmitido para a próxima geração? Não levará consigo a próxima geração tudo o que lhe deixamos? Não aceitará sem questionar o progresso material e mecânico das gerações precedentes?

Hoje em dia, não usamos mais candeeiros de óleo, não mais estudamos sob luz de velas, não temos que sair para caçar e pescar para termos o que comer. E por quê? Porque não nascemos no mesmo estágio de desenvolvimento que os nossos ancestrais. Se tivéssemos que começar por onde nossos bisavós começaram, teríamos que passar pelo mesmo processo de vida que eles... Mas não, somos beneficiários de um estágio evolutivo da consciência. Chegamos ao mundo mais civilizados que nossos predecessores, mas isso seria impossível se eles, e nós também, não tivessem nascido a partir de um ponto determinado.

Como alguém pode falhar em reconhecer que há um processo de evolução de consciência em andamento o tempo todo? Isso significa que, mesmo assistindo condições do mal, essas são condições transitórias, temporárias. A próxima geração terá menos delas, a geração seguinte menos, e assim por diante.

Isso não quer dizer que indivíduos de cada geração seguinte escaparão de problemas característicos de seu tempo ou resultantes de catástrofes, como guerras mundiais, desastres econômicos e outras causas que sempre trazem ondas de delinquência juvenil, alcoolismo, drogas e crimes. Com maturidade e a apresentação de um modo de vida melhor e mais elevado, muitos problemas que embaraçam o mundo hoje em dia desaparecerão.

Não é possível que criminosos tenham trazido um pouco de seu comportamento de um estado mais baixo de consciência de uma vida anterior, assim como, ao contrário, uma criança muito nova que nos dá mostras de grande habilidade musical ou natureza religiosa deve ter vivido isso antes, deve ter estado no Caminho, retornou e trouxe com ela um estado desenvolvido de consciência? É possível acreditar que ela poderia ter aprendido todas essas coisas apenas desde o nascimento até os três ou quatro anos de idade? (Wolfgang Amadeus Mozart é um exemplo famoso, e é provavelmente quem o autor tinha em mente - nota do trad. G. S.). A habilidade matemática ou a mente inventiva são desenvolvimentos incorporados, adquiridos em vidas anteriores?

Provavelmente a natureza decretou sabiamente que não traríamos para esta experiência nenhuma memória de dificuldades específicas ou aspectos sórdidos enfrentados, mas prosseguiríamos somente com a consciência alcançada e desenvolvida, seja como ciência, música, literatura, arte ou sabedoria espiritual, e provavelmente sem nem mesmo trazer memórias de formas particulares tomadas.

Se pudéssemos ver esta vida como um parêntese na eternidade, perceberíamos que cada um chega a esse parêntese para avançar além do que ele foi antes, e então deve haver uma continuação nesta experiência, para evoluir para a próxima.

Não podemos negar que, na consciência da maioria das pessoas, há uma relutância natural a deixar a cena humana, uma relutância a fazer a passagem, a transição, como quiserem chamar. Também há uma resistência a aceitar que amigos e parentes deixem esta experiência. No entanto, não deixa de ser estranho não haver qualquer resistência ao nascimento, que segue seu curso para a maioria dos problemas da humanidade. Então, por que deveria haver resistência à morte, que, em muitos casos, é uma libertação de muitos problemas? É verdade que criamos o hábito de estarmos com algumas pessoas e nos tornamos apegados a elas, e quando elas se vão, fica um vazio que nos causa tristeza e dor.

Mas mesmo do ponto de vista do senso comum, a vida seria muito chata e monótona se não tivéssemos nada a fazer senão dormir à noite, acordar pela manhã, e infundavelmente fazer as mesmas coisas que fizemos por 60, 70 ou 80 anos! Tem que haver uma ruptura nisso. O que aconteceria aos homens que hoje se aposentam aos 65, e algumas vezes são muito ativos até os 75, se ficassem para sempre mantendo o mesmo tipo de vida inútil e monótona? Tem que haver uma fuga desse tipo de vida vegetativa.

O começo, portanto, da superação desse pavor da morte é perceber que nosso tempo de vida humana é uma preparação para outra experiência, e deveríamos abençoar aqueles que terminaram seu ciclo e estão prontos para o próximo. Essa superação verdadeira do

pavor da morte nos prepara para uma experiência mais harmoniosa na terra, e decididamente prolonga nossa vida, pois muitas das passagens são desnecessárias e causadas por nos agarrarmos ao sentido material da vida, que freqüentemente trabalha ao contrário e abrevia nossa experiência de vida.

Entender, no entanto, que não podemos ser movidos para fora de nosso ciclo, que somos parte de um destino eterno, e que, conforme fomos movidos para dentro deste parêntese, assim também seremos movidos para fora desse parêntese - mas somente de acordo com a expansão da consciência, e não por sermos empurrados para isso - expandiria nossa consciência e contribuiria para uma experiência humana mais satisfatória.

Quando percebemos que somos parte de um círculo, não mais tememos o que as condições mortais podem nos fazer, porque estamos sob um destino divino, e ninguém, nada, nenhuma condição pode nos tirar deste corpo, enquanto nossa hora não chegar. Nosso tempo não é necessariamente o período humano de anos normalmente aceito: trata-se do tempo necessário para alcançar um desenvolvimento individual da consciência que for possível para cada um de nós neste plano, um desenvolvimento que não pode se expandir mais além sem se transformar em outra experiência.

Em vez de termos pena daqueles que atingiram idade avançada e não funcionam mais vitalmente e ativamente, percebamos que eles também são parte de um ciclo, não julgando pela crença humana da idade de 60 ou 70 anos ou pela crença da deterioração da matéria, e que eles são parte deste ciclo de eternidade. Com esta percepção, uma dessas duas coisas acontece: ou se revitalizam e tiram 10, 20 ou 30 anos de cima de seus ombros ou, se chegaram ao cumprimento de seu tempo, serão liberados em sua realização final. Seja o que for, não serão mais vítimas do medo, do pavor, e nem da solidão daqueles que querem mantê-los aqui por que querem sua companhia.

Do ponto de vista de nosso desenvolvimento espiritual, é importante para nós aprendermos que, quando viemos de algum lugar desconhecido, trazemos conosco um determinado estado de consciência, e enquanto estamos aqui, estamos expandindo essa consciência. O período em que vivemos na terra é como uma escola: se atravessarmos a vida perdendo nosso tempo, sem avaliar as oportunidades que se apresentam para o desenvolvimento espiritual, quando deixarmos este plano, teremos que retornar e passar pela mesma experiência novamente, justamente como crianças repetentes que não aprenderam a lição do ano. Se saímos de um ciclo baixo, entramos noutro ciclo baixo, e isso continuará, de novo, de novo e de novo, até que todo joelho se dobre a Deus, à vida espiritual. Assim, se tivermos que voltar mil vezes - passando por essa experiência em um parêntese mil vezes ou mais - é porque nós mesmos determinamos isso para nós.

É uma coisa dura de se dizer, mais dura ainda para aqueles que têm medo de encarar a si mesmos, que relutam em admitir que atraíram os problemas para si mesmos. "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção" (Gálatas 6:7-8) - não somente neste mundo, mas nos mundos por vir.

Conforme visualizamos o círculo e nos movemos em torno dele, torna-se visível que tudo o que fazemos num ponto do círculo determina o que e quem somos no próximo ponto do círculo. Tanto podemos permanecer como um ser mortal e material, repetindo o mesmo tipo de experiência, o mesmo carma uma vez, mais outra e mais outra, quanto podemos expandir nossa consciência, e a cada avanço nos tornarmos maiores, melhores, mais conscientes espiritualmente, e com maior domínio.

Como semeamos nesta vida, assim colheremos na próxima. Muitas pessoas pensam que a doutrina do carma e reencarnação vem primariamente do Oriente, e de fato é verdade que é esta sua origem e ela foi aceita e reconhecida por místicos, poetas e filósofos do mundo inteiro, que souberam ver sua correção. Muitas dessas pessoas, no entanto, desconhecem o ensinamento cristão do arrependimento, e não entendem que o ensinamento do Cristo, diferente do ensinamento oriental do carma, não condena uma pessoa a esse carma até que ele seja exaurido, mas anula o passado no momento de um arrependimento verdadeiro. Com o reconhecimento do Cristo, com o arrependimento e a conversão, o carma é imediatamente apagado.

A abordagem do "Caminho Infinito" sobre o conceito do carma e reencarnação é, portanto, diferente de outros ensinamentos que abraçam essa doutrina. Os orientais acreditam que cada cisco plantado corresponde a um débito cármico que precisa ser pago nesta vida ou nas seguintes e, independente de qualquer mudança em nossa consciência, devemos pagar até o último centavo, enquanto que o "Caminho Infinito" ensina que, qualquer que seja a extensão do pecado que gerou o carma acumulado, no mesmo segundo do arrependimento, numa respiração, nós nos tornamos puros e brancos como a neve. No momento de real arrependimento, num reconhecimento que traz a percepção de que o pecado não é parte de nós e nem tem o direito de sê-lo, nesse mesmo segundo, o carma é anulado e estamos no círculo espiritual (de fato, minha crítica pessoal ao espiritismo kardecista sempre foi justamente por seguir o modelo tradicional da lei do carma, ignorando - literalmente - a dimensão cristã absoluta do Perdão Divino, que transcende a capacidade humana de compreender e perdoar - nota do trad. G. S.).

Daí em diante, o plantio não só resulta em colheita enquanto ainda estamos aqui, mas ela resulta em maiores e melhores colheitas conforme prosseguimos. Cada fagulha de sabedoria espiritual ou metafísica que alcançamos nesta vida é de grande valor para nós

neste plano, assim como no porvir, pois não podemos separar carma de reencarnação, assim como não podemos separar carma do próximo ano. Nosso próximo ano está sendo construído neste ano. O grau de consciência espiritual que podemos alcançar neste ano será evidenciado na nossa vida exterior do próximo ano. Uma consciência expansiva e evolutiva continuará a operar para sempre - dentro do parêntese e além.

Se há qualquer razão para a vida ou qualquer propósito de viver, então isso tem que ser verdade. Será que milhões de pessoas da Índia, China e Rússia nasceram para não saber nada além do sofrimento e do horror de suas vidas pelos últimos 100 anos? Estarão vivendo apenas o destino do carma que construíram em suas vidas anteriores, ou estão lutando pela liberdade da fome, da exploração e opressão, porque serão, na verdade, os mesmos que voltarão para desfrutar de melhores condições que estão agora ajudando a criar?

São os esforços dos pais para educarem os filhos, mesmo que implique em vida de sacrifícios, em nunca libertarem-se do trabalho árduo e das tarefas domésticas, feitos somente por suas crianças, ou estão eles construindo seu próprio carma? Seus filhos podem até nem se beneficiarem de seus sacrifícios, mas isso não fará diferença, pois ninguém constrói o carma de outra pessoa, nem mesmo seus próprios filhos. Cada um constrói o seu próprio carma, e seja qual for a forma que esta vida presente assuma, mesmo que seja um ciclo completo de sacrifício em cima de sacrifício, esforço em cima de esforço, é para o desenvolvimento de sua própria consciência, e tudo voltará a si mesmo na forma de educação, liberdade e oportunidade - de acordo com o que proporcionou a outros.

Aqui, novamente, temos uma ampla aplicação da verdade de que o pão lançado às águas é o pão que retorna a nós. Algumas pessoas reclamam que atravessaram toda sua vida sem receberem nenhum retorno do pão lançado. Mas não, elas apenas estão ainda dentro deste mesmo parêntese. Este parêntese atual será eventualmente apagado, e então, no próximo parêntese vindo a existir, haverá uma experiência muito mais elevada, que são os frutos da vida anterior.

É verdadeiramente uma forma de ignorância e egoísmo dizer que vivemos pelos nossos filhos ou pelo nosso país. Nós nunca o fizemos, nunca! Estivemos construindo nosso próprio carma, e será impossível semear para o Espírito e não colher a vida eterna, semear a liberdade e não colher a liberdade, semear amor e não colher amor, semear amizade e não colher amizade.

Mesmo que cada amigo sobre a Terra nos traia, isso é apenas dentro deste parêntese. Não há necessidade de sentir-se triste ou desencorajado, portanto, no que se refere aos mais próximos de nós que nunca foram tocados pelo caminho espiritual, porque essa

condição só existe dentro dos limites do parêntese. Cada um é livre enquanto está aqui, e é igualmente livre para achar seu caminho ao não estar mais aqui. Ele não terá perdido sua vida: ele apenas terá perdido um parêntese. Ele ainda terá seu despertar, a fruição e a plenitude, porque, sem dúvida, cada um de nós viveu a mesma vida estúpida que vive a maioria da humanidade - a vida dos que andam mas estão mortos, vida sem alma - e provavelmente a viveu dezenas de vezes.

Assim como, neste caso particular, nós começamos a despertar, também nós damos testemunho daqueles que vivem esta experiência ou passam por ela ainda sem despertar, e podemos olhar para eles com a percepção de que isso realmente não importa. Este é um parêntese, um período de talvez 60, 70 ou 80 anos, mas todos têm a eternidade para despertar, e o farão.

Se não estamos construindo para a eternidade, então de que vale o sacrifício? Por que não viver hoje, se morreremos amanhã? Por que não aproveitamos e desfrutamos enquanto estamos aqui? Não, não podemos fazer isso, porque colheríamos o carma negativo e egoísta, de um ego que não cresce. Se é isso que plantamos, é isso que colheremos.

Muitas pessoas nunca aprenderam sobre plantar e colher o que se plantou, nem sobre o ensinamento de lançar o pão às águas e seu retorno. Essas ideias, em geral, não são ensinadas, pois não são assuntos populares. Poucas pessoas querem encarar a verdade de que estão tecendo agora sua experiência do próximo ano e, mais ainda, que estão forjando, neste momento, sua vida daqui a dez anos. Basta um só passo na imaginação para ver que carma realmente significa o que estamos construindo não para os próximos 10 ou 20 anos, mas para toda a eternidade.

As únicas pessoas que querem encarar isso são aquelas que podem dar as costas ao passado e determinarem-se a plantar para o Espírito, resolvendo dar um basta a essa disputa humana, à ambição, ciúme e medo, a parar de se preocupar se morrerão com 30 ou 130 anos, e querer viver a cada dia como se estivesse construindo o amanhã, e conscientemente perceber que, quando fazem ou pensam algo errado, isso tem que ser desfeito na hora, sem deixar acumular.

É preciso coragem espiritual para encarar o ensinamento contido na Bíblia, porque, quando o verdadeiro sentido é entendido, ele nos leva a viver no agora, a nos arrependermos e passarmos a semear o tipo certo de sementes. Nossa expressão de vida dentro do parêntese não precisa ser limitada a 60, 70 ou 80 anos, e por outro lado, não deveria fazer nenhuma diferença se terminar aos 20 ou 40 anos, porque não é o número de anos que nos desenvolve, mas sim a intensidade da experiência é que expande a consciência. Pode haver aqueles que completam este ciclo na terra em 30, 40

ou 50 anos, e pode haver outros que partirão com 70, 80, 90 ou 100 anos; mas cedo ou tarde, o tempo de vida pode se completar com saúde, se ele é cumprido com o entendimento da vida como expansão da consciência, e não como tempo finito.

É possível e altamente desejável alcançar um nível de reconhecimento de que nosso atual estado de consciência engloba o progresso espiritual de toda experiência de vida que tivemos, desde o princípio - não que tenha havido um princípio do círculo ou do que chamamos de coexistência com Deus. Toda vez que meditamos, podemos perceber que nossa consciência abarca o desfrutar de nosso desenvolvimento espiritual desde um milhão de anos. Engloba cada centelha de nosso desenvolvimento espiritual e conquistas que viemos alcançando através dos tempos, e que está presente aqui e agora como o grau de maturidade que conquistamos. Se estivéssemos num nível pleno de maturidade, não mais encarnaríamos, exceto por trabalhos voluntários ou sob ordens de uma missão específica.

Em cada parêntese dentro do círculo, atraímos para nós mesmos a atmosfera e o ambiente mais adequados ao nosso desenvolvimento: os pais, em particular, que podem nos dar as lições que precisamos, sejam duras ou gentis, e as companhias necessárias para o nosso desenvolvimento. Se olhar nossa vida para trás, agora, muitos de nós reconhecerão que não chegaríamos onde chegamos, a não ser por certas experiências que passamos, mesmo aquelas que poderíamos ter evitado. Mas tenhamos a coragem de admitir ou não, - e de encarar a nós mesmos - a verdade é que atraímos para nós mesmos o nosso próprio estado de consciência, e assim também, quando entramos no Caminho, somos atraídos por uma atmosfera e companhia espirituais, que nada tem a ver com raízes raciais, nacionais, geográficas ou religiosas.

Avancemos mais um passo para perceber que, ao passarmos desta experiência e deixarmos este plano de consciência, seremos atraídos pela atmosfera verdadeiramente necessária para aprender as lições que são importantes para o nosso desenvolvimento, seja intelectual, emocional ou espiritual. Se estamos no caminho espiritual, não somos então atraídos para servir, junto com aqueles de nossa filiação espiritual? Mas isso não inclui marido ou esposa, pai, mãe ou irmãos, porque eles não são parte de nossa vida. Enquanto estivermos neste plano terreno, não vamos renegar marido, esposa ou parentes. Nós temos obrigações humanas com eles, as quais devemos cumprir, mas apesar disso, seguimos o Mestre: "quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?", reconhecendo nossas companhias no caminho espiritual como mãe e irmãos.

Há pessoas muito preocupadas, com medo de não se juntarem novamente a seus entes queridos. Eles vão estar juntos, se esse for o seu estado de consciência; e se isso representa o céu para eles, então será o céu, embora seja, na realidade, o inferno. Mas para elas será o paraíso estarem atadas. No momento em que somos espiritualmente

dotados, no entanto, e alcançamos o sentido correto de quem nossa mãe ou irmão realmente são, então nos encontramos comungando com aqueles de nossa filiação espiritual. Realizamo-nos espiritualmente entre as luzes espirituais que vieram antes de nós, e somos atraídos para o alto e mais alto, e então não precisamos nos preencher humanamente, mesmo se retornamos à terra.

Quanto mais elevado for nosso desenvolvimento espiritual aqui, mais elevado será lá, e mais rápido atingiremos as alturas espirituais, porque, então, estaremos livres dos laços do medo, da ambição, luxúria, inveja e ódio. Então, nosso desenvolvimento será cada vez mais progressivo, após sermos atraídos para uma atmosfera espiritual, assim como será aqui por atrairmos uns aos outros. Se cada um tentasse trabalhar sua salvação espiritual sozinho, não haveria tanto progresso quanto numa atmosfera de união. Quando deixamos este plano e somos atraídos por aqueles que atingiram a sabedoria espiritual, nosso desenvolvimento continua. Então, mesmo se reencarnarmos na terra, estaremos nos realizando numa esfera mais próxima de nossa condição espiritual. Aqueles que não avançaram tanto espiritualmente realizarão a si mesmos culturalmente, na educação ou nas artes: mas se atingiram um bom nível espiritual, haverá uma função espiritual por ser conduzida, mesmo antes de nascerem, porque há influências operando nos bastidores que animam aqueles que estão no caminho espiritual aqui.

Ninguém que esteja em posição de liderança numa atividade espiritual aqui depende apenas de seu próprio estado de consciência. Ele atraiu para si uma atmosfera, apoio e orientação espiritual, porque no nível espiritual não há barreiras como o céu e a terra, aqui ou acolá, porque Tudo É Um. Desde que estejamos sintonizados espiritualmente em alguma medida, estamos na consciência de todos aqueles também sintonizados, estejam lá ou aqui. Em outras palavras, estamos entre a mesma filiação de Deus.

Essa filiação de Deus é composta não somente de vivos na terra, mas também daqueles que fizeram a passagem: a família de Deus abraça o universo. A filiação de Deus está presente em nossa consciência, e nós estamos presentes na consciência da filiação de Deus.

Aqueles que amam a Deus são trazidos numa mesma filiação, uma mesma família, companhia, compartilhando uns com os outros. E assim como compartilhamos com aqueles que chegam à Luz, também alguém com consciência mais elevada compartilha conosco.

REALIDADE E ILUSÃO

Reconhecer que vivemos em dois mundos, o mundo criado pelos cinco sentidos e o mundo da Consciência, é nos aproximarmos cada vez mais da iluminação.

No primeiro capítulo do Genesis, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, sem a ajuda de ninguém. Esse nascimento do Puro Espírito, essa imaculada concepção, é Deus manifestando e expressando a Si Mesmo e Suas qualidades, a Consciência revelando a Si Mesma como forma.

Essa é a criação espiritual pura e sem adulteração da imaculada concepção do homem e do universo, por Deus, a Vida Infinita que expressa a Si Mesma individualmente, sem formas materiais, processos ou sistemas. No segundo capítulo do Genesis, Deus não apenas cria, mas cria também equivocadamente, e por causa de seus erros, tem que fazê-lo outra e outra vez. Primeiro Ele fez o homem do barro da terra, então trouxe a mulher da costela do homem, e finalmente decidiu trazer o homem e a mulher juntos, com o propósito da criação. É razoável supor que a Inteligência Infinita deste universo precisou mesmo de duas tentativas de criação? Esse homem da terra, o “homem natural” que não está sob a Lei de Deus e nem sequer pode estar, não é um homem de fato: é uma criação mítica da mente, dos cinco sentidos.

Para ficar claro como a mente cria, examinemos como ela criou um Deus feito pelo homem. Feche seus olhos por um momento e mantenha a palavra Deus em sua consciência. Você acredita que isso é Deus ou isso é uma projeção da consciência? Tem esse Deus qualquer poder? Isso é realmente como uma Presença, ou é justamente uma imagem autocriada por seu próprio pensar?

Avancemos na intenção de decidir o que é Deus. Uma resposta vem instantaneamente para o nosso pensamento, mas essa resposta não é verdadeira, e a resposta não é Deus, porque ela é uma projeção que vem de fora. Se a pessoa é cristã ortodoxa, imediatamente pensa em Jesus Cristo. Se seu contexto é judeu, ela provavelmente pensa em um querido, gentil e velho homem barbado sobre uma nuvem, olhando para baixo e deliberando sobre quem ele vai punir ou recompensar em seguida. Se a pessoa é metafísica, deve pensar que Deus é a Mente, o Princípio ou a Lei.

Mas a despeito do que vem à nossa mente para essa questão, não fica claro que isso é uma imagem projetada em nosso pensamento, geralmente por uma pessoa reconhecida por nós como autoridade? Talvez as palavras mais verdadeiras sobre Deus sejam: “se você pode nomeá-lo, então Ele não é isso”. Se podemos pensar Deus, isso não pode ser Ele, pois como é possível abarcar o Deus Infinito em nossos processos mentais? Quanto mais rezamos para esse Deus que temos em nossa mente, mais improdutivos nos tornamos. Tudo o que temos é uma projeção de Deus feita pelo homem, uma imagem no pensamento. Não podemos rezar para isso – ou até podemos, mas sabemos que tipo de resposta teremos.

Agora, entremos mais profundamente neste assunto. Suponha que você pergunte a si mesmo: quem sou eu? O que sou eu? Com que me pareço? Suas respostas serão corretas? Você e seu melhor amigo dirão uma coisa, e alguém que não gosta de você dirá outra coisa, não é assim? Será possível chegar a um acordo sobre que tipo de pessoa você é? Qualquer que seja a opinião que tenham a seu respeito, apenas projetam seus próprios pensamentos sobre você, segundos seus próprios preconceitos ou opiniões baseadas no que foi dito por alguém. Eles não conhecem o real “você”: eles se prendem a crenças e conceitos, muitos deles bons, mas todos eles sujeitos a mudarem amanhã.

Os mesmos que prometeram lealdade ao Mestre foram os mesmos que fugiram enquanto ele era crucificado. Alguns dos que sentaram-se aos seus pés, adorando-o enquanto ele curava seus males, estavam entre aqueles que gritaram “crucifique-o, crucifique-o”. Eles nunca o conheceram. Eles tinham uma imagem em sua mente, em seu pensamento, mas isso nunca revelou o Mestre na plenitude de sua Identidade Espiritual.

Se quiséssemos realmente conhecer alguém, teríamos que descartar tudo o que acreditamos, tudo o que ouvimos, todas as opiniões sobre ele. Primeiro seria preciso reconhecer que tudo o que conhecemos sobre ele não passa de um conceito cristalizado em nossa mente. Ora, para conhecer uma pessoa, temos que esvaziar nossa mente de todo conceito, crenças e teorias sobre ela, e treinarmo-nos para calar toda e qualquer opinião que ouvimos ou formamos, somente como resultado de alguma experiência pessoal que nos agradou ou não. Se pudéssemos apagar de nosso pensamento tudo o que lemos e ouvimos sobre uma pessoa – tudo, inclusive toda opinião formada por nós mesmos – e dizer “Pai, afasta tudo isso de mim, quero começar tudo de novo; mostra-me essa pessoa como ela é, seu nome e sua natureza. Revela-a para mim”, descobriríamos que, voltando-nos para dentro com ouvidos de ouvir, a Verdade nos seria revelada. Desse modo, nós a conheceríamos corretamente. O “Eu” dela nasceria imaculado em nós.

Você está começando a ver o quanto aceitamos sobre Deus e sobre uns aos outros sem qualquer conhecimento verdadeiro? Aqueles entre nossos amigos e parentes que gostamos nos agradam de algum modo, mas quando não, aí então não gostamos mais deles, o que prova que os aceitamos não pelo que são, mas pelo conceito que temos deles.

Isso também não é verdade com políticos? Um presidente é um herói para um e um demônio para outro. Outro presidente é o inverso, e o país nunca teve um que não fosse tanto demônio quanto herói, dependendo de quem buscamos por informação. E poderia

ser alguém herói e demônio ao mesmo tempo? Não, essas opiniões não são a verdade sobre o homem: elas são conceitos sobre ele, formados pelos cinco sentidos.

O mundo que vemos, ouvimos, provamos, tocamos ou cheiramos é o mundo que o Mestre venceu, mas não é um mundo real: é um mundo formado pelas nossas impressões dos sentidos, pelo que gostamos ou não no momento. E assim é o mundo do segundo capítulo do Genesis, o mundo do homem criado do barro, da mulher criada da costela e da criança que nasce da união do homem e da mulher – isso não é um mundo, é um sonho. É um mundo de impressões dos sentidos, crenças e teorias que existem apenas como conceitos mentais, assim como nosso Deus feito pelo homem existe apenas como conceito mental, e não como Deus Ele Mesmo.

Esse mundo de impressões dos sentidos não está sob a lei de Deus. Todos os tipos de ideias fantasiosas podem girar em nossa mente, imagens fantásticas, mas não estão sob a lei de Deus, não são expressão da Inteligência Divina. Nós podemos ter opiniões sobre Deus, opiniões sobre o homem, e opiniões uns sobre os outros, mas elas não são verdadeiras, elas não vêm de Deus. O mundo que podemos ver, ouvir, provar, tocar ou cheirar não está sob a lei de Deus, ainda que esse mesmo mundo que vivemos esteja sob a Graça de Deus, mas somente quando enxergamos a Realidade através das aparências.

Neste mundo criado pelos sentidos, esse mundo irreal de imagens mentais, somos enganados pelas aparências, porque “neste mundo”, diferente do “Meu Reino”, somos confrontados com pares de opostos. Tudo tem seu oposto: acima e abaixo, saúde e doença, vida e morte, fortuna e pobreza, bem e mal, pureza e pecado, branco e preto, ganho e perda.

Não há nada no mundo dos sentidos que não tenha seu oposto, e se analisarmos a experiência humana, veremos que, na vida, há sempre um esforço contínuo para transformar um oposto no outro. Estamos sempre tentando transformar doença em saúde, mal em bem, sabendo que, mesmo que consigamos, amanhã tudo pode mudar outra vez, continuando a mesma ciranda. A razão é clara: não há lei de Deus na atividade humana. Se tivesse, o bem seria mantido e sustentado. Mas no Reino de Deus, onde a lei de Deus opera, não somente não temos esses pares contrários, mas sequer temos uma das polaridades. Não temos vida e nem temos morte; nem saúde e nem enfermidade; nem riqueza e nem pobreza; nem bem e nem mal. Nada dessas coisas existe no Reino de Deus.

O Reino de Deus é um universo espiritual, e não tem qualidades ou quantidades. O Reino de Deus é o reino do Ser, mas esse Ser é o Ser Divino – não o ser bom, porque o bom tem seu contrário, que é o mal; não o ser vivo, porque a vida tem seu oposto, a

morte; mas Ser, sem graus, quantidades ou qualidades. “As trevas e a luz são o mesmo para Ti”.

Agora, feche seus olhos e, olhando para a escuridão, se você vê algo bom, isso parece bom ou desejável somente por ser uma imagem em seu pensamento, e o que tem de bom é baseado em seu conceito do bem. Alguém mais pode olhar para a mesma coisa e achá-la sem valor, porque nada é, em si, bom ou mal, mas isso é resultado do pensar: é o conceito que a pessoa tem disso que o faz bom ou ruim.

Nesse mundo dos sentidos, há o bem e o mal, e há o foco de atenção na mudança do mal para o bem. No “Meu Reino”, o reino espiritual, ignoramos as aparências e buscamos perceber a verdade espiritual para realizar a Graça de Deus, a Presença de Deus e o Poder de Deus. No momento em que sentimos uma Unidade Consciente com Deus, as aparências mudam. Para nosso senso humano, a aparência do mal agora tem uma boa aparência, a aparência de privação tem uma aparência abundante, a do doente tem a do saudável, e muitas vezes até mesmo a aparência de morte tem aparência de vida. Mas não somos enganados pela aparência mutável; sabemos que, na busca pelo Reino de Deus interior, apenas contemplamos a Realidade que se mostra, a Graça de Deus que se revela. Chegamos face a face com Deus, nós o vemos como Ele é, e ficamos satisfeitos com a nossa semelhança. Entender a natureza ilusória do mundo finito é alcançar o cerne de todo o ensinamento místico, mas se isso é mal compreendido, pode tornar-se um estorvo para o progresso, assim como acontece na Índia, que tem uma das mais nobres heranças espirituais entre as nações da terra.

Talvez o maior de todos os visionários indianos tenha sido Gautama, o Buda, cuja revelação da Verdade Absoluta foi tão profunda que podemos até considerar outras revelações de mesmo nível, mas nenhuma que tenha ultrapassado esta. Gautama teve a realização plena do Ser Uno, o “Eu” que constitui toda a Consciência do universo, e percebeu que o mundo de aparências é “maya”, a ilusão. Sua mensagem espalhou-se como fogo por toda a Índia, mas seu ensinamento sobre maya foi mal interpretado. A crença de que o mundo é uma ilusão levou a uma atitude do tipo “não fazer nada”, uma aceitação passiva das condições do mal no mundo. Seus seguidores falharam em ver que não é o mundo que é ilusório. O mundo é real: a ilusão está na percepção errada do universo eterno, divino e espiritual que é o único universo que existe, aqui e agora.

No entanto, por causa de um sentido ilusório do universo, a cena mortal aparece como mortalidade com todos os seus erros, quando na verdade é um universo divino. Este mundo é o mundo de Deus; é o templo do Deus Vivo; mas quando o vemos com olhos e ouvidos limitados, o que vemos é uma imagem ilusória da realidade que lá está. A ilusão está na mente que enxerga e entende o mundo de um modo falso: a ilusão nunca está

fora, no mundo, a ilusão não pode ser externalizada. A ilusão é um estado enganoso do pensamento, e ela só pode ocorrer dentro da mente de uma pessoa, e não fora.

Com nossa vista humana, vemos um mundo constantemente em mudança: um mundo feito de gente jovem, madura e velha, do doente e do são, pobre e rico, feliz e infeliz. Tudo isso é um quadro ilusório na mente humana, mas porque há uma só mente humana, é um quadro ilusório na sua mente e na minha também. Tal mundo não tem existência externalizada.

Somos conscientes do mundo através dos nossos sentidos, mas o que os sentidos captam é ilusão, não uma ilusão fora da mente, mas dentro dela. Para se entender e alcançar esta ideia é preciso também ser capaz de compreender que essa ilusão não pode ser corrigida exteriormente. É por isso que tantas preces falham. Pela prece, as pessoas tentam melhorar a ilusão, a qual – se elas forem bem sucedidas – continuará sendo uma ilusão, apenas passando a ser uma boa ilusão, ao invés de uma ruim.

Deus não está neste mundo, ao contrário do que diz a doutrina do panteísmo, que ensina que este mundo é uma manifestação de Deus, que Deus transforma a Si Mesmo no mundo, de tal modo que Deus e o mundo são da mesma substância, embora a forma seja diferente. Se isso fosse verdade e o mundo fosse realmente uma manifestação de Deus e feito da substância de Deus, então ele seria eterno e, portanto, não haveria processos de mudança em curso: não haveria envelhecimento, nem morte, nem degeneração, seja de objetos animados ou inanimados. Não haveria estações do ano, se o mundo fosse da substância de Deus, porque então ele seria da substância da eternidade, e seria imutável. Deus não muda: é o mesmo ontem, hoje e para sempre; Deus é a eternidade; e se esse mundo fosse feito da substância de Deus, ele seria tão imortal e eterno quanto Deus, mas ele não é. Ele muda a cada momento, morrendo a cada minuto e a cada dia.

A suposição errônea no panteísmo e em muito da metafísica moderna é que o homem é espiritual, que seu corpo é espiritual, que árvores e flores são espirituais. Isso é verdade quando se fala da realidade disso tudo, mas não é verdade sobre a manifestação física, como aparece para nós através dos sentidos. Se o mundo fosse espiritual, poderíamos comer nossa comida que nunca se esgotaria, teríamos carros que nunca se desgastariam e teríamos árvores que cresceriam para sempre. Mas a substância das formas que contemplamos não são da substância que é Deus, e uma vez que percebemos isso, devemos perceber o verdadeiro significado da palavra “ilusão”, que é aquilo que percebemos do que contemplamos. Não é que haja uma ilusão exterior: é somente que o que vemos não é a substância real do que é feito: é a substância da mente, a substância da mente universal.

O teísmo, por sua vez, vai ao extremo oposto. O teísmo concebe Deus e o mundo como duas substâncias distintas, cada um tendo sua existência independente como criação de Deus, e ainda assim não feitas da mesma substância que é Deus. Quão impossível seria para Deus, o Princípio Criativo, criar qualquer coisa diferente de Si Mesmo, qualquer coisa diferente em caráter e natureza de Si Mesmo, qualquer outra coisa que não a Consciência. Se a Consciência é infinita, não há outra substância além da Consciência, e o mundo da criação de Deus tem que ser, portanto, formado de Consciência.

A próxima questão é: o que é, então, o universo físico? A resposta está na afirmação do Mestre "meu Reino não é deste mundo". "Este mundo" é o mundo do sonho adâmico, é o mundo da concepção mortal, é o mundo da projeção mental. Ao reconhecermos isso e fecharmos os olhos, percebendo o "Eu" no meio de nós, este corpo perde o senso de mortalidade; até mesmo o universo material perde seu sentido mortal e torna-se o que o mundo de Deus realmente é: harmonioso e perfeito.

A verdade é que Deus é Espírito, Consciência; portanto, tudo o que realmente existe é formado por Deus, Deus em manifestação. O mundo que reconhecemos pelos cinco sentidos, no entanto, não é o mundo da criação de Deus. Nós não vemos o Reino de Deus: vemos apenas o conceito humano, limitado e finito, ou imagem mental, somente o conceito físico do universo espiritual. Eis porque ele é mutável e está se transformando, algumas vezes para bem, outras para mal, às vezes saudável, outras doente, vivo ou morto, todas essas condições existindo apenas como conceitos, e não como realidade. É preciso discernimento espiritual para conhecer as coisas de Deus.

Não se pode ver o mundo visível e chamá-lo de espiritual, mas, por outro lado, também não podemos chamá-lo de criação separada de Deus. É melhor seguir o "Caminho do Meio", que nos leva ao nosso centro espiritual interior, onde somos o Cristo de Deus, e onde podemos ver que somos Um com o Pai.

Algumas das pessoas que vemos nas ruas, na televisão ou mesmo em torno de nós certamente não parecem ser "Um com o Pai" e, com certeza, muitos devem se perguntar como pode ser isso. Claro, não sabemos como isso pode ser, porque uma pessoa que é Um com Deus, deve parecer e agir diferente.

Chamar um ser humano de Cristo é uma indicação de que fomos dotados com a visão interior e somos capazes de ver a pessoa como ela realmente é, ou então estaremos mentindo para ela e para nós mesmos. Nenhum humano pode olhar para a fisicalidade e, com sua mentalidade, detectar qualquer coisa como semelhança de Cristo. Tudo o que a mente humana pode conhecer é um corpo físico, e com ele, provavelmente, a personalidade, uma personalidade a qual podemos gostar ou não, ou que podemos gostar hoje, mas não amanhã. Somente o discernimento interior, a luz interior, somente

uma visão interior, que contempla algo que os olhos não podem ver e nem os ouvidos escutar, pode discernir o Cristo em qualquer pessoa.

Ir a uma prisão, olhar para a variedade de homens e mulheres presos e dizer "você é espiritual, você é o Cristo" seria bastante ridículo, mas se fôssemos lá revestidos de Espírito, o Cristo é o que veríamos. Não cometeríamos o engano, no entanto, de anunciar essa afirmação a eles e nem a ninguém em questão.

Quando o Mestre perguntou "tendo olhos, não vedes? E tendo ouvidos, não ouvis?", ele referia-se a uma visão e audição interiores, que nós chamamos de discernimento espiritual ou Consciência do Cristo. Somente o Cristo pode reconhecer o Cristo, e quando compreendermos isso, nunca mais olharemos para uma forma humana e diremos: "como você está bem! Você está saudável! Você é jovem! Você é espiritual!" Nós nunca mais faríamos isso se pudéssemos ver o Cristo de Deus através das aparências, o Cristo sempre presente, ainda que não aparente à vista humana; seríamos capazes de anular o mesmerismo que olha para o corpo com a mente e acredita na evidência dos sentidos; e quebrando o mesmerismo, seríamos capazes de ver a natureza espiritual até mesmo de uma pessoa agonizante ou pecadora, através de nosso discernimento interior.

Esta é a diferença entre o "Caminho Infinito" e ensinos como o panteísmo ou o teísmo, e ela torna possível que o trabalho de cura faça parte desse ensinamento. Em nosso trabalho espiritual, não estamos nos iludindo com a ideia de que perdemos essa fisicalidade junto com os pecados e as doenças, que a morte é espiritual ou que tentamos espiritualizar isso e tornar tudo perfeito: não, nós olhamos com o discernimento interior através das aparências, e então contemplamos o invisível, a criança espiritual de Deus, que nunca nasceu e nunca morrerá, eterna, aqui mesmo na terra.

Milagres são possíveis para a pessoa que não tenta curar e que compreende que é apenas um instrumento de Deus, que Deus constitui seu ser individual, e que qualquer aparência ao contrário disso é ilusória, uma imagem na mente sem substância, causa ou lei espirituais, sem entidade ou identidade espiritual, ou seja, "maya", a ilusão.

No caminho espiritual, não tentamos mudar o mundo exterior; não tentamos mudar nossos amigos e parentes - seus temperamentos, disposições ou sua saúde - mas reconhecemos a verdadeira Onipresença, Onisciência e Onipotência do Deus interior em nosso próprio Ser, que torna impossível o pecado, a doença, morte, privação e limitação como realidades externalizadas. Essas coisas só podem existir no sonho mortal, que consiste na crença em dois poderes. Quando se desiste dessa crença em dois poderes, o sonho se desvanece.

Vivendo na consciência da quarta dimensão, não buscamos nada nesse sonho. Para buscar suprimento, companhia, lar ou emprego, não buscamos melhorar o sonho ou melhorar a ilusão, porque geralmente buscamos nosso próprio conceito do bem e, depois de alcançá-lo, constatamos que não era bem o que queríamos. Por isso, não buscamos nada deste mundo: buscamos apenas a realização de nossa Unidade com Deus.

Qualquer coisa que venha a se expressar deve vir de um profundo interior, ainda que aparentemente venha por meios externos. Quando vemos os frutos nas árvores, estamos vendo os frutos de uma vida invisível, de uma atividade invisível, um desdobramento invisível que se torna visível. Conforme levamos uma vida espiritual, sem procurar por qualquer pessoa ou coisa no plano exterior, mas vivendo em contínua união com o fluxo da vida, nossa experiência se desdobrará, assim como os frutos aparecem nas árvores como uma exteriorização da Graça interior.

Quando a iluminação é alcançada, a cena temporal é reconhecida como o que ela realmente é: ilusão, ou maya. Então podemos nos defrontar com pessoas más, condições maléficas, mas não lutaremos contra elas e nem tentaremos convencer que Deus faça algo contra elas: nós simplesmente relaxaremos, sabendo que tudo isso é ilusão ou hipnotismo dos cinco sentidos. Quando despertamos de contemplar esse sonho mortal como se fosse realidade, passamos a ver uns aos outros como realmente somos, e então amaremos ao próximo como a nós mesmos, porque descobriremos que nosso próximo é o nosso próprio Ser.

Tudo isso é evidente para nós não através do conhecimento, nem porque aprendemos um pouco mais da verdade, mas porque desenvolvemos uma profunda e interior consciência espiritual, e agora somos capazes de perceber o Cristo. O objetivo do "Caminho Infinito" é desenvolver Consciência Espiritual, e não priorizar a produção de saúde e fortuna. Essas são as coisas acrescentadas, e aqueles que trazem até mesmo um grão de percepção espiritual mostram saúde, prosperidade e felicidade, e assim vivem vidas mais úteis. Mas esse não é o objetivo! A meta é alcançar a visão espiritual, de tal modo que possamos contemplar o universo de Deus, comungando com Ele, falando e andando com Ele, vivendo com Ele e aprendendo a vivermos uns com os outros, mas não humanamente, porque nossas mais felizes companhias têm muito mais valor quando alcançamos alguma medida de amizade espiritual.

A amizade espiritual é estabelecida não porque estudamos os mesmos livros, freqüentamos a mesma igreja, nem por fidelidade à mesma bandeira. Nenhuma dessas coisas garante um companheirismo harmonioso. Somente unidos por laços espirituais, atingindo algum grau de luz espiritual, encontramos amizade com pessoas de qualquer país ou de qualquer credo religioso. Não há barreiras, uma vez que percebemos a natureza do verdadeiro Ser. O Ser não tem nacionalidade, raça ou religião. A realidade

do nosso Ser é Deus; a natureza do nosso Ser é o Cristo; e quando somos capazes de discernir este Ser, por conta de uma visão espiritual, temos uma relação eterna, seja na Terra ou para sempre, no que se seguir.

Olhando a vida por olhos materialistas, teríamos que admitir que Deus nunca venceu e nunca vencerá o mal, mas se olhamos a vida pelo discernimento espiritual, convencemo-nos de que Deus é infinito, e que nunca houve um poder do mal, um poder negativo ou mortal. Essa visão elevada cura doenças, transforma o pecado em pureza, a loucura em lucidez, a morte em vida.

Alcançar alguma medida de visão espiritual já é suficiente. É uma Consciência que revela que Deus é Espírito, que tudo que realmente "é" tem que ser espiritual. Nunca haverá confirmação disso através dos olhos, porque o Espírito não pode ser visto pelos olhos. Os olhos devem fechar-se para os objetos dos sentidos, assim podemos contemplar interiormente a criação de Deus.

O desenvolvimento da Consciência Espiritual é a maior realização que pode haver. Somente no grau dessa Consciência alcançada somos capazes de ver as formas espirituais da criação de Deus. Isso não tem nada a ver com o desenvolvimento da mente ou poderes intelectuais; não é conseguir uma sensação de saber mais do sabíamos antes: é muito mais uma questão de alcançar maior profundidade de nossa Consciência Interior, uma consciência que se expressa nem tanto em palavras, mas bem mais por sentimentos.

A NATUREZA DO PODER ESPIRITUAL

O desenvolvimento da Consciência Espiritual é possível quando aprendemos que há somente um poder. Se podemos nos elevar em visão espiritual até a apreensão da Verdade Única que Deus é, que Deus é infinito e onipotente e, portanto, ninguém mais é poder, isso é suficiente. Isso é discernimento espiritual.

Para o mundo, há grandes e pequenos poderes, mas aquele que está ancorado na Consciência Espiritual sabe que nenhuma arma levantada contra ele prosperará. Se aceitássemos isso literalmente, como faz o mundo, acreditaríamos que haveria uma arma mortal que poderia prosperar contra nós, a menos que Deus nos salvasse de alguma forma. Para o não iniciado, essa passagem indicaria que "eu tenho um inimigo com uma bomba atômica, e eu sei o que ela pode fazer contra mim, mas afortunadamente Deus diz que nenhuma arma contra mim prosperará, então eu agora estou imune, e essa arma mortal não pode mais me machucar". Mas a arma pode sim matar, quando ela está solta no mundo. E isso porque as pessoas não entendem o real significado de nenhuma arma

ter poder sobre elas. A verdade é que nenhuma arma mortal tem poder, porque a vida é Deus. E Deus nunca fez nada para destruir Sua própria imortalidade e eternidade. Deus é a nossa vida. Nós somos eternos e imortais.

Se você olhar para a vida através de sua mente, estará sujeito a todo tipo de arma mortal: germes, bombas, balas e tantas outras coisas, as quais não podemos prever. Até mesmo um automóvel na estrada pode ser uma arma muito mortal e, sobretudo, o calendário é tão mortal que basta olhar para ele por 70 anos, e então, a qualquer dia, estamos entregues à extinção. Mas a arma mais mortal de todas é a mente humana que acredita em dois poderes e, portanto, aceita a mente por si mesma, na qual o mal é um poder. Nem coletes à prova de balas e nem abrigos anti-nucleares podem nos salvar dessa arma. Somente na compreensão de que somos vida eterna, de que Deus é a nossa vida, de que somos imortais e espirituais, e de que, no Reino de Deus inteiro, não há armas mortais - físicas, mentais ou seja lá o que for - podemos encontrar proteção e segurança.

Com a prática da meditação, chegamos a ver que é literalmente verdade que nenhuma arma tem poder, porque há apenas Um Poder, que é a vida imortal e a verdade divina que já somos. Não há vida para conseguirmos. Não há verdade para conquistarmos. Há somente o reconhecimento da verdade de que nós somos a Verdade, de que somos a Vida Eterna, e a percepção de que a natureza infinita de Deus torna impossível a existência de qualquer arma letal.

Quando isso se torna em Consciência Realizada, podemos enfrentar o tótem, a bala, o leão ou a tempestade: "eu vivi com medo de você, mas a verdade é que você existe somente por conta de uma crença em dois poderes; a única existência que você tem é na mente do homem, e você não pode sair dessa mente para fazer nada a ninguém; tudo o que você pode fazer é destruir aqueles que se agarram à mesma crença em dois poderes". Esses poderes que parecem ser destrutivos de fato o são, mas somente ao indivíduo que insiste na existência "disso", "daquilo" ou de alguma coisa; mas foi ele mesmo quem formou a arma, e tudo que é uma arma é justamente uma crença mantida em nossa mente.

Uma vez que aceitemos o princípio de que Deus jamais fez uma arma letal, nenhuma arma formada contra nós prosperará, e então a bomba explodirá na mãos de quem a segura, pois é a pessoa que acredita em dois poderes, e deve colher os resultados do que plantou.

Essa é a razão pela qual a prática mental errônea ou mal feita, seja ela individual, coletiva ou pela crença universal, não tem qualquer poder, a não ser para o próprio praticante equivocado. Esse praticante iludido aceita dois poderes, e ele é, portanto, a

vítima de sua própria crença. O dano só pode chegar a nós se concordamos com ele, se acreditamos em dois poderes e buscamos abrigo atrás de um muro ou de uma afirmação de verdade; mas se sabemos que somos Vida Eterna, que nada pode destruir a imortalidade da vida ou criar um poder destrutivo contra a Vida de Deus, não somos mais vítimas da crença em dois poderes. O malfeitor acredita em dois poderes, mas conforme ele envia sua crença em dois poderes, isso toca o nosso entendimento do Único Poder, e tudo o que ela pode fazer é voltar como um bumerangue, porque aqueles que aceitam a crença em dois poderes ficam submissos à sua crença.

Se há uma pessoa, nesta época de esclarecimento, que ainda está envolvida com a maldade - tentando destruir a Vida que é Deus ou tentando provar que há outro poder além de Deus - então será uma lição muito objetiva observar o que acontece a ela, quando seus malfeitos atingem uma pessoa que percebeu a verdade de que Deus é a vida individual. Se acreditarmos que há um poder maléfico do qual nosso entendimento de Deus nos protegerá, ou se acreditarmos que "estar em Deus" nos salvará de algum mal, estaremos perdidos: isso significa que aceitamos dois poderes, e de acordo com nossa crença, estamos sujeitos a eles.

O caminho espiritual exige completa pureza, e por pureza, entendemos uma absoluta convicção de que Deus é o Único Poder que existe: não há outros poderes. Onipotência, que significa "Todo o Poder", é espiritual; e se a Onipotência é espiritual, então nem poderes materiais e nem mentais podem ser poder. Perceber isso é não só evitar que o indivíduo, o grupo ou a crença universal atuem em nossa experiência, mas também começar a anulá-los para todo o mundo.

Perceber que nenhuma arma levantada contra nós tem poder desenvolve em nós a mente que estava em Cristo Jesus, que sabe que não há poderes, nem físicos e nem mentais. O único poder que existe é o Poder de Deus, que é espiritual. Somente uma pessoa que tem essa convicção tem alguma medida dessa mente de Cristo, e mesmo em pequena proporção, um grão dessa consciência pode operar maravilhas.

Mesmo depois de Jesus ter revelado a natureza do poder espiritual para seus discípulos, eles ainda foram incapazes de captar totalmente o ensinamento, de modo que pudessem continuar a transmiti-lo em sua extensão plena. E quantos, desde o tempo do Mestre, foram capazes de descobrir esse ensinamento na Bíblia? A razão pela qual poucos o encontraram é porque o ensinamento espiritual é algo que não pode ser alcançado por aqueles que vivem principalmente nos reinos físico e mental. De fato, ninguém jamais aprenderá o segredo do poder espiritual com sua mente. O poder espiritual não é uma faceta da mente. Não há um tanto de conhecimento que se possa alcançar que seja poder espiritual, porque o conhecimento apenas não é capaz de mover montanhas, curar doenças, ressuscitar os mortos ou perdoar o pecador.

O poder espiritual só pode ser trazido em expressão através da consciência em quarta dimensão, um conhecimento superior a esse que a mente humana possui. Não faz diferença qual verdade estudemos, ou qual verdade achemos que conhecemos, não há poder espiritual nela. Não há qualquer verdade conhecida que possa atuar espiritualmente.

Se fôssemos solicitados a dar auxílio espiritual a alguém que precisasse de cura física, estabilidade mental ou regeneração moral, nossa única possibilidade de sucesso ocorreria na mesma proporção em que somos capazes de silenciar-nos, abstando-nos de "usar" um poder espiritual, mas deixando o poder espiritual fluir através de nós. Se tentarmos curar alguém espiritualmente ou tentarmos exercer uma influência espiritual, estaremos levantando uma barreira que impedirá qualquer sucesso.

Fez Jesus qualquer tentativa consciente de curar a mulher que rompeu a multidão e tocou a bainha de seu manto? Ela estava curada, mas ele não poderia ter conscientemente trazido aquela cura, porque ele não sabia que ela estava lá, e se ele a tivesse visto, ele poderia não saber se ela estava doente ou bem. Ele estava lá meramente sendo ele mesmo, permanecendo na consciência de que o Pai dentro de si estava fazendo o trabalho, e deixando o Pai agir do Seu modo e Sua vontade, sem tentar canalizá-lo, ou fazer qualquer tentativa de usar o poder espiritual.

O Poder Espiritual não pode ser usado e, no entanto, pode se manifestar como nossa vida e nosso ser. Nós podemos chegar a uma consciência e compreensão de sua natureza, e assim, esse poder opera como Graça em nossa vida, mas não podemos orar para que isso aconteça para nós. Nós não podemos subornar Deus para fazer qualquer coisa por nós: não podemos prometer sermos bons; nós não podemos ser bons e esperar que Deus faça algo para nós, porque o que Deus está fazendo, Deus está fazendo, e nenhum homem pode influenciar a Deus.

O Poder de Deus não é para ser invocado pelo homem. O Poder de Deus não é alcançado tentando influenciar Deus a nosso favor. O Poder de Deus não é um poder sobre o pecado, doença ou morte, mais do que a luz é um poder sobre as trevas. Deus é o Poder Criativo, de manutenção e sustentação, e Deus nunca fez o pecado, a doença ou a morte. Se Ele tivesse feito isso, eles jamais poderiam ser alterados ou removidos. O que Deus cria é para sempre, e aquilo que Deus não criou, não foi feito. Portanto, nós não precisamos do Poder de Deus para fazer algo que nunca foi feito no princípio e que nunca teve existência, e isso representa apenas nossa ignorância da verdade. Se Deus alguma vez criou uma doença ou uma lei da doença, podemos desistir de toda a esperança de superá-la, pois ninguém nunca vai superar Deus ou as obras de Deus.

Deus é o Todo-Poderoso, e esse Poder opera em nossa consciência na proporção em que conhecemos esta verdade. Quando começarmos a perceber a Divina Onipotência, Onipresença e Omnisciência, não precisaremos de poder, e nós viveremos "não do poder, nem pelo poder, mas pelo meu Espírito". Quando aprendermos a não resistir ao mal, a não combatê-lo, sem tentar fazer com que Deus lute por nós, não teremos que trabalhar por nosso bem: nós o receberemos pela Graça. Nosso reconhecimento efetivo da natureza irreal e ilusória das discórdias deste mundo é que é o poder espiritual. Se Deus é Onipotência, então que poder existe em qualquer condição física, mental, moral ou financeira? Se Deus é Todo-Poder, pode haver um poder em qualquer condição negativa? Toda vez que nos tornamos conscientes de algum poder negativo, material ou mental, devemos perceber a verdade da Onipotência:

O Espírito é o Único Poder; a Lei Espiritual é o Único Poder; a Graça Espiritual é o Único Poder.

Se Deus é Onipresença, então nós devemos ser a própria Presença de Deus. Isso deve significar que não há outra presença, e até mesmo nós, então, não temos presença. Por quê? Porque Deus preenche todo o espaço e não deixa nenhum espaço para nós, exceto na medida em que somos parte dessa Onipresença. Isso elimina essa falsa individualidade, esse egoísmo, e deixa apenas o Ser Divino que somos.

Se somos a Presença de Deus, devemos agir como tal. Nunca viveremos pela Graça até que façamos esse reconhecimento e saibamos a verdade de que somos a Presença de Deus, que cada um de nós é aquele lugar onde Deus brilha, aquele lugar onde Deus está cumprindo-se individualmente. Toda vez que nos tornamos conscientes de uma Presença, seja uma pessoa ou condição, ou qualquer coisa contrária ao que sabemos que Deus é, temos que reconhecer a verdade: Onipresença. Não julgaremos pelas aparências, acreditando no que nossos olhos vêem: nós julgaremos o julgamento justo, Deus é onipresença; portanto,

o Espírito é a Única Presença - lei espiritual, vida espiritual e formação espiritual - ainda que meus olhos possam não ver isso.

Tudo isso permanece no reino da teoria ou crença, até darmos o próximo passo que resolve o mistério do poder espiritual: não temos Deus e nós mesmos. Deus manifesta-se como nós; Deus está encarnado como nós; a Vida de Deus é nossa vida individual, e não temos vida própria. Somente a Vida de Deus torna-se visível como nossa vida. Deus é nossa mente. Nós não temos a mente de Bill, de Mary ou de Joel, nem mente jovem e nem mente velha, nem mente estúpida ou mente inteligente: há apenas uma mente, a mente que é o instrumento de Deus, e essa mente é nossa mente. Sem essa compreensão de uma só mente, há duas coisas; e essa dualidade, esse sentimento de

separação de Deus, é a fonte de todas as discórdias do mundo. Não há separação de Deus.

A verdade é que Deus, a Vida Divina, é a nossa vida. Deus, a Alma Imortal, é a nossa alma. Deus, O Ser Divino, é o nosso ser, e até o nosso corpo é o templo de Deus. Essa é a Verdade que nos torna livres, e não rezar a Deus para fazer alguma coisa não é buscar um poder divino, é saber a Verdade, e esse conhecimento da Verdade é poder espiritual. Isso nos liberta da luta e do esforço contínuo para fazer alguma coisa, de ser alguma coisa, ou conseguir alguma coisa. Isso torna nossa mente livre para descansar, aquietar-se, e saber que somos Um com o Eterno e Infinito Deus Onipotente, Onipresente e Onisciente.

Onisciência - toda a ciência, toda a sabedoria, todo o conhecimento! Como pensar em uma pessoa que tenta dizer a Deus, Onisciência, o que ela precisa? Deus é toda a Sabedoria, e ainda assim, em nossa ignorância, imploramos a Deus: "providencie meu aluguel para a próxima segunda-feira". Se Deus tem senso de humor - e estou certo de que Ele o tem - Ele piscaria, tocaria seu halo, e responderia: "ah, não me diga!"

Quando paramos de pensar em nossos pequenos eus e vivemos em realização consciente da Onipotência, sabemos que não há poder que impeça a Graça de Deus de nos alcançar, porque não há outro poder senão o Poder de Deus. Se vivemos na percepção da Onipotência, não há poder criando pecado, doença, morte, falta ou limitação para nós, nenhum poder atrasando nosso bem, nenhum poder interferindo em nossa vida pela Graça.

Nós estamos orando para um buraco no céu, esperando ele derramar bênçãos, mas como podemos precisar de bênçãos, se a Onipresença é verdadeira? Se Deus é Onipresente, pode haver Deus e mais qualquer outra pessoa ou coisa a ser procurada ou desejada? Se já somos a Presença de Deus, do que mais precisamos? A Presença de Deus é realização, e nós somos essa Presença; portanto, para nós, não há próxima segunda-feira. Onipresença significa que somos Um com o Pai, Agora.

Podemos conhecer a Onipotência, mas ela deve ser selada com o conhecimento da Onipresença. Nós podemos saber que Deus é infinito, todo o poder, todo o bem, toda a vida, toda a sabedoria, mas então temos que concluir com "Eu Sou a Presença disso. Isso constitui meu Ser. Tudo o que eu acabo de declarar sobre Deus é a Verdade sobre mim. Uma vez que já sou a Presença de Deus, eu não tenho que procurar mais poder de Deus do que eu já incorporo".

Intellectualmente, a maioria das pessoas concorda que existe apenas um poder, mas raramente encontramos um indivíduo que acredita no Poder Único o suficiente para

confiar nisso. A obtenção da consciência espiritual ou transcendental traz a convicção dessa Verdade.

Para alcançar essa mente que estava em Cristo Jesus e desenvolver essa Consciência que é a Fonte do Poder Espiritual, é necessário primeiro aceitar o princípio do Único Poder, e depois de tê-lo adotado, aplicá-lo em todas as circunstâncias da vida que se apresentarem a nós, enfrentando todas as situações com um entendimento de que não há outro poder exceto o que é derivado de Deus, porque Deus não pode ser um Espírito Infinito e também um poder material.

"Escolha hoje a quem você servirá": a crença de que existe força e poder materiais ou a Verdade de que o Espírito interior é o Único Poder. Se estamos lendo o jornal ou ouvindo o rádio e ouvimos ameaças de guerra ou desastre, devemos estar alertas dentro de nós mesmos, para percebermos que existe apenas Um Poder, o Poder do Invisível. Nós temos que ser capazes de enfrentar todas as circunstâncias da vida com a mesma resposta que Jesus deu a Pilatos: "tu não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado de cima".

Por que precisaríamos usar qualquer poder se há apenas Um Poder, Deus? Para que o usáramos, em quê ou contra quem? E por que precisaríamos de algum poder para corrigir uma crença em dois poderes? Quando, através da prática, nós nos treinamos para não usarmos mais o poder da mente ou tentar usar o poder do Espírito, estamos na Consciência Espiritual, e temos o segredo do Poder Espiritual.

O Poder Espiritual é o poder que anima a todos, cada um de nós, mas ele só funciona quando paramos de tentar usar Deus. A natureza do Poder Espiritual é Ser, e é ser Poder Espiritual aqui e agora, operando aqui e agora, pois não há nenhum outro poder em funcionamento.

Não podemos esperar que o Espírito de Deus saia e faça para nós coisas de uma natureza temporal: encontrar uma casa, fornecer um automóvel, ou colocar nosso concorrente fora do negócio. O poder espiritual não é poder temporal; não é um poder que está sujeito à nossa solicitação ou à nossa vontade; ele não pune aqueles que nos fazem mal; não é algo que podemos usar; não nos dará o monopólio de todos os dólares, não nos fará ditadores e nem nos ajudará a derrubar os ditadores existentes.

O Cristo é um poder espiritual que revela harmonia, paz, abundância e integridade para nós e transforma nossos negócios. Isso não é feito destruindo alguém ou o que quer que seja. Deus não tem nada a ver com o poder temporal. Deus é Espírito e Ele não remove febres, inimigos, protuberâncias, obstáculos, limitações ou restrições. E quando nós o adoramos em Espírito e em Verdade, descobrimos que tais coisas não existem

realmente. Isso só pode acontecer quando mudarmos a oração a Deus de remover uma febre ou reumatismo para a oração em que Deus se revele a nós como Espírito, em que Deus revele a harmonia divina de Sua natureza espiritual.

Vamos desistir de toda a crença em um Deus de poder temporal - enterrar essa idéia - e vamos ressuscitar do túmulo dentro de nós mesmos, onde está escondida a verdade sobre Deus como Espírito, Vida, Amor e Luz. A luz dissipa a escuridão, mas ao ser dissipada pela luz, a escuridão não vai a lugar algum; não é superada ou destruída. Então, assim também, quando nós percebemos Deus como Espírito, nossos pecados e doenças desaparecem, mas eles não vão a lugar nenhum: eles são dissipados, apenas como ilusões, assim como a luz do conhecimento dissipa a ilusão do horizonte, para aqueles que acreditavam ser esse o limite do mundo.

O ser humano, levado a extremo, quer encontrar um Deus de poder. Tal Deus não pode ser encontrado, porque Deus é "Ser", e quando nós superamos qualquer sentimento de querer ou esperar que Deus seja um poder sobre qualquer pessoa, coisa ou condição, sabendo que não há outro poder, seremos capazes de obedecer ao ensinamento do Mestre de "não resistir ao mal". Por que devemos resistir àquilo que não tem poder?

Não há Deus que tenha que fazer alguma coisa: Deus já está sendo Vida, a Vida de todo ser. Deus já está sendo Amor, amando o santo e o pecador. A ênfase está em: Deus é Vida. A Vida já "é", a Vida Eterna já "é", há apenas uma vida. O Amor já "é". Relaxemos e descansemos no Ser de Deus exatamente onde estamos, desistindo do conceito de Deus como um grande poder, e regozijando-nos por podermos guardar nossa espada e não precisarmos lutar - não fisicamente, nem mentalmente. Com essa visão espiritual, nós paramos e vemos a salvação de Deus, descansando na Onipresença, Onipotência e Onisciência.

A DESCOBERTA DO SER

"E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre". (Genesis 13:14-15)

Estava falando Deus somente a Abraão? Deus fala apenas para uma determinada pessoa, em um determinado lugar, em um determinado momento? Ou quando a Voz de Deus fala, não fala ao seu Filho, onde quer que o Filho esteja? Você e eu não somos

esse Filho? Não é o Pai dizendo para nós "olhe lá fora: tanto quanto você pode ver eu dou a você, porque tudo que Eu tenho é teu"?

Nossos astronautas viram metade do mundo de uma vez só. Eles abarcaram todo este mundo e, por alguns momentos fugazes, o mundo foi deles. Eles o haviam conquistado, mas não só por si mesmos, mas por sete entre todos os cientistas que tornaram possível esse feito - pelo Eu que você é e pelo Eu que eu sou. Nós possuímos todo esse mundo - todo o caminho até a lua. É verdade que ninguém tem um título garantido: é nossa co-propriedade, como co-herdeiros de Deus:

Eu tenho acesso a todas as riquezas celestes; Eu tenho acesso a todo o Princípio Criativo deste mundo. Eu posso olhar para o infinito, reivindicar tudo e aproveitar o máximo que eu preciso para o meu uso diário.

No modo de vida materialista, é uma coisa natural, humanamente falando, nos orgulharmos de sermos americanos, canadenses, ingleses, alemães ou seja qual for a nacionalidade. Mas o que acontece com aquele materialismo fanfarrão quando descobrimos o nosso Ser, quando descobrimos que todos nós somos irmãos e irmãs, independentemente da bandeira que nos cobre, da cor da nossa pele, ou da igreja a que pertencemos, e então percebemos:

Nunca estou limitado a um país, a uma nação ou a um estado. Eu sou limitado apenas ao Reino de Deus, e lá eu sou do lar de Deus, herdeiro de Deus, e co-herdeiro com todos os seres espirituais de uma grande família, uma grande fraternidade espiritual, neste grande e amplo mundo nosso.

Elevar-se acima das limitações do senso pessoal não nos faz cidadãos piores; na verdade, nos torna melhores cidadãos, mas melhores cidadãos porque respeitamos a cidadania de outras pessoas. Real cidadania é viver em comunhão, mas isso não pode ser experimentado até que a natureza da nossa verdadeira identidade seja entendida. Se somos judeus ou gregos, escravos ou livres, somos todos de um mesmo lar espiritual.

Nada pode estabelecer a paz permanente no coração de um indivíduo, exceto a entrada naquele coração do Cristo, o Espírito de Deus. Assim como a paz é estabelecida no coração do indivíduo, finalmente será também estabelecida no mundo, uma paz que vem não pelo conhecimento do homem, nem pela sabedoria ou poder do homem, mas pelo Espírito de Deus operando como a consciência do homem.

Este Espírito que Deus plantou no meio de cada um de nós parece estar ausente, por causa de nossa ignorância de sua Presença, mas quando nos tornamos conscientes desta Presença invisível e transcendental como nosso Ser, nesse momento, ela começa

a agir em nossa experiência. Nós então nos tornamos algo mais do que criaturas sentenciadas a ganhar a nossa vida pelo suor do nosso rosto, ou para dar à luz filhos com dores e sofrimento. Não mais somos separados de Deus.

Como poderia o Filho de Deus ter outro poder além de ser o Filho de Deus? É possível que Deus perca seu filho, ou então perder seu poder porque Ele permitiu a um de seus filhos sair de casa? Deus nunca perdeu seu domínio sobre o Reino Espiritual, e o homem espiritual nunca deixou a casa de seu Pai. Assim como não há homem caído, no sentido do homem de Deus cair em um estado da mortalidade, então é igualmente impossível que a mortalidade se eleve como imortalidade, tornando-se Filho de Deus.

Conhecer nossa verdadeira identidade destrói o sentido mortal da existência que nos mantém em terra. A vida terrena! Alguns de nós podem se lembrar de como nossas cidades e vilas pareciam antes de haver automóveis nas ruas e aviões zumbindo acima. Quão terrenos nós estávamos! Quão limitados nós estávamos ao pequeno enredo do chão onde vivíamos! Mesmo o nosso trabalho tinha que ser próximo, por causa das limitações das primeiras formas de transporte.

A primeira libertação dessa limitação veio com o automóvel, que tornou possível viajar até vinte, trinta ou quarenta milhas em um único dia. Com isso, nossa visão aumentou e nosso conhecimento cresceu, porque podíamos acessar um maior território, conhecer mais pessoas e entrar em contato com áreas mais amplas da vida. E como a vida é diferente agora, quando viajamos facilmente e confortavelmente quinhentas ou seiscentas milhas por dia em um automóvel! E quase simultaneamente com a maior mobilidade do automóvel, surgiu o avião, que nos elevou completamente acima da terra, e fez das nossas viagens e nossa experiência quase ilimitadas. Nós não éramos mais aterrados. Entrávamos em uma nova dimensão da vida.

Mas aqueles que experimentaram o ilimitado do Espírito foram muito mais além da nova dimensão do automóvel e do avião, em uma dimensão da vida incrivelmente maior e mais ampla. Assim como os homens eram limitados pelos meios existentes de transporte nos dias antigos, assim nós terrestres também somos pela crença em um ser limitado, uma vida limitada e uma mente limitada. O processo de abandonar essa crença é exatamente o mesmo que o processo de abandonar nosso senso de limitação no que dizia respeito às viagens pelo mar, de automóvel ou avião. Requer subir a um nível mais alto de compreensão, reconhecendo as leis do Espírito e deixando a sensação de mortalidade desaparecer.

O Reino de Deus é e sempre foi perfeito. O que é chamada de existência mortal não só não é parte do Reino de Deus, mas não pode nem mesmo evoluir para o Reino de Deus. O sentido mortal da criação não tem parte em Deus, nunca teve e nem pode retornar a

Deus. A sabedoria mística não ensina que um mortal pode tornar-se imortal, mas sim que ele deve "morrer diariamente" e renascer do Espírito, isto é, ele deve despertar para a consciência de sua Verdadeira Identidade, e assim como deve abandonar qualquer ilusão, ele deve também abandonar de uma vez por todas a crença de que ele é um homem decaído.

Quando estamos despidos da mortalidade e vestidos com a imortalidade, não existe homem decaído: existe apenas o homem original e perfeito, o homem de identidade espiritual, que é agora e sempre foi intacto, assim como uma criança tirada de uma família de riqueza e cultura e educada na pobreza, possivelmente em pecado, doença e ignorância, ainda é a criança com a mesma identidade e potencialidade originais ao nascer. Ela foi apenas vestida com uma identidade ilusória, mas seu nome, identidade, riqueza e todas as outras coisas que lhe pertenciam no nascimento poderiam ser restauradas em qualquer momento. Esta criança não sofreu queda: ela é a mesma criança que era no nascimento. Todas as experiências que ela passou foram apenas impostas a ela, mas sua herança original e identidade são o que eram desde o começo.

Em última análise, todos nós vamos descobrir que a nossa Verdadeira Identidade é o Cristo, e embora possamos ter sido educados como Jones, Brown ou Smith, nosso nome real - nossa identidade e nossa potencialidade - é Cristo, a descendência espiritual de Deus. No momento em que esta verdade for-nos revelada, tudo o que nos foi imposto pela crença humana será descartado; e assim que começarmos a perceber nossa verdadeira natureza e identidade, não vai demorar muito para nos acostumarmos com a atmosfera do Espírito, que é o nosso lugar de permanência original.

Pouco a pouco, enquanto perseguimos o caminho espiritual, percebemos que nossa verdadeira herança e identidade estão em Deus, e que somos do lar de Deus, vivendo em comunhão com os filhos de Deus: nós começamos a perder o orgulho de nosso nome de família e herança, e, internamente, podemos assumir um novo nome, indicando que chegamos ao lugar onde nos identificamos com nossa Fonte. Agora, quando dizemos "Eu", entendemos não estarmos falando de um amontoado de carne, de uma pele branca ou preta, ou de características ocidentais ou orientais. Agora estamos nos identificando com nossa Fonte, que é Deus, o Princípio Criativo do nosso Ser.

Enquanto vivíamos a vida materialista, dependíamos de parentes, amigos, pais, marido, esposa, filhos, empregador, negócio, investimentos e, no final, da previdência social. Que triste que o homem criado por Deus, mantido por Deus e sustentado por Deus estaria ansioso para viver com alguma ninharia entregue a ele perto do fim de seus dias - especialmente à luz da verdade de que ele é um herdeiro de Deus. Um herdeiro de Deus, pensando em termos de ninharias!

Temos que fazer uma transição do conceito materialista, que acredita que devemos ganhar a vida com o suor do nosso rosto, ou sermos dependentes de alguém que está fazendo isso por nós. Nós temos que sair disso e afastarmo-nos da crença ateísta de que não temos contato com o Infinito, com a nossa Fonte. Vamos, neste mesmo momento, acabar com a crença de ser aquele homem caído que, de alguma forma ou de outra, tem que lutar para voltar ao Reino de Deus; e vamos perceber aqui e agora:

Eu e o Pai Somos Um.

O Pai é Espírito e eu sou a descendência desse Espírito, portanto Eu sou espiritual.

Eu sou do lar de Deus, estou sob o domínio de Deus, sou "co-herdeiro de toda a riqueza celestial", em virtude do Espírito de Deus que habita em mim.

Deus nunca removeu o Seu Espírito de mim, e certamente nenhum homem tem o poder de desfazer a obra de Deus.

O Espírito de Deus que habitou em mim no princípio tem que ser o Espírito de Deus que habita em mim Agora, aguardando primeiro o reconhecimento, então a consciência e, finalmente, a realização.

Dentro de nós, algo deve cantar que isso é verdade, ou então estaremos na posição insustentável de ter que reconhecer que Deus não seria onipotente, que Deus permitiu que Seu Filho caísse, que Deus tornou possível o fracasso do homem em viver, se mover e ter seu ser em Deus, ou que Deus provocou sua queda. Como podemos atribuir tais coisas a Deus? Como podemos acreditar que existe um Deus capaz de perder um Filho - até mesmo um Filho dentre todos os bilhões de Filhos que foram manifestados como forma? Como poderíamos confiar em tal Deus ou ter fé na infinita capacidade de Deus, se nós acreditássemos que um Filho de Deus poderia se perder fora do Reino, ou que um único Filho de Deus que fosse poderia se perder com ou sem o conhecimento de Deus? Se Deus é Onisciente - e Deus é - então ninguém sai do Reino do Céu sem que Deus saiba disso, nem mesmo um pardal.

Nós nunca deixamos o Reino de Deus: nunca saímos de jurisdição e do governo de Deus; nós nunca estivemos sob uma lei, senão a Lei de Deus, e nunca vivemos qualquer vida, senão a Vida de Deus. A Vida de Deus é a Vida de todos os seres, e nunca houve nenhuma outra.

Se o homem aceitou a crença de limitação na forma, confinado à terra, incapaz de viajar na água ou no ar, ou de ser capaz de viajar não mais que algumas milhas num dia, entendamos que todas essas limitações não são, e nunca foram, limitações reais: elas parecem reais, mas isso é devido à ignorância do homem das leis dessas atividades. Essas leis sempre estiveram disponíveis e, a qualquer momento, o conhecimento e aplicação delas permitiria-lhe colocar-se acima de sua escravidão na terra. Elas

tornariam-se práticas em sua experiência, mas, no entanto, somente quando ele fosse capaz de se abrir para receber a sabedoria que está além do visível.

E assim nós entramos na Quarta Dimensão da vida, percebendo que não precisamos estar ligados à terra. Somos mundanamente limitados ao mundo tridimensional, mas isso é apenas um sentido de limitação que nos foi imposto, por causa de nossa ignorância da Consciência Transcendental que é nossa herança. É nosso direito de nascença, e é nosso Agora, porque o Reino de Deus não pode ser restrito ou limitado, e nem permanecer oculto para sempre. Nós não temos que lutar por nosso caminho de volta para Deus. Nós não temos que encontrar Deus: nós temos apenas que abrir nossa Consciência, na certeza de que Deus nunca irá nos perder. Como pode Deus perder o seu Eu? Seu Ser é o nosso Ser, porque há apenas um Eu.

O seu ser é o Ser Incondicionado. E assim também é o meu ser. Isto é totalmente espiritual. Isto é, na verdade, o próprio Espírito, que não tem raça, nem nacionalidade ou religião. Este "Eu", seu e meu, coexiste com Deus, coexistiu com Deus no Ser que Deus é - sem começo e sem fim - e este Ser tem conhecido expressão individual durante todo o tempo.

Você é esse Ser e eu sou esse Ser, vivendo como uma encarnação de Deus; e o Ser permanece eterno nos céus, intocável, sem ser afetado pelas circunstâncias em que nos encontramos. Com o nascimento, entretanto, surgiu em torno do Ser uma sensação de identidade humana e, desde o momento da concepção, ela começa a ser identificada com o ambiente. O próprio Ser, o Si Mesmo, o Ser que você é e que eu sou, é incondicionado e, portanto, com a real percepção de toda nossa experiência de vida anterior, torna-se possível conhecer a liberdade incondicionada do Ser, para sermos total e completamente livres de teorias e doutrinas nacionalistas, raciais e religiosas, assim como de todas as inibições ou condicionamentos.

Aceitar intelectualmente a verdade de que somos o Ser incondicionado é uma coisa, mas experimentá-lo em alguma medida é outra coisa, e experimentá-lo em sua plenitude é ainda outra completamente diferente. Um passo para levar à realização do Eu absoluto e incondicionado é experimentar o Ser como foi vivido em suas encarnações anteriores, ou pelo menos em algumas delas, para que se torne possível viver livre de circunstâncias imediatas, ou livres das circunstâncias da presente encarnação.

Quando eu pude me ver como um americano, como hebreu de dois mil anos atrás, como um árabe, ou como um chinês, foi uma simples questão de ver as armadilhas que se ligaram a mim em cada uma dessas encarnações, e perceber que o "Eu" nunca veio até o nível dessas armadilhas ou condicionamentos, mas permaneceu, como sempre é e será, o Ser. Então, e só então, eu tive a experiência definitiva de perceber o Eu absoluto

incondicionado. E nisso, sem dúvida, eu pude ver ser possível ter sido homem ou mulher, branco ou preto, ocidental ou oriental; e embora o "Eu" que eu sou nunca tenha sido nenhum desses, contudo, atraiu para si todos esses, conforme a necessidade foi estabelecida para a experiência particular, em cada vez específica.

Essa percepção do nosso Ser nos permite nos libertarmos da encarnação presente ou até permanecer nela, mas sem ser dela ou condicionada por ela, e sim para viver para sempre como o Ser. Nesta percepção, nós nos tornamos o "Eu" universal, ou o Ser de todos os outros, mais especialmente daqueles com quem entramos em contato.

Separado do nosso próximo, não há Deus para adorar, nenhum Deus para amar e nem Deus para servir. Nós amamos a Deus somente como nós amamos ao nosso próximo; estamos adorando a Deus somente quando estamos servindo ao nosso companheiro.

Quando Jesus ensinou: "Quem me vê, vê aquele que me enviou", quando ele se referiu ao seu Pai e meu Pai, ele estava dizendo ser o único Filho de Deus, ou ele falava de uma relação universal? Existe algum Deus separado do homem? Deus não se manifestou e revelou a Si Mesmo na terra como homem, e quando olhamos um para o outro não estamos vendo o Pai que nos criou, você e eu, e nos enviou como expressão? E desde que você e seu Pai são Um, ao servi-lo, estou servindo a meu Pai; amando-o, estou amando a meu Pai.

Não há Deus no céu, nem embaixo, na terra ou no mar. "O Reino de Deus está dentro de você". Se quisermos descobrir esse Reino, portanto, teremos que procurar dentro de nós, pois é aí onde ele está; e se quisermos mostrar nosso amor por Deus, teremos que expressar amor uns aos outros, porque é aí que vamos encontrar o Deus para amar. Se queremos servir a Deus, é melhor que saibamos servir uns aos outros, porque só assim podemos servir ao Pai que nos enviou, você e eu, como expressão.

Cada pedaço de amor que expressamos é um amor que nos é expresso. Quando expressamos amor impessoal aos oprimidos e pessoas abandonadas do mundo, estamos realmente expressando amor a nós mesmos, porque o Ser desses outros é o Ser de nós mesmos. Este é o Caminho: existe apenas um Eu. Eu sou esse Eu; e eu sou esse mesmo Eu se eu estou aparecendo como você. Eu sou esse Eu, mesmo quando estou aparecendo como o mendigo ou o ladrão. Não fica mais fácil, então, perdoar, saber que estou me perdando, que estou perdando minha própria ignorância, mesmo quando ela aparece como outra pessoa?

"O Amor é o cumprimento da Lei". Portanto, o Amor é o Caminho, e isso significa o amor que eu expresso, pois Eu sou o Caminho. Devo expressar amor, perdão e paciência; Devo rezar para que a luz da terra seja revelada até mesmo na consciência mais

sombria. Devo fazer aos outros o que gostaria que outros fizessem a mim, porque o Eu de mim é o Eu do outro: somos Um. O Eu de mim é o seu Eu, porque existe apenas um Eu, e este Eu é Deus. Isso é Unidade, isso é filiação divina. O caminho espiritual da vida é um reconhecimento da unicidade, da filiação.

O Caminho traz o reconhecimento de que o Eu em mim e o Eu em você é Um e mesmo Eu. O EU SOU que Eu Sou é o EU SOU que você é, porque esse é o EU SOU que Deus é, e Deus é o EU SOU em você e o EU SOU em mim. Portanto, o reconhecimento do EU SOU é o Caminho.

É alguma medida dessa percepção que nos permite viver como Eu sendo você e você sendo o Eu que sou; portanto, Somos Um, e desde que tudo o que o Pai tem pertence a mim, tudo o que eu tenho também é seu. Este é um estado de consciência que é um passo além de fazer aos outros o que gostaria que outros fizessem a nós, porque reconhece o Ser de nós no Ser do outro e, portanto, tudo o que fazemos é sempre feito para o Ser que somos.

Não há limites no relacionamento espiritual, pois há somente um EU SOU, e esse EU SOU é universal, manifesto individualmente e expresso como todo indivíduo, passado, presente e futuro. EU SOU é o Caminho, e quanto mais nós permanecemos na lembrança de nossa Verdadeira Identidade, tanto mais nos aproximamos do Caminho.

"Eu Sou" é Unidade, é filiação divina, e por causa dessa filiação, nós temos um relacionamento espiritual de fraternidade baseado no entendimento da nossa Unidade com a nossa Fonte. O Caminho é a Unidade; o Caminho é o Amor; o Caminho é reconhecimento da nossa Verdadeira Identidade como o Filho de Deus; o Caminho é o reconhecimento da natureza de Deus e da natureza do Filho.

O objetivo do misticismo é alcançar a realização do ser como o "Ser", de modo que a vida seja uma experiência contínua do Ser, só baixando para o sentido pessoal de ser quando há o propósito de algum trabalho imediato a ser feito. A obtenção do estado místico é, naturalmente, a ascensão para além do sentido pessoal da vida, na experiência da vida vivida como o Universal e o Divino.

EU SOU é o Caminho. EU SOU é a Vida em mim e a Vida em você. EU SOU é a imortalidade em mim e a imortalidade em você. EU SOU é a Graça Divina pela qual vivemos. E esta é a base de todo o misticismo.

2 - EMERGINDO DO PARÊNTESE - ALCANÇANDO A CONSCIÊNCIA MÍSTICA

O NÃO ILUMINADO E O ILUMINADO

O parêntese no qual vivemos consiste no grau de limitação material ou mental ao qual nos submetemos através da crença universal em dois poderes. Remover o parêntese significa desconsiderar a imagem humana e tornar-se plenamente consciente de nossa identidade espiritual.

O que realmente fazemos no caminho espiritual é tentar sair desse parêntese, percebendo que não estamos vivendo sob qualquer forma de limitação humana: tempo ou espaço, calendários ou climas. Quanto mais nós alcançamos uma percepção viva da natureza espiritual de nosso ser através da meditação, tanto mais fraco torna-se o parêntese e mais perto estamos de tornarmo-nos Um com o Infinito e a Eternidade.

No momento em que percebemos que existe apenas uma Vida e que nós estamos vivendo essa Vida, o parêntese está sendo removido, ou ao menos sendo tão apagado que reste apenas vestígios. Durante séculos por vir, pode haver restos desse parênteses nas vidas de todos nós, mas não será um parêntese tão difícil e efetivo, que nos aprisiona na mortalidade, isto é, em um conceito material de vida.

Toda meditação que resulta em uma resposta interna acelera o desaparecimento do parêntese. Toda experiência de profundidade na meditação nos torna menos sujeitos às limitações do parêntese, menos sujeitos ao calendário, ao clima e às mudanças econômicas do mundo.

Um dos males de viver dentro do parêntese é que resistimos à mudança. Enquanto o nosso parêntese está meio confortável, nós queremos viver nele. Nem precisa ser saudável ou rico, desde que haja o suficiente para a sobrevivência e a dor não seja muito severa. Mas ainda que a natureza humana resista à mudança, o desenvolvimento espiritual compele à mudança, quebrando continuamente os antigos padrões. De fato, o progresso espiritual exige que toda forma seja rompida, não importa quão boa ela seja. Não importa o quão confortável a vida possa ser, o Espírito não nos deixará descansar em algum grau de finitude, mesmo se essa finitude for o que o mundo chama de um milhão de dólares ou algo equivalente. Para o Espírito, isso ainda é finitude, e o Infinito não significa que o Espírito vai nos dar dois milhões: isso significa que vai nos dar maior liberdade, maior harmonia e, cada vez mais, menos dependência de formas e limitações materiais.

O avanço da consciência em evolução garantiria um estado melhorado de assuntos em geral, mas essa melhoria provavelmente não virá como deveria vir, como uma evolução natural do progresso, porque os seres humanos estão tão determinados a manterem o que têm que eles não desistirão de suas limitações em troca de algo desconhecido. A natureza humana tenta manter o passado, tenta manter as limitações presentes, pois não está disposta a romper com elas por outra coisa.

Se estivéssemos dispostos a entregar a cada dia o que tivemos ontem, encontraríamos algo melhor amanhã, mas nossas próprias tentativas de segurarmos o que temos acabam por forçar nosso afastamento disso. O único modo de removermos o parêntese harmoniosamente e sem dor é permitir que as mudanças venham sem nos apegarmos a elas, sem segurar o passado, e sem acreditar que cada mudança significa falha, mesmo que possa trazer consigo temporariamente a falta de alguns dos confortos materiais. O universo espiritual tem um conjunto diferente de valores daquele do material.

Nem a morte remove o parêntese, não nos coloca no círculo da vida eterna. A eliminação do parêntese é realizada com uma atividade de consciência: é "morrer" para a nossa humanidade e "nascer" para nossa identidade espiritual. Não são morte ou nascimento físicos: é o "morrer diariamente" e o "ser renascido do Espírito" de que Paulo falou. É um ato de consciência. O parêntese é a vida humana, e nosso propósito neste caminho é nos removermos do parêntese enquanto estivermos aqui na Terra.

Se não fizermos isso aqui, ainda teremos a oportunidade depois, mas a passagem deste plano para outra experiência não remove por si mesma o parêntese, não nos situa na eternidade e nem nos dá imortalidade. De fato, se deixarmos este estágio de nossa experiência ainda com um sentido humano da vida, despertamos em um sentido humano da vida em outro parêntese. O outro lado da sepultura ainda é um parêntese.

Na medida em que nos tornamos cada vez mais conscientes de que o Espírito é o Único Poder, que nós não temos uma vida separada ou uma consciência de nossa autoria, mas que Deus constitui nosso ser, isso faz o parêntese tornar-se mais diáfano - até desvanecer-se. A cada percepção espiritual que temos e a cada meditação que resulta em um contato consciente com Deus, o parêntese fica mais fraco, até que finalmente, na União Consciente final com a nossa Fonte, vem a eliminação completa do parêntese.

A função de um ensinamento religioso é levar o homem à consciência de sua Verdadeira Identidade e revelar os segredos da vida que permaneceram ocultos, devido à estupidez humana que tornou o homem incapaz de compreender os princípios basilares da existência.

Em seu estado não iluminado, o homem não percebe que, para prosperar e ser frutífero, ele deve viver de acordo com as leis espirituais, e não de acordo com sua própria vontade ou desejos pessoais. Ele não pode agir como se não houvesse tais leis, esperando assim viver em harmonia; nem pode ele escapar da operação da lei espiritual, tentando fazer suas próprias leis enquanto segue adiante.

Os grandes mestres que trouxeram os ensinamentos originais que fundamentam as religiões modernas sabiam que há leis invisíveis governando este mundo, e eles ensinaram o homem a trazer harmonia para si através da compreensão dessas leis, prometendo, como o Mestre fez para que aqueles que seguem neste caminho, que ele colheria frutos abundantemente. Em outras palavras, ele trabalharia alinhado com as leis da vida, em vez de trabalhar em antagonismo a elas.

Em sua grosseira ignorância humana, a maioria das pessoas aceita a aparência de que vieram a este mundo sem nada. Trabalhando a partir dessa base, quase desde o começo eles tentam adquirir coisas para si. Se é um bebê tentando tirar o chocalho de outro bebê, ou se é uma nação tentando tomar alguma terra ou indústria de outro país, a maioria das pessoas vive suas vidas na suposição de que elas não têm nada e, portanto, devem obter algo, trabalhar para isso, planejar e tramar para isso.

E então há aqueles que alcançam um estágio em que eles percebem a futilidade desse esforço constante de lutar pelas coisas que perecem, coisas que, depois que são obtidas, provam ser apenas sombras. Esse é o estágio em que algumas pessoas se afastam dessa busca por coisas no reino exterior e passam a buscá-las em Deus. Aquilo que elas até agora não conseguiram reunir por meios materiais, elas agora esperam obter de Deus. Mesmo que isso seja apenas um leve vislumbre do caminho, já é ao menos a abertura de uma brecha, porque isso tira algumas pessoas da expectativa de que podem obter do mundo material aquilo que lhes satisfaz, dirigindo-as para a crença em alguma Fonte invisível de, ou através da qual, seu bem possa vir. Aquelles que falham em encontrar em Deus uma porta aberta para a saúde, riqueza e sucesso são naturalmente levados a procurar mais fundo pelo caminho, ou buscar o significado do caminho.

Não é dado a um ser humano decidir por si quando ou se ele vai entrar no caminho e, até que o Espírito de Deus toque uma pessoa, ela não tem interesse em encontrá-lo, e certamente não tem nenhuma inclinação para segui-lo. No entanto, na vida de cada pessoa - e não necessariamente nesta vida em particular - em algum momento ou outro, ela será tocada pelo Espírito. Ela nunca pode saber quando será isso: tudo o que ela sabe é que nela se desenvolveu uma curiosidade, uma fome ou sede de algo - que ela não sabe o quê - que a leva para frente. É nesse momento que ela entra no caminho, e

desse ponto em diante, não está dentro de seu poder decidir até que ponto vai abraçá-lo, até onde ela irá.

No início de seu progresso, no entanto, ela descobre que realmente não existem pessoas más e pessoas boas; não há pessoas pecadoras ou puras; não há pessoas doentes e ou boas: só existem aqueles que não conhecem a verdade, e aqueles que a conhecem: o não-iluminado e o iluminado.

Aqueles que estão na doença, no pecado ou na pobreza são os não-iluminados: eles não conhecem sua verdadeira identidade e, portanto, estão vagando no deserto, buscando a harmonia, mas procurando por ela na direção errada. Eles lutam por coisas, por fama e fortuna, honestamente acreditando que, quando eles as conseguirem, eles atingirão seu objetivo de felicidade, paz e contentamento. Mas eles conseguem? Eles não estão, geralmente, na mesma miséria que estavam antes de atingirem seus objetivos? É verdade que eles podem estar desfrutando de sua miséria em ambiente de mais luxo, mas a miséria ainda está lá, e a razão é que, independente da realização exterior, o eu interior continua morrendo de fome e sede.

Em seu estado de ser não iluminado, cada pessoa tem uma vida própria para viver, uma vida provavelmente destinada a ser manifestada na terra por setenta anos - um pouco menos ou um pouco mais - uma vida sujeita a doença e morte, uma vida que começou e deve, portanto, acabar. Assim é o não iluminado, a raça humana.

Quando uma pessoa é iluminada, no entanto, isto é, quando ela conhece a verdade de sua Identidade Real, ela perde toda a capacidade para o pecado ou a pobreza, e para doença também; ela perde a potencialidade e a propensão ao mal em sua vida, mas isso apenas em proporção à sua iluminação.

Os iluminados não vivem de leis de limitação, pela lei de setenta anos de vida, pelas leis do bem e do mal. Eles vivem pela Graça e pela Verdade que o Cristo revela; não uma Graça e uma Verdade separadas do Filho de Deus, mas Graça e Verdade como a Vida do Filho de Deus. O indivíduo iluminado, com entendimento da natureza de Deus e da natureza de seu próprio Ser, não é mais a "criatura", mas agora é o Filho, o herdeiro de Deus, vivendo sob Sua Graça.

Uma vez que até mesmo o mínimo vislumbre sobre a natureza de Deus é aberto, o resto vem mais ou menos rapidamente, porque agora, em vez da fé cega, há um completo relaxamento de conflitos mentais, luta e esforço, na percepção de que, uma vez que Deus é sabedoria e luz infinita, podemos descansar e deixar Deus iluminar, instruir e guiar-nos.

Mesmo com uma iluminação espiritual em pequena medida, deve vir a percepção de que não devemos orar a Deus e nem existe nada pelo qual possamos orar. Este primeiro lampejo de luz deve revelar-se para suas famílias, pois é perfeitamente compreensível que, ao retornar ao lar depois de um dia de trabalho, os homens estariam mais ansiosos por comer e dormir do que para estudo e meditação. As mulheres também, com suas famílias grandes e tarefas árduas, dificilmente estariam prontas para um estudo sério ou teriam qualquer interesse nas coisas profundas e permanentes de vida.

Por essa razão, e provavelmente muitas outras, praticamente os únicos lugares onde a verdade foi revelada e ensinada foram escolas de mistério de milhares de anos, do Egito e depois da Grécia e Roma. Havia também essas escolas na Índia, e algumas delas foram encontradas tão distantes quanto o Tibete. Aqueles de inclinação religiosa ou filosófica tornaram-se os alunos dessas escolas ou ordens religiosas nas quais a verdade era ensinada.

A fim de prevenirem o mau uso da verdade, um candidato à participação em uma escola de sabedoria tinha que passar por muitos testes rigorosos e dar provas de que ele não estava entrando na escola por motivos pessoais ou egoístas, ou com qualquer idéia de ganho material imediato, mas que ele estava entrando no sentido de dedicar sua vida ao Altíssimo, provando sua dedicação pelo serviço à humanidade.

Um dos principais requisitos era que os alunos permanecessem recebendo instrução por pelo menos seis, sete, oito ou nove anos, e conforme absorviam as lições ensinadas, avançavam por graus. Sem dúvida, em algumas dessas escolas, havia professores de grande sabedoria espiritual, embora fosse o mentalismo e o reino oculto do pensamento que recebiam mais atenção naqueles dias. Os primeiros hebreus também conduziram escolas religiosas onde aqueles com uma inclinação religiosa eram aceitos para instrução e, eventualmente, tornavam-se rabinos - algumas luzes menores e outras maiores.

Na época do Mestre, o judaísmo era dividido em três grandes seitas, os essênios, os saduceus e os fariseus. Entre todas, os essênios provavelmente tinham desenvolvido o mais alto grau de sabedoria espiritual. As práticas desta seita, no entanto, diferiam muito das de outros grupos, por isso foi muito perseguida e acabou se tornando quase um movimento clandestino. Por conta disso e, na minha opinião, principalmente por causa disso, os essênios tornaram-se o movimento mais altamente organizado e disciplinado entre todas as seitas judaicas. Eles chegaram a um ponto em que viviam quase inteiramente por regras e regulamentos, e a transmissão de sabedoria espiritual ocupava apenas uma pequena parte de suas atividades. De fato, nos primeiros sete ou oito anos de participação de uma pessoa nessa ordem, ela não tinha permissão de saber nenhum

dos segredos de sua sabedoria. Tal ênfase na disciplina, regras e regulamentos não só matava qualquer inspiração que um indivíduo poderia trazer para o grupo, mas também destruía qualquer esperança que ele pudesse ter de alcançar seu objetivo.

Alguns estudiosos acreditam que Jesus era um membro dos essênios, mas separou-se deles porque ele sentiu que a Verdade deveria ser dada às pessoas, enquanto que a tal hierarquia sentia que as pessoas não estavam prontas para isso. De fato, foi porque Jesus transmitiu a Verdade ao povo, a Verdade que os libertaria, que ele foi crucificado (sobre Jesus ser essênio, foi uma afirmação que tornou-se moda no meio esotérico nos últimos 50 ou 60 anos... mas sem fundamento algum! Por isso J.G. diz aqui “alguns” estudiosos “acreditam”... mera especulação! Eu não acredito, pois isso faria supor que a ordem fosse mais elevada e tivesse ascendência sobre Jesus Cristo, que tenho na conta de “Consciência Revelada” – nenhuma ordem lhe poderia ser superior... apenas o Pai, com o qual é Um... – nota do tradutor G. S.).

Embora o Mestre tenha ensinado essa Verdade, ele talvez reconhecesse que as massas, como tal, em seu estágio de consciência, não poderiam entendê-la. Provavelmente, ele esperava que aqui e ali, entre eles, haveria uma ou duas, uma dúzia ou cem pessoas que seriam capazes de perceber a natureza espiritual da Verdade e demonstrá-la, e que, com o passar do tempo, essas dezenas aqui e centenas de pessoas ali perpetuariam a mensagem, continuando a transmiti-la por gerações, até que finalmente todos teriam a Verdade.

O Mestre ensinou, e mesmo que as massas não pudessem receber a Verdade, houve muitas pessoas que a receberam, e por isso, nos trezentos anos seguintes, obras poderosas foram feitas por aqueles que tornaram-se seguidores do ensinamento do Mestre: a cura espiritual continuou a ser praticada; cada pessoa recebeu a liberdade de pensamento; e incursões foram feitas no dogmatismo de algumas seitas hebraicas, que ensinavam que somente aos hebreus era digno ser dada a Verdade.

Deve ter sido uma grande luta para Paulo romper com a estreiteza tradicional das seitas judaicas existentes e começar a transmitir a verdade aos gentios. Deve ter sido um grande desafio para Pedro aprender que é mentira afirmar que qualquer coisa que Deus tenha feito não seja sagrada, e então também ele começou a pregar aos gentios. Mas quando Pedro e Paulo chegaram ao estado de consciência pelo qual estavam dispostos a pregar aos pagãos, e quando eles começaram a dar testemunho da verdade espiritual de que não há grego nem judeu, escravo ou livre, e que somos todos Um em Cristo Jesus, eles derrubaram as barreiras da ignorância espiritual.

No momento em que uma pessoa começa a conhecer a Verdade, ela quebra barreiras: ela é libertada, seja da carência econômica, do fanatismo, preconceito, orgulho

nacionalista, ou de convicções religiosas estreitas. A Verdade revela a natureza universal do Amor de Deus, que é concedido da mesma forma ao santo e ao pecador, e não é reservado para aqueles que pertencem a uma igreja particular.

Esta Verdade existia milhares de anos antes de Jesus. Não libertou muitas pessoas, mas isso pode não ter acontecido porque apenas um número limitado foi autorizado a aprender sobre essa Verdade. Infelizmente, não libertou muita gente desde então, por causa de uma inércia mental, que é apenas um termo educado com o qual descrever francamente a preguiça.

Vamos encarar: somos mentalmente preguiçosos. A Verdade está disponível, mas nós não conhecemos a Verdade. Nós lemos sobre isso. Nós lemos e dizemos: "oh, como é bonito!" Nós ouvimos, e dizemos que é ainda mais bonito, ainda mais poderoso. E então, provavelmente, voltaríamos para casa, desejando poder tornar isso realidade ou encontrar um mestre espiritual que faria isso por nós. O fato é que isso não será feito para nós por qualquer mestre espiritual de agora, mais do que foi feito pelo mestres espirituais nos dias em que havia mais deles na terra do que existem hoje.

Muitos anos atrás, essa sabedoria foi ensinada nas escolas de mistério e em algumas fraternidades, em ordens religiosas, mas hoje não existe mais nenhuma dessas escolas na Terra. Tais como existem no plano interno, estão disponíveis apenas para aqueles que espiritualizaram sua consciência, a ponto de poderem encontrar a porta de entrada das ordens espirituais que existem nos bastidores, isto é, além do reino da mente humana.

Assim, aqueles que espiritualizaram sua consciência através do conhecimento da Verdade fazem uma transição de ser o homem da Terra para, como descrito por Paulo, ser aquele "homem em Cristo ... se no corpo, não sei dizer, ou fora do corpo, não sei dizer". Somos homens da Terra até sabermos a Verdade e a demonstrarmos em grau suficiente para alcançarmos um estado de consciência que não é mais restringido pela ignorância, superstição e medo. Nesse estado de consciência, somos capazes de penetrar além do reino da mente, no reino da Consciência Divina. É a Iluminação Espiritual que torna isso possível.

Essas antigas escolas de sabedoria não tinham prata nem ouro para dar, nem nome e nem fama. O que elas tinham a oferecer era a Iluminação Espiritual, a Consciência Transcendental que levaria ao aspirante a harmonia, a alegria, paz e glória, mas nem sempre do modo que ele gostaria de conduzir. Nesse tipo de escola, que era um marco significativo na jornada espiritual de uma pessoa, sempre expressava-se a saída das trevas para a Luz, do sentido material para a consciência espiritual, do estado não iluminado para o estado iluminado de Consciência; e quanto aos métodos de estudo,

prática e desenvolvimento, poderiam diferir de local para local, de uma era para outra, mas a meta e o resultado sempre foram os mesmos - o desenvolvimento de um Estado Transcendental de Consciência.

Muitos termos diferentes foram usados para descrever os iluminados de consciência. No misticismo cristão, essa iluminação é às vezes referida como Consciência de Cristo; na Índia, o aspirante que recebeu uma medida de Luz Espiritual é dito ter atingido a Mente de Buda; enquanto no Zen-budismo o termo usado é Satori. Os termos são diferentes, mas a ideia é a mesma.

Sempre que um indivíduo atinge um estado muito alto de consciência ou o que é entendido como iluminação, diz-se que ele é iluminado. Cada um dos grandes mestres espirituais, Jesus Cristo, Buda, Shankara, recebeu a iluminação completa e se tornou a Luz do seu mundo particular.

Iluminação realmente significa mudar de um estado humano de consciência para um estado espiritual de consciência, um estado transcendental, ou Consciência de Cristo, que está acima e além da consciência humana. Por estar além da possibilidade de qualquer ser humano alcançar isso em algum grau, isso não pode ser experimentado pelo estado humano de consciência. Mas quando alguma medida de luz chega a uma pessoa, ela traz consigo novas faculdades e novas experiências. "Existe uma diversidade de dons". Entre eles, há o dom da cura, que alguns líderes iluminados tiveram; outros tiveram um dom para o ensino espiritual, isto é, a capacidade de elevar um estudante acima de sua própria humanidade, em um estado iluminado; outros receberam um poder interior de oração pela Graça, que permitiu-lhes libertar muitas e muitas pessoas das suas discórdias e desarmonias.

Um caso em questão, é claro, é Moisés, que foi criado no clima social da corte egípcia, bem educado, mas era apenas uma pessoa comum, até ter uma grande experiência no alto do monte, quando ele veio a ter um confronto com Deus, recebeu sua iluminação e alcançou a Consciência Transcendente, até o ponto de ter toda uma nova faculdade desenvolvida dentro dele. Depois de elevado a tais alturas, ele foi enviado ao Egito para liderar os hebreus sob o jugo do faraó, mas sem pegar em espada. Sob a direção e proteção desta Consciência Transcendental, guiou-os para fora da escravidão, da escassez, limitação, ignorância e superstição através do deserto, até chegarem à visão da Terra Prometida, e assim trouxe-os a uma certa medida de liberdade e luz, na medida que eles eram capazes na ocasião (Moisés não era "uma pessoa comum". Ser "educado na corte egípcia" era ser um alto iniciado da corte egípcia, no que o autor mesmo chamou de "escola de mistérios"... Decididamente, não era uma "tabula rasa". Mas é fato que a

plenitude de sua Iluminação Espiritual só veio no Monte Horeb mesmo – nota do tradutor G. S.).

Então foi assim que esse homem Moisés, sem talentos especiais ou extraordinários para distingui-lo dos outros homens, tornou-se, naquele momento de realização, o líder e o libertador de todo um povo. Através da história dos hebreus, desde Abraão até o Cristo Jesus, sempre que um indivíduo foi dotado com a consciência transcendente, a ele foram dadas também a força e sabedoria para trazer um pouco de liberdade, luz, graça e cura para as pessoas sob seu cuidado.

Cristo Jesus é talvez o exemplo mais notável de uma plena consciência transcendental. Muito pouco é conhecido do começo de sua vida, além do fato de que ele era de uma família de carpinteiros, que ele mesmo trabalhou como carpinteiro, que - acredita-se - foi educado na ordem dos essênios, e que ele foi treinado como rabino. Eventualmente, ele começou a pregar, mas por ele ter dons que faltavam aos rabinos da época - dons que nem mesmo Gamaliel, o maior de todos professores hebreus, não possuía - por ter o grande dom da cura, do suprimento, de liderança, do ensino e da revelação, e porque muitas vezes pregou o contrário dos ensinamentos da hierarquia hebraica, ele então despertou sua ira.

Durante este período, e mil anos ou mais antes disso, o homem aprendeu os segredos ocultos da vida espiritual nessas escolas de sabedoria. Deve ser lembrado, no entanto, que os segredos transmitidos não eram os mesmos em todas as escolas, porque, quando chegamos ao assunto da Verdade, descobrimos que a Verdade pode ser revelada em dois níveis diferentes, o mental e o espiritual.

Assim, dois tipos de escolas foram desenvolvidas lado a lado: aquelas que ensinavam o poder da mente, e as puramente espirituais, que revelaram como se desenvolver espiritualmente, desenvolvendo a Consciência Transcendental. No nível da mente, grandes obras e grandes feitos de magia podem ser realizados, e isso às vezes ilude as pessoas a acreditarem que estão testemunhando Deus em ação, quando não é nada mais e nada menos que a ação da mente.

É de vital importância que todo aspirante no caminho espiritual conheça e reconheça a diferença entre essas duas abordagens. O que quer que exista no plano material ou mental da vida pode ser usado de duas maneiras, tanto para o bem quanto para o mal. Os efeitos de consciência espiritual ou transcendental, por outro lado, podem ser apenas bons.

Buscar a entrada para o caminho espiritual não é diferente hoje do que sempre foi. Deve ser, sempre, não pelo propósito de ganho pessoal, não por um motivo egoísta de qualquer tipo, mas apenas pelo propósito de iluminação.

"E SERÃO TODOS ENSINADOS POR DEUS"

Todo trabalho no caminho espiritual é direcionado para o desenvolvimento de uma consciência maior do que a do intelecto ou mente humana. No começo, quando não havia consciência do bem ou do mal, o homem vivia na Consciência Divina, mas depois do que foi conhecido como a "queda do homem", ele tomou para si uma consciência de si mesmo. Ele não era mais consciente da Consciência do Pai: ele agora tinha uma consciência mortal, uma consciência da morte, como todos aqueles estão sob a crença universal em dois poderes. O objetivo do trabalho no caminho espiritual é trazer o retorno a este estado divino de Consciência.

Em alguns casos, a transmissão daquela mente que estava em Cristo Jesus acontece em um indivíduo quando, através de algum ato da Graça dentro de si mesmo, o Mestre - eu não estou falando agora de um homem: eu estou falando do Mestre, a Consciência Divina - toca o indivíduo e trabalha nele, sem a ajuda de um professor ou de um ensinamento. Paulo, que recebeu sua iluminação trinta anos depois da crucificação, não tinha um professor pessoal para ajudá-lo a trazer a transformação espiritual que aconteceu nele. Seu professor religioso, Gamaliel, era um estudioso com um conhecimento profundo de hebraico e teologia, mas provavelmente com pouca consciência espiritual, e o poder espiritual parece ter estado completamente ausente dele. Então, esse Saulo de Tarso, que estava fora, na missão de perseguir e ajudar a matar cristãos, este Saulo, um dos mais altamente educados e treinados eruditos religiosos, mas aparentemente sem um traço espiritual, recebeu sua iluminação de dentro de si mesmo, sem a ajuda de um professor ou de um ensinamento no plano exterior.

Paulo deve ter recebido seus ensinamentos e iluminação diretamente do Espírito do próprio Cristo, mas pode bem ser que, por causa de sua identificação com o movimento judaico nos dias do Messias, ele tenha atribuído sua iluminação ao homem Jesus, que deve ter aparecido a ele e lhe ensinado. Também é possível que a consciência de Jesus realmente estivesse lá, como o instrumento dessa iluminação, assim como no caso de João, que alegou ter sido ensinado por Jesus Cristo, e isso cinquenta anos depois de Jesus ter sido crucificado [\(reparar que, com todo seu esclarecimento, o autor não chega a afirmar categoricamente nenhuma das possibilidades... nota do tradutor G. S.\)](#).

Gautama, o Buda, passou de instrutor a instrutor por pelo menos sete anos, e alguns dizem que foi mais; ele deve ter absorvido algo de cada um, mas foi só depois que ele partiu e se afastou de todos professores que ele começou a recorrer aos recursos dentro de si mesmo e teve a experiência de iluminação completa sob a árvore Bodhi. Sem a ajuda de professores ou ensinamentos humanos, esses homens, sem dúvida, receberam sua iluminação através do seu próprio interior, de sua devoção à busca da Verdade, e todos estão de acordo que, sem essa mente iluminada, o homem é espiritualmente nada, mas com ela, ele é espiritualmente tudo.

Existem duas maneiras de receber instruções que levam à iluminação, mas sempre essa instrução envolve um desenvolvimento progressivo, por graus. Um caminho é pela transmissão direta de Deus para a consciência do aluno, o caminho de Gautama, Jesus, João e Paulo. O outro caminho é através de um professor e seu ensino, seja por contato direto ou através de seus escritos. Em ambos os casos, se a instrução é de natureza verdadeiramente espiritual, então é Deus se revelando.

Trazer algum grau de desenvolvimento dessa mente que estava também em Cristo Jesus tem sido a atividade de professores por séculos; e seus alunos, através da aprendizagem e aplicação de verdades específicas, além do contato com a consciência do professor, gradualmente vão assumindo a luz espiritual e o poder espiritual, até que eles finalmente alcancem a iluminação definitiva.

Ninguém pode obter iluminação espiritual por opção. Se isso fosse possível, provavelmente aqueles com maiores recursos financeiros seriam os primeiros a recebê-lo, porque se eles estivessem interessados em encontrar Deus, poderiam procurar um professor espiritual e providenciar para ter dele todas as instruções necessárias até que alcançassem seu objetivo.

Iluminação espiritual, no entanto, não pode ser comprada com dinheiro. Nenhum professor escolhe um aluno por qualquer razão humana: porque ele tem dinheiro, tempo ou por ser um bom amigo. O professor conhece a consciência do aluno e o conduz, e continua observando e esperando os sinais que indicam que há então uma preparação não só para receber a Graça Divina, mas também a capacidade de manter-se nela.

A menos que uma pessoa seja uma das poucas capazes de receber a Graça sem um professor humano, sem dúvida chega um momento em que é necessário para ele estar na presença física de um professor. Dizem que, quando o aluno está pronto, o professor aparece. Mas isso não significa quando o aluno acha que ele está pronto; não tem qualquer relação com que o aluno pensa. Isso significa quando o aluno está realmente pronto.

Mas como o aluno saberá que está pronto? Quando o professor aparece e bate-lhe no ombro. Até então, um estudante não tem nada a fazer, senão permanecer dentro de si mesmo, aperfeiçoar-se, aceitar qualquer orientação que lhe seja dada, ainda que ele a considere estreita, e então orar para que seu dia de iluminação chegue. Nesse dia, o professor irá reconhecer antes do aluno, e geralmente o professor é que fica aguardando que o aluno olhe para cima. Chega uma experiência que é chamada na vida humana de amor à primeira vista, e isso é o que acontece quando o professor reconhece seu aluno, e o estudante reconhece seu professor.

É possível que às vezes um professor espiritual possa julgar mal a prontidão do aluno. Certo é que Jesus calculou mal a prontidão de cerca de doze dos seus discípulos, mas ele aceitou aqueles que estavam quase prontos, e ele não se saiu mal com eles. Dois ou três deles saíram-se razoavelmente bem, e essa é uma boa porcentagem. Devemos nos lembrar que ele entrou em contato com apenas um limitado número de pessoas, muitas das quais eram ignorantes, analfabetas e certamente não treinadas em assuntos espirituais. Se todos os seus discípulos tivessem sido essênios, provavelmente poderiam ter feito mais do que fizeram, mas eles não eram.

É difícil, quase impossível, para qualquer professor dizer: "Você está perfeito. Você vai atingir a total renúncia do ego". O melhor que um instrutor pode fazer é sentir que um aluno está pronto, mas não necessariamente saber se ele vai cumprir ou vai alcançar as alturas da realização espiritual, e sim que ele mostra todas as qualidades necessárias para a realização; a partir de então, cabe ao aluno poder ou não alcançá-la.

Neste ponto, o professor dá ao aluno tudo o que ele tem para dar, e depois fica com o aluno até o ponto em que ele será capaz de completar a jornada por si mesmo. Nenhum instrutor pode completar essa jornada por um estudante: ele só pode conduzir o aluno, elevá-lo, trazê-lo para o discernimento, e, em um momento específico, quando assim instruído de dentro, conferir a iniciação. A partir de então o aluno, trabalhando com o professor, pode ir para a frente, mas se ele atinge a medida completa nesta vida é algo que ninguém pode predizer.

Dar e receber instrução espiritual é um ato sagrado, que deve ser realizado pelo aluno e pelo professor com a máxima dedicação e consagração. Real instrução espiritual começa apenas quando o aluno é capaz de voltar-se para Deus com tal receptividade que ele pode ouvi-lo falar com ele, ou quando o estudante encontrou seu professor ou seu ensino e vem para a presença desse professor ou ensino sem perguntas, sem desejo, senão um único: a revelação da Verdade.

A atitude apropriada do aluno é sentar-se aos pés do mestre, não com perguntas, mas quase com um pedido: "Dê-me uma compreensão de Deus! Revele-me a Deus; revele-

me a Verdade". Como o estudante senta em expectativa tranquila, confiança e segurança, o professor é capaz deixar a palavra de Deus fluir através de sua consciência, e então é não um professor falando, nem homem nem mulher, mas o próprio Espírito de Deus.

No Oriente, esse tipo de ensinamento era conhecido há muito, longos séculos antes da era cristã. Nesse sistema, existe um professor espiritual que atingiu alguma medida de sabedoria espiritual - alguns mais e alguns menos - os quais, sentado em silêncio em sua caverna, em sua montanha ou retiro, ou pela margem do rio, gradualmente atraem aqueles indivíduos que sentem-se atraídos por ele. Esses, então, tornam-se seu corpo discente. Eles vão sentar em volta do professor, voltar dia após dia para uma sessão, e às vezes permanecem por dois, três ou quatro noites e dias, ou por anos, dormindo ao ar livre, se necessário, até que alguma medida de luz comece a amanhecer em sua consciência.

Há outros professores na Índia que fundaram ashrams ou estabeleceram pequenos templos ou locais de culto onde os estudantes podem chegar até eles, levado por uma impulsão interior. Não há publicidade, é claro, nem há qualquer contato com os alunos. As pessoas, às vezes, viajam milhares de quilômetros apenas para passar uma semana ou duas num esquema particular. Alguns alunos vêm e permanecem com o professor por muitos anos, porque hoje, apesar do rádio e da televisão, há pessoas, particularmente no Oriente, que sabem que a Verdade não pode ser transmitida ou absorvida em um fim de semana movimentado; portanto, é perfeitamente normal e natural passar de três a sete ou mais anos com seu instrutor.

Quando o aluno entra na presença de um professor espiritual, se ele orou sinceramente para ser levado ao seu instrutor ou ensinamento, ele estará na presença de quem tem pouco conhecimento para dar, mas diante daquele que, por causa de suas horas de meditação e por ter alcançado a União Consciente com Deus, será de tal transparência que o Espírito derramar-se-á através dele em palavras, pensamentos ou em completo silêncio.

De qualquer forma, a instrução é dada. Se o aluno for receptivo, ele receberá a comunicação. Então o trabalho é principalmente a meditação, com ocasionais relatos de verdade do professor, que o aluno pode usar em suas meditações, até atingir um grau de consciência de algumas dessas verdades.

Se a mente do aluno está em um estado de questionamento e disputa, se ele duvida ou ainda não reconhece seu professor, ele não pode aceitar a instrução espiritual dele. A verdade só pode ser recebida quando o estudante atinge aquela profunda humildade que está disposta a admitir: "eu sou vazio; eu não sei de nada; preencha-me". Então, quando

ele entrar na presença de seu professor ou encontra escritos do seu professor (um caso bem particular! Afinal, o texto é - deve ser - a Presença de uma Consciência! – desde que seja reconhecida como tal - nota do tradutor G. S.), ele estará preparado para aceitar o ensino em humildade e sem argumento, assim como estamos preparados para aceitar o ensinamento do Mestre, não porque há a autoridade de Cristo Jesus por trás disso, mas porque algo dentro nos diz que esta é a Verdade e devemos seguir nesse caminho.

Nenhum aspirante no caminho espiritual deve ser influenciado a seguir um ensinamento espiritual simplesmente porque seus amigos o abraçaram e estão entusiasmados, ou porque parece ser bem-sucedido ou popular. Isso não tem nada a ver com ele.

Ninguém deve ter pressa para escolher seu professor ou seu ensino. Em vez disso, uma pessoa deve esperar até ter a convicção de que encontrou o caminho certo, que não há como voltar atrás. Então, quando lhe é revelado que este é o caminho para ela, ela o seguirá, mesmo que seja muito difícil. Quando um aluno encontra seu ensinamento espiritual, ele deve então desistir de todos os outros, e ser tão fiel a esse ensinamento e ao professor quanto ele espera que o professor seja a ele. Um estudante tem o direito de esperar de seu instrutor completa e total devoção a Deus, e também toda a assistência que ele possa dar ao desenvolvimento espiritual de seu aluno; mas o aluno deve dedicar essa mesma devoção a Deus, ao seu professor e ao seu ensinamento, abandonando todos os outros e firmando-se em apenas um. Ninguém deve tentar montar dois cavalos na mesma corrida. Isso nunca foi realizado com sucesso. O Mestre advertiu que existem muitas, muitas pessoas, que tomam o manto sobre si mesmas e estabelecem -se como o Cristo, mas que não são "cristos" de modo algum. Há muitos mestres desfilando sob a bandeira da verdade, que não têm nenhuma compreensão ou relação com a verdade. Ninguém pode prevenir a outro quem são esses. O próprio aluno terá que ser guiado pelo Espírito para descobrir se o professor com quem ele está trabalhando é "aquele que deveria vir".

Quando João Batista questionou se Jesus era o Prometido, a resposta de Jesus foi: “Vai e anuncia a João as coisas que tens visto e ouvido: que cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres anuncia-se o evangelho”. Essa é a única prova que pode ser dada. Ninguém pode decidir por outro quais os mestres e quais ensinamentos são verdadeiros ou falsos. Cada um tem que permanecer dentro de si e medir o que lhe é oferecido, em contrapartida com o que ele testemunha como verdade demonstrável. Pelos frutos do ensino e pela vida do professor, cada um terá que determinar qual ensino é para ele, mas ninguém deve tentar trabalhar com dois, três ou quatro ensinamentos ao mesmo tempo. O Mestre chamou seus discípulos para deixarem suas redes - deixarem seu passado, deixarem tudo de que

estavam convencidos, deixando tudo para trás para segui-lo, e ele os faria pescadores de homens.

Quando uma pessoa vai a Deus, que vá numa entrega completa e rendimento completo. No começo isso não é possível, porque todo mundo tem algumas convicções religiosas, mesmo que suas convicções sejam ateístas. O estudante que se volta para a Verdade descobre que muitas de suas crenças anteriores eram ensinamentos ou interpretações erradas feitas pelo homem, e que ele os seguiu somente por obediência cega e ignorância. Então quando ele chega à Verdade, ele fica chocado, ao descobrir que ele não pode continuar aceitando algumas das suas crenças mais queridas porque, para seu bom senso esclarecido, elas não são verdadeiras. Algumas delas ele é capaz de se desapegar facilmente, mas a outras ele vai se agarrar com tenacidade inabalável.

O desapego de tudo que o estudante considerou mais sagrado muitas vezes ocorre contra suas próprias convicções internas, contra a fé e crenças que foram armazenadas por anos e anos. Essas ele acha difícil abandonar, e assim ele tenta entender o novo, enquanto ainda se agarra ao antigo.

O Caminho da Verdade não é fácil. Não é fácil ser um buscador de Deus, porque, afinal, temos que abandonar todas as nossas convicções e chegar a esse novo dia em que faremos a grande descoberta de que Deus está no meio de nós.

Uma função do instrutor espiritual é revelar os princípios com os quais o estudante deve trabalhar para se erguer na consciência, para uma apreensão do Divino. O Mestre deu a seus discípulos um meio para isso, ao pedir-lhes que rezassem por seus inimigos, orassem por aqueles que os manipularam maliciosamente, orassem em segredo, dessem esmolas em segredo e perdoassem até setenta vezes sete. Dos seguidores de Jesus, esperava-se que colocassem esses ensinamentos em prática, e assim como ele apontou para certos princípios, hoje um professor da sabedoria espiritual recebe suas próprias transmissões espirituais e as revela para seus alunos. Tais ensinamentos não têm valor, no entanto, se são meramente comunicados do professor para o aluno. Eles tornam-se significativos e eficazes somente quando o aluno os coloca em prática.

Algumas pessoas pensam que o raciocínio e a lógica são suficientes para alcançar a vida espiritual, mas eu aprendi há muito tempo que nenhum ensino espiritual pode ser transmitido intelectualmente. A leitura de livros apenas nunca vai dar à maioria dos requerentes a real importância de um verdadeiro ensino espiritual, porque ninguém pode compreender um ensinamento espiritual somente por livros, a menos que ele esteja espiritualmente sintonizado (essa ressalva é importantíssima, pois, estar "espiritualmente sintonizado" é ver num livro, num autor, a própria Consciência, e não um texto intelectual. Isso envolve os olhos de quem lê, o sentimento, a intuição e a Fé - sim, isso é possível! Tomemos um exemplo prático: alguns livros do autor foram traduzidos e disponibilizados

gratuitamente... Apesar do interesse de muitos, sou capaz de apostar que uns poucos realmente leram... Será que apenas motivados por uma curiosidade intelectual? Não creio! Eu mesmo tive um livro de Joel Goldsmith quinze anos sem ler, quinze anos. Só li quando motivado pela vida - Consciência - de Philippe de Lyon... buscando saber não o conhecimento intelectual, mas como ele conseguia curar pessoas... - nota do trad. G. S.).

Somente através da consciência espiritual a Verdade pode ser transmitida, e é por essa razão que tanto tempo deve ser dedicado à meditação, tanto por parte do professor quanto do aluno. Se um estudante eleva-se acima de seu raciocínio, até a área de consciência onde suas faculdades intuitivas funcionam plenamente, aí então ele pode compreender o que o professor está lhe transmitindo. Caso contrário, ele é capaz de ouvir apenas com o ouvido, e, para absorver uma mensagem espiritual, ouvir com o ouvido físico não tem sentido.

Depois que ele revelou os princípios com os quais o estudante deve trabalhar, a segunda função do professor espiritual é abrir a consciência do aluno para que um caminho possa ser feito pelo aluno, para que ele alcance o centro de seu próprio Ser, onde Deus pode se revelar para ele. Deus não faz acepção de pessoas. Deus não escolhe entre todos na humanidade um Lao-tse, um Buda, um Shankara, um Jesus, um João, ou um Paulo, e nem espera que todo o resto do mundo sente-se a seus pés. Não, o mundo senta-se aos pés do iluminado para aprender como ele se tornou uma luz, e como se pode ir e fazer o mesmo.

Se o estudante é fiel, um professor espiritual pode abrir a consciência para uma receptividade ao Pai interior, de modo que a experiência de Deus possa chegar até ele. Algumas pessoas recebem a luz espiritual muito rapidamente, outros mais lentamente, dependendo do desenvolvimento do indivíduo: como foi sua formação, quão preparado ele está para desistir do raciocínio, pensamento, argumentar com a mente e quão disposto está para sentar-se, por assim dizer, aos pés do mestre, e receber, receber e receber.

Enquanto não há nada que possa ser perguntado ou respondido através da mente que possa melhorar o entendimento espiritual de um aluno, no começo é natural para ele ter perguntas que, quando respondidas, podem de alguma forma desfazer algumas impressões falsas com as quais o aluno pode estar enrolado e ajudar a limpar alguns borrões em sua consciência, assim preparando-o para a experiência espiritual. O professor responde aos alunos suas perguntas, mas a continuação insistente de perguntas significa que o estudante não atingiu essa consciência interior, e sua atenção precisa ser dirigida, não para ter suas perguntas respondidas, mas para ir fundo e mais fundo na consciência, até que ele consiga a "pérola preciosa".

Nenhum professor espiritual evita responder perguntas que são feitas para clarear o significado da mensagem, mas uma vez que o aluno tenha alcançado um contato real com a sua Fonte, as questões raramente surgem. Como Deus se desdobra em sua experiência, ele fica sem perguntas, sem qualquer dúvida sobre o que fazer ou por quê. Ele não está preocupado em entender o que pecado é, ou sobre ser guiado, sobre o que ele deveria ou não fazer. Se ele soubesse da pouca importância que essas coisas têm, ele nunca as deixaria perturbar seu pensamento. Sua única preocupação seria seguir a Luz que está dentro dele.

Já que a transmissão espiritual não vem através do mente humana ou através das faculdades racionais, a única razão pela qual as dúvidas têm qualquer lugar no desenvolvimento da conscientização espiritual é por causa da mistura de ensinamentos errados, e muitos deles devem ter sido ensinados desde os seus primeiros anos, continuando a confundi-lo, até que sejam limpos. Chega o dia, no entanto, em que o aluno percebe que todas as suas perguntas, juntamente com suas respostas, são absolutamente inúteis no que diz respeito a seu desenvolvimento espiritual.

O desenvolvimento espiritual vem através da experiência de Deus, não por perguntas ou respostas. Através da meditação, o professor se empenha em elevar a consciência do aluno, e isso faz libertar o aluno. Não é uma questão de saber ou não saber a resposta às questões colocadas pela mente humana: é uma questão de alcançar a Consciência Espiritual. O real ensino espiritual começa quando a atitude do aluno é: "eu não tenho mais perguntas. Tudo o que eu quero agora são respostas, mas aquelas que vem de Deus. Eu quero que elas venham através da inspiração de meu professor ou diretamente do Espírito de Deus dentro de mim".

Mas até que essas respostas sejam recebidas, o aluno deve satisfazer sua mente fazendo perguntas. Esse é o único método para descartar seus questionamentos, ceticismo e dúvidas; mas ele deve se livrar deles o mais rápido possível e, em seguida, encerrar logo essa fase de sua jornada espiritual, que é apenas uma etapa introdutória. Nem mesmo o começo da sabedoria espiritual é alcançado enquanto as perguntas não estiverem fora do caminho e o aluno esteja completamente vazio e implorando: "o passado é passado. Eu nem estou mais interessado no que eu pensava ou acreditava antes. Eu não me importo com respostas para perguntas: eu me preocupo apenas com a experiência de Deus. Preencha-me; preencha-me com sabedoria espiritual; encha-me com a Presença e Poder de Deus".

Com essa atitude, o aluno entrou no estágio inicial - o primeiro degrau. Daí em diante, pela Graça de Deus que tem sido concedida a ele, o professor pode transmitir não apenas sabedoria espiritual, mas Consciência Espiritual. Mais cedo ou mais tarde, o

caminho se abre para que o o aluno receba suas próprias comunicações de dentro. A mesma Luz que chegou a todo místico pode então chegar a ele; a mesma Verdade que se revelou a todo místico pode então se revelar a ele. A Verdade, em sua essência, é a mesma, mas vem em uma linguagem diferente e em diferentes graus para cada pessoa.

A verdade chegou a centenas de pessoas, mas sempre vem por um indivíduo. Assim como Deus falou através de Gautama, o Buda, Lao-tse e Shankara, através de Jesus, João e Paulo, então Deus pode falar através das palavras de qualquer pessoa realizada por Ele, e quando o próprio aluno faz o contato com Deus, a Verdade virá através dele.

O ensinamento que é transmitido sem palavras e sem pensamentos é o único ensinamento absoluto que existe. Houve estudantes do "Caminho Infinito" que foram capazes de receber tal ensinamento, e quando isso acontece, há longos períodos de completo silêncio, em que nenhuma palavra é falada, e nenhum pensamento, e ainda assim a mensagem é transmitida a eles.

Não precisa haver nenhuma conversa entre professor e estudante, porque há uma área de consciência que é realmente uma área de comunicação, de modo que, sem fala e sem pensamento, seja qual for a comunicação necessária entre o aluno e o professor, vai acontecer. Não é necessário falar ou pensar quando duas pessoas estão sintonizadas, só que elas não podem estar sintonizadas por terem algo em comum humanamente, mas apenas por saber que "EU SOU".

Quando nenhum sentido pessoal entra, seja em transmitir ou receber, isso é ensino absoluto. É realizado inteiramente no plano espiritual. Quando o Absoluto é alcançado e o estudante se eleva com o professor na Consciência Divina, o sentido humano da verdade é descartado.

O professor espiritual não é um mentalista. Ele nunca se intromete na mente de seu aluno, nem jamais tenta influenciá-lo, nem mesmo para o bem. O trabalho do professor é o trabalho puramente espiritual de fazer contato com Deus, e depois deixá-lo aparecer a seus alunos, conforme Ele assim o desejar.

O destino final de um estudante tem que ser realizado em sua consciência. É verdade que ele pode se beneficiar de um professor ou de livros. Os livros, por si mesmos, no entanto, não farão uma demonstração: eles são apenas ferramentas ou instrumentos para seu uso, conforme ele atravessa seus períodos de meditação contemplativa. Quando ele está em prece e comunhão naquele santuário interior, dentro de si, lá a transição ocorre, a Palavra é ouvida e, finalmente, a união indissolúvel é revelada.

Por exemplo, hoje sou um professor revelando a Verdade, mas se amanhã eu passar pelo que chamamos de "morrer", e então minha presença física deveria deixar este mundo, isso não me afastaria. Meu Eu ainda estaria aqui. O que seria feito do meu corpo faria pouca diferença, porque o Eu de mim ainda estaria aqui e ainda poderia ensinar, se aqueles que buscam esse ensinamento puderem perceber que não há morte: estamos separados da visão física, mas não da comunhão real.

Se realmente acreditamos na imortalidade, sabemos que Lao-tse, Gautama, Jesus e João ainda estão atuando, mas porque não podemos estar cientes de qualquer coisa fora da nossa consciência, o único lugar onde eles podem atuar é justamente em nossa consciência: eles não podem estar no céu e eles não pode sair pelo espaço. É perfeitamente possível, portanto, para qualquer grande professor ser nosso professor, até que tenhamos completado nosso acesso à Fonte, à própria Fonte, sem mediação.

Muitas pessoas recebem transmissões deste modo, sem sequer saberem que têm um professor, porque nem todos os professores se anunciam ou se revelam: eles simplesmente trabalham através da Consciência do indivíduo, em um sentido completamente impessoal. Se estamos tocando o próprio Eu, ou se há mediação, isso não tem importância. Se as comunicações estão vindo através de um professor, elas estão vindo da Fonte - não do professor, apenas vêm através do professor. Nenhum mestre poderia ser um mestre, se ele não fosse Um com a Fonte.

Há uma ligação invisível nos conectando com todo ser espiritual, pessoa, atividade, pensamento e coisa em todo o mundo. Através da percepção disso, estamos instantaneamente sintonizados com a consciência espiritual daqueles que viveram ao longo de todo o tempo. Nós estamos instantaneamente em Unidade com a consciência espiritual de todos os que atuam na terra, e de todos aqueles que ainda não nasceram. Cada um existe aqui e agora. Mas onde é aqui? Estamos falando sobre um quarto ou sobre a consciência? O Eu de nós não está e nunca pode estar em um quarto. O quarto em que nosso corpo está, está em nossa consciência. É isso que nos torna conscientes disso. Então, se estamos em sintonia com os mestres inspirados de todas as idades, nós os temos conosco neste momento, em nossa consciência.

Nesse ponto, há uma tremenda revelação: nunca estamos sozinhos. Assim como atraímos para nós a companhia que merecemos em qualquer dado momento, também em nossa vida invisível há companheirismo. Como Jesus podia conversar com Moisés e Elias, a quem ele reconhecia como grandes mestres e videntes espirituais, nós também temos hoje aqueles que são nossos companheiros no caminho espiritual. Você tem o seu e eu tenho meu - e se assim é, acordemos para a percepção de que nenhum deles morreu, que o nosso próprio mestre está conosco, nosso próprio professor está dentro de

nós. Seu professor pode ser um homem ou uma mulher vivendo neste parêntese particular, ou seu professor pode ser uma Presença e um Poder invisíveis. Essa é a vida mística.

Essa comunhão é sempre com um estado divino de consciência, não com uma consciência humana existente em outro plano. Independentemente de quantas gerações se passaram, a possibilidade de contato existe, porque simplesmente possuir uma forma diferente não mudaria a situação. Nós não estamos limitados a um corpo; nós não existimos como uma fisicalidade, mas sim como o Eu que somos, aquilo que nós sabemos Ser.

Se eu quiser comungar com você, tenho que fechar meus olhos, desligar-me da aparência, e ir fundo dentro da minha consciência. Lá eu encontro o que você realmente é - a Alma, o Filho Divino de Deus, o Eu que vive no seio do Pai e nunca saiu do Pai.

Nós não temos que ir mais além do que nos voltarmos para o Eu dentro de nós para recebermos comunicados de Verdade e de Sabedoria da Fonte, uma vez que Eu sou Um com a Fonte. Na mesma cadeira onde estamos sentados, estão ambos, o Pai e o Filho - Deus Pai e Deus, o Filho. Temos apenas que nos voltar para dentro e o Eu que é o Pai começa a se revelar, Sua Verdade, Sua Sabedoria.

Então, se essas transmissões não vierem na forma de palavras ou pensamentos, não faz diferença: elas ainda aparecerão como efeito. Nós podemos não ter consciência de que algo aconteceu, mas quando nos voltamos para dentro de nós mesmos e entramos em um estado de receptividade, podemos ter a certeza de que algo acontece no visível.

Nunca nos esqueçamos de que não precisamos sair procurando mestres, ou girando e girando em nossa mente, tentando encontrá-los. O que temos a fazer é buscar o Reino de Deus, desejar a Consciência de Deus e a Sabedoria de Deus, e se isso tiver que vir para nós através dos inspirados por Deus, eles nos encontrarão. Pode nem ser necessário que conheçamos a identidade daqueles que estão destinados a nos guiar. Há muitos homens e mulheres inspirados e iluminados na Terra que desconhecem totalmente a identidade ou fonte individual de sua inspiração e força. Outros estão conscientes de identidades específicas, mas eu nunca soube que alguém que tem essa consciência tenha procurado isso. Foi a Graça de Deus que o trouxe.

Se buscarmos iluminação de qualquer ser menor que Deus, certamente podemos ser desviados para a idolatria. Mas se nós a buscamos em Deus, e ela vem através de um instrumento de Deus, através de um iluminado de Deus, aí não há idolatria nisso, e não há personalização disso. Se nós entendermos que os mestres são apenas aqueles indivíduos que, por sua preparação, foram iluminados por Deus, não vamos adorá-los:

vamos apreciá-los, e seremos gratos por serem eles instrumentos através dos quais Deus revela-se a nós. Se os vemos como algo separado de Deus, no entanto, podemos cometer o erro de adorá-los como mestres, e isso pode levar-nos a problemas, justamente como se nos dedicássemos a adorar professores humanos neste plano, em vez de compreendermos qual é a sua função e o que os torna professores.

Os professores não são professores por si mesmos: são professores por causa de uma preparação que vem acontecendo ao longo de muitas vidas, que fez deles transparências através das quais Deus, a Verdade, pode ser revelado à consciência humana.

Quando entendemos os professores nessa luz, somos gratos a eles pela vida que levam, mas nunca iremos tão longe a ponto de adorá-los; e quando eles passarem da nossa experiência pessoal, nós não sentiremos que algo foi tirado de nós. Em vez disso, nós entenderemos que, a partir de então, a Verdade virá diretamente para nós de dentro do nosso próprio Ser, ou se ainda não alcançamos esse estágio, outro professor ou mestre nos encontrará.

Então, se o nosso professor particular está neste plano ou outro, nós só podemos entendê-lo corretamente se entendermos que ele chega a nós como um instrumento através do qual Deus, a Verdade, pode nos alcançar. Então, se por acaso nos tornamos conscientes de alguém agindo como um instrumento a partir de outro plano, e se, através desse contato, o fruto for bom, não precisamos temer, mas sim recebê-lo. Se, por outro lado, alcançamos um reino, em outro plano, composto de bem e mal, podemos saber que tocamos apenas o plano humano, seja aqui ou lá.

O verdadeiro professor sabe que Eu já era antes de Abraão, e que Eu estarei com Ele até o fim do mundo. Que sejamos incapazes de ver esse professor ou esse Eu com nossos olhos humanos não faz diferença, porque Eu não sou uma fisicalidade: Eu sou Espírito; Eu sou Consciência; Eu sou a Vida Eterna, e se podemos entender isso, então, onde o Eu do professor está fisicamente nunca nos interessará, pois Eu sempre estarei onde estamos, até o fim do mundo, até o fim dos tempos. Eu estarei onde estamos, mas na medida em que o Eu do professor seja o Eu de nós, podemos ter esse Eu individualizado onde estivermos, sabendo que o Eu do nosso ser está onde o Eu do professor está: nós somos inseparáveis, e somos indivisíveis.

Em um determinado momento, quando todos os requisitos necessários são cumpridos, a Luz da Consciência do professor ilumina o estudante, e então o aluno entra em plena consciência de sua verdadeira identidade e tem uma experiência transcendental. Quando isso tem lugar, o aluno é tão livre e independente quanto o professor, e é livre na plena e completa realização de sua verdadeira identidade e da identidade de cada homem, mulher e criança no mundo.

Através deste olho espiritual desenvolvido, vemos o coração de um indivíduo e o coração da natureza: o coração de uma folha, de uma flor e até o coração de uma pedra. Não existe matéria morta. Tudo é vivo e respira, e tudo o que existe tem alma. Há alma nas pedras, e há alma nas árvores, mas essas almas são uma única Alma interpretada em diferentes níveis. Vista materialmente, uma pedra é uma pedra. Vista mentalmente, uma pedra pode ser uma arma. Vista espiritualmente, uma pedra é realmente uma pequena centelha de Deus - uma jóia, uma gema - e estranhamente, é incorpórea: tem forma, estrutura, cor, e beleza, mas não tem densidade. Então, sobre a árvore: uma árvore tem forma, luz, beleza, cor, graça, mas não tem densidade quando percebida através da consciência transcendental.

Nenhum homem de si mesmo pode conceder o Espírito Santo a outro, mas como instrumento de Deus, o professor torna-se a transparência através da qual Deus alcança a consciência humana, eleva-a e purifica-a, eleva-o do solo pedregoso e estéril ao solo fértil.

AUTO-RENÚNCIA

Os estudantes que partem para a aventura espiritual freqüentemente têm a falsa compreensão de que eles viverão nas nuvens e não descerão mais à terra, a não ser, talvez, para ajudar alguns de seus vizinhos. Mas isso não funciona dessa forma, embora, a princípio, possa parecer uma adesão a esse tipo de experiência.

Mas o caminho espiritual é um caminho de sacrifício; é uma renúncia, uma rendição. Se pudermos imaginar o Mestre dizendo a seus discípulos para "deixarem suas redes", ou os discípulos, os apóstolos e outros levando a mensagem de Cristo longe, sem pensar em suas próprias vidas, sem depender de bolsa e nem roteiro, passando por sofrimentos, perseguições e, mais tarde, até a própria morte, podemos começamos a perceber que o caminho do Cristo não é uma maneira de se obter e ganhar, mas de doar; é uma maneira de se render.

Normalmente, o estudante metafísico não chega a um ensino da verdade pensando em se render ou desistir de qualquer coisa. Seu principal pensamento está no que ele ganha com isso, e ainda que não deva haver críticas ou condenação desses que estão nesse nível de consciência, deve-se reconhecer que ganhar ou obter não tem nada a ver com um ensinamento espiritual.

É verdade, no entanto, que o primeiro ano ou dois de estudo podem resultar em uma melhora considerável para a maioria dos alunos. Suas vidas começam a ser ajustadas,

harmonias entram em sua experiência: maior saúde, às vezes maior suprimimento e quase sempre uma maior sensação de paz.

Cerca de mais um ano depois, eles se deparam com um pequeno problema: o ego entra em cena conforme os alunos começam a perceber que, a fim de atingir a Graça Espiritual, eles são chamados a renunciar a todas as qualidades humanas, desejos e paixões - não apenas os maus, mas também aquelas rotuladas pelo mundo como boas. Muitas coisas queridas têm que sair pela janela, quando o Espírito entra. Muitos confortos têm que ser abandonados, e este é o período em que mesmo as dificuldades físicas podem surgir.

O corpo humano tem em si a potencialidade da discórdia e da doença, e se for deixado por si, esses erros multiplicam-se até se tornarem sérios o suficiente para causarem dor. Sob um programa de dois ou três anos de trabalho espiritual muito sério, no entanto, esses erros não podem ficar inativos: eles não têm a permissão de continuarem dormentes, eles são despertados.

Não são apenas as discórdias físicas que permanecem latentes na maioria das pessoas. O próprio ego, em muitos casos, teve pouca oportunidade de receber qualquer atenção. Aqueles que conheceram pouca honra e glória, e que, muitas vezes, sentem-se como ninguém, o que, aliás, todos nós realmente somos como seres humanos, de repente começam a florescer e encontrar seus egos no meio de atividades até então desconhecidas. É então que o querido e pequeno ego torna-se inflado e começa a sentir-se importante. Com isso, vem então o período de rebelião - a incapacidade do ego de manter a perspectiva adequada - e um período de luta se segue.

Em outras palavras, durante este segundo, terceiro ou quarto ano de estudo espiritual sério, podemos esperar que o pior de nós venha à superfície, seja o pior físico, pior mental, ou mesmo o pior moral. De muitos modos diferentes, os primeiros anos são problemáticos, porque se as tentações que vêm não são sabiamente encaminhadas. Podemos nos encontrar não só como a esposa de Lot olhando a cidade que ficou para trás, o estado de consciência que ela havia deixado, mas até mesmo voltando para essas cidades, aqueles níveis de consciência que há muito tempo já foram superados. O objetivo parece tão distante que podemos desanimar e decidir voltar atrás. É nesses anos, portanto, que precisamos nos vigiar mais de perto, para termos a certeza de não sermos vencidos pelos nossos problemas ou pelas situações que enfrentamos, mas sim continuarmos seguindo em frente.

Durante este período de inquietação, dúvidas e questionamentos chegam ao nosso pensamento: Estou no caminho certo? Este é o meu caminho? Se pudéssemos lembrarmo-nos das mudanças que ocorreram em nossa vida ou se nós pudéssemos ao

menos recordar as bênçãos que temos testemunhado na vida de outros neste caminho, saberíamos que, independentemente do que possa ter acontecido conosco, este ainda é o caminho. Infelizmente, neste período de dúvida, a maioria das pessoas esquece todas as evidências que tiveram durante esses anos que deveriam ser suficientes para provar-lhes que é o caminho certo para elas.

E é nesse ponto que aqueles de nós que aspiram à vida espiritual devem lembrar-se de que o objetivo do Espírito não é mais ou melhores circunstâncias materiais. O objetivo não é apenas adicionar mais bens, dobrar ou quadruplicar nossa renda, ou transformar um corpo doente em um são. Se acreditamos que são essas coisas que representam o objetivo, e que, julgando pelas aparências, falhamos em alcançar esse objetivo, podemos ser tentados a sair da estrada e nos afastar daquilo que o nosso objetivo real deveria ser.

O caminho espiritual leva à realização de Deus, Deus e seu governo, Deus e seu controle. Ao longo do caminho, e como resultado do nosso progresso no caminho, curas chegam a nós: físicas, mentais, morais, financeiras, e curas também de relações humanas discordantes. Essas, no entanto, não são o nosso objetivo: são apenas as coisas acrescentadas. Em algum momento de nossa experiência, essas curas podem servir como uma prova temporária da correção do Caminho, mas em última análise, nem chegam a ser isso, porque "tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" (a citação é Lucas 16:31. O autor quer dizer que provas nem deveriam ser necessárias, pois quando as pessoas não querem acreditar, nem os mortos retornando podem convencer). Mas essas curas, no entanto, servem a um bom propósito, elas são necessárias para o cumprimento do ensinamento de Jesus Cristo: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham plenamente". Essa é a promessa, mas há passos que levam ao cumprimento dessa promessa e, às vezes, esses passos são muito difíceis, principalmente por causa da rendição, da entrega que é necessária.

Para a pessoa que está meramente buscando mais harmonia em sua vida cotidiana, no entanto, esta rendição não é necessária. Um pouco de leitura ou apelar ocasionalmente a um praticante ou a um professor darão a ela ajuda suficiente para deixá-la mais confortável para seguir evitando mais discórdias da vida humana, mas deixando o trabalho final de sua salvação para algum tempo futuro, ou talvez até para alguma vida futura.

Mas para aqueles que não podem descansar nisso, para aqueles que sentiram o Filho de Deus em seu peito e que tiveram seus passos voltados para um caminho espiritual, não há tal coisa como estar satisfeito com um pouco de conforto físico, estabilidade mental e

moral, ou segurança financeira. Sentem-se pressionados a seguir em direção à meta final, e é aí que a rendição entra.

Devemos entregar todo e qualquer desejo ao único desejo: ver Deus face a face, para conhecê-lo e deixar que a Vontade de Deus manifeste-se em nós. Deve haver a entrega completa de nossa personalidade pessoal para que o Espírito de Deus possa realizar-se em nós de acordo com Sua Vontade, não com a nossa.

É Vontade de Deus que tenhamos vida eterna; é Vontade de Deus darmos frutos com abundância. Na verdade, o Cristo é plantado em nossa Consciência por uma razão: para que possamos estar em paz, que tenhamos vida e a tenhamos mais abundantemente, para, se formos cegos, nossos olhos possam ser abertos, e se formos surdos, nossos ouvidos possam ser desimpedidos; em outras palavras, que a Graça de Deus nos encha da abundância infinita de bem espiritual, esse é o único objetivo. Cristo Jesus não disse uma só palavra sobre como usar o caminho espiritual para adquirir palácios, reinos e tesouros terrenos. Em vez disso, disse ele: "Meu reino não é deste mundo".

O estudante da sabedoria espiritual deve orar, não pelos reinos deste mundo, não para "os quatro reinos temporais" (referência a "Daniel 2: 26-46"). Uma das razões para o nosso descontentamento é que os quatro reinos temporais não se cumpriram em nós como esperávamos que pudessem ser, e agora estamos sendo chamados a render o nosso desejo por aqueles reinos - pelas coisas deste "mundo", pelas coisas para as quais temos orado até agora. Nosso objetivo agora deve ser puramente espiritual, alcançar o Reino dos Céus.

O Reino dos Céus é um estado de grande paz e harmonia; é um lugar de muitas mansões onde todo mundo é um mestre, e lá ninguém é servo. Que reino estranho! Um lugar com todas essas grandes maravilhas, mas não há servos para cuidarem delas. Cada um é mestre, e cada um é seu próprio servo. Infelizmente, no entanto, algumas pessoas acreditam que o céu é um lugar onde eles vão ser mestres, com servos para esperá-los. Deve ser um choque para muitos, em seu progresso espiritual, perceber que não há lugares de honra, grandeza ou fama; não há reis e príncipes; não há dez ou cinco inferiores. Todos esses são Um em Cristo Jesus: não há maior nem menor. Existe apenas uma dependência completa do Espírito de Deus.

Há um Espírito de Cristo, e Ele fará ressurgir nossos corpos mortais; será o pão, o vinho e a água para nossa experiência; nos compensará daqueles anos de colheita perdidos pelos gafanhotos. Existe um Espírito, mas há um preço a ser pago por Ele - uma rendição. Espiritualidade não pode ser adicionada a um vaso já cheio de materialidade. Nós não podemos adicionar o Reino dos Céus ao nosso senso pessoal do ser. Se houver um amor desordenado pelo poder pessoal, um amor por glória, um amor por nome ou

fama, ou um mero desejo de manifestar os benefícios e os frutos do Espírito na forma de melhores circunstâncias humanas, nós não poderemos alcançar o Reino dos Céus. Nosso vaso deve estar vazio de si mesmo antes de poder ser preenchido com a Graça de Deus.

O Mestre Jesus Cristo lavou os pés dos seus discípulos, tocou os leprosos, e serviu de todo e qualquer modo, para mostrar que não era ele, ele mesmo, que tinha poder, mas que era a Graça de Deus que estava operando através dele, não uma Graça nele apenas, mas uma Graça que operaria em todos aqueles que estivessem dispostos a deixar suas redes e esvaziar-se de si mesmo.

Quando uma pessoa percebe que é impossível para ela fazer qualquer obra poderosa por si mesma, impossível até ter compreensão suficiente para curar uma simples dor de cabeça, então, e só então, ela torna-se um vaso vazio, através do qual o Espírito de Deus pode fazer seu trabalho na Terra. É quando se senta humildemente e completamente ciente de sua incapacidade, até mesmo de saber orar, que o Espírito de Deus pode agir e executar seus milagres na Terra.

O Espírito de Deus está sempre presente para nos elevar acima de toda enfermidade, mas tem que ter uma consciência humana para usar como instrumento. Tinha que haver um Jesus Cristo para realizar aqueles milagres e curas instantâneas na Galiléia. Tinha que haver discípulos para continuar o trabalho de cura. Deus sempre age através de uma consciência individual, assim como Ele agiu através de Moisés, Elias e dos apóstolos, e como Ele agiu através dos místicos, metafísicos, praticantes e professores dos dias atuais. Deus opera através da instrumentalidade da consciência humana individual, quando essa consciência é expurgada de seu desejo de autoglorificação, de lucros e vantagens pessoais, ou seja, qualquer coisa que "os quatro reinos temporais" possam representar para uma pessoa.

Quando chegamos ao ponto de servir como praticantes ou professores, temos que ser corajosos e completamente expurgados de qualquer sentido pessoal, porque nós, sem dúvida, ofenderemos muitas pessoas a quem desejamos abençoar. Neste ministério não pode haver favorecimento para qualquer um por causa de sua posição, riqueza ou fama; não pode haver concessões à parte mais grosseira da natureza humana. Toda pessoa terá que chegar ao mesmo estado de rendição, e para isso, podemos ter que "arrancar os olhos", "cortar as mãos" ([Mateus 5:29-30](#)) e observar que "este caminho é reto e estreito e, ou você segue de modo reto e estreito, ou você não vai entrar".

Esse não é o caminho da popularidade. Podemos nos tornar impopulares porque seremos chamados a disciplinar, corrigir e ensinar princípios aos quais a mente humana resistiu desde os dias de Moisés e de Jesus Cristo, e sempre resistirão. A mente humana

teve que ter seu bezerro de ouro, mesmo depois que Moisés revelou a natureza de Deus; e quer um bezerro de ouro hoje, porque a natureza humana não gosta de render seus bezerros de ouro, e o maior bezerro de ouro que ela tem é o egoísmo, auto-indulgência, o ego, o ego e o ego. A mente humana quer qualquer coisa, menos a auto-entrega.

O homem tem que ser um vazio oco pelo qual o Espírito ora, e quando o Espírito ora no homem e através do homem, os frutos espirituais tomam lugar neste mundo. É o Espírito de Deus que realiza as grandes obras de cura na Terra, através daquelas pessoas que são capazes de parar em silêncio, ouvindo sempre e sempre a Voz do Senhor. A partir do vazio interior, o Espírito de Deus flui e os frutos espirituais aparecem.

Quando o Espírito está rompendo a casca da humanidade em nós, é certo que os estágios iniciais podem ser dolorosos; certamente haverá distúrbios em nossa existência. Devemos aceitá-los com gratidão: essa mesma dor e essas mesmas perturbações indicam que traços, qualidades e condições indesejáveis não estão mais adormecidos em nós. Agora eles estão sendo despertados, erradicados, e se formos fiéis, nós seremos purificados.

O SEGREDO DA PALAVRA QUE SE FEZ CARNE

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.

Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele.

Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz.

Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo.

Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome;

Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

João 1:1-14

A Palavra torna-se carne, isto é, a Palavra torna-se o Filho de Deus na consciência dos homens. A consciência da maioria dos homens está nas trevas e não pode receber ou acreditar no Filho de Deus. Mas para aqueles que podem recebê-lo, para aqueles que têm alguma intuição espiritual, o Filho de Deus pode vir e ser recebido, e ainda que o Filho de Deus seja recebido por uma única pessoa em todo o mundo, isso torna possível para todos os homens, para nós também, nos tornarmos Filhos de Deus.

Todos os místicos do mundo revelaram que existe apenas um Eu, um Ser, um Ser Infinito. Deus criou o ser individual, você e eu individuais, à imagem e semelhança de Si Mesmo, não através do ato de concepção humana e nascimento, mas Ele enviou o homem como expressão e manifestação de tudo o que Ele é e tem - e isso sem nenhum processo.

Por causa deste relacionamento espiritual com Deus, o homem é Um com seu Criador, embora em algum momento remoto ele tenha deixado a casa de seu Pai, decidindo ser algo por si mesmo, tornando-se assim o Filho Pródigo. Ele não estava satisfeito em compartilhar a sabedoria do Pai, sua riqueza, e sua Graça; por isso, quando ele se afastou da casa do Pai, daquele divino "Eu", ele levou consigo o senso pessoal do "eu", tentando fazer seu caminho por meio de seus próprios esforços e sua própria sabedoria ([nenhuma, na verdade... - nota do tradutor G. S.](#)), mas falhando - falhando miseravelmente. Eis aí, em essência, toda a história da raça humana. É a história do "homem natural", que não está sob a lei de Deus.

Essa tem sido a experiência de cada um de nós. Antes de entendermos a natureza de Deus e do ser individual, talvez tenhamos pensado em Deus como algum ser distante, provavelmente sentado em uma nuvem ou no céu, uma espécie de Pai super-humano, que nos recompensa quando somos bons - se é que acontece de ele perceber isso - e que nos pune quando somos maus, o que Ele já sempre nota. Nesses dias obscuros, Deus seria uma espécie de super Papai Noel que, se conseguíssemos agradar, poderia ser condescendente e fazer algo por nós; e se nós o desagradássemos, nos manteria em algum tipo de escuridão ou nos daria algum castigo.

Nessa fase obscura, nós tivemos que confiar em nós mesmos, sozinhos, para progredirmos na vida, ganharmos a vida pelo suor do nosso rosto, prosseguimos por uma vida sujeita a todas as suas leis materiais - saúde, economia e legalidade, muitas delas infundadas e injustas, e vivermos sob dominação, às vezes da família e às vezes do governo. Nós não tivemos acesso a qualquer coisa de natureza espiritual que pudesse resolver nossos problemas ou ser de alguma ajuda em caso de emergência. Fomos seres humanos, não esclarecidos, não iluminados. Nós estávamos na escuridão; nós nos envolvemos numa sensação de personalidade separada de Deus. Deus estava a milhões

de anos-luz de distância, além das estrelas; e nesse sentido de separação, acreditamos que nossos pecados e os de todos os nossos antepassados operavam para nos manter longe de Deus.

No mais íntimo de nossos corações, sentíamos-nos insatisfeitos e incompletos, porque não conhecíamos a riqueza do Filho de Deus, nem a saúde e a perfeição da vida eterna. Sentindo essa ausência, esse sentido de separação e de incompletude, chegamos dentro de nós mesmos e perguntamos: "ó Deus, onde estás? Existe um Deus, ou tenho me iludido? Existe um Ser supremo, ou eu tenho me enganado em tentar encontrar um?"

Esta súplica interior testemunhou o vazio em algum lugar dentro de nós, e este vazio clamou por ser preenchido. Este vácuo, ou sensação de separação, pode ter aparecido em nós como pecado, falso apetite, doença, ou pobreza. Que diferença faz quanto a forma? No entanto, apareceu, foi realmente uma sensação de incompletude, e isso trouxe dentro de nós um desejo de sermos completos e plenos. Podemos ter interpretado isso como um desejo de sermos saudáveis, ou termos uma oferta suficiente, ou como anseio por companheirismo, mas dentro de nós, nosso verdadeiro desejo foi de reunirmo-nos com a nossa Fonte.

No entanto, ao mesmo tempo, esta Palavra se fez carne, este Filho de Deus habitou em nós, mas foi envolto com tanta escuridão que não conseguimos percebê-lo ("[e as trevas não o compreenderam...](#)"), nós não estávamos cientes de sua presença. Então, nessa escuridão espiritual, trazida sobre nós pela nossa ignorância da verdade de que, dentro de nós, está a Palavra feita carne, essa Luz do mundo, nós lutamos por nós mesmos, com a pouca sabedoria humana ou força humana que tivemos.

Mas se nós lutamos por uma cura, ou por sermos livres do pecado, falsos apetites, ou por carência, o que estávamos realmente lutando era para voltarmos para a casa de nosso Pai, para deixarmos de lado esse sentido do "eu" pessoal, e mais uma vez descansarmos, na certeza de que não somos pródigos. Lutando com desejo sincero, esse falso senso pessoal cai, e maior harmonia aparece. Em nossa ignorância, chamamos isso de cura. Mas não é: é o surgimento de nossa identidade divina.

Paulo justamente declarou: "Nem a morte nem a vida ... serão capazes nos separar do amor de Deus". Na realidade, nunca fomos separados de Deus; nunca nos separamos do nosso bem, da nossa unidade e completude; mas desde o momento em que éramos bebês, fomos ensinados sobre um "eu" pessoal, e temos, portanto, nos envolvido nesse falso senso do eu, que afirma: "Eu sou Maria", " Eu sou Bill ", ou " Eu sou Joel ", em vez de humildemente perceber: "Fique quieto e saiba que Eu sou Deus." Eu no centro de mim é (sou) Deus e, portanto, eu vivo pela Graça e pela herança divina.

Viver por essa herança divina não significa que não trabalhemos. Não há provisão no céu ou na terra para parasitas. Independente da riqueza material que podemos herdar, não podemos nos sentar e assistir o sol nascer e se pôr indefinidamente, sem trabalhar e, de alguma forma, fazer uma contribuição para este mundo.

Assim, apesar de sermos herdeiros de Deus, é através de nossa realização espiritual, em última análise, que deriva o nosso bem de Deus, então trabalharemos mais horas e mais diligentemente do que fizemos quando estávamos trabalhando apenas para viver, porque agora percebemos que não podemos manifestar a Glória de Deus apenas oito ou doze horas por dia: leva-se vinte e quatro horas por todos os dias para mostrar a Graça de Deus e a Glória de Deus. Toda a vida se torna uma questão de deixar essa influência espiritual fluir através de nós e, porque estamos unidos um com o outro, tudo que flui do Pai para qualquer um de nós é instantaneamente compartilhado por todos nós.

Nada pode entrar em nossa experiência, exceto através de uma atividade da nossa consciência. É através de nossa consciência que mantemos uma sensação de separação de Deus e do bem - do bem-estar, do companheirismo, totalidade e completude - mas é também através de nossa consciência, quando conscientemente nos tornamos Um com a Fonte de todo Bem, que somos restaurados por essa Unidade percebida com Deus.

Em sua consciência, o homem tem ou não tem. Ele, dentro de sua consciência, ou se separa do seu bem, ou se encontra com ele. O que for preciso, portanto, para satisfazê-lo no presente nível de vida, só pode vir a ele através de um ato consciente: e esse ato deve ser repetido uma e outra vez, até que eventualmente culmine em União Consciente com Deus.

Atingir a União com Deus geralmente não vem em um único passo. É mais do que provável que seja o resultado de anos de dedicação, estudo, meditação e serviço no estágio inicial do que poderia ser chamado de primeiro grau. Quando chegamos a este primeiro grau, começamos a aprender que existe um Deus, e que tanto somos Um com Deus que Ele executa aquilo que nos é dado fazer.

Ao persistirmos em seguir os ensinamentos do Cristo, aprendendo a perdoar setenta vezes sete, orando por nossos inimigos e não resistindo ao mal, aproximamo-nos cada vez mais da percepção de nossa verdadeira identidade e da presença de Deus em nós. Mas nós não podemos chegar em Sua Presença com uma atitude cruel e condenável em relação à vida: temos que ir de modo gentil e pacífico, em silêncio e com confiança, se é que esperamos ouvir essa "Voz pequena e silenciosa" interior.

Gradualmente, alcançamos uma atitude consciente com a infinita Fonte do nosso Ser, uma consciência cada vez maior do Infinito. Tornamo-nos cada vez mais conscientes de

que existe uma Presença que vai adiante de nós para endireitar "os caminhos tortos em caminhos retos". Nós sentimos que não estamos sós, que dentro de nós realmente existe este Infinito Invisível. Algumas vezes parece quase como se estivesse dentro do nosso peito, às vezes como se estivesse sentado em nosso ombro ou em pé atrás de nós, mas estamos sempre cientes, mesmo que vagamente, que existe um Pai, uma Presença e Poder invisíveis, e então, mais e mais nós descansamos nele. Tudo isso é progresso no primeiro grau.

À medida que nos aproximamos da última parte da experiência do Primeiro Grau, começamos a perceber que estamos vivendo mais pela Graça do que por esforço: estamos vivendo mais por um Poder que está fazendo coisas para nós, sem nossa tomada de pensamento consciente, e às vezes são feitas antes mesmo que saibamos que há uma necessidade para elas. Algo parece ir adiante de nós, mudando as relações entre nós e as pessoas que conhecemos.

O resultado final de passar por este grau é o ganho de absoluta convicção interna de que onde estamos, Deus está, que o lugar onde estamos é terra santa, que há um "Ele" ("Eu") que executa aquilo que nos é dado fazer, que existe uma Graça Divina que provê as nossas necessidades, "não pela força, nem pelo poder", mas pelo gentilíssimo Espírito de Deus que está dentro de nós.

Apesar dessa consciência contínua de uma Presença interior, ainda há outra barreira que separa todos os homens da realização e demonstração de Deus: a crença de que existem dois poderes. Nos estágios iniciais de nosso estudo da verdade, buscamos a Deus como um Poder porque, na nossa ignorância, gostaríamos de usar o poder de Deus sobre algum outro poder. Mas a maior realização neste estágio de nosso desenvolvimento é a percepção de Deus como Um, e não como um poder sobre algum outro poder, mas como o Único Poder. É quando começamos a entrar em realização com Deus como o Único Poder que já não tememos poderes externos de qualquer tipo, nem mesmo "os exércitos alienígenas".

Ao passar pelo Primeiro Grau, uma transformação da consciência acontece, e na medida em que alcançamos uma consciência da Presença de Deus e uma percepção do Infinito Invisível, nós começamos a perder nosso ódio, nosso medo e nosso apego pelo mundo externo. Nós não temos mais ódio ou medo de germes, infecções, contágios, epidemias ou acidentes; nós não mais odiamos, tememos ou amamos qualquer variedade expressa: estamos começando a alcançar a realização do não-poder de todas as formas. Nós não tememos terremotos, furacões, tornados, ciclones, ou inundações: entendemos que, por causa da natureza infinita do Ser Espiritual, esses "poderes" não são poder. Eles são o "braço da carne", ou seja, nada.

Através da construção e do fortalecimento de nossa percepção de Deus como Presença, como Lei, como Vida Eterna e como Paz, nós estamos, ao mesmo tempo, perdendo o medo de todas as formas materiais, quer apareçam como condição ou pessoa. Começamos a sentir-nos como o mestre sentiu-se diante de Pilatos: "tu não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado pelo Alto". Através de nossa consciência iluminada, percebemos que todos os males deste mundo são apenas sombras trazidas pela crença universal em dois poderes, e vamos perdendo essa crença, na medida em que Deus torna-se mais e mais real como Uma Presença e Um Poder.

A Consciência Iluminada é um estado de consciência individual - sua e minha - no qual o medo e o ódio pelas coisas externas começam a desaparecer. O amor indevido pelas coisas deste mundo diminui, embora isso não signifique que não devemos apreciar as coisas belas da vida, experimentá-las e, se servirem a um propósito, até mesmo possuí-las. Isso não significa que não devemos desfrutar de uma bela casa: se assim tiver que ser, ela será trazida para a nossa experiência; isso não significa que não devemos desfrutar de riqueza, pois se a riqueza vier, isso significa que não devemos nos apegar a nenhuma forma material, fazendo disso uma necessidade, algo importante em nossa vida, quando realmente sabemos que são apenas parte de uma imagem passageira.

Perder nosso ódio, medo ou amor pelo reino externo não é algo alcançado de boca, por palavras ou elaboração de afirmações ou declarações, mas somente pelo desenvolvimento da nossa consciência, através da realização da Presença Divina que, afinal, percebemos ser o próprio Eu, o próprio Eu de nosso Ser.

No começo de nossa jornada espiritual, estávamos na escuridão, na ignorância espiritual grosseira; nós não sabíamos a Verdade. Por causa disso, nós vivíamos na consciência material e todo o nosso sentido da vida era materialista; tudo o que pensávamos era do ponto de vista material, e foi atribuído poder à matéria ou à forma, tanto para o bem quanto para o mal. Nós estávamos conscientes de nós mesmos como indivíduos, vivendo nossas próprias vidas, flutuando entre sucessos e fracassos, tudo porque estávamos limitados à nossa própria mente, nossa força física e nosso senso pessoal de certo e errado.

Uma das primeiras coisas que aprendemos foi que não estamos sozinhos, há uma Presença dentro de nós, uma Presença maior do que qualquer coisa do mundo, uma Presença que, no começo, nós chamamos de "Ele", não por qualquer razão particular, porque esta Presença não tem gênero: não é homem nem mulher; é incorpóreo e espiritual; nunca pode ser visto, ouvido, provado, tocado, ou cheirado. Só o conhecemos por nossa experiência. Podemos dizer que o sentimos, mas não o sentimos através de

qualquer sensação de tato que temos. Mais corretamente, nós podemos dizer que estamos conscientes da sua Presença.

Nós praticamos esta Presença, a qual mais tarde identificamos como Deus, acordando de manhã e reconhecendo que Deus nos deu este dia, que Deus rege o dia e a noite e, assim como Deus governa todas as forças da natureza, assim Ele também nos governa. Como seres humanos, não somos governados por Deus, nem estamos sob a lei de Deus; e por isso, tudo pode nos acontecer, qualquer coisa, desde escorregar na banheira até correr na frente de um automóvel, ou pegar um pequeno germe e ficar de cama por semanas. Tudo pode acontecer conosco, até nos tornarmos conscientes da Presença e começarmos a praticar a Verdade dentro de nós mesmos, todo dia.

À medida que continuamos nessa prática, ocorre uma quietude interior. Nós tornamo-nos mais quietos, mais pacíficos. Nós temos maior confiança em nós mesmos, porque agora sabemos que há algo maior do que nós mesmos trabalhando conosco, em nós e através de nós. Pode ser que ouçamos a Voz pequena e silenciosa nos falar tão claramente quanto qualquer pessoa pode falar, dando-nos instruções específicas, em uma linguagem que nós não podemos entender mal. Às vezes estamos cientes de uma grande luz dentro de nós, e apenas a presença dessa luz já muda toda nossa experiência externa.

Há muitas maneiras desta Presença anunciar e revelar a Si mesma para nós, e um modo pelo qual podemos saber se é uma experiência espiritual verdadeira é que ela sempre é seguida de sinais: podem ocorrer na forma de cura de algum problema físico, mental, moral ou financeiro, ou de alguma discórdia. A experiência pode trazer relacionamentos humanos mais felizes com outros; pode aumentar nosso suprimento; ou pode encontrar emprego para nós. De um jeito ou de outro, uma experiência espiritual é sempre acompanhada de sinais se seguindo, o que na metafísica é chamado de "demonstração".

Enquanto este processo está acontecendo, algo está acontecendo ao mesmo tempo. Em vez de colocarmos toda a nossa esperança, fé e confiança no mundo externo, e em vez de vivermos pelos padrões da vida mundana, agora começamos a ver que existe um Algo espiritual que é de muito maior importância do que o material. Existe um Espírito dentro de nós, e é esse Espírito que está cumprindo o papel mais importante em nossa vida.

Se surge alguma necessidade em nossa experiência que envolva uma soma de dinheiro, nós não definimos imediatamente um planejamento, esquema ou como podemos obter essa quantia em dinheiro, mas percebemos: "espere um momento! 'Nem só de pão vive o homem' - nem de efeitos exteriores, o homem não vive só de dinheiro". Então nós descartamos o problema, e muito em breve, o que for necessário para a sua solução

entra em nossa experiência. Pode custar dinheiro, mas se assim for, o dinheiro será fornecido; ou pode até vir sem a necessidade de dinheiro. Não é o dinheiro que é a necessidade: é a Palavra de Deus que é a necessidade, e quando a Palavra de Deus vem, ela fornece o dinheiro, ou qualquer coisa necessária sem dinheiro.

Durante os dias de nossa dependência de formas e meios humanos, se tivéssemos um problema físico, como o coração causando problemas, toda a nossa atenção estaria centrada na correção do funcionamento do coração; mas agora, através desta prática da Presença e através da meditação, algo dentro diz: "O homem não deve viver somente pelo coração, pelo fígado, pulmões, digestão ou eliminação, mas de toda Palavra que vem da boca de Deus"! Então não pensamos mais em termos de coração, fígado ou pulmões; não pensamos em termos de digestão, eliminação ou músculos: mas percebemos que o homem vive pela Palavra de Deus. Como resultado dessa percepção, tanto o órgão quanto a função do corpo são reparados, ou somos capazes de viver confortavelmente com eles.

Com o desenvolvimento interior, aprendemos neste primeiro grau que antes pensávamos que precisávamos de coisas do plano externo, e nossa vida toda foi uma luta para alcançar mais dessas coisas, mas agora nós nos libertamos dessa luta e percebemos que "nem só de pão vive o homem".

Ao darmos os primeiros passos para o Reino, fomos levados a esta revelação espiritual: "Não sabeis que o Reino de Deus está em vós? Não sabeis vós que sois o templo de Deus? Não sabeis que o Filho de Deus, o Cristo, habita em vós? Estas palavras vieram com alguma medida de convicção de sua verdade, e nosso coração respondeu: "é nisso que eu acredito, e isso me faz acreditar que eu não estou sozinho no mundo, que Deus não me jogou neste mundo para depois me abandonar. Deus me trouxe a esta terra para que eu possa glorificá-lo. Mas como eu posso glorificar Deus de algum modo, amarrado, como eu pareço ser, aos meus pecados, minhas doenças, meus falsos apetites e minha pobreza? Como posso glorificar a Deus na minha luta para sobreviver, na minha luta para sustentar minha família? Como posso glorificar a Deus?"

A resposta é: "você não pode! Mas se o Espírito de Deus habita em você, então você se torna o Filho de Deus e é o herdeiro de todas as riquezas celestiais".

Nossa primeira instrução na sabedoria espiritual revela que não temos mais tempo para procurar nos céus, e que as colinas nas quais buscamos ajuda referem-se aos altos níveis da consciência. Quando nos voltamos para o sentido mais elevado do nosso Ser, para o Cristo de Deus erguido em nós, estamos olhando para as colinas. Nossa visão volta-se para dentro e para cima, nessa altitude da consciência, onde podemos discernir que a Palavra se tornou carne, e habita em nós.

Quando, num instante, Saulo de Tarso, na estrada para Damasco, foi cegado pela sua ignorância, pelo seu passado, por tudo que ele conheceu antes, e quando todas as suas crenças anteriores foram eliminadas, ele se tornou um vaso puro, com a visão restaurada para ele, uma visão além da visão física - visão espiritual. Ele reconheceu que a Luz brilhando dentro dele era o Cristo; ele sabia que o Filho de Deus havia sido despertado nele.

Ele viveu sozinho com este segredo sagrado, retirando-se do mundo para celebrar e comungar com este Verbo feito carne dentro dele. Ele aprendeu a se preocupar menos com o sentido físico da vida e suas necessidades, desejos ou realizações. Ele foi elevado em consciência, e estava comungando em sua mente com este Espírito que tinha sido levantado, este Espírito que nasceu no humilde ambiente mental humanamente sábio, mas espiritualmente ignorante, de Saulo de Tarso. E assim como José e Maria levaram o Bebê ao Egito por vários anos, então Paulo levou o seu Cristo para a Arábia, escondendo-se lá e deixando-o crescer e desenvolver-se até o ponto dele próprio tornar-se plenamente consciente e Um com Ele. E assim, o velho Saulo tinha morrido, e o novo Paulo vivia cada vez menos, já que o próprio Cristo vivia nele cada vez mais.

Finalmente, chegou o dia em que o Cristo pôde falar com Paulo: "Comece seu ministério. Saia pelo mundo e pregue. Pregue a todos homens que Eu, o Verbo feito carne, habito em você, e não somente em você, Paulo, mas em todos aqueles a quem você se dirige. Diga a cada um deles que 'o Espírito de Deus habita em você'. E quando seus amigos, discípulos, outros tentarem alertá-lo para dar esta palavra apenas para os hebreus, para os hebreus que são os escolhidos de Deus, dizendo que só eles são dignos de receber esta Palavra, você sofrerá a perseguição deles; você será julgado por defender a verdade de que a Palavra que se fez carne habita na consciência de toda a humanidade, seja judeu ou gentio, cristão ou pagão. Você vai levar para o mundo a universalidade da Palavra que se fez carne. Você vai quebrar essa escravidão à uma religião, a um ensino, a um professor; você revelará a toda a humanidade que o Verbo se torna carne e habita na consciência de todos os homens, aguardando o seu reconhecimento".

Paulo saiu ao mundo espalhando a boa nova para aqueles de todas as crenças religiosas: "Eu trago a vocês a mensagem do Filho de Deus. Eu trago a revelação da Palavra feita carne, que habita entre vocês como a Luz do mundo - como a Luz para o seu mundo. Eu lhes trago a revelação de que vocês são Filhos de Deus. 'Nem a circuncisão serve para alguma coisa, nem a incircuncisão', nem jejuar e nem festas servem para nada: você já é Filho de Deus, porque o Espírito de Deus habita em você".

O Verbo feito carne é o Filho de Deus, ou Cristo, e está no meio de nós com o propósito de realizar a Vontade de Deus. Neste exato momento há dentro de nós o Filho de Deus,

o Cristo, e sua função é curar e nos ressuscitar de nossa humanidade "morta", para restaurar os "anos perdidos do gafanhoto", para nos perdoar quaisquer pecados que nós cometemos enquanto ignorávamos nossa verdadeira identidade. Este Cristo está sempre nos dizendo:

"Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente. Relaxe, descanse! Você me procurou. Eu estava aqui o tempo todo, mas agora você me encontrou.

Agora você conhece a loucura do pecado, agora conhece a estupidez disso. E agora sabe algo ainda mais importante: não há necessidade do pecado. Não é mais necessário roubar, não é mais necessário prestar falso testemunho, planejar, conspirar ou tirar vantagem, pois Eu, no meio de você, sou poderoso; Eu, no meio de você, sou seu pão e seu suprimento para a eternidade. Eu sou a fonte de oportunidade e de inspiração. Eu sou a luz para o seu mundo. Eu sou a ressurreição, e se o seu corpo foi derrubado pelo pecado ou pela doença, Eu o levantarei. Eu - a Palavra feita carne, o Cristo que habita no meio de você - estou aqui para ressuscitar seu corpo do túmulo do pecado, do túmulo da doença, e até mesmo do túmulo da velhice.

Não deixe que o calendário o derrote, porque eu sou a ressurreição, e eu estou aqui para ressuscitá-lo desse velho corpo para um corpo não feito com as mãos, um corpo espiritual, eterno nos céus. Você não tem que passar pela morte física para atingir este novo corpo: apenas habite na realização do Eu no meio de você! Manhã, meio dia, e noite, pense em Mim, habite em Mim, confie em Mim, confie!

Saiba a verdade que estou no meio de você, e sou poderoso. Estou realizando a função de Deus em você e através de você. Eu no meio de você sou o mediador entre você e sua Fonte Infinita.

Aquelas coisas que recebo do Pai, eu concedo a você. O dom da graça, a força, o poder de cura, o poder da redenção e o poder de perdoar que me foram dados do Pai, Eu, por minha vez, dou a você. Olhe para mim e seja salvo! Creia no Filho de Deus, aquele Filho de Deus, a Palavra que se fez carne, o Cristo que está no meio de você.

Desde "antes que Abraão fosse, Eu sou", aqui, no meio de você. Eu nunca o deixarei, nem o abandonarei. Mesmo que seus pais o abandonem, Eu não vou abandonar você. Eu estarei com você até o fim do mundo. Eu devo ir adiante de você, para iluminar seu caminho e preparar mansões para você.

Independentemente das provações ou tribulações que nos confrontam em nosso caminho humano, o nosso recurso é lembrar conscientemente da Palavra feita carne que

habita dentro de nós e de sua função. Se cometermos um deslize, sua função é nos resgatar novamente; se pecarmos, sua função é nos perdoar, setenta vezes sete vezes.

Depois que esta verdade nos foi revelada, então começamos a mais parte difícil da nossa jornada, porque agora vem esse período em que temos que fazer da Verdade uma parte do nosso próprio Ser, e trazê-la à fruição em nossa vida individual. A maneira de conseguir isso é através da prática da Presença de Deus.

Esta prática da Presença muito breve se torna uma segunda natureza para nós, e mal podemos respirar sem perceber isso, e se não fosse pela Graça de Deus, nós nem respiraríamos. O corpo por si já não pode respirar; o corpo por si mesmo não pode ficar de pé. Um corpo separado da consciência desmorona e cai. Nós não podemos viver um momento sequer sem a realização consciente da função deste Espírito de Deus em nós.

Quando o pleno significado da Palavra que se fez carne alvorece em nós, e percebemos que ela é o mediador entre Deus e o homem, começamos a ver que esta Presença e poder de mediação está em nossa consciência e, portanto, tudo o que o Pai pretende para nós individualmente é realizado pela Graça do Filho de Deus erguido em nós.

Esta prática continuada da Presença de Deus leva a um silêncio interior e uma quietude, para que o tumulto do mundo não entre em nossa prática, e quando nos sentamos, entramos em meditação em união consciente com Deus, e somos testemunhas de que agora o Cristo que está vivendo nossa vida, por nós que contemplamos a Sua Glória.

Nós não estamos mais vivendo pelo poder ou pela força; nós não estamos mais vivendo pela sabedoria humana, mas por uma Sabedoria Divina que flui para fora através de nós, no que parece ser um caminho humano. Nós vivemos agora, não mais pela força, mas pela Graça, como se houvesse algo sempre aqui fora, sabendo nossa necessidade antes de nós, e suprimo isto. Isso vem através do desenvolvimento e revelação que são alcançados na meditação, quando entramos em contato com aquela fonte interior da vida, aquela força interior que é a nossa verdadeira individualidade.

Desistindo do esforço consciente, luta, poder, força, preocupação e medo, a Glória de Deus pode se manifestar através da nossa vida pessoal, para que todos os homens a testemunhem e saibam que, quando o Espírito de Deus revela-se à vida individual, a vida torna-se uma vida de glória e serviço. A vida de ninguém torna-se glorificada por se achar possível levar a vida nas nuvens; a vida é glorificada por ser uma de serviço e dedicação ao Criador de tudo, o Espírito de Deus que habita em nós.

Durante o Primeiro Grau, chegamos à conclusão de que existe esta Substância, Atividade ou Lei espiritual interior, e que está fluindo através de nossa consciência,

tornando-se a substância de nosso novo mundo. O homem da carne "morreu" e, em certa medida, aquele homem que tem o seu Ser em Cristo está agora começando a se tornar vivo, ressuscitado do túmulo das crenças materiais, e subir para a realização de sua identidade espiritual.

A VIDA MÍSTICA ATRAVÉS DOS DOIS GRANDES MANDAMENTOS

O primeiro estágio de nosso desenvolvimento espiritual é uma experiência de cada vez mais convicção da Presença e sua disponibilidade em todas as circunstâncias e condições. Simultaneamente com essa garantia crescente, também nos tornamos conscientes de quanto falhamos em viver de acordo com a estatura do humanismo em Cristo Jesus e como somos pequenos, até mesmo para seguir os Dez Mandamentos.

Percebendo a Presença de Deus e comungando com Ele, despertamos para as nossas falhas, e é neste momento que entramos no segundo estágio de nossa vida espiritual. Aqui é que começamos conscientemente a tentar viver de acordo com os Mandamentos, particularmente aqueles que temos mais dificuldade de observarmos. Não é muito difícil descobrir o grau de inveja que nos espreita, o preconceito e intolerância, as pequenas mentiras e enganos, as hipocrisias. Tudo isso vêm à luz porque, quanto mais trazemos a Palavra de Deus para a nossa consciência, mais nós expomos nossa própria falta de piedade. Isso forçosamente traz para a nossa atenção a necessidade de desenvolvermos uma maior ética e moral.

No segundo estágio de nosso desenvolvimento, portanto, nós sinceramente tentamos viver de acordo com nosso mais alto senso de correção, dependendo da Presença de Deus para nos ajudar, e confiando no Invisível interior para nos elevar a um maior grau de humanismo. Começamos a pensar mais em sermos benevolentes e caridosos, e sobre a prática da fraternidade. Não apenas reconhecemos a importância de cuidar de nossas próprias famílias e aqueles que precisam de ajuda em nossa comunidade, mas começamos a pensar em termos de pessoas em países estrangeiros, de ajuda para os angustiados, ou fornecendo educação para aqueles que no momento não podem pagar. Nós transformamos nosso pensamento na direção de viver para os outros, ajudando e trazendo melhores relações humanas no trabalho ou entre membros de diferentes religiões. Tudo isso é uma tentativa de fazer dos dez mandamentos parte integrante da nossa vida diária.

Estes Mandamentos faziam parte de um código de ética dado ao mundo pelos hebreus, na forma de regras que regem a conduta dos seus religiosos. Quer se tratasse de algo sobre leis alimentares, jejuns, festas, rituais ou vida pessoal, tudo foi regulado de acordo

com leis que, aparentemente, se mostraram tão eficazes que foram em grande parte transportadas para a era cristã atual e adotadas por muitas pessoas, apesar do fato de Jesus ter enfatizado apenas um dos Dez Mandamentos. A eles, ele adicionou outro do antigo ensino hebraico, dando assim ao mundo a grande ética cristã encarnada nos dois grandes mandamentos:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Mateus 22:37-39

A importância que Jesus deu a esses dois mandamentos não implica que ele considerou certo e de boa moral violar os outros Mandamentos - roubar, mentir, enganar, defraudar, testemunhar em falso, matar, ou cometer adultério - porque aqueles a quem ele estava falando entendiam que uma adesão estrita a estes dois grandes mandamentos naturalmente tornaria obsoletos e desnecessários todos os outros.

Aqui reside a diferença entre viver sob a lei como ser humano e viver como o Filho de Deus, sob a Graça. Para apreciar essa diferença, é necessário entender porque e como nove dos dez mandamentos poderiam ser retirados de um ensino, e ainda assim a conduta correta e perfeita seria mantida.

Ninguém pode viver a vida de Cristo querendo ou desejando fazê-lo. Viver essa vida não é uma questão de vontade, porque, se pudessem, todos gostariam de viver sem a tentação do pecado ou da doença, todos gostariam de ser honestos. Até que Deus venha e faça a si mesmo sentido na consciência de uma pessoa, ela não pode viver pela Graça: ele deve viver sob a lei, e mais especificamente a lei dos Dez Mandamentos.

Apesar de viver sob os mandamentos ser apenas um passo da evolução humana, isso é necessário na experiência daqueles seres humanos que ainda não foram tocados pelo Espírito, porque a alternativa seria viver na violação deles, coisa que inevitavelmente levaria à destruição.

Viver em obediência aos Dez Mandamentos é muito parecido com viver em obediência às leis municipais, estaduais, nacionais e internacionais. E se nós vivermos de acordo com estes mandamentos, seremos capazes de evitar a maioria dos problemas que afligem os homens e mulheres deste mundo: nós certamente ficaremos fora da prisão e teremos mais harmonia relações humanas. Esta obediência, portanto, não só nos faz bons cidadãos, mas nos leva a um passo além disso, ao ponto em que nós também

somos bons irmãos uns com os outros universalmente, trazendo assim uma expressão concreta de amor e boa vontade.

Mas agora vamos ver o que acontece quando começamos a manter os dois grandes mandamentos em nossa mente e em nosso coração, atados ao nosso braço, ou até mesmo pendurado no nosso batente da porta. Amar a Deus supremamente significa colocar toda a nossa fé, esperança, confiança e segurança em Deus, reconhecendo-o em todos os nossos caminhos, do raiar da manhã ao cair da noite, e entendendo e confiando em Deus como inteligência infinita e amor divino. É descansar na garantia dada no Salmo 23, "O Senhor é meu pastor, e nada me faltará", um repouso nele sem agitação mental, sem medo, dúvida ou preocupação. Não há outro jeito de amar a Deus supremamente, somente estando total e completamente Nele, sob Ele e com Ele.

Jesus sabia que, como Deus e o homem são Um, não há como amar a Deus sem amar o próximo, e a única medida desse amor é que seja o mesmo tipo de amor com o qual amamos a nós mesmos. Portanto, viver, não fazer a ninguém o que não desejamos que seja feito a nós mesmos, não atribuindo nada a outro que nós não gostaríamos para nós mesmos, e alegremente receber e produzir um efeito além do que está envolvido em amar humanamente a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos.

Um terceiro fator entra aí, e esse é o grande mistério. Em amar a Deus supremamente e reconhecendo-o como o Princípio de nossa vida, a Fonte de nosso bem, a Substância e a Lei do nosso Ser, passamos a ser altruístas. Estamos nos afastando do plano materialista da vida, no qual a autopreservação é a primeira lei da natureza, uma lei que é completamente antagônica à Lei de Deus e contrária à vida espiritual. O Mestre revelou que a forma mais elevada de vida e amor é entregar a nossa vida - não preservá-la à custa de alguém, de outra pessoa, mas colocar isso na percepção de que, ao perder nosso sentido de vida, ganhamos a Vida Eterna.

Isso não significa que devemos deixar alguém nos matar, embora signifique que, se fosse uma questão de nossa vida ou de outra, nós seríamos chamados a perder a nossa ao invés de levar a do outro, por mais duro que isso possa parecer. Na verdade, o que isso significa é que, pelo reconhecimento de Deus como nossa sabedoria, como a força e a saúde de nosso semblante, e como a vida, substância e realidade do nosso ser, nós, por esse reconhecimento, desistimos um pouco do nosso senso pessoal da vida. Não há outra maneira de encontrar vida eterna, a não ser abandonar nosso senso pessoal de vida.

No sentido pessoal da vida, estamos quase sempre confiantes de que qualquer sabedoria que expressamos é nossa; estamos certos de que a saúde do nosso corpo é

nossa; nós nos gloriamos por nossas capacidades física e mental, porque acreditamos que elas são nossas, diferenciadas e definidas bem à parte da mente e do corpo dos outros. Por outro lado, quando Deus é reconhecido por constituir a saúde de nosso semblante e a fonte de nossa inteligência, orientação, sabedoria e direção, estamos criando a atmosfera e a consciência necessárias para a capacidade de compreender o mistério do verdadeiro altruísmo.

Da mesma forma, quando amamos o próximo como a nós mesmos, produzimos um estado de ser em que nos observamos mais de perto, para ver que o que fazemos e pensamos não ofende a ninguém e, nesse contexto, deve ser lembrado que não é apenas o que fazemos que pode ofender, mas até mesmo o que pensamos.

Até o século passado, acreditava-se que, enquanto mantivéssemos pensamentos críticos, destrutivos, carnis ou sensuais dentro de nós mesmos, nós não estávamos prejudicando ninguém, porque esses pensamentos permaneciam bloqueados dentro de nós. O Mestre, no entanto, sabia, como todos os místicos sabem, que isso não é verdade. Os pensamentos que fluem de nós às vezes são mais poderosos do que os atos físicos, e assim Jesus ensinou isso que ele reconheceu, que não era suficiente resistir ao ato de roubar, mas que era necessário mesmo desistir de cobiçar internamente qualquer coisa pertencente a outro, porque a natureza do que acontece na mente de uma pessoa permeia toda sua atmosfera.

É quase impossível estar na presença de um místico ou de um pessoa espiritualmente dotada e não sentir uma sensação de leveza, alegria ou uma elevação espiritual. Por outro lado, também é quase impossível estar na presença de um indivíduo grosseiro e não sentir o peso da luxúria, animalidade, ou a ganância que emana dele.

Adotar a atitude de amar nosso próximo como a nós mesmos não significa estarmos ansiosos ou preocupados com o nosso vizinho, mas significa observarmos nossos pensamentos e ações para com ele. Aí, é claro, nós chegamos ao ponto místico de manter em nossa consciência a verdade sobre o próximo - a verdade, sim, mas não a verdade sobre um ser humano, e aqui está a linha de demarcação: não é suficiente acreditar que nosso vizinho é bom; não é suficiente acreditar que o nosso vizinho é o nosso semelhante, ou que o nosso vizinho significa o bem, porque nenhuma dessas coisas pode ser a verdade dele.

Seria ridículo chamar certas pessoas de boas, honestas e espirituais, quando suas ações testificam as qualidades inversas. Amar o próximo como a nós mesmos não significa adotar uma atitude de Poliana e dizer a um criminoso: "oh, você é uma pessoa doce e um Filho de Deus", não significa olhar para alguns dos nossos políticos e tentar perceber o quão gentis e honestos eles são. Tudo isso vem sob o título de estupidez.

Amar o próximo como a nós mesmos significa reconhecer que Deus é a realidade, a vida, a mente e a lei do nosso próximo tanto quanto Ele é de nós mesmos, quer o nosso vizinho saiba e aja de acordo com isso ou não. Isso não significa olhar para uma pessoa má e chamá-la de boa, mas isso significa olhar para ela e entender que o mesmo Deus que é nosso próprio ser e nossa respiração está também tão perto e próximo a ela, pois isso significa entender que Deus constitui a natureza do seu ser, assim como o nosso. Que fique claro que isso não significa olhar para a carnalidade e chamá-la de espiritual; isso não significa olhar para a mortalidade e chamar isso de imortalidade: significa olhar para a realidade, além e através da aparência.

"Se então eu faço aquilo que eu não faria ... não sou mais eu que faço isso, mas o pecado que habita em mim". Então, independente do grau de pecado da pessoa, nós não a classificamos como uma pecadora, ainda que, naquele momento, possa haver um sentido de pecado nela. Desta forma estamos reconhecendo Deus como constituindo o nosso próximo, mesmo aqueles vizinhos que ainda não conhecem a sua verdadeira identidade, sua realidade, ou aquilo que poderia libertá-los de suas discórdias.

Nós não estamos tentando viver a vida de outras pessoas: estamos tentando viver nossas próprias vidas de acordo com os dois grandes mandamentos. Quando os aceitamos como nosso guia e os adotamos como nosso modo de vida, não só embarcamos em nossa jornada espiritual, mas fazemos alguns progressos: nós nos tornamos seguidores do Mestre e estudantes do cristianismo real, daquilo que basicamente constitui o ensino de Cristo; nesse momento, saímos do sentido mortal da vida.

Com a nossa visão elevada no reconhecimento contínuo de Deus como aquilo que constitui o ser individual, tornamo-nos tão completamente desinteressados que em algum momento o milagre acontece, o milagre conhecido como a Anunciação, que é a concepção do Cristo em nossa consciência.

Somente por desejar, não podemos, por nós mesmos, receber o Cristo. É um ato da Graça que vem em um momento de desprendimento, quando estamos amando o Senhor Nosso Deus supremamente, e amando nosso próximo como a nós mesmos. Naquela fração de segundo de altruísmo, o espaço é aberto em nossa consciência para a entrada dessa Semente, o Cristo, e então, como nós a cultivamos em silêncio, secretamente e sagradamente dentro de nós mesmos, sem contar a nenhum homem, eventualmente o nascimento ocorre, e torna-se evidente que nós somos um novo Ser, que nós "morremos" para o velho e renascemos para o novo, que rejeitamos a mortalidade e nos revestimos com a imortalidade.

Essa vida de abnegação não é nos subestimar; não é estarmos interessados ou preocupados com nós mesmos. Pelo contrário, é praticar o que foi aprendido no Primeiro Grau, observando nossos pensamentos e sentimentos interiores, mantendo a consciência alinhada por meio do contínuo reconhecimento de Deus, e mantendo o nosso próximo em nossa consciência, na mesma luz em que gostaríamos de sermos mantidos na consciência do próximo.

Se pudéssemos, todos nós preferiríamos ser julgados por qualquer medida de luz espiritual e filiação divina que alcançamos, e não como seres humanos meramente bons, ainda que certamente melhores do que maus. Se nós pudéssemos ter o nosso caminho, teríamos todos os homens ignorando nossos erros humanos, e se pudéssemos nos elevar o suficiente na consciência espiritual, eles também resistiriam a qualquer tentação de louvar o nosso bem humano. Nós os teríamos vendo através do bem e do mal e vendo como Deus opera através de nós e como nós.

Isso é semear para o Espírito e não para a carne. Esse é o reconhecimento da integridade e identidade espiritual de cada pessoa, até então tão chamada boa ou ruim, de acordo com as aparências. É um reconhecimento de Deus como o tema central e verdadeira identidade de todos os seres, permitindo que esse reconhecimento traga algo novo e diferente para a luz da consciência desses indivíduos.

Amar o nosso próximo como a nós mesmos, então, é dar ao nosso próximo o mesmo reconhecimento de piedade que nós damos a nós mesmos, independentemente da aparência do momento. Esse vizinho pode ser a mulher adúltera ou o ladrão na cruz, mas não temos nada a ver com isso. O que temos a ver é amar todos os nossos vizinhos, conhecendo sua verdadeira natureza, assim como seríamos amados por eles conhecerem nossa verdadeira natureza, apesar da aparência externa temporariamente evidente.

No amor de Deus e no amor ao próximo, há um desprendimento que cria algo como um vácuo, uma ausência da consciência do pequeno "eu", na medida em que eu, Maria ou eu, João ou eu, Joel, sou considerado. Esse pequeno "eu" está ausente nesse momento, e na sua ausência, a concepção acontece: a Anunciação, o Espírito Santo "cobre com sua sombra", e dá-se o plantio da semente do Cristo em nós.

A partir de então, caminhamos em silêncio, sagrada e secretamente, com essa Presença interior, até que ela entre em manifestação visível. E se formos sábios, nós a levaremos para o "Egito" por alguns anos e a esconderemos, até estarmos tão completamente impregnados dele, tão completamente vivos nele, que poderemos expô-lo ao olhar do mundo sem sermos afetados pela perseguição do mundo ou animosidade contra Ele, porque o mundo sempre se opõe violentamente a qualquer manifestação do Cristo.

O Cristo no meio de nós prefigura a morte e a destruição da mortalidade, e é a essa mortalidade que a raça humana quer se apegar: a mortalidade na forma de seu bem pessoal, na preservação do seu eu pessoal, na preservação de seus interesses pessoais, fortuna ou sobrevivência nacional, às custas de qualquer coisa ou qualquer pessoa. A natureza da mortalidade é tal que resiste a qualquer coisa que a destronaria, esse senso pessoal de si mesmo. Então é assim que, se fôssemos dizer aos nossos amigos e parentes como viver sem pensar no que eles deveriam comer, que eles deveriam orar pelo inimigo mais do que eles oram por seus amigos, ou que eles devem perdoar setenta vezes sete vezes, nós traríamos sobre nós mesmos suas críticas, julgamentos, condenação e, eventualmente, se eles tivessem o poder, a crucificação, embora não da mesma forma que a crucificação de Jesus.

Na Escritura há aquele período de nove meses antes de Maria trazer à luz o Cristo-criança; em outras palavras, antes da evidência visível da cristandade que pode ser trazida à manifestação. Depois, há a viagem para o Egito para esconder o Bebê, um período de dois anos em que ele poderia crescer tão forte que, mais tarde, sem hesitar, Jesus seria capaz de enfrentar a cruz, sabendo muito bem que o ódio e malversação mental da humanidade - inveja, ciúme, intolerância, luxúria, carnalidade - não são poder. São necessários esses dois anos simbólicos no "Egito", e possivelmente mais, mesmo depois que o Cristo nasceu em nós, para chegarmos à plena percepção do não-poder da mente carnal e do não poder humano ou temporal, seja o de Pilatos, do Sinédrio ou de qualquer outro Golias.

Em nossa primeira experiência de percepção do Cristo, podemos ser tentados pelo nosso entusiasmo em expor isso ao mundo, mas ao fazê-lo, podemos perdê-lo, porque é somente por graus que o Cristo é habilitado a provar a Si mesmo para nós, primeiro por caminhos menores e, finalmente, na capacidade enfrentar nosso Pilatos particular ou levantar do túmulo da tristeza, doença, pobreza ou outros problemas.

Ser humanamente bom e viver sob os dez mandamentos é sábio e necessário para todos nós em um certo estágio de nosso desenvolvimento, mas, para aqueles que embarcaram no caminho espiritual, é importante e vital dar mais um passo e abraçar os dois grandes Mandamentos, vivendo-os conscientemente até aquele ponto da auto-renúncia, da auto-entrega, aquele ponto de vazio no qual abrimos caminho para a Graça de Deus estabelecer a presença do Cristo dentro de nós. Este é o nosso caminho, este é o nosso objetivo.

A FUNÇÃO DA MENTE

Depois de passarmos no Primeiro Grau tempo suficiente para solidificar suas lições na consciência, começamos a perceber que nós mesmos somos responsáveis pelo nosso caráter e pelas harmonias ou discórdias que estão entrando em nossa experiência, e que está ao nosso alcance prevenir ou remover as discórdias e desarmonias da vida como parte da nossa experiência. Quando vivíamos apenas como seres humanos, era, em grande parte, uma questão de azar ou sorte se vinham as circunstâncias certas ou erradas, a pessoa certa ou errada. A única coisa que todo ser humano está seguro é que ele não é responsável pelos males que se abatem sobre ele e, se for honesto, ele terá que admitir que também não é responsável pelas coisas boas que acontecem: elas simplesmente acontecem.

Quando percebemos que nós mesmos temos o poder de determinar nossa experiência, que poderíamos ter impedido a maioria dos nossos problemas se soubéssemos o que sabemos agora e, além disso, que podemos começar a mudar a qualquer momento todo o curso da nossa experiência, começamos a tomar conta da nossa vida e moldá-la de acordo com nossos desejos, e não apenas aceitar o que alguém nos impõe ou o que o mundo nos traz.

Como nós semeamos, assim devemos colher. Na experiência humana, somos nós, nós mesmos, que estamos formando nossa própria vida, e fazemos isso vivendo um tipo de vida materialista; ou então, começamos a entender que podemos viver pela Palavra de Deus, se quisermos trazer a Palavra de Deus para nossa vida. Nós colhemos o que nós semeamos.

No Segundo Grau, um grande princípio é revelado: uma mente imbuída com a Verdade é uma lei de harmonia para nossa vida; uma mente ignorante da verdade resulta em uma vida de azar, sorte e circunstância, uma vida da qual não temos controle. Nós podemos controlar nossa vida apenas em proporção da verdade que mantemos em nossa consciência. Somente nós mesmos podemos determinar se queremos uma hora de harmonia entre as vinte e quatro horas, ou vinte e quatro dentre as vinte e quatro. Só nós podemos determinar quanto de nossa atenção desejamos dedicar à Verdade, à toda Palavra que sai da boca de Deus.

Nos estágios iniciais do Segundo Grau, começamos a aplicar e usar os princípios da Verdade, tomando posse da nossa vida e governando-a pela lei espiritual. Se há um problema de suprimento, percebemos que o suprimento é espiritual dentro de nós; é a própria Presença de Deus que supre, porque Deus é plenitude.

Nós trabalhamos ao longo desta linha; lembramo-nos da Verdade e aplicamos mentalmente toda afirmação da Verdade que conhecemos às aparências errôneas que se apresentam. Se tivermos uma tarefa para executar que pareça ser muito difícil para nós, voltamo-nos para dentro e lembramo-nos que Ele aperfeiçoa aquilo que nos interessa. Enquanto relaxamos nessa lembrança, nossa tarefa é executada antes mesmo que saibamos.

É nesse segundo estágio que nossa humanidade cresce e melhora, e estamos chegando mais perto de onde podemos ser como os escribas e os fariseus, alegando que somos justos e virtuosos, bons homens e boas mulheres, e orgulhosos disso - e é claro que estamos tentando nosso melhor para fazer todos os outros à nossa própria imagem e semelhança.

Não demora muito para começarmos a pensar que nós mesmos fazemos tudo isso por nós mesmos e que somos muito inteligentes e capazes. Nós estamos livrando a nós mesmos de todas as nossas discórdias e trazendo harmonia, e nós pensamos que essa nossa mente é realmente poderosa. É então que podemos começar a acreditar que a mente é Deus.

Há muitas pessoas que usam a palavra "mente" como sinônimo de Deus, mas o próprio fato de podermos usar nossa mente é em si mesmo uma prova de que a mente não pode ser Deus, porque é impossível que alguém possa usar Deus; além disso, a mente pode ser usada tanto para o bem como para o mal, e isso não pode ser Deus, porque Deus está acima dos pares de opostos.

Quando os segredos da mente foram revelados pela primeira vez, ficou evidente que a mente poderia ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Mas alguns daqueles que aprenderam esses segredos não puderam manter sua integridade espiritual e nem tinham humildade suficiente para serem servos. Para essas pessoas familiarizadas com o poder da mente e suas potencialidades, apresentou-se a idéia de que, na medida em que eles sabiam como trabalhar com o pensamento, pensamento e mente deveriam ser poderes. Mente, de acordo com eles, portanto, deveria ser Deus; e o pensamento, o instrumento de Deus, deveria ser poder. Isso os levou para longe do caminho espiritual; e eles saíram de sua escola particular de sabedoria; alguns deles tornaram-se fundadores do que são conhecidas como "Black Brotherhoods" (*literalmente "irmandades negras"*). Essas irmandades foram compostas em grande parte de homens que tinham sido originalmente parte de um ensinamento espiritual, mas que, depois de descobrirem os poderes da mente, deixaram esse ensino e formaram irmandades onde podiam fazer uso de poderes mentais para sua própria glorificação pessoal e aquisição de lucro. Inquestionavelmente, muitos membros desses grupos usavam o poder para o que, para

eles, era um bom propósito, mas muitas vezes estes poderes mentais eram usados principalmente para fins egoístas e outros propósitos.

Muitos livros foram escritos sobre bruxaria, voduismo, e malversação, alguns deles contendo relatos autênticos de experiências reais que testemunham o fato de que essas pessoas tocaram o reino da mente, mas elas ainda não tinham tocado o reino do Espírito. As cerimônias, ritos e rituais da maioria das raças primitivas das quais tenho algum conhecimento, são todas com base no poder da mente. Participantes das danças rituais primitivas se reviravam, gritavam, urravam e pintavam seus rostos de modo grotesco, tudo com o propósito de assustar o espectador, instilando medo em seu coração e um pavor de algum poder terrível ao alcance de suas mãos. Todo o truque da arte da sugestão era usado.

Quanto mais alto nos elevamos em consciência espiritual, mais aprendemos sobre o reino mental, não porque procuramos esse conhecimento, mas porque ele é revelado para nós. É como estar no topo de uma montanha onde, tendo alcançado o cume, podemos olhar, a partir dessa altura, para dentro do vale muito melhor do que aqueles que estão olhando em torno, na limitada perspectiva dentro do vale. Aqueles que estão no nível espiritual podem ver a mente, tornando-se conscientes das coisas que aqueles que vivem a vida materialista e mental nunca poderiam saber, porque estão muito próximos das aparências e envolvidos demais com elas.

Conhecimento dos segredos da mente adquiridos através da sabedoria espiritual é totalmente diferente do conhecimento adquirido através da mente humana. Moisés, por exemplo, havia sido iniciado em todos os segredos do ocultismo na corte dos faraós, e quando ele retornou ao Egito, depois de sua revelação "Eu Sou O Que Eu Sou", ele e Aarão realizaram truques mentais, como transformar um cajado em serpente, ou transformar a água do rio em sangue. Isso foi pura manipulação mental. Tudo aconteceu no plano mental e não foi, em nenhum sentido, espiritual.

O que devemos sempre lembrar é que, mesmo quando tais truques são usados por homens espirituais, eles ainda são mentais. Eles podem desempenhar uma parte na vida do discípulo espiritual que se eleva o suficiente, como foi evidenciado na experiência de Moisés, mas eles o farão apenas por uma razão. Moisés não fez uso nenhum desses truques mentais quando ele estava na fase de liderar o povo hebreu, mas sim na presença do faraó e todos os seus magos. Como podemos saber se ele não se sentiu obrigado a provar-lhes o que ele poderia fazer em sua própria linguagem, a única que podiam compreender?

Uma pessoa de mentalidade desenvolvida pode retirar a consciência de qualquer parte do corpo dele, e não ter nenhuma sensação lá. Na Índia, esse controle mental é uma

forma de yoga que ensina um controle tão completo do corpo que uma pessoa pode virtualmente fazer qualquer coisa que queira com ele, dependendo do grau de sua prática e determinação.

Em nossa humanidade, geralmente estamos sujeitos aos caprichos do corpo: ele nos diz quando sente prazer, quando está com dor, quando está frio e quando está quente, e nós não parecemos ser capazes de fazer nada sobre isso, exceto mudar as condições externas, em uma tentativa de fazê-lo feliz. À medida que subimos no plano mental, no entanto, o corpo já não exerce tanto controle sobre nós, e muitas vezes, ao invés dele nos dizer, podemos dizer a ele como agir e sentir. Isso é porque nós chegamos a um nível em que percebemos que calor e frio não são propriedades do corpo: são propriedades da mente. O corpo não sabe quando está quente ou frio; nem sequer sabe se está vivo ou morto. A mente do homem sabe e, portanto, a mente pode ser treinada para alcançar esse ponto de desenvolvimento onde, independente de quão quente ou frio esteja o corpo, a mente não relata isso.

Homens de iluminação espiritual aprendem tudo que há para ser conhecido sobre a mente e o corpo, mas eles não usam esse conhecimento para realizarem truques, para mostrá-los, fazer uma exibição de poder. Se surge uma ocasião em que precisam usá-lo de modo sagrado e secreto para alguma demonstração de domínio, ou se há um momento em que sentem a necessidade de usá-lo em público, eles podem fazê-lo. Normalmente, no entanto, os de iluminação espiritual nunca recorrem a uma exposição do poder mental, mesmo sendo verdade que os espiritualmente iluminados saibam como a mente funciona e como ela pode ser manipulada.

A mente tem um propósito legítimo em nossa experiência. No momento atual, o mundo científico está começando a concordar com as descobertas de homens e mulheres espiritualmente desenvolvidos, que a mente é a substância deste universo físico. O universo que conhecemos com os sentidos físicos não é um universo material: é um universo mental. Este corpo material não é material: é uma criação mental, a criação da mente do segundo capítulo do Gênesis.

A substância do corpo é a mente. Em si mesmo, o corpo é morto; não tem vida, nem sensação, nem inteligência; não pode se mover por si mesmo. É a nossa mente que governa o nosso corpo e, portanto, o nosso corpo pode se comportar bem ou se comportar mal, de acordo com a nossa mente. Quando nós percebemos isso, podemos entender que, enquanto estamos operando no nível da mente, estamos operando no nível do bem e do mal, então isso não pode ser Deus. Deus não é bom nem mau: Deus é Espírito.

No segundo grau, então, aprendemos que a Verdade com que a mente é imbuída torna-se tangível como a saúde do nosso corpo, como a abundância de nosso suprimento e como a harmonia de nossa experiência. Para uma exposição mais completa deste assunto, veja meu livro "O Trovão do Silêncio". Considerando que antes estávamos espiritualmente cegos, ignorantes e governados por circunstâncias, condições e experiências pré-natais, agora somos governados pela verdade que mantemos em nossa consciência. A Verdade é a substância e a lei da harmonia, mas esta Verdade não flutua no ar: deve ser trabalhada e incorporada em nossa mente.

Se usarmos a mente para fins pessoais e egoístas, sem considerar os efeitos sobre os outros ou sobre o mundo, estaremos cavando problemas, porque, como nós semeamos, assim devemos colher. Se, ao usar nossa mente para o nosso próprio ganho ou satisfação, ferirmos alguém, a lesão retornará para nós. Não há como negar que podemos usar a mente de qualquer forma que quisermos usá-la - erroneamente, egoisticamente ou pessoalmente, e sem a devida consideração pelos direitos dos outros - mas isso pode ser extremamente perigoso e pode carregar consequências terríveis.

Enquanto a mente for governada pela Verdade, não haverá egoísmo, porque nós não estaremos direcionando a mente para fins específicos, mas apenas para atingir uma maior consciência da Verdade, deixando essa Verdade mudar nossa consciência.

Manter a Verdade na consciência não é para o propósito de comprar automóveis caros, iates, palácios ou casas magníficas; não é com a finalidade de reduzir a febre ou de se livrar de uma doença. O propósito de acolher a Verdade na consciência é espiritualizar mente e corpo para trazer ao nosso conhecimento a Luz da Verdade, de modo que todo o nosso ser possa ser transformado de um sentido materialista para um sentido espiritual. Pela Verdade mantida em nossa consciência, por essa renovação de nossa mente, somos transformados do homem da terra para aquele homem que tem seu Ser em Cristo.

Mas essa verdade deve ser a Verdade sobre Deus. Não há verdade sobre o homem; não há verdade sobre o suprimento; não há verdade sobre saúde; não há verdade sobre segurança. A única verdade que existe é a Verdade sobre Deus, a Verdade de que Deus é a substância do nosso corpo, de nossos negócios e de nossa vida. Deus é o cimento dos nossos relacionamentos humanos, Deus é nossa fortaleza e nossa torre alta. Nele, e não em estruturas materiais ou físicas, nós vivemos, nos movemos e temos nosso Ser.

Deus deve estar em tudo que fazemos ao longo de nosso trabalho no Segundo Grau - Deus! Habitando nesta consciência de Deus como nosso ser e natureza, gradualmente todo ódio, medo e amor pelo mundo exterior desaparecem, e seu lugar é tomado por uma realização do Espírito interior.

Cada palavra de Verdade que incorporamos em nossa consciência se torna o sopro de vida para nós, até mesmo a própria atividade dos órgãos de nosso corpo. Nós não temos que pensar em nenhuma das nossas funções corporais: temos que pensar é em Deus como a atividade e a lei para o nosso ser, e então toda a ação é realizada harmoniosamente e perfeitamente de acordo com a lei divina.

Originalmente, como foi criada, a mente era - e deve retornar a ser - um instrumento de consciência e conhecimento. Por exemplo, através de nossas faculdades mentais, podemos saber que Deus governa o clima, mas com a nossa mente não podemos tornar o tempo bom ou ruim, embora, percebendo Deus como a própria natureza, substância, e atividade do clima, possamos trazer um clima harmonioso em visibilidade. Usar a mente para criar algo ou atrair alguma pessoa para nós seria tirar a mente de sua órbita natural, e poderíamos, assim, trazer algo que poderia se tornar um Frankenstein para nós.

Quando a mente é usada com o propósito de conhecer a Verdade, a Verdade então se torna a lei da harmonia para nossa experiência e nos liberta de todo sentido de limitação: física, mental, moral e financeira. A Verdade que nós mantemos em nossa consciência assume nossa vida, eliminando discórdias e desarmonias e trazendo paz, harmonia e segurança.

É nesse Segundo Grau que decidimos se serviremos a Deus ou Mamom; e se decidirmos servir a Deus, devemos determinar quantas horas por dia vamos servi-lo. Eventualmente, aqueles que seguirem este caminho aprenderão que não há um momento sequer do dia em que sua mente não permaneça na Verdade. Eles não precisam declarar a Verdade conscientemente: eles estão vivendo isso. É o mesmo que viver uma vida honesta. Pessoas honestas vivem honestamente: elas não se pegam pensando idéias de desonestidade, mas isso não significa que eles têm que sair por aí declarando ou afirmando serem honestas. Se atingiram um estado honesto de consciência, simplesmente vivem honestamente.

No desenvolvimento da nossa consciência espiritual, que significa nosso progresso ou viagem de um sentido material de vida para a volta à casa do Pai, podemos ter que conhecer e afirmar a Verdade por horas e horas e horas, para romper a aparência discordante. Nós temos que viver com esta Verdade até que, através das nossas meditações, venha o momento em que o contato com a nossa Fonte seja tão bem estabelecido que nós nunca teremos que usar a mente novamente para o propósito de conhecer a Verdade: a Verdade surge de dentro do nosso próprio Ser e se pronuncia para nós. Nós não a declaramos mais: ela declara a si mesma.

Quando a Voz se expressa através de nós, a cura é instantânea e completa. E é assim quando estudamos a Verdade, trabalhamos e vivemos com ela, enchamos nossa

consciência com a Verdade dia e noite; e então, um dia em nossa meditação, descobrimos que, sempre que for necessário que uma verdade apareça, só temos que fechar os olhos, voltarmos-nos para dentro, numa atitude tipo "fala, Senhor pois teu servo escuta", e então a Verdade surge de dentro e se anuncia a nós. Quando isso acontece, há sinais seguindo-se.

A princípio, enchemos nossa consciência com a Verdade, até que a mente seja transformada de uma base material para uma espiritual; então paramos de usar nossa mente como um poder mental para fazer algo acontecer, e deixamos ela tornar-se uma via ou um instrumento de consciência através do qual recebemos a Graça de Deus. Em última análise, nós vivemos pela Graça que flui do Espírito interior, e isso se torna perceptível para nós através da mente.

Desde o momento da nossa entrada no primeiro grau, trabalhamos em direção ao objetivo da experiência de Deus. Mas enquanto, nesse grau, preocupamo-nos apenas com a prática da Presença de Deus e com a meditação, no segundo grau, começamos a aplicar toda palavra de verdade espiritual que pudermos para a nossa vida diária, assim espiritualizando a mente, até que, eventualmente, nossa mente não mais busque qualquer tipo de arma - seja mental, verbal ou física - mas automaticamente volte-se para dentro por uma Palavra da Verdade.

Nesse estágio de consciência, independentemente do problema apresentado, buscamos em nossa consciência uma Palavra da Verdade com a qual o enfrentamos. Considerando que a mente humana pensaria em correr a um policial, a um tribunal de justiça ou a algum outro tipo de arma, corremos para dentro de nós mesmos pela Verdade, com a qual enfrentamos a situação. Agora estamos aprendendo a não usar os modos ou meios de vida comumente aceitos, mas confiar na Palavra da Verdade que está dentro de nossa consciência. Eventualmente, nós vamos trazer de dentro de nossa própria consciência verdade suficiente para mudar todo o nosso mundo, porque estamos aprendendo, neste segundo grau, que nossa consciência incorpora toda a Verdade que já foi conhecida desde o início dos tempos.

Por mais anos do que se pode ser contado, a religião teve a conversão de indivíduos como um dos seus objetos, na esperança de que, se todas as pessoas do mundo pudessem ser convertidas, um novo mundo emergiria. O que a maioria desses fanáticos não conseguiu perceber é que, no momento em que todos fossem convertidos, uma nova geração teria nascido, e eles teriam que começar todo o mesmo trabalho novamente.

O Caminho Infinito revela, no entanto, que a conversão do mundo ou mesmo de toda uma geração não é necessária: só é necessário que um número suficiente atinja a capacidade de voltar-se para dentro e extrair seu bem espiritual dessa Interioridade, e

assim, a próxima geração nascerá em meio a essa nova consciência. Mas ainda está fora do entendimento que o bem e o mal são impessoais e que o estado de consciência da próxima geração está sendo construída. O estado de consciência que estamos formando não é meramente a sua consciência ou a minha. Pode ser a consciência limitada ao tempo ou espaço? Não é toda Palavra da Verdade que está transformando nosso estado de consciência? E também, em certa medida, transformando o estado de consciência do mundo inteiro? Uma vez que a Verdade for trazida à luz na consciência individual, a próxima geração nascerá no mesmo estado de consciência que nós desenvolvemos.

A consciência não pode ser limitada. Deus é a consciência individual e Deus é infinito; portanto, nossa consciência é infinita. Através da percepção deste Infinito, um compositor poderia transbordar melodias originais para o mundo, ou um escritor poderia inventar novos enredos e idéias pelos próximos cem anos. Esta confiança completa na Consciência Infinita não implica em sair para o mundo por nada: significa ir para dentro de nós mesmos, trazendo todas as coisas necessárias como efeitos de um impulso espiritual, e contemplando como este Infinito forma a si mesmo no plano exterior.

A parte que a mente desempenha em tudo isso fica então aparente. Através da atividade da nossa mente, somos nós que nos voltamos à nossa consciência, para o centro do nosso ser, para extrair a verdade espiritual. Assim, estamos enriquecendo toda a nossa vida - nosso corpo, assim como nossa mente.

A terra tem que ser fertilizada, tem que ter água e sol; e na medida em que recebe isso, produz frutos abundantes. Também conosco, a mente deve ser enriquecida; deve ser alimentada com carne, vinho e água espirituais; e o único lugar de onde se pode conseguir isso é da Alma, do nosso profundo interior. Enquanto trazemos esse alimento para nutrir nossa mente, estamos construindo em nós essa mente que também estava em Cristo Jesus, e essa mente se torna a substância do nosso corpo. Qualquer que seja a natureza dos alimentos, alimentamos nossa mente, e essa é a natureza da qualidade do nosso corpo, uma vez que a nossa mente é a substância do nosso corpo físico. Toda vez que nos voltamos para dentro de nós e trazemos a Palavra da Verdade, nós a liberamos em nossa consciência, e não só fertilizamos e enriquecemos nosso próprio estado de consciência, mas nós enriquecemos o estado de consciência do mundo.

A mente, em si mesma, não é boa nem má. A mente é incondicionada. Permanecendo “por trás” da nossa mente, temos o poder de preenchê-la com o bem ou com o mal, com abundância ou falta. Nós podemos encher a nossa mente com a Verdade, deixá-la vazia, ou podemos deixar que ela seja preenchida com o mesmerismo do mundo. A mente é

incondicionada, e nós é que deixamos que ela seja permeada com o lixo "deste mundo" ou com sabedoria, com pensamentos materiais ou com espirituais.

Por ser a mente um instrumento, pode tornar-se consciente da Verdade em sua totalidade, ao passo que, se depender inteiramente do que já é conhecido, nunca pode sair de suas limitações auto-impostas e aprender o que se espera com sua abertura. Se não limitarmos nossa mente ao que ouvimos ou lemos enquanto estamos dispostos a nos voltarmos para o nosso Ser, poderemos ser ensinados por Deus - recebendo sabedoria, segurança e direção. Isso, no entanto, envolve uma rendição do pequeno "eu" e a capacidade de se aquietar e saber que o "Eu", no centro do ser, é Deus; isso envolve uma vontade de escutar e deixar Deus dirigir e iluminar a mente.

Quando nós progredimos no Segundo Grau até o ponto de espiritualizarmos a mente, entendendo a mente como um canal incondicionado da sabedoria de Deus e aprendendo a aquietarmo-nos, então, quando os problemas nos são trazidos para solução, não nos preocupamos em produzir pensamentos, mas voltamo-nos para dentro e permitimos que Sua Voz se pronuncie, deixando-nos instruir de dentro e deixando Seu poder se manifestar.

Embora os estudantes levem, geralmente, de cinco a nove anos para abranger o Segundo Grau - não é um processo rápido - eles não têm mais que esperar longos anos para que os frutos apareçam. O fruto começa vir muito rapidamente: é apenas a "plena" realização que não vem tão depressa.

"Escolha você hoje a quem você servirá." Devemos servir às discórdias e desarmonias deste mundo, juntamente com alguns dos seus prazeres, ou nos elevaremos acima de suas discórdias e prazeres, e aprenderemos o segredo de "Meu Reino"?

No primeiro e segundo grau, a maioria de nós atinge a harmonia do corpo, do bolso e das relações humanas, mas isso é apenas um passo no caminho espiritual, porque ainda não discernimos a real natureza da imortalidade, da eternidade e do infinito, da completude e da perfeição. Isso está bem na nossa frente - mas não até que tenhamos englobado esses dois graus.

"Na quietude e na confiança está sua força... e saiba que Eu Sou Deus". Eu, esse Eu bem lá no fundo, esse Eu que nos conforta, o Eu que é a Presença, esse Eu vai nos instruir. Então nós nunca teremos que usar nossa mente como um poder, mas esse rica comida espiritual que jorra de dentro de nós vai alimentar nossa mente e se tornar a substância e atividade da nossa vida e do nosso corpo.

ALCANÇANDO A FILIAÇÃO DIVINA

Quando abrangemos o primeiro e segundo graus, abre-se para nós uma nova dimensão da vida, uma área completamente diferente de consciência. Nesse momento, há algo dentro de nós que não é mais uma citação, uma afirmação ou uma lembrança da Verdade: é uma experiência. Entramos no Terceiro Grau, onde não mais vivemos pelos padrões deste mundo, onde os valores são diferentes, e a vida é governada não tanto pela lei exterior, mas bem mais por nossa integridade interior. É neste momento que passamos da lei para a Graça.

Como seres humanos, vivemos sob leis criadas pelo homem que continuam a operar enquanto permanecermos na ignorância, e até que tenhamos despertado, somos mantidos em escravidão por todos os tipos de leis mentais e físicas.

Quando chegamos à consciência de uma Presença espiritual dentro de nós, gradualmente tornamo-nos imunes a essas leis, porque, quando passamos para o terceiro estágio, a Presença vive nossa vida e não pode ser influenciada, nem pode ser coagida por leis físicas ou mentais: ela é imune a elas, pois são apenas teorias, superstições e a crença universal em dois poderes. Na proporção em que o Filho de Deus é levantado em nós, essas leis não funcionam, e não apenas não somos receptivos ou responsivos a elas, mas nós ajudamos a anulá-las para outros que podem vir até nós. Quando uma imunidade é desenvolvida contra leis materiais e mentais, nós vivemos em um mundo totalmente diferente, porque então não temos que tomar alguma lei em consideração, nem temos que nos preocupar sobre as coisas. Tendo encontrado o Reino de Deus e habitando nele, outra instância está assumindo a responsabilidade por toda nossa experiência. O governo está em Seu ombro, deste Divino Filho que, no terceiro grau, é agora ressuscitado em nós. Em nossa humanidade, estava dormente; imobilizado, não pôde fazer nada. Independente de que mal foi feito para nós, tivemos que nos resignar a isso, a menos que nossa sabedoria humana ou força pudesse fornecer uma fuga para nós e, na maioria dos casos, não poderia.

Na consciência dessa Presença transcendental, no entanto, entramos em um estado de consciência em que não temos que lutar ou opor-nos ao erro, nem continuamente tentar destruí-lo. Estamos agora em um estado de consciência onde o erro não nos atinge - nem mesmo somos cientes disso. Nós não estamos apenas experimentando mais e melhores coisas e condições humanas, mas um novo fator entrou em nossa vida, uma nova alegria.

A única maneira provável de explicar isso é que nós experimentamos prazer ou satisfação em nossa humanidade por causa de algo que acontece exteriormente. Por exemplo, aprendemos que alguma atividade bem sucedida ou despertar no dia de Natal

para encontramos-nos abençoados com belos presentes desperta alegria em nós; mas, por outro lado, o fracasso ou a ausência de presentes pode trazer tristeza. Nossa alegria, assim como nossa tristeza, geralmente é causada por ocorrências externas, mas a partir do momento em que esta experiência transitória começa, a alegria, que é uma parte integrante do nosso ser, borbulha de dentro de nós, sem qualquer causa externa; e quando a tristeza vem, ela é reconhecida como "deste mundo" e é rapidamente dissolvida.

No terceiro grau, não tentamos demonstrar nada no mundo exterior: estamos buscando apenas aquela liberação interior ou paz que, em si, é a demonstração e a realização do nosso objetivo. Isto não é para ser alcançado para qualquer propósito, mas apenas por si, e produz um efeito na experiência externa que segue apenas como a luz do dia acompanha o sol. O sol não sobe e produz luz: o próprio sol constitui a luz. Só assim, descobrimos que não existe nenhum Deus para nos dar saúde, suprimento ou companheirismo; não há Deus que nos dê qualquer coisa, mas existe Deus, e quando este Espírito é conscientemente percebido, Ele é a própria substância da nossa experiência exterior.

Como o sol não nos dá luz, mas é a luz, assim a Graça de Deus interior não produz algo no plano exterior: a Graça de Deus dentro é a própria substância do bem que aparece externamente. Não existe tal coisa, portanto, como a Presença de Deus e uma discórdia; não existe tal coisa como a Presença de Deus e falta ou limitação. Deus é a Paz, Deus é o conforto, Deus é o fornecimento. O Espírito e Sua atividade exterior são Um; o Espírito e Suas formações são Um; o Espírito e Sua criação são Um. O Espírito não cria no sentido de serem um Espírito e uma criação: o Espírito é a substância que aparece exteriormente "como" forma, não como a forma do que vemos, ouvimos, provamos, tocamos ou cheiramos, mas como forma espiritual. As impressões recebidas através dos sentidos representam o nosso conceito da Presença Espiritual que está aqui.

Nesta terceira etapa, superamos e desfazemos todo o trabalho do primeiro e segundo estágios. Nós paramos de depender de um Deus, e enquanto isso pode soar incrível para aqueles ainda não avançaram para esta fase, não é muito difícil de fazer porque, com a experiência do Cristo, tudo é fornecido para nós antes de sabermos do que precisamos. O Cristo transmite sabedoria, fornece proteção e dá amor, e não há necessidade de depender de qualquer coisa: há sempre Algo que vai adiante de nós para "endireitar os caminhos tortos"; Há sim sempre Aquilo que está caminhando ao nosso lado como nossa proteção e segurança. Tais alturas de consciência não são experimentadas nos dois primeiros estágios. Neles, nós temos apenas nossos próprios pensamentos, esperanças e a garantia dos místicos que escreveram as Escrituras e os metafísicos do mundo. Eles

são uma equipe à qual nos inclinamos, e eles permanecem conosco até recebermos a experiência. Com o advento da experiência, no entanto, tudo isso muda.

Muito lentamente começa a despontar na consciência que não somos mais a pessoa que éramos, porque agora não estamos dependendo de uma filiação divina de um Deus remoto, pensando ou falando sobre um Deus distante, e certamente não tentando influenciá-lo. Não só não estamos tentando ser bons, e, claro, qualquer um que avance para o Terceiro Grau não poderia ser mau, mas agora não há consciência de bondade, porque não há nada para comparar: não há tentação de ser mau. De fato, nada de fora agora age como qualquer tipo de tentação para nós.

É como o matemático tão bem fundamentado em sua ciência que ele nunca, nem por um momento, é tentado a acreditar que doze vezes doze seja cento e quarenta e três. Existe simplesmente uma consciência completa de cento e quarenta e quatro. O matemático não seria capaz de entender aqueles de nós que sempre se deparam com a tentação de achar que duas vezes dois não são quatro e três vezes três não são nove.

É difícil para qualquer um que viva nesta consciência do terceiro grau entender uma pessoa que rouba ou mente, ou que tenta obter seus fins por propaganda enganosa. O que será que acontece em uma mentalidade que se envolve em tais práticas, quando não há necessidade delas? Sendo que "a terra é do Senhor e toda a sua plenitude", portanto, tudo o que o Pai tem não é nosso? No entanto, nesta consciência mais elevada, nós nunca pensamos conscientemente nessas verdades; eles nunca entram em nossa mente, exceto quando alguém apresenta a imagem oposta para nós, e surge então a necessidade de assegurar-lhe o cuidado amoroso e onipresente de Deus.

Quando chegamos ao terceiro estágio, que é alcançado passando por uma série de iniciações, cada uma marcando uma transição de um estado de consciência para um maior, não há semeadura e lá não há colheita: há apenas um divino estado de Ser, da consciência em quarta dimensão que, quando alcançada, nos permite viver pela Graça. Quando o filho de Deus é ressuscitado em nós e está vivo, nós não precisamos pensar, pois isso é da essência da Onipotência, Onipresença, e Onisciência; Ele que tudo sabe, Ele, o todo poderoso, Ele que é toda a Presença faz essas coisas para nós.

Em nossa humanidade, somos uma entidade adormecida, mas quando despertamos, o que encontramos? Nós nos encontramos como Sua imagem e semelhança; nós descobrimos que existe um Deus, que Deus cuida de Seu Filho, e que você e eu somos esse Filho. Somos conscientemente Um com Deus; e então nós podemos nos entregar para sermos crucificados, enviados para a guerra ou para qualquer outra coisa que a mente humana quiser fazer conosco, e nós sairemos da tumba, livres e purificados - nós

sairemos da situação. Por quê? Porque o Filho de Deus é espiritual e, portanto, não está sujeito às leis de causa e efeito, nem está sujeito à lei do carma.

Neste Terceiro Grau já não somos bons nem maus, não somos mais saudáveis ou doentes, e já não somos ricos ou pobres: somos apenas um estado do Ser Divino, mas não somos isso por nós mesmos; esse Algo que tomou posse de nós é que é isso. Não há mais, então, responsabilidade pessoal pelo suprimimento ou pela saúde: nossa única responsabilidade é viver em Deus.

Quando essa experiência de viver em Deus nos chega, no início ela é perturbadora, porque, assim como no nosso primeiro estágio, estávamos "morrendo" para o sentido negativo da vida e renascendo em um sentido mais positivo, agora estamos "morrendo" de novo. Isto não é apenas uma aniquilação de nossa humanidade indesejável, mas é também uma aniquilação mesmo de nossa boa humanidade; no começo, é assustador e desconcertante como véu após véu vão caindo e ficamos cara a cara com a verdade nua.

A primeira onda de entusiasmo no caminho espiritual nos trouxe uma sensação de que ser saudável é uma prova de nossa compreensão espiritual, e ser rico é, evidentemente, outra grande prova do grau dessa compreensão. Mas no Terceiro Grau, nos elevamos à consciência onde não há saúde e não há riqueza, nem boa saúde e nem má saúde, não há virtude nem vício, nem honra, nem desonra; não há pessoas altas e nem pessoas baixas, não há grandes, quase grandes ou não tão grandes: há apenas um estado espiritual de Ser, que é descrito como "Meu Reino" minha Consciência, a Consciência de Cristo - e isso não é um estado de humanidade melhorada.

Em nosso primeiro estágio de desenvolvimento espiritual, estávamos melhorando nossa humanidade, meramente em virtude da nossa maior consciência de uma Presença espiritual. Na segunda etapa, estávamos melhorando conscientemente nossa humanidade, de modo a medir até o nosso mais elevado conceito de bondade, virtude, integridade, lealdade e fidelidade, usando a mente como instrumento para a atividade do Espírito. Mas no terceiro estágio tudo isso foi tirado de nós. Neste grau não podemos nos alegrar em nossas benevolências, na nossa saúde, ou na nossa riqueza, porque agora vemos que não temos nada disso em nós mesmos. O Cristo, o Filho espiritual, é a nossa vida, nossa saúde, nossa riqueza e a fonte do nosso bem. Esse Ser espiritual, esse Messias que está dentro de nós - esse é o nosso bem, a fonte disso, a experiência disso, a expressão disso. Nele, não há mais nem traço do pequeno e humano "eu".

A experiência final é a aniquilação do nosso ser humano, das suas boas qualidades, tanto quanto das más; ele está "morrendo diariamente", e até mesmo o melhor da humanidade desapareceu, e a identidade espiritual é revelada. Morte do conceito

materialista de vida e um renascimento do Espírito - isso é o que acontece através do nosso desenvolvimento espiritual e progresso no caminho.

Quando a transição ocorre, às vezes lentamente ou às vezes em um instante, sempre nos deixa com um traço do nosso antigo eu. Isso é um período difícil, porque temos vislumbres do que a vida espiritual pode ser e, ao mesmo tempo, temos a experiência frustrante de não sermos capazes de viver continuamente no Espírito. Enquanto nosso velho "eu" não iluminado domina a cena, sua sombra ainda perdura, e muitas vezes somos tentados a entrar nos velhos hábitos e modos de vida. Portanto, há uma necessidade de grande paciência até que o Filho de Deus tenha sido mais plenamente levantado em nós.

O próprio Mestre, mesmo depois de ter feito a transição de ser um rabino hebreu para ser o Cristo, foi tentado por três vezes, indicando que havia suficiente sentido pessoal para tentá-lo, dizendo: "Com esse poder, você pode se tornar ótimo. Mostre este poder; mostre ao mundo que você e Deus estão em termos tão íntimos que Ele não permitirá que nada aconteça com você. Mostre ao mundo que você tem todo o suprimento, por estar tão perto de Deus; mostre ao mundo que você é um santo". Mas essas tentações foram superadas por causa da percepção de Jesus da natureza de cada tentação. Ele não tentou se reformar, ele não disse: "oh, eu sou fraco; Deus me abandonou". Ele não tentou culpar qualquer coisa: ele reconheceu instantaneamente, quando ele comandou "para trás de mim, Satanás", que esta era a sugestão satânica impessoal de um eu separado de Deus. Essa foi realmente a tentação, de acreditar que ele e seu Pai não eram Um, que havia um "eu" e um Deus, e que ele era algum favorito de Deus. Ele reconheceu isso como uma sugestão hipnótica impessoal, um mal impessoal, ou tentação impessoal. Ele se recusou a aceitar um "eu" que poderia ser bom ou ruim. Ele não aceitou um "eu" que precisava de comida, roupa ou moradia; ele não aceitou um "eu" que precisava de cura. Ele sabia a verdade, "Eu e meu Pai somos Um", e que esse Eu/Ele nunca o deixaria ou o abandonaria, estaria com ele até o fim do mundo.

Nessa revelação e percepção, a "morte" total do homem da terra ocorreu, trazendo seu completo renascimento no Espírito como Consciência Cristã, para que, a partir de então, ele se conhecesse como o Cristo, o Filho de Deus. Então Jesus, o filho do homem, estava "morto", e o Cristo ressuscitou do túmulo da mortalidade, da identidade mortal e foi revelado como indivíduo, infinito, eterna individualidade.

Jesus Cristo não foi absorvido em Deus: ele permaneceu como identidade individual, assim como ele faz neste momento com todos os místicos que têm alcançado a União Consciente com Deus, que vivem aqui e agora, e estão disponíveis a todo indivíduo que alcança até um toque de Cristandade.

Quando nos elevamos o suficiente, nós também comungamos com aqueles que deixaram a visão humana e estão no nível da Consciência de Cristo, porque somos de uma só família, de um só lugar, e de um só Pai conscientemente percebido.

Existe harmonia divina na consciência de Cristo, e essa harmonia divina, em certa medida, evidencia-se de várias maneiras em nossa experiência. Por causa da atividade do Cristo na consciência, nós testemunhamos curas em nossos corpos e mentes, curas em nossos relacionamentos humanos e em nossa condição econômica. Nós vemos como a atividade do Cristo eleva nossa experiência individual para fora do mundo da doença e da saúde, que balança para frente e para trás entre o bem e o mal, e mesmo que não possamos atingir a plenitude do Cristo, se houver ainda "um espinho na carne", nos esqueceremos "daquelas coisas que estão por trás", e viveremos o máximo que pudermos nesta consciência superior.

Quando nós priorizamos este Caminho, não nos esquecemos que nós já somos o Cristo, mas que o Cristo está tão fortemente velado que nós não podemos contemplar o verdadeiro Eu. Em cada momento da nossa jornada, os véus são afastados de nós - as reivindicações de humanidade - até que, eventualmente, nos levantamos e nos vemos como realmente somos, Filhos de Deus, unidos em uma irmandade com toda a humanidade, onde não há grego nem judeu, nem escravo e nem livre, onde todos são uma mesma Cristandade.

Nunca mais poderemos ser maus, tanto quanto não poderemos ser bons; nunca mais poderemos ficar doentes e nem são; nunca mais estaremos mortos mais do que podemos estar vivos. Daqui em diante, nós somos os Filhos de Deus, a descendência de Deus, o próprio Deus encarnado como ser individual, o próprio Deus manifestado.

O SIGNIFICADO DA INICIAÇÃO

A iniciação é um ato da Graça dada a indivíduos de já um certo tempo de desenvolvimento, elevando-os a um estado-mestre da consciência. Há muito menos oportunidades para um aluno atingir a iniciação no mundo ocidental do que no Oriente, porque no Ocidente somos educados desde a infância com a ideia de igualdade. Somos ensinados que somos todos iguais e, portanto, não temos a correta compreensão do papel de um professor espiritual, ou o que consciência espiritual é. Não percebemos que, embora possamos ter igualdade política e econômica, estamos longe de ser iguais em desenvolvimento espiritual.

Nós do mundo ocidental não nos prestamos a nos tornar estudantes de um ensinamento espiritual. Oh sim, estamos muito ansiosos no primeiro ano para saltar do status de um novato e chegar a não menos que um mestre, e depois indo mais além. Alcançar a vida espiritual, no entanto, não é coisa que venha tão depressa: é uma vida de dedicação àquilo que é maior do que nós somos.

Pessoalmente, não acredito que um aluno possa preparar-se conscientemente para a iniciação, nem eu nunca vi alguém que tivesse como meta alcançá-la. Pelo contrário, o objetivo deve ser sempre a obtenção daquela mente que estava em Cristo Jesus, sem qualquer pensamento de receber iniciação ou experimentar os efeitos da iniciação.

Conforme o aluno dá seus primeiros passos no Caminho que conduz à iluminação, ele se dedica a meditar no Espírito que habita em nós. A iniciação o conduz de um passo a outro na Consciência da Presença e assim por diante, purificando-o na medida em que ele não queira mais Deus para destruir seus inimigos, e esteja sempre disposto a perdoar e amar, porque sabe que é somente através de sua ignorância que o mal está sendo expresso. Ele é purificado a tal ponto dele não querer mais obter seus fins por qualquer senso pessoal de poder ou força. De certa forma, a sua vida torna-se tão purificada que é vivida em dedicação para outros.

O mundo perde suas atrações para ele, não porque ele planejou ou quis isso, nem porque ele estudou para superá-lo. Em vez disso, teve uma experiência que ocorreu dentro dele. O Espírito de Deus começou a tornar-se vivo; seu centro da alma foi sendo aberto e, em vez de ceder aos prazeres do mundo, ele agora se encontra mais em casa, com pessoas que são espirituais e com livros de inspiração e natureza espiritual. Ele ainda não alcançou o Absoluto, mas por ser elevado acima da consciência humana, ele agora participa da natureza da Consciência Divina e vive em grande medida nela, sendo alimentado e vestido por ela. A atividade deste Espírito faz dele um ser humano melhor e está fazendo de sua vida humana uma vida melhor.

Então agora vem o período que é descrito na literatura mística, tanto do Oriente como do Ocidente, como "morrer diariamente". Essa é a experiência de rejeitar a mortalidade e adotar a imortalidade. É uma experiência na "morte", uma experiência que chega a muito poucos, mas quando chega, leva-os adiante pelo Caminho, até a Iluminação.

No caminho espiritual, temos que "perder" a nossa vida antes que possamos ganhar a vida espiritual, isto é, temos que perder nosso senso físico de vida, esse senso que acredita que estamos vivos porque o coração está batendo, ou porque os pulmões e os tratos digestivo e eliminativo estão funcionando.

Nós temos que chegar a um ponto no qual a vida vive o corpo, e não o corpo vive a vida. Nessa hora, não somos nós que estamos vivendo nossa vida. O corpo nos diz: "eu tenho um resfriado"; "meu coração não está funcionando corretamente - ou meu fígado, ou meus pulmões". Ele constantemente nos fala sobre todas as coisas que ameaçam nosso senso humano de vida.

Quão estúpidos podemos ser? A vida é eterna. A vida de Deus é eterna. A vida de Deus é infinita. Há apenas uma vida e, portanto, a vida eterna deve ser sua vida e minha. A própria vida que vivemos é infinita e eterna, e não depende da ação do corpo: a ação do corpo depende da vida. Tal percepção nos leva ao período de transição para onde nos movemos da existência no corpo para uma existência que é externa ao corpo, ainda que governe o corpo.

Antes que esta transição seja concluída, geralmente tantos bens entraram em nossa experiência que achamos que chegamos na terra do leite e mel. Nós nos acostumamos com a boa saúde; e se nós não a conseguimos, ao menos gostaríamos de experimentá-la. Provavelmente, às vezes invejamos as pessoas que têm quarenta, cinquenta ou sessenta anos de idade e nunca tiveram um dia de doença em suas vidas. Nós gostaríamos que pudesse ser assim, mas não é para ser assim - não no caminho espiritual. Para a maioria das pessoas, isso está tão distante quanto mais eles avançam no Caminho, em qualquer ciclo de vida, a menos que tenham feito algum progresso em uma existência anterior, e agora estão prontos para ir além disso. É um choque para eles descobrirem que quando tudo está indo aparentemente tão bem é quando os reais problemas começam. Agora os problemas realmente profundos vêm - problemas da vida e morte.

Às vezes eu me vejo sorrindo um pouco triste, quando leio na minha correspondência o número de pessoas que querem iniciação. Eu imagino o que aconteceria com elas se acaso se deparassem com a verdadeira iniciação e tivessem que passar por algumas dessas provas de fogo que estão incluídas em todos as iniciações do iluminado espiritual. Quantas esposas de Lot se voltariam para olhar para a boa e velha cidade!

Geralmente não é ensinado que, antes de poder haver uma ascensão, deve ocorrer uma crucificação. É reconfortante e agradável aceitar a crença teológica de que Jesus foi crucificado por nós e que, portanto, podemos experimentar a ascensão sem a crucificação. Isso é algo em que nós nunca deveríamos acreditar. Não mesmo, pois, para experimentar a ascensão, temos que seguir todos os passos que Jesus nos mostrou, incluindo as tentações e a crucificação (*"Então disse Jesus aos seus discípulos: se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-*

me, porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á" - Mateus 16:24,25.

"Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna" - João 12:24,25.

"Então se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o, e fazendo-lhe um pedido. E ele diz-lhe: Que queres? Ela respondeu: Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino. Jesus, porém, respondendo, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado? Dizem-lhe eles: Podemos. E diz-lhes ele: Na verdade bebereis o meu cálice e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado" - Mateus 20:20-23. - nota do trad. G. S.).

Essas tentações não vêm somente quando somos humildes mortais. As três tentações de Jesus no deserto ocorreram depois que ele estava bem estabelecido em sua vida espiritual. Sabendo que ele tinha vislumbrado os segredos da vida e poderia fazer muitas coisas milagrosas, então veio a tentação de usar esse poder. Como isso pôde acontecer a Jesus Cristo, em seu estágio avançado de desenvolvimento? Como ele poderia ter sido tentado a glorificar-se, a enriquecer-se, a usar poderes pessoais? Se estudarmos essa experiência de Jesus, nós iremos entender porque é que apenas quando pensamos que estamos entrando no Reino de Deus, começam nossas provações e tentações.

A tentação do Getsêmani veio a Jesus quando ele era um Mestre totalmente ascenso, e do Gólgota, quando ele já era um Salvador. Mesmo ele não alcançou a infinitude de seu Ser até depois da Crucificação e a Ressurreição, e a Ascensão finalmente ergueu-o completamente acima do sentido material, da forma finita.

Se Jesus tivesse sucumbido a essas tentações, não haveria ensinamento cristão hoje, porque ele teria falhado nos testes requeridos dele por sua iniciação. Cada iniciado no Caminho para o Absoluto atinge o nível em ele é tentado a aceitar a fortuna que está esperando por ele, se ele quiser alcançá-la; até o iniciado é tentado a aceitar a fama do mundo. Essas tentações vêm para todos aqueles que estão no caminho espiritual, e geralmente, em um momento em que eles alcançaram o nível em que eles são bons seres humanos, eles estão prestes a perder sua humanidade.

Com um pequeno grau de iluminação, não é muito difícil alcançar fama ou ganhar fortuna. Muitas oportunidades são abertas para aqueles que atingiram alguma medida de luz espiritual, e é quando essas tentações se apresentam, na forma de tais oportunidades, para que uma escolha seja feita: dedicar todo seu esforço para a aquisição de riqueza e fama, ou renunciar a toda a ambição de ser contado entre os grandes e poderosos. Embora possa não haver nada de errado a respeito de nome ou

fama que venham por conta própria, sem buscá-los, aqueles indivíduos que usam o conhecimento ou poder que lhes foi dado para esse propósito perdem o seu caminho espiritual. Toda a humanidade deve ser renunciada, e toda pessoa neste caminho deve "morrer" e chegar a este ponto de absoluta realização:

"eu, por mim mesmo, não sou nada". Há um Espírito dentro de mim que faz o trabalho. Existe uma Presença, existe um Poder. Eu contemplo esta Presença e Poder invisíveis em ação. Eu vejo como ela vai adiante de mim, e testemunho os milagres que realiza.

Quando este modo de vida espiritual começa a mudar nossa natureza e nos encontramos sendo separados da sociedade, nem sempre percebemos que estamos passando por um período de transição, e que uma vez que essa transição foi feita e estamos completamente isolados dos nossos ex-associados, seremos levados à companhia daqueles de nosso próprio lar espiritual. Mas enquanto nós ainda estivermos confraternizando com o mundo, não vamos nos encontrar com os da nossa própria casa. É somente quando nós "morremos" para o mundo que, de repente, entre todo esse universo, uma pessoa atravessa nosso caminho a quem reconhecemos como uma alma aparentada, e depois outra e outra.

Se nossas vidas estão cheias de atividades sociais nas quais nossos amigos e parentes nos envolveram, não somos livres para desfrutar da companhia de um, dois ou mais que eventualmente cruzarem o nosso caminho, nem somos livres para fazer as viagens que às vezes são necessárias para estarmos em sua companhia, porque nem sempre podemos encontrar esses dois ou três em nossa própria comunidade. É verdade que podemos ver esses companheiros apenas uma vez em um ano ou uma vez em três anos, mas isso não fará qualquer diferença, porque isso é um companheirismo que não leva em conta o tempo ou o espaço, e mesmo se houvesse anos de separação física desses nossos companheiros de mesma filiação espiritual, na próxima reunião seríamos totalmente unificados.

O aluno que está no estágio de testemunhar que seus amigos e parentes o abandonam, na verdade, o mundo inteiro, às vezes torna-se amedrontado e solitário e começa a agarrar-se a algo ou alguém, e muitas vezes ele está agarrando a coisa errada ou o pessoa errada. E por que? Porque ele não pode encarar a solidão, e se ele não pode suportar a solidão, ele não pode entrar nesta vida.

Quando a verdade espiritual começa a se revelar para uma pessoa, como um silêncio que desce sobre ela, uma incapacidade de falar e de ser parte do falatório do mundo, falando e falando mais, isso, claro, faz com que todos sintam que ela é muito estranha. Mesmo aqueles que estão começando no Caminho não podem entender muito bem o desejo de ficar quieto, essa total incapacidade de dizer qualquer coisa e ainda assim

transmitir e até receber, e também isso é outra forma da incapacidade de suportar a solidão e a quietude, impedindo o progresso de muitos alunos no caminho.

Muitos não percebem que o "que é meu deve vir a mim", referido por John Burroughs, depende de atingir um estado de consciência que é de absoluta quietude e paz. Quando isso é alcançado, tudo o que uma pessoa tem a fazer é contemplar e observar o mundo inteiro vindo a ele. Muitas pessoas passam pela vida frustradas, porque "o que é seu" não vem para eles: o seu próprio companheiro não vem, sua própria oportunidade de serviço, sua própria oportunidade de mostrar a Graça de Deus. Eles não percebem que "o que é meu" não chegará a um ser humano. Ele não virá, exceto por ficar quieto e saber que "Eu Sou Deus", e depois deixando a Consciência do Eu do nosso Ser, que é onipotência, onipresença e onisciência, realizar seu trabalho.

Isso só pode ser alcançado na medida em que cada um de nós percebe que é o Eu, o Eu que é Consciência, o Eu que Eu Sou e que é a Consciência que me trouxe e trouxe a todo indivíduo em expressão, inclusive as árvores e tudo o que existe. Isso não significa que nós temos domínio consciente sobre as coisas no mundo externo; isso também não significa que podemos "mentalizar" qualquer pessoa, e assim fazê-la dobrar-se à nossa vontade. A indulgência do pensamento humano a respeito do controle é dominação, e muitas vezes a dominação termina em tirania e destruição - geralmente autodestruição - o que é uma forma de egoísmo que quase beira a insanidade.

Quando percebemos que todo domínio está em não exercitar um domínio consciente que no final se torne dominação, é porque sabemos a Verdade do Eu Sou do nosso Ser. Saber que "Eu" é Deus e que esse Eu é o mesmo Eu que EU SOU, então EU SOU o domínio sobre tudo na terra, acima da terra, e debaixo da terra. Aquietar-se e saber que Eu Sou Deus abre caminho para uma Presença Divina sair adiante de nós, preparar mansões para nós, e atrair o que nos é próprio. Quando conhecemos o Eu, sabemos que esse Eu é o Criador, mas não deve haver egoísmo relacionado a isso. Essa também é uma das grandes tentações.

Depois de um certo ponto de seu desenvolvimento, poucos iniciados sucumbem a essas tentações e caem na beira do caminho, mas até esse tempo, mesmo que o professor ache que o aspirante está pronto, o aspirante nem sempre corresponde a essa prontidão, principalmente porque o sentido pessoal ainda está muito ativo.

Enquanto houver qualquer senso pessoal de si mesmo, tentaremos protegê-lo, e sempre que algo parecer ameaçar, nos levantaremos para lutar. Tal reação pode nos fazer cair no esquecimento, porque, no caminho espiritual, não nos é permitido levantar a espada. Judas, que estava tão perto do Mestre a ponto de ser seu tesoureiro, reteve suficiente sensação de personalidade pessoal para querer ser "o superior", o discípulo mais

importante, e assim, quando qualquer um dos outros parecia ganhar a atenção do professor, ele se levantava para proteger sua posição.

O mesmo senso pessoal de si mesmo que deixou nele um traço de ambição, inveja, ou ciúme é o suficiente para enganar um aluno em qualquer fase do seu desenvolvimento. Até que ele tenha perdido completamente todo o senso de si mesmo e não haja mais possibilidade de cair, todo iniciado enfrenta a tentação de fama ou dinheiro, e se não é uma ambição louca por dinheiro, pode ser apenas a ambição de dinheiro suficiente para garantir sua segurança. Estes são os tentadores do diabo. A consciência iluminada não tem necessidade de segurança ou proteção, e não precisa se preocupar sobre um futuro. Mas até que alguém tenha atingido esse estado de consciência, a tentação é certa de estar presente, e há sempre a possibilidade que o iniciado possa ceder a ela.

O tecido de toda tentação que nos ataca consiste em alguma forma do senso pessoal. É apenas com a iluminação final, a experiência final do Deus encarnando como homem individual, uma revelação que chega a tão poucas pessoas em todo o mundo, que o senso pessoal é morto. Neste estágio de desenvolvimento, já não resta nada do ego humano. Fama não significa nada, fortuna não significa nada, segurança não significa nada. Deus precisa de segurança? Deus precisa de proteção? Impossível!

Mas os estudantes do caminho não alcançaram essa revelação final de Deus encarnado como o Ser, a revelação que permitiu aos mestres dizerem: "Aquele que me vê, vê aquele que me enviou". Quão poucos podem fazer essa afirmação "você está olhando para Deus"! E até que eles possam fazer isso, há alguma medida de senso pessoal presente que poderia causar-lhes a queda. Depois disso, quando todo sentido pessoal foi eliminado, quando não há mais "eu", "mim" ou "meu", existe apenas Deus, existe apenas a Luz em Si, e esta é Auto-Sustentável, não precisando de ajuda de qualquer fonte humana.

O passo final para todo iniciado é o comando para "morrer". Ninguém alcança as alturas até chegar a uma rendição completa de si mesmo, uma vontade de desistir do senso humano de si mesmo, desistir completamente se necessário, pular do penhasco para o oceano, nadar para fora, para o mar, para continuar nadando e nunca voltar atrás, para fazer o que o Mestre comandou: "perder" a sua vida, "morrer" para o seu sentido humano da vida.

A "morte" do "eu" é explicada de diferentes maneiras em diferentes ensinamentos. Nos ensinamentos mais antigos, além da história de Osíris e da Fênix se erguendo de suas próprias cinzas, há relatos da crucificação de seis mestres espirituais antes da época de Jesus, cada um dos quais ressuscitou. Nas escolas de sabedoria, a realização final dependia sempre da "morte" do aluno. Era necessário para todo estudante de uma

escola de sabedoria passar por uma "morte", ser "enterrado" e "ressuscitado" - ressuscitar novamente - antes de receber o grau espiritual de um mestre. Nos antigos ensinamentos egípcios, bem como os da Grécia, havia sempre a "morte" do mestre, seguida por sua ressurreição e renascimento. Muitos ensinamentos das fraternidades incluem, como parte de seu ritual, a "morte" do iniciado, e ele sendo levantado novamente. Essa "morte" do eu é exemplificada na experiência do Mestre na Crucificação, Ressurreição e Ascensão acima de toda a individualidade pessoal.

A crucificação pode ser uma crucificação física real e a ressurreição pode ser uma ressurreição real do túmulo, mas não precisa ser necessariamente assim. Eles podem ser simbólicos, para mostrar a "morte" do "eu" e o aumento do Ser Divino que somos, além daquele pó do cadáver, além do túmulo. Em outras palavras, a crucificação, que é a "morte" ou a travessia do ser, pode vir em qualquer noite escura da Alma, e é quando o último vestígio de individualidade é engolido e não há mais nada, a não ser a Luz da Divindade - não há vestígio deixado por qualquer "eu", "mim" ou "meu", apenas o Eu que é o Eu que nós somos.

Seja durante esta vida particular na terra ou em outra, deve chegar o dia em que "morreremos" - não no sentido de uma morte como resultado de doença, idade ou acidente, mas uma "morte" para todo sentido humano. Podemos saber com que rapidez estamos "morrendo" pelo grau em que insistimos na preservação do nosso ser humano, o que é dito ser a primeira lei da natureza. Se estamos no estágio de consciência onde nós atiraríamos num assaltante que entrou em nossa casa, ainda não "morremos": ainda estamos na humanidade, ainda vivendo uma vida de autopreservação. Se acreditarmos que, no caso de qualquer conflito, nosso país deve lançar uma bomba antes do outro país, ainda não iniciamos o caminho espiritual: ainda estamos sob a lei da autopreservação. As conotações dessa lei são algo aterrorizante de se contemplar. É outra maneira de dizer que nossa vida é mais valiosa do que a dos outros.

No caminho espiritual, particularmente quando subimos alto o suficiente, acima e além de todo sentido pessoal do "eu", somos capazes de entender quando o Mestre comandou a seu discípulo para guardar sua espada: era como se ele tivesse dito: "Eu sei que eles vão me crucificar, mas qual é a diferença se eu morro ou esse soldado morre? Não é única a Vida? É certo matá-lo para me proteger? A vida é a Vida, seja a sua vida ou a minha vida. Eu te ensinei que, se entregares tua vida, tu a encontráras. Eu sei qual é o meu destino, por isso não tomes a vida de outra pessoa para protegeres a minha vida, porque então tudo o que Eu te ensinei estará perdido".

Apenas no grau de nossa auto-entrega, apenas no grau do que nós desistirmos, nós encontraremos o nosso "Eu", e se pensarmos em preservar ou salvar a nossa vida,

tomando a de outro, nós daremos evidência que não avançamos muito longe espiritualmente. Não é necessário mais que apenas um pouco luz espiritual para ver que a vida de uma pessoa não pode ser mais importante do que a de outra, pois a vida é a Vida. A verdade é que minha vida é a sua vida e a sua vida é a minha vida; e quando você morre, eu morro; quando eu morrer, você morre.

Nós nunca estamos no caminho espiritual até que tenhamos subido acima dos pares de opostos, acima do bem e do mal, acima de "eu" e "meu", de "tu" e "teu", até que tenhamos subido ao nível de consciência onde tudo é Um. Quando tudo é Um e Um só, podemos alimentar as multidões e ainda ter doze cestos cheios, podemos curar e perdoar as multidões, mas não enquanto há um senso de um pequeno "eu" que está buscando por si mesmo.

Aquilo que originalmente nos levou a sermos expulsos da nossa morada espiritual para um sentido material do universo foi a dualidade - a crença em uma personalidade separada de Deus, com sua crença e medo de dois poderes. E não é em outra pessoa que essa crença pode ser superada: ela é superada em nós e por nós.

A superação nunca é a superação de algo que está fora: é sempre a superação de uma crença que foi aceita em nossa consciência. A superação está dentro de nossa própria consciência. Quanto mais adiarmos essa superação, mais adiaremos o dia da nossa iniciação final, quando nos tornaremos o Mestre de nossa experiência.

Ninguém alcança as alturas espirituais, exceto aqueles que estiveram nas profundidades mais baixas. Quando estamos passando pela nossa mais sombria experiência humana, muito poucos de nós realmente acreditam que Deus está conosco. A maioria de nós fica convencida de que Ele nos abandonou. Mas Deus nunca abandonou ninguém - nem mesmo aqueles na profundidade do mais baixo pecado imaginável. Deus é tão onipresente no pecador quanto no maior santo.

Quando Moisés liderava os hebreus através dos seus quarenta anos de experiência no deserto, duvido que muitos dos hebreus ao redor dele teriam reconhecido que Deus estava presente. Mas Moisés ele mesmo certamente deve ter sabido, durante todos esses quarenta anos, que o lugar em que ele estava - em qualquer momento - era terra santa. Se Deus não estivesse com Moisés, haveria fim para aqueles quarenta anos no deserto e o próximo passo para a terra do leite e mel?

Elias também deve ter tido um pequeno sentimento, pelo menos por um tempo, que talvez Deus não estivesse presente quando ele estava no deserto e estava sendo tão perseguido. Mas se Deus não estivesse presente, corvos não o teriam alimentado, e nem a pobre viúva o teria feito, e nem teria ele encontrado bolos assados nas pedras, na

frente dele. Independentemente do problemas pelos quais Elias passava, se não houvesse Onipresença, talvez nunca se ouvisse falar de Elias novamente.

Que inspiração é para nós, quando, no final de suas provações e tribulações, Deus revela a ele: "ainda deixei sete mil em Israel, todos os joelhos que não se dobraram a Baal - salvei sua completude, sua perfeição, sua harmonia e sua missão na vida". Deus sempre salva para nós, também, a nossa integridade, perfeição, harmonia e missão na vida.

Se Deus não estivesse com Jesus, mesmo na Cruz, poderia haver uma ressurreição? Separado e à parte de Deus, o homem tem poder do Bem, poder de Ressurreição ou Ascensão? É importante para aqueles de nós no caminho espiritual reconhecermos que, onde quer que haja a restauração dos anos perdidos do gafanhoto, como no caso de Elias, Isaías e Joel, onde quer que haja uma experiência, como o ministério de Jesus Cristo, culminando na Ressurreição e Ascensão, deve haver Emanuel, Deus conosco, deve haver Onipresença, mesmo que haja esses intervalos em que as aparências não testemunhem externamente a Presença.

Observando Paulo em sua perseguição aos cristãos e em suas muitas tentativas de erradicá-los completamente, seria difícil acreditar que Deus estivesse com ele. Se tivéssemos feito parte da ala cristã, teríamos olhado Saulo de Tarso como um demônio, mas ele não era um demônio tão grande que Deus não estivesse com ele. De fato, Deus estava com Paulo, aguardando reconhecimento e percepção, mesmo nos anos de sua ignorância, nos anos de suas perseguições, que os cristãos teriam chamado de obras do demônio. Deus estava com ele quando ele recebeu a Luz, e assim ele se tornou um fator importante na fundação e ensino da fé cristã.

Pedro e João foram presos, mas Deus esteve com eles na prisão, ou então não haveria nenhuma fuga para eles. Mas houve uma fuga, e havia todo um ministério aguardando por eles por causa da Onipresença, e mais por causa do reconhecimento deles.

Não há ninguém em lugar algum, a qualquer hora, sem Onipresença. Não há ninguém em lugar algum, a qualquer hora, que não tenha a plenitude da Divindade dentro dele, independente do que atravessa, sejam provações ou tribulações, independente de seus anos de ignorância, pecado, medo ou mal do seu fardo. E nessas provas, nem haveria chance de esgotar a mortalidade, a humanidade, o mal humano, e mais tarde, não haveria tampouco o esgotamento de uma boa humanidade, embora, eventualmente, ambas as etapas devam ser tomadas.

No começo de nossa experiência espiritual, geralmente estamos apenas saindo do sentido mortal ou errôneo da vida para um bom sentido da vida humana - mais saudável

e mais abundante. Mas isso não é a meta suprema da vida. A meta final da vida é a realização espiritual.

Para alcançar essa realização espiritual, a responsabilidade primária do aluno é a prática da meditação. É na meditação que ele perde o ser com um pequeno "s" e ganha o Ser com um "S" maiúsculo. É na meditação que ele se desenvolve, enriquecendo e expandindo seu Eu interior, mas não enquanto a mente humana estiver ocupada com a ambição ou desejo de realização.

A preparação para a realização espiritual, se houver alguma, portanto, é renunciar a qualquer objetivo. Vamos supor que a iniciação chegou a um estudante neste momento, e então foi dito a ele para nunca aparecer em público novamente, nunca se deixar ser visto, mas para encontrar uma cabana na floresta em algum lugar, e rezar. Como ele se sentiria se fosse um mestre e ninguém mais soubesse disso, e ele não poderia sequer usar um manto? A todos que alcançaram essa alta realização foi dado algo para fazer, e enquanto o faziam, tornou-se impossível para cada um deles ter nome ou fama. O Mestre Jesus Cristo não era conhecido como Salvador ou como Messias durante sua própria vida: ele era um simples rabino andando, subindo e descendo as ruas pelas aldeias da Palestina. Mais tarde, a ele foi dada a honra de ser o Salvador, mas somente depois.

Certamente, então, um requisito primordial na preparação para a iniciação no caminho espiritual é o entendimento de que o aspirante está pronto para ser desconhecido e não ser nada. Se ele é instruído a sentar-se em silêncio o resto de seus dias, ele se sentará em silêncio. Se ele é convidado para sair em algum lugar e orar pelo mundo, ele fará isso, e, acima de todas as coisas, ele nunca deixará seus vizinhos, ou amigos, ou ninguém mais saber que ele é uma pessoa de realização espiritual. E isso é uma negação da realização.

Um Mestre real não se parece em nada com um mestre: o verdadeiro Mestre é mais parecido com o servo que vem batendo na porta, perguntando: "você pode me dar um pouco de comida?", e se tivermos a visão de reconhecê-lo como mestre, haverá uma grande bênção para nós.

Quanto mais mestre ele se torna, mais um servo ele realmente é. Nunca houve um verdadeiro Mestre que se chamasse mestre, nunca houve um Mestre que não percebesse que ele não era um Mestre, mas um servo, servo de todos os que vieram a ele pesados e carregados, a todos que vieram procurando a Luz. Aquele que alcançou a consciência de um Mestre torna-se o servo de todos, e uma pessoa com um estado tão elevado de consciência nunca poderia se rebaixar a ter um desejo à espreita de ser reverenciado e adorado.

Quando uma pessoa é identificada pelo título de mestre ou guru, é apenas um meio de significar a realização espiritual do indivíduo. A pessoa que vemos não é o Mestre. O que constitui o Mestre é a sua Consciência Divina. O grande Mestre não nos disse, de fato, "não me chameis de mestre, não me chameis de bom: há apenas um Mestre, há apenas um bom"?

Ninguém tem mérito por alcançar as alturas espirituais, porque ninguém fez nada para merecer ou ganhar isso, mesmo nos níveis inferiores. Eu posso lembrar o tempo da minha entrada para o caminho espiritual, quando os primeiros sinais que me deram foi que eu não me importava mais por fumar, beber ou jogar cartas. Eu não podia nem mais atravessar o portão e apostar dois dólares em um cavalo. Tudo isso desapareceu.

Quão tolo eu teria sido se eu julgasse ter crédito por isso e gabar-me de quão nobre eu era por não ter mais nada a ver com isso. Essas coisas foram simplesmente tiradas de mim: não havia mérito se acumulando para mim. Quando alguém se eleva mais no caminho espiritual, ele alcança uma humildade e uma completa liberdade do medo mundano. Quase com a primeira experiência espiritual, o medo da morte desaparece, porque na percepção da vida eterna, torna-se de relativa falta de importância se ele vive neste plano ou naquele. Ninguém alcança espiritualidade enquanto o medo da morte permanece na consciência. Mas aí, novamente, como poderia alguém ter mérito por não temer a morte, se isso é algo que ele não realizou, mas algo que foi feito para ele, pela Graça que lhe foi dada?

Para alcançar as alturas espirituais, todo iniciado deve ir para as profundezas e passar por um período conhecido como "noite escura da alma", que pode durar meses e meses. Este é um tempo de angústia, um período de esterilidade, em que ele é dilacerado e sente como certo de que Deus o abandonou, que ele é indigno, que ele cometeu um erro, ou que ele cometeu um pecado, e Deus, portanto, lançou-o nas trevas exteriores. A razão para essa desolação não é que Deus o tenha jogado fora: é apenas que uma maior e mais profunda luz está chegando, e deve haver um processo de esvaziamento, antes que uma luz maior possa vir.

Existem muitas "noites escuras da Alma" neste Caminho, até que chegue a definitiva. A última, claro, é a verdadeira noite da alma, e isso quase lhe custa a vida, antes que se possa passar dessa experiência particular e sair para a plena realização da Luz. Essa "noite escura da alma" culmina com a "morte" do "eu" pessoal e a elevação do iniciado no estado-mestre de Consciência. Nesta experiência, o iniciado pode testemunhar uma tremenda Luz, uma nuvem fina, ou um pilar de nuvem, descendo como se de acima, e tomando forma na terra como um indivíduo. Em outras palavras, ele contempla Deus se

encarnando como homem, e nesta visão Eu, Deus, é agora Eu, homem: o Pai se tornou o Filho, e agora Eu sou isso, EU SOU. Eu Sou Ele; Eu Sou Aquele que deveria vir.

Com esta revelação, existe para sempre o que depois o mundo chamará de professor, salvador, ou guru, mas que é realmente a Luz de Deus manifestada como homem, e o poder mostrado é o Poder de Deus que pode parecer aos outros ser o poder de um homem. É por isso que tão frequentemente um indivíduo foi estabelecido e glorificado como Deus: não foi visto que ele não era um homem que era Deus, mas que Deus era o homem. Há sim muita diferença! Um homem nunca é Deus, mas Deus se torna o homem.

Embora seja verdade que houve apenas alguns poucos completamente "Deus-encarnado-como-homem" na terra, muitos apareceram como Deus encarnado na terra em uma medida, e alguns até em uma medida muito grande. Caso contrário, os trabalhos que realizaram não poderia ter sido executados, porque sempre foram obras que um homem jamais poderia ter feito. Nenhum homem poderia ter deixado como sua contribuição para a literatura espiritual do mundo o Evangelho de João, o Advaita Vedanta, ou qualquer um dos grandes ensinamentos originais que se tornaram a herança espiritual do homem.

O Absoluto não é um ensinamento, mas uma experiência. Quando é dada em palavras em um livro, é uma revelação, mas ainda não é um ensinamento. Ninguém pode ensinar alguém a se tornar o homem encarnado por Deus, mas depois disso ter sido revelado, pode ser levado à consciência, e a medida da prontidão do aluno será a medida de sua experiência.

Embora existam alguns poucos na história do mundo que vieram à terra tão altamente dotados espiritualmente que receberam a transmissão do Espírito diretamente pela Graça, sem a intervenção ou ajuda de um professor, a grande maioria daqueles que atingiram a realização do Absoluto atingiram-na através de um professor (é bom recordar aqui o que foi dito nos capítulos anteriores: nem sempre o professor é visível, nem sempre se deixa conhecer, atuando como "desconhecido e invisível", atuando não necessariamente a partir deste plano físico... Então, se a pessoa se julga progredir sozinha, isso é, na verdade, pouquíssimo provável - nota do tradutor G. S.).

O que pode ser chamada de a primeira revelação do Absoluto é credenciada a Krishna. Embora não haja provas de sua realização, nem haja qualquer manuscrito atribuído a alguém pelo nome de Krishna, este nome é repetido muitas vezes na literatura religiosa, e está sempre, de alguma forma, associada à revelação de Deus como ser individual, Deus como o único EU SOU, e Aquele Deus ou EU SOU, que constitui o ser individual.

Não temos conhecimento de quantos atingiram essa consciência nos dias anteriores aos registros escritos, mas provavelmente um dos primeiros registros autênticos de tal realização são os de Melquisedeque. Com Melquisedeque, não havia ensinamento; ele não ensinou nada a ninguém; e se ele transmitiu sua experiência do Absoluto, não há registro disso. Nossa única informação é que havia uma pessoa Melquisedeque, aquele a quem até mesmo Abraão, pai da nação hebraica, pagou tributo, isto é, reconheceu como maior que ele próprio, Melquisedeque, que nunca nasceu e nunca morreu. Existe alguém além do próprio Deus que nunca nasceu e nunca morreu? Não, só Deus é eterno! Portanto, foi a consciência de sua identidade espiritual como Deus, como o EU SOU, que foi completamente revelada como Melquisedeque.

Moisés, também, no topo da montanha, no auge da revelação espiritual, recebeu a consciência de que EU SOU é Deus. Ele nunca ensinou o Absoluto, mas, no entanto, ele o alcançou. O ensinamento que ele deu aos seus seguidores era muito relativo. Tentar revelar a eles o que ele tinha atingido era uma impossibilidade, e o máximo que ele poderia fazer era tentar ensiná-los a serem bons seres humanos, e isto por meio dos dez mandamentos.

Isaías e João, também, sem dúvida, atingiram o Absoluto, mas eles nunca ensinaram isto: eles simplesmente revelaram em seus escritos que eles tinham alcançado a Verdade. De um jeito ou de outro, um professor pode mostrar que ele atingiu o Absoluto e pode transmiti-lo em uma medida, mas ele não pode ensiná-lo, porque não é um ensinamento: é uma experiência.

Com Shankara, a experiência do Absoluto se tornou mais um ensino. Se ele provavelmente não conseguiu o mesmo grau como Moisés e João, e certamente não no grau em que Melquisedeque alcançou, ainda assim ele foi capaz de deixar para trás uma riqueza de escritos que se tornaram a base do Advaita Vedanta, o único ensino absoluto da Índia.

Sempre que um indivíduo alcança a União Consciente com Deus e percebe, em alguma medida, a essência do seu Ser, ele está no Absoluto, ele é então a Consciência Divina expressando a Si Mesma. Quando isso acontece, ele decide que terminou essa fase particular da existência, abandona o seu corpo e parte, continuando sua vida em uma forma incorpórea, ou então a ele é dada alguma missão específica na terra, e continua trabalhando para realizar essa missão até que seja cumprida, porque a Consciência que agora ele é o faz permanecer, enquanto houver a necessidade de sua experiência terrena.

Moisés levou seu povo para a Terra Prometida, e provavelmente deve ter sentido que, com isso, terminou seu ministério. Elias, sem dúvida, completou sua missão, porque ele

subiu além da manifestação visível, sem ter que passar por doença ou acidente. Jesus deve ter sentido que seu trabalho se completou, porque, na presença de seus discípulos, ele "ergueu os olhos para o céu e disse ... Eu terminei a obra que me deste para fazer". João recebeu a missão de preparar o manuscrito de seu Evangelho, para que a revelação pudesse ser preservada, e Shankara foi habilitado a completar seu trabalho de apresentar a filosofia do Advaita Vedanta para a Índia.

Cada um que atinge alguma medida da realização do Absoluto tem um trabalho para executar, e parte desse trabalho é transmitir o Absoluto para aqueles poucos que são capazes de recebê-lo. Nem todos são capazes de aceitá-lo, porque é preciso, antes de tudo, uma consciência evoluída; e em segundo lugar, exige a capacidade de deixar tudo para realizar o trabalho. As Escrituras falam de deixar mãe e pai, e irmã e irmão, "pelo meu Bem". Não há muitas pessoas que fizeram isso, nem muitos que estão, ou estariam dispostos a fazê-lo. Não há muitos a quem, se for solicitado a deixarem suas "redes" e seguir o Cristo, realmente desistirão de seus empregos e deixarão suas famílias para seguir esse "Eu". Isso não significa, no entanto, que não existam, e nem significa que isso não esteja acontecendo, porque está.

"Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos". Existem muitos que recebem alguma luz espiritual, mas em vez de dizerem imediatamente: "ah, eu devo seguir isso até o fim", eles geralmente se contentam em descansar no conforto adicional já ganho. Eles aceitam o aumento do bem humano e ficam satisfeitos com isso, em vez de procurar encontrar o princípio que lhes trouxe isso (um bom exemplo é o do paralisado curado por Jesus... seria de se esperar que ele se convertesse imediatamente e o seguisse... mas não... - nota do tradutor G. S.).

Evolução espiritual não acontece em uma vida: vem em um período de muitas, muitas vidas. Existem aqueles que recebem alguma medida de luz espiritual, mas depois de usá-la para obter melhor saúde, suprimento mais abundante ou companhia mais satisfatória, não vão mais adiante com isso. Isso, no entanto, dá-lhes tal fundação firme que, em seu parêntese seguinte, eles irão mais alto, e assim torna-se possível que no seguinte, ou no outro, eles alcancem uma iniciação mais alta e recebam a Iluminação do Absoluto.

"O ESPÍRITO DO SENHOR DEUS ME UNGIU"

Uma vez que o reino místico foi tocado, vivemos em um mundo onde acontecem coisas que nunca acontecem no reino humano. Foi assim nesse reino que Jesus estava vivendo no momento da Transfiguração, e foi através de sua Unidade Consciente com o Pai que

ele foi capaz de mostrar Moisés e Elias aos discípulos, provando assim, para eles, que esses profetas nunca haviam morrido.

No reino místico, não há passado, presente ou futuro: existe somente o Agora. A forma como concebemos nosso corpo não é uma realidade externalizada, nem está fora do nosso ser: é um conceito ou imagem mental, no pensamento. A forma espiritual como nós existimos hoje é a mesma forma como nós existimos ontem, e é a forma como nós existiremos para sempre. O Eu de nós e de todas as substâncias de Deus são Um e o Mesmo, e até o corpo é feito dessa mesma substância pura. O "Eu" é incorpóreo e espiritual; o "Eu" tem forma, mas não é uma forma densa: não tem espessura e não tem peso. É realmente uma forma "leve". Começar a perceber isso é entender que nossa existência atual é da mesma natureza espiritual que a nossa pré-existência foi, e como as nossas existências futuras serão.

Ao desenvolvermo-nos espiritualmente, não estamos mais tão conscientes da nossa forma física como éramos antes. Em vez de perceber a aparência física de uma pessoa que encontramos, rapidamente olhamos nos olhos dela, porque, por trás deles, está o Eu. Até agora, nós aprendemos que uma pessoa nunca pode ser encontrada em qualquer parte de seu corpo: em seus pés, pernas, torso, ou mesmo em seu cérebro. É no encontro dos olhos que nós encontramos a pessoa.

Quanto mais avançamos no desenvolvimento espiritual, mais consciência nós temos, e menos importância damos aos esquemas da forma física. Começamos a perceber outras formas de beleza, inteligência, até amor e vida brilhando nos olhos de uma pessoa, ou em torno de seus lábios. Nós ouvimos algo em sua voz e sentimos vislumbres de algo mais profundo nela. Conforme nosso estado de consciência evolui para um nível mais alto, nós até nos elevamos acima disso e tornamo-nos conscientes de uma aura ou uma atmosfera, e independentemente do que a aparência física ou a fala de uma pessoa pode mostrar, somos atraídos pela atmosfera que flui dela, ou então repelidos por ela, ou ainda indiferentes a ela.

Todo mundo carrega sua atmosfera consigo, e não há como escondê-la ou cubri-la. Para uma pessoa de discernimento espiritual, não é muito difícil de perceber se aqueles com quem ele entra em contato são simplesmente bons seres humanos ou se eles se desenvolveram espiritualmente em qualquer grau. Algo nos diz quando esse desenvolvimento espiritual está presente em uma pessoa. A pessoa em si não pode dizer porque, se ela o faz, isso é a própria negação disso. Mas nós podemos sentir isso e somos atraído por ela. De fato, tal altura de elevação espiritual, que pode ser atingida por uma pessoa com uma consciência espiritual desenvolvida, pode ver todo o corpo de uma pessoa espiritualmente iluminada desaparecer e, em seu lugar, não haverá nada

além de luz. Pode ser uma luz ao redor do corpo com o corpo invisível, ou todo o corpo pode ser um corpo de luz. Isso é uma coisa momentânea; isto não dura muito tempo, mas acontece.

Ninguém pode dizer: "eu sou espiritual e meu corpo é leve", espera-se que os outros possam ver essa luz. Mas mesmo quando uma pessoa alcançou o nível de ser um corpo de luz, ninguém mais pode ver esse corpo como luz, a menos que esse alguém mesmo tenha atingido o grau de iluminação espiritual que torna possível testemunhar o que se apresenta.

Na época da Transfiguração, Jesus estava no estágio de seu desenvolvimento em que ele não era mais um homem: ele se tornara o Caminho, a Verdade e a Vida - incorpóreo e totalmente espiritual - mas como aqueles em seu ambiente imediato estavam preocupados, ele ainda andava com o que a mente humana universal interpreta como forma humana. Seus amigos, parentes e seguidores não tinham se elevado na consciência. Eles ainda permaneciam no plano humano, então eles, portanto, foram capazes de reconhecer apenas a materialidade.

Durante a experiência da Transfiguração, Jesus teve com ele o mais altamente desenvolvido de seus discípulos, e como por esse tempo eles talvez já fossem muito avançados espiritualmente para serem ensinados sobre muito mais da Mensagem da Verdade, então eles estavam com ele no Monte, mais para inspiração, meditação e iluminação (na verdade, os Evangelhos 'Mateus 17:2' e 'Lucas 9:28' narram que os discípulos ficaram bastante confusos nessa ocasião - nota do tradutor G. S.).

Através de sua meditação e através dele ir mais e mais fundo dentro de si mesmo, foi capaz de elevar seus discípulos o tanto extra necessário para que seu senso humano estivesse "morto", e quando ele se tornou mais profundamente imerso no Espírito, a plenitude de seu corpo espiritual, seu corpo de luz, ficou evidente para eles. Eles tinham "morrido" para seu sentido finito e foram elevados a um estado de consciência em que eles podiam vê-lo como ele realmente era.

Todo praticante que trabalhou espiritualmente, ou mesmo aquele que usou recursos mentais, foi elevado acima do recurso mental para um nível onde parou e a quietude começou. Tal praticante testemunhou algo muito parecido com a Transfiguração, embora ele possa não estar ciente disso. Em resposta a um pedido de ajuda de alguma pessoa, ele pode ter esquecido a pessoa e a condição, e em seu conhecimento da Verdade sobre Deus, de repente ele chegou ao fim do argumento mental e por apenas um um flash, uma fração de segundo, algo aconteceu: era como se ele tivesse visto o homem espiritual, e então ele sabia que tudo estava bem.

Ele pode não ter percebido o que aconteceu, mas, ofuscado pelo flash, ele perdeu todo senso de corporeidade e viu o homem como ele é. Ele não o viu com os olhos: ele o percebeu com sua visão interior. Ele viu com discernimento espiritual interior, e com esse discernimento espiritual interior, houve o instante de vislumbre do homem real.

Então continuamos com nosso desenvolvimento e desdobramento espiritual. Nós temos um vislumbre do homem espiritual, às vezes até da forma espiritual e, eventualmente, chegamos ao ponto em que é quase uma experiência diária ver alguém, geralmente um paciente ou um estudante, em sua identidade espiritual.

A Transfiguração não é uma experiência de dois mil anos atrás. É uma experiência contínua, que sempre foi e sempre será. É uma experiência em que os indivíduos se elevam acima do estado físico ou mental e se tornam menos despertados para a forma corpórea, mais conscientes do que está brilhando através dessa forma.

Assim nós temos a Transfiguração, e nós a temos aqui e agora, disponível a todos os que têm olhos para ver.

O Espírito do Senhor está sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, a pregar liberdade aos cativos, e restaurar a vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos...

Lucas 4:18-19

Essa é a experiência mística. Mas antes que isso aconteça, somos seres humanos, separados e à parte de Deus, mortais que não têm contato com Deus, que não são abençoados ou alcançados por Deus, e nem mesmo conhecidos por Deus. Quando primeiro sentimos essa Presença Divina, no entanto, nós somos ordenados; nós não somos mais seres humanos, não mais seres mortais: somos agora Filhos de Deus. Nós ainda somos o filho do homem na medida em que aqueles que vêem nosso corpo estão ainda envolvidos com isso; nós comemos e bebemos, usamos transporte e continuamos nossas atividades diárias normais, só que nós somos os Filhos de Deus, para quem essas coisas são a menor parte da nossa vida. Agora, a maior parte da nossa vida é a Presença e o Poder de Deus, a mesma Presença e Poder que disse a Jesus ter sido ungido e enviado para curar os doentes.

Quando uma pessoa chega ao nível no qual uma transição tomou lugar em sua consciência, ele não olha mais para esta vida e vê homens e mulheres, bons e maus, doentes e sãos, mas é capaz de ver a realidade espiritual através da imagem humana, essa que foi ordenada espiritualmente.

Não há necessidade de dizer isso a ninguém, de anunciar ou se expressar, porque, quando o Espírito do Senhor Deus está sobre uma pessoa e ela recebeu a Luz, há algo dentro de sua consciência que comunica-se silenciosamente aos outros. Eles se sentem confortáveis em sua presença, e eles pedem a ele para orar por eles.

Não faz diferença onde ele mora, seja em uma pequena aldeia ou uma cidade grande. Como a palavra se espalha, ele será chamado para o conforto, cura e, eventualmente, para o ensino. Seu trabalho vai crescer, porque, no momento em que alguém tem uma cura, ele é rápido em dizer a seus amigos e parentes e escrever para aqueles em outras cidades e estados. O professor pode nunca receber honra em sua própria cidade; ele pode permanecer escondido em sua casa e nem mesmo seu vizinho da porta ao lado percebe o trabalho que está realizando, mas ele será conhecido em toda parte. Nada se espalha tão rapidamente quanto as notícias sobre um curador que pode curar.

O Mestre foi sábio quando disse: "vá e não diga a ninguém". Nenhuma pessoa deveria anunciar de alguma forma a luz espiritual que veio a ela, ou dar testemunhos sobre isso, mas deveria dar um banho de água fria neste "nome" espiritual, sempre que a oportunidade se apresentar. Uma indicação do grau de luz espiritual que veio para qualquer um é a sua vontade de ser anônimo, de ficar longe das atividades do mundo, e para ser atraído apenas onde ele pode servir.

Se amamos sinceramente a verdade, nos entregaremos incansavelmente à sua busca. O que for necessário fazer, faremos: se for comprar livros ou ensinamentos, empregar tempo, esforço, se for devoção, se for meditação, o que necessário for, nós faremos. Cada parte da nossa vida deve ser dedicada a Deus; nossos primeiros frutos devem ser dados a Deus, pois Deus não é para ser alcançado no pouco de tempo livre ou numa pequena mudança. Isso pede todo o coração, toda a alma, todo o amor do nosso ser e, acima de tudo, isso pede segredo. Não deixemos a nossa mão direita saber o que a nossa mão esquerda faz. O que fazemos, não digamos aos nossos vizinhos ou aos nossos amigos e parentes que estamos buscando Deus, porque, quando o encontrarmos, eles saberão sem que digamos a eles.

Toda pessoa que entra em trabalho espiritual deve ter certeza de que foi chamado e enviado pelo Espírito, e que ele não tem se envolvido nesta atividade simplesmente por causa de um desejo humano. Desejar uma atividade espiritual é um desejo errado: querer encontrar Deus face a face, experimentá-lo, desejar luz e iluminação espirituais - esse é o único desejo que vale a pena. A ordenação humana não faz um homem espiritual, nem faz dele um curador ou um consolador. Somente a ordenação espiritual do Pai interior pode fazer isso. O que acontece com uma pessoa que recebe a Luz diz respeito a Deus, não ao homem.

O professor espiritual deve esperar até que ele saiba, dentro de si, que o Espírito do Senhor Deus está sobre ele e que ele foi enviado para curar os enfermos, para elevar, para redimir, para perdoar; e ele também deve ter certeza de que ele está pronto para pagar o preço.

Poucas pessoas percebem o preço que deve ser pago por se envolverem no trabalho espiritual. Muitos ainda têm a ideia de que é um trabalho de tempo parcial ou que uma pessoa neste ministério trabalha por uma ou duas horas por semana, dando palestras e aulas, e depois contrata uma grande firma de especialistas em imposto de renda para fazer o seu imposto. Isso é um absurdo. Trabalho espiritual exige uma semana de sete dias, e geralmente de doze a dezoito horas dia. Em regra, significa a perda da família e sempre significa a perda de amigos, porque no trabalho espiritual ninguém tem o lazer necessário para desfrutar de amizades ou para as demoradas horas sociais.

Se uma pessoa não está preparada para deixar este mundo e todos os seus amigos, até mesmo sua família se necessário, ele obviamente não foi ordenado e não tem o direito de embarcar nesta atividade, porque, no trabalho espiritual, a vida de alguém não é mais sua. O professor verdadeiramente espiritual pertence a seus alunos e pacientes. Se ele não está disposto a ter um telefone à sua cabeceira e ser acordado a qualquer hora da noite, ele não pertence a esse trabalho, porque ele deve dar retorno a chamadas de telefones, correio e telegramas, sete dias por semana. Não há tempo para fins de semana ou férias, e é extremamente raro até mesmo um feriado para a pessoa neste trabalho.

Às vezes o preço é pago na moeda da solidão. Não importa quantos alunos o professor de sabedoria espiritual possa ter ou quantos amigos em sua vida espiritual, ele terá que se contentar em viver sozinho no centro do seu ser. Ele pode estar fisicamente presente com muitas pessoas, mas, de outra maneira, ele não estará presente. O preço é alto! Todos os que tiveram sucesso neste trabalho sabem como é alto; e o preço que se tem que pagar em perda de família e amigos, na solidão, não leva em consideração o ódio que é trazido sobre a pessoa que representa a Verdade, às vezes a perseguição e sempre o mal-entendido. Ninguém consegue ver o motivo do outro porque ele não está vendo o mesmo estado de iluminação, e o que outra pessoa está pensando e fazendo muitas vezes parece errado para uma pessoa que está em um nível diferente de consciência.

Então as perguntas que devem ser respondidas por nós no fundo de nossa consciência são: nós amamos o Senhor Deus com todo o nosso coração e com toda a nossa alma, e por nenhuma outra razão do que querer conhecer Deus? Queremos fazer da nossa vida essa dedicação e devoção a Deus, e deixar a cura e ensino para o Cristo dentro de nós?

É isto que nós devemos responder em nossos corações. Apenas um amor a Deus, um amor por estar em companhia de Deus - longe das pessoas, e não com as pessoas - deve permanecer.

Acima de tudo, se tivermos algum desejo pela vida espiritual, devemos perceber que não podemos ter ao mesmo tempo um desejo para alguma atividade externa. Nosso único desejo deve ser para o próprio Deus: amá-lo, conhecê-lo, comungar com Ele - e não por qualquer outra razão. Se tivermos uma razão, vamos erguer uma barreira. Nunca se deve ir a Deus por nenhuma razão. Ir a Deus para comungar com Ele, isto é suficiente. Então, se nos for confiado um trabalho espiritual, isso é apenas uma das coisas acrescentadas.

No dia em que o Cristo nos toca, esse é o dia da nossa experiência mística. Nós não nos tornamos místicos - nunca podemos nos tornar místicos neste plano. Esta experiência do Cristo pode ser apenas a preparação para o dia em que seremos místicos, mas teremos a experiência mística, e ela será seguida por outras, tanto quanto vivermos conscientes da Presença.

Nós descansamos na certeza da Presença, não em nossa sabedoria humana, nossa saúde humana, ou força humana: nós descansamos nela, e é quase como descansar em uma nuvem, tão tangível e tão evidente é isso. É muito mais valioso, muito mais poderoso, muito mais presente e muito mais satisfatório e confiável do que qualquer relacionamento humano que já se teve.

Este é o EU SOU; este é o Cristo; este é o Filho de Deus. Quando o Filho de Deus é concebido ou nascido em nós, a partir de então, se nutirmos isso, se continuarmos a alcançá-lo, contando com ele, continuarmos a voltar-nos para dentro e reconhecendo sua Presença e Poder, Ele desenvolve-se e cresce. Nós temos que levá-lo para o "Egito" e escondê-lo, porque se nós dissermos aos nossos amigos e vizinhos sobre isso, eles podem nos ridicularizar a tal ponto que podemos desejar que tal modo de vida nunca se tornasse uma parte da nossa experiência; mas como mantemos isso secreto e sagrado, um dia isso torna-se evidente pelos seus frutos.

Isso nunca se torna evidente como algo tangível. Ninguém nunca vai chegar a nós e dizer: "oh, você tem o Cristo!" Mas muitas vezes, as pessoas chegam até nós e perguntam: "o que você tem feito ultimamente?" ou "o que você está lendo ou pensando? Você parece ter mudado, e as coisas parecem estar melhorando para você". Não há reconhecimento do Cristo como tal. O que aconteceu é que o Espírito do Senhor Deus está sobre nós, e agora somos enviados para proclamar a Verdade, curar os doentes e confortar os necessitados de consolo.

Depois desse primeiro vislumbre, vem a nós essa primeira consciência de que é uma Presença dentro de nós que realmente faz coisas milagrosas e, a partir de então, nós a observamos no trabalho. "O Senhor cumprirá o seu propósito para comigo... Ele tornará perfeito o que me diz respeito".

No exato momento em que alcançamos a percepção de que não somos mais sós e que existe uma Presença e um Poder dentro de nós, nós tocamos a experiência mística, a experiência de uma Presença transcendental infinita, um Algo transcendental que não pode ser explicado. Vai direto para as raízes e a medula de nossos ossos e nosso corpo e faz de cada partícula um todo. Cimenta relacionamentos, tira pessoas de nossas vidas, aquelas que não podem fazer parte de uma vida espiritual.

Muitos têm experiências místicas, mas elas não são místicas: eles simplesmente tiveram uma experiência acidental, e isso nunca mais foi repetido. Místicos são aqueles indivíduos que alcançaram a União Consciente com Deus e podem alcançar essa união quase à vontade - embora não completamente, porque não é uma questão de força de vontade humana. Aqueles que realmente alcançam a consciência mística reconhecem-na pelo que ela é, e depois disso vivem nessa consciência, pelo menos até certo ponto, a maior parte do tempo e na plenitude da mesma, em períodos freqüentes.

Muitas vezes, alguns alunos sentiram que tiveram uma experiência espiritual, mas descobriram mais tarde que era uma experiência emocional ou oculta, decorrente do reino mental, e não do espiritual. Mas quando temos uma experiência espiritual genuína, a Presença torna-se muito real para nós, e além de um despertar interior, sempre há sinais se seguindo, para que não possamos confundir o caminho. Se alguma questão permanece em nossa mente quanto à validade da experiência, obviamente nós não tivemos a experiência, pois, quando ocorre, não há dúvida.

Deus é positivo. Deus nunca nos deixa em dúvida. Ele pode nos fazer esperar. De fato, na vida espiritual, muitas vezes há longos períodos de espera, esperando entre um passo e o próximo, entre um desenvolvimento e o próximo, ou entre uma experiência e a seguinte. As experiências espirituais não vêm todos os dias da semana, apenas por ligar e desligar algo, ou fechando os olhos para meditação.

Cada experiência espiritual é como uma plataforma, e nosso progresso pelo caminho como uma série de plataformas. Nós alcançamos uma plataforma em particular e então ficamos parados, aparentemente sem progresso, e tudo o que podemos fazer é esperar. Não há nada a fazer, senão esperar. Assim como um botão de rosa não pode ser apressado para ser uma rosa, mas deve ter seu tempo normal natural para desdobrar-se, então assim deve ser também uma experiência espiritual.

Portanto, temos uma experiência que é profunda e rica, é brilhante. Isso é Luz, e nos dá uma visão além de qualquer coisa que já conhecemos antes. Nós vivemos com isso e trabalhamos e sonhamos com isso e, o tempo todo, o trabalho que nos é dado é realizado. Então parece que tudo nos é tirado, e aí vem um vazio, um vácuo, um sentimento de ausência de Deus, um sentimento de separação, mas isso é apenas para nos preparar para o próximo passo ou patamar, para uma experiência ainda maior de desenvolvimento.

Essas experiências não nos são dadas com facilidade, nem as ganhamos facilmente, nem podemos jamais merecê-las. Eles vêm pela Graça, e cada uma coloca uma demanda em nós que cumprimos na vida ao nível dessa realização, até que, pela Graça, o próximo passo nos seja dado. Nós não podemos duvidar dessas experiências, nem podemos jamais falar delas. Isso pode ser surpreendente, porque muitos livros foram escritos sobre iniciação e vida dos grandes mestres. Mas você acredita que qualquer um desses relatos é autêntico? Você acredita que algum mestre revelou os segredos da sua vida espiritual? Em toda a história do mundo, poderia haver um manuscrito ou um livro revelando totalmente a vida interior de um místico? Essa experiência pode ser expressa em palavras?

Mesmo que a experiência mística não venha até você em sua plenitude, não é provável que você esteja neste caminho sem a possibilidade de ter alguma medida de experiência espiritual. O próprio fato de você ter sido levado a um caminho espiritual indica que há algo guardado para você dessa natureza. Quando isso acontece, independentemente de quão pequena a experiência pode ser, ou quão grande, não a compartilhe com qualquer pessoa, porque fazê-lo é praticamente garantir que ela não vai acontecer de novo, e não dará frutos.

Se você tem um professor espiritual que tenha desempenhado um papel em trazer você para a luz, você pode compartilhar sua experiência com seu professor, e assim, ser levado a uma maior expansão da consciência, porque seu professor sabe como manter sua experiência secreta e sagrada, e aprofundar e enriquecer. Mas com ninguém mais - nem um dos pais, nem mulher, nem marido, nem um filho, nem um amigo - você deveria compartilhar a profundidade de uma experiência espiritual - ninguém além de seu professor, se é que você tem um.

Aqueles que nunca tiveram uma experiência espiritual não falam esta linguagem, e eles, portanto, não têm como entender o que nós estamos falando sobre. Amigos e parentes acham que nos desequilibramos, e eles começam a duvidar de nossa sanidade. Então é parte da sabedoria lembrar que as experiências espirituais não são um assunto a ser

ostentado diante do mundo para reforçar o ego ou para fazer-se grande aos olhos dos outros.

Muitas pessoas acreditam que a experiência espiritual aumentará sua saúde, riqueza ou seus poderes, colocando-as em evidência, de alguma forma humana. Mas o Mestre não acumulou riqueza e, em seus próprios dias na terra, ele nunca foi aceito como um salvador. Ele era uma pessoa muito incompreendida e muito perseguida. Ele nunca alcançou nome ou fama na terra, nem por muitos anos depois.

Um místico nunca é conhecido como um místico para ninguém, exceto os poucos que tem a capacidade de discernir o espiritualmente real por trás da aparência. Um verdadeiro místico nunca se estabelecerá como um grande professor ou como a cabeça de qualquer coisa, porque essa não é a natureza do místico. Deixado a si mesmo, um místico preferiria viver separado e além do mundo, e continuar seu trabalho em segredo.

O místico não usa túnica; o místico não ostenta um halo: o místico é uma pessoa simples, com uma luz interior e com sabedoria suficiente para manter essa luz escondida do mundo exterior - não procurar lugar ou posição por meio dela, mas sempre disposto a compartilhá-la com aqueles que a reconheçam e a desejem.

Se tivermos uma experiência espiritual ou tivermos recebido uma mensagem espiritual, o mundo vai bater na nossa porta. Se tivermos a Luz, se somos a Luz, nunca precisaremos anunciá-la: o mundo nos procurará. É muito melhor esperar até sermos ordenados pelo Espírito, e então aqueles que viram o Filho de Deus ressuscitar em nós virão até nós, e poderemos compartilhar com eles qualquer medida de Luz que tivermos.

A UNIÃO MÍSTICA

Todo místico eventualmente alcança tal unidade com o Espírito interior que, daí para sempre, há uma união com a Consciência Divina. Aquilo que é humano e aquilo que é divino se encontram: o elemento humano é dissolvido, e tudo o que resta é o divino. O que eram dois torna-se Um. Essa união é chamada de casamento místico, o casamento espiritual. Este casamento é simbolicamente descrito na literatura mística como a Canção de Salomão ([Cântico dos Cânticos](#)), como a união do homem e da mulher, reunidos por um amor que transcende o amor em qualquer sentido humano ([é também um tema de destaque na Alquimia - nota do tradutor G. S.](#)). Não tem sensualidade nele, porque não há corporalidade nisso, e, no entanto, essa relação que se desenvolve entre o indivíduo espiritualmente dotado e Deus só pode ser descrita em termos de amor.

Na consumação do casamento místico, o Pai e o Filho tornam-se Um: "Eu e meu Pai". Existe uma íntima relação entre os dois. "Aquele que me vê, vê quem me enviou". Não há mais dois: há apenas Um. Não há mais Jesus, filho de José: agora há Jesus, o Filho de Deus, o Cristo, ou Jesus Cristo.

Em muitos ensinamentos espirituais, os nomes dos discípulos são mudados em um certo ponto de seu desenvolvimento. Seus antigos nomes os identificam com um corpo físico e uma ancestralidade humana. Assim foi que Simão foi chamado Simão Bar-Jonas, significando Simão, o filho de Jonas, mas quando ele despertou para sua filiação divina, seu nome então mudou para Pedro. Ele não estava mais identificado com sua ancestralidade humana: ele agora assumia o nome de sua ancestralidade espiritual, a Rocha.

Hoje, em alguns ensinamentos espirituais, quando um certo ponto de desenvolvimento é alcançado pelo aluno, o professor dá ao discípulo um novo nome, simbólico da "morte" de sua humanidade, e significando que ele "morreu" para seu passado, que ele "morreu" para seus pais, irmã e irmão, e renasceu do Espírito. Para todos que alcançam a experiência mística vem esta mudança de nome e de caráter, mesmo que não seja externamente conhecido. Aqueles a quem isso acontece não dizem ao mundo sobre isso, mas quando isso acontece, eles sabem disso.

A concessão do manto também é uma experiência mística, e todos que vêm para a consciência mística sentiram que o manto desceu sobre eles. Eles nunca se refeririam a isso: é uma experiência espiritual interior - não um manto externo, mas algo para ser usado espiritualmente, como uma roupa que se coloca em torno de si para separá-lo do que resta do sentido humano em sua consciência.

"Tudo posso no Cristo que me fortalece. Eu vivo, mas não mais eu, Cristo vive em mim". Aqui está o casamento místico: Paulo e seu Cristo. Eles são casados, eles são Um. Paulo não faz nada sem o seu Cristo. O Cristo pensa através dele, o Cristo opera através dele, e este é o fruto do casamento.

Todo místico não só experimenta essa relação dual de "eu" e a habitação de Cristo, mas cada um, em algum momento, transcende esse relacionamento e torna-se aquele superior. Ele perde a noção de sua identidade humana. O Mestre revelou ter atingido esse supremo estado de União quando disse: "Eu e meu pai somos Um. Antes que Abraão fosse, Eu sou". Este é o Mestre falando de sua Divindade, daqueles momentos em que ele transcendeu a dualidade do casamento e se tornou Aquele que é maior do que qualquer outro da identidade humana.

A literatura mística dá conta daqueles que, em um momento ou outro, transcenderam o sentido de uma Presença sempre dentro deles, e tornaram-se a própria Presença. Deve-se inevitavelmente chegar a um momento em nossa jornada espiritual quando percebemos o nosso Ser, e então somos aquele Um, e o outro desapareceu de vista. Até agora não há registro de alguém atingindo esse nível e permanecendo nele permanentemente, embora isso não signifique que isso nunca aconteceu. Significa apenas que, quando esse estado é atingido, o trabalho da pessoa está terminado aqui e ele deixa este plano de consciência.

O supremo da experiência mística é a União Consciente com Deus. É um estado de comunhão interior tão intenso e tão elevado que a pessoa desaparece, e existe apenas como o infinito Eu, enquanto mantém, ao mesmo tempo, sua individualidade como pessoa. Não há absorção em Deus em nenhum momento, nem mesmo no momento da consciência da União.

No período imediatamente anterior à união completa e plena, existe unidade suficiente para que o místico perceba sua unidade com todos na vida:

Eu sou a vida da grama; Eu sou a vida da árvore; Eu sou a vida do oceano. Eu posso olhar por baixo do mar e ver o céu, mas, ao mesmo tempo, posso olhar para baixo do céu e ver o mar. Eu posso olhar para fora de uma árvore e ver os pássaros e, ao mesmo tempo, ser o pássaro que está sentado no galho da árvore. Eu sou a vida de todos os seres.

Eu estou conscientemente sentado em uma estrela, ou dentro de uma estrela, olhando para este mundo afora, enquanto, ao mesmo tempo, olho para cima do chão da estrela. Eu sou a vida da pedra e, ao mesmo tempo, eu olho para o chão na pedra.

Eu estou aqui e estou lá, estou em todo lugar, permeando toda a criação. Eu posso ver em todas as direções de uma vez, e sempre como se a individualidade fosse centrada em um só lugar, e ainda assim em todos os lugares no mesmo momento. Eu sou a vida de todas as pessoas ao meu redor. Eu sou a mente, Eu sou a lei, e Eu sou o poder da Graça para eles, Eu Sou o Caminho, Eu Sou a Verdade e Eu Sou a Vida.

Sempre, no final, o aspirante espiritual descobre que o reino de Deus está dentro dele, e percebendo isso, refletindo sobre isso, quase de pé, passo a passo, ele é levado ao longo do caminho mental e do espiritual até que um dia o parêntese seja apagado, sua iniciação esteja completa, a iluminação venha, tudo caia, porque a Luz está lá, e ele percebe:

Eu sou isso. Aquilo que estou procurando, Eu Sou.

Então vem um completa libertação de qualquer senso de individualidade pessoal, de senso humano, e Eu Sou revelado interiormente como sua identidade.

3 - VIVENDO NO CÍRCULO - VIVENDO A VIDA MÍSTICA

VIVER, ATRAVÉS E PELO ESPÍRITO

A obtenção da consciência de quarta dimensão, iluminada, é o segredo da vida harmoniosa, abundante e graciosa sem luta ou esforço, completamente livre do sentido material de vida. Essa liberdade dos iluminados é realmente uma liberdade da ignorância, porque apenas o ignorante pode se apegar à crença de que a vida depende de coisas e pessoas no reino externo. Não é todo o sentido material da vida caracterizado por uma fé, esperança e dependência do externo? Acreditar que a vida é dependente de um coração e sustentada apenas pela comida, ou que a força é dependente do desenvolvimento dos músculos, em suma, acreditar que a vida está sujeita ou dependente de qualquer coisa ou qualquer pensamento, isso é o sentido material.

A verdade é que a Vida governa o reino externo, mas para entrar em acordo com isso, devemos entender que nosso corpo e mente pertence a nós, e que sou Eu quem governa esta mente e este corpo, e não a mente ou o corpo que nos governa. Na medida em que percebemos que o Eu governa a mente e o corpo, somos iluminados e livres da dominação de mente e corpo. A mente nos é dada como um aparato pensante, e podemos pensar quais pensamentos queremos pensar. Nós temos uma mente e, portanto, determinamos o que vai ocupar nossa mente.

Mas como somos antenas humanas, muitas vezes nos encontramos pensando os pensamentos que todo mundo está pensando. É por isso que às vezes o medo nos subjuga, um medo que não é nosso medo, mas o medo universal que nós sintonizamos através do nosso contato diário com o mundo. Isso que nos vem por meio da mente universal pode ser medo, pode ser dúvida, pode ser quase qualquer coisa; e até que estejamos cientes do Eu, essas coisas continuarão se intrometendo em nossa experiência e nos dominando. Mas essa dominação se tornará menor e menor, quanto mais percebermos o Eu. Deve haver esse reconhecimento do Eu - Eu, o Ser pleno.

Eu sou a personificação de tudo o que Deus é. Por causa da minha unicidade com a minha Fonte, tudo o que é verdade da Fonte é verdade para mim, pois eu e minha Fonte somos Um.

Mesmo quando chegamos a um ponto em que estamos convencidos dessa Verdade, isso ainda não é Iluminação. A Iluminação não ocorre meramente lendo palavras, concordando que são lindas e esperando que eles sejam verdadeiras. Iluminação é esse momento de realização quando sabemos que antes estávamos cegos, mas agora vemos.

Iluminação é a obtenção dessa consciência quadridimensional pela qual não vemos mais materialmente, ouvimos ou acreditamos materialmente, mas vemos através da aparência, justamente como veríamos através da aparência uma miragem no deserto.

O ser humano, vivendo na terceira dimensão, vê um corpo doente ou uma mente perturbada e anseia por fazer algo sobre isso, enquanto a consciência quadridimensional vê através dela. Isso não significa que essa consciência superior não tenha consciência da existência de tais coisas, mas para a consciência quadridimensional, elas não têm existência como realidade. Essa é a diferença.

Mesmo Jesus Cristo viu o homem aleijado, mas enquanto seu olho físico tomou conhecimento desta condição, o seu olho interior viu a cristandade do homem através da aparência. A consciência quadridimensional vê as discórdias assim como as belezas deste mundo, mas quando as vê, não se deixa hipnotizar, encantar ou excitar por elas. Essa consciência iluminada vê tanto abundância quanto a falta como fases temporais da existência humana - aqui, hoje e talvez amanhã - bem percebendo que faz pouca diferença o que a aparência é, porque a realidade ainda está lá. E qual é a realidade? A realidade é a Consciência. Se através da nossa consciência, manifestarmos uma certa quantidade de suprimento ou abundância, e se, por algum motivo, isso nos for tirado, que diferença isso faz, se ainda temos a consciência que trouxe isso?

É o mesmo que despir uma árvore da sua fruta. Que diferença faz enquanto temos a árvore? Se a árvore ainda estiver intacta, na devida temporada, terá outra safra de frutas, porque essa é a natureza da árvore. E assim também é a natureza da nossa consciência produzir e reproduzir-se, multiplicar-se, de modo que, independentemente do que possa ser tirado, a consciência disso permanece, e amanhã começará a produzir novamente.

A substância do fruto é a consciência, e qualquer coisa que consciência contenha, a consciência pode produzir. Na medida em que Deus é a nossa consciência, a nossa consciência contém o infinito, então, a medida de produzirmos os frutos da consciência deve ser infinita. Se, por outro lado, acreditamos que temos uma consciência por nós mesmos, medimos nossos frutos em termos de nossa educação e experiência, e como são limitadas, eles não podem trazer infinidade. A consciência quadridimensional está satisfeita por ter aquela mente que também estava em Cristo Jesus, mas requer Iluminação para ser capaz de perceber isso, e até que essa Iluminação venha, nós continuaremos a julgar pelas aparências e, assim, nos manteremos em limitação.

Quando a consciência quadridimensional é alcançada, mesmo em pouca medida, a vida começa a fluir mais pela Graça do que pelo esforço. Coisas vêm mais facilmente e mais abundantemente do que nunca, porque, com a Iluminação, vem a constatação de que o nosso Eu, individualizado como a nossa consciência, abraça o infinito, e o Bem flui da nossa consciência em expressão visível. Quanto mais permanecemos na verdade de que "tenho carne para comer, da qual não sabeis", mais trazemos o infinito para a expressão. A única maneira de chegarmos a um estado de completa autossuficiência é atingir tal medida da consciência quadridimensional que nos contentaremos em saber: "Eu e o Pai somos Um, e tudo o que o Pai tem é meu", e depois fechar os olhos para o mundo exterior. Tem que haver essa convicção interna: "ainda que não houvesse uma alma do mundo, Eu e meu Pai ainda somos Um. Se eu estivesse a um milhão de milhas da civilização, Eu e meu Pai ainda somos Um, e meu desenvolvimento deve vir para mim de dentro". Conforme permanecemos nisso, nós estamos livres da dependência do "homem cuja respiração está em suas narinas".

Iluminação traz liberdade da dependência de pessoas e coisas, e o único relacionamento humano perfeito que pode existir é aquele em que não procuramos ninguém por nada. É impossível querer qualquer coisa de alguém sem desgaste. Não importa quão próximas duas pessoas possam estar, no momento em que uma delas quer algo do outro, um mecanismo de defesa é configurado, e o conflito se segue. Não há como desfrutar de relações humanas perfeitas, exceto por não querer nada de ninguém. Então nós temos relacionamentos normais e felizes, porque somos livres para compartilhar, sem pensar em qualquer retorno. Nós nunca estaremos livres de precisar de dinheiro, companheirismo ou uma casa, até chegarmos ao estágio de Iluminação em que não temos nenhum desejo por qualquer uma dessas coisas, porque elas são todas construídas internamente, tudo incluído na consciência que somos.

Nós não tentamos manifestar pessoas, coisas ou condições, porque, se conseguíssemos obter algum objeto desejado, poderíamos ter medo de deixá-lo ir, e, no caminho espiritual, não devemos ter medo de deixar qualquer coisa ou pessoa ir. De fato, pelo menos uma vez por dia deveria haver um período de liberação deste mundo e de tudo e de todos que nele existem.

Nós não temos o direito sequer de tentar reter a verdade que aprendemos ontem. Se pudéssemos esvaziar-nos todos os dias de tudo o que sabemos, abriríamos caminho para o que Deus tem para nos revelar e o que o homem jamais recebeu. Se tentarmos segurar alguma coisa ou alguém, se continuarmos a viver do maná de ontem, nós estaremos vivendo totalmente na consciência material, e não teremos qualquer quantidade perceptível de iluminação. O maná cai dia a dia, e quanto mais receptivos somos, em maior medida recebemos.

A consciência tridimensional pensa sempre em termos daquilo que tem forma concreta. Por outro lado, a consciência quadridimensional vê a forma, mas olha através dela e encontra sua substância no Invisível. A substância real está no Invisível, o Invisível que é o EU SOU, o EU SOU invisível que nós somos, o Ser invisível, a Vida invisível, a Onipresença invisível que nós somos. Tudo isso parece tão intangível que não podemos compreender com a nossa mente, e essa é a nossa segurança e garantia, porque, se nossa mente fosse capaz de compreendê-lo, poderíamos ter certeza de que não é isso.

A consciência quadridimensional, a consciência de Cristo, a nossa consciência quando Iluminada, não tem que trabalhar ou lutar: tem que ser apenas um estado de receptividade. Está sempre recebendo pela Graça; está sempre recebendo nutrição pela presença permanente daquela carne invisível, pão, vinho, água, substância, lei e atividade.

"Eu tenho carne!" Há mais poder na percepção de que temos carne que o mundo não conhece, e de que nós incorporamos em nós mesmos a Substância divina de toda forma, do que em tudo que pudéssemos atrair a nós mesmos do mundo externo, porque, com esta realização interior, a oferta se multiplica uma vez e mais outra vez, como as plantas continuam multiplicando folhas, flores e frutas. É um estado contínuo de multiplicação, uma vez que percebemos a Interioridade: dentro de nós está o Reino de Deus, o Reino da Plenitude.

A ausência de desejo atesta o grau de iluminação. Pelo grau que não desejamos mais pessoas ou coisas externas do mundo, podemos medir o nosso progresso. Nosso progresso espiritual também pode ser medido observando nossas próprias reações. Quanto menos nos sentimos chamados para usar um poder, tanto mais alto estamos espiritualmente. Quanto menos uso encontramos para os poderes, até mesmo o poder de Deus, tanto mais perto estamos nos atraindo para o Reino do "É". Deus "é"! Não há nada que possamos dizer, fazer ou pensar que faça Deus fazer qualquer coisa. O Reino de Deus é um reino espiritual: não é do "mundo", e quanto mais tentamos usar o poder espiritual com o propósito de conquistar as coisas deste mundo, tanto mais distantes ficamos da obtenção da iluminação espiritual. Nós somos livres conforme nos libertamos da procura por poderes, mesmo espirituais, e na medida em que podemos relaxar e confiar no não-poder.

"Não resistir ao mal", isso é o reino da quarta dimensão. Na terceira dimensão, a humanidade ensina: "resista ao diabo e ele fugirá de você". Mas não é assim para a consciência quadridimensional, cujo comando é "não resistir ao mal". Quanto mais nós relaxamos nessa segurança, mais estamos na quarta dimensão, e maior o nosso estado de Iluminação. A Iluminação nos liberta do medo, ódio ou amor de qualquer forma do

mundo externo. A natureza de Deus é Luz, ou Iluminação, mas como nunca podemos conhecer a Luz senão através de nossa consciência, é apenas a nossa consciência iluminada que constitui o nosso Deus.

Consciência, a Consciência universal, se expressa individualmente, e nossa consciência é essa Consciência, mas não até o momento de Iluminação. Até esse momento, somos "o homem natural que não recebe as coisas do Espírito de Deus"; nós não estamos sob a lei de Deus, e "nem, de fato, isso pode ser".

Somente quando alcançamos o estágio em que percebemos Deus como nossa Consciência chegamos ao estágio da imortalidade. A diferença entre a continuidade da vida após a morte e imortalidade é que a continuidade da vida após a morte é apenas uma continuação do mesmo estado de consciência que existia antes da morte, enquanto a imortalidade é a expansão da consciência ao ponto do infinito.

O ser humano nasce, amadurece, deteriora-se e morre - tudo isso como uma existência separada e à parte de Deus, tudo isso como uma individualidade pessoal que não contém elementos da lei espiritual, vida espiritual ou criação espiritual, tudo isso como uma vida puramente animal. É por isso que, mesmo quando o coração praticamente parou de bater, o corpo pode ser mantido ativo por meio de uma droga, mas não é a vida de Deus que estamos sustentando com uma droga: é a vida animal. A vida de Deus não pode ser afetada por drogas, mas a vida humana pode ser.

Quanta diferença há entre o "homem natural", que vive como um vegetal e é alimentado apenas por comida, e o indivíduo que nós somos quando alguma medida de iluminação acontece e nós não mais vivemos só de pão, mas "por toda palavra que procede do boca de Deus"! Quanta diferença existe entre o indivíduo que somos quando não estamos sendo alimentados apenas por livros, mas sendo ensinados por Deus - quando a luz interior nos vem diretamente de dentro, quando nos encontramos experimentando a Graça, que não ganhamos ou merecemos, mas ainda assim chega até nós!

O grau de nossa Iluminação determinará o grau de nossa liberdade, liberdade do senso pessoal, liberdade de viver das coisas externas, liberdade das dependências externas, liberdade que nos permite consagrar e comungar com o nosso Eu interior, não só nos abençoando, mas eventualmente nos fazendo esquecer de nós mesmos e nos usando apenas como instrumentos para abençoar os outros.

A liberdade espiritual vem com a Iluminação e, com essa Iluminação, não se dá mais poder às coisas ou pensamentos do mundo exterior. Em algum momento de nosso estudo ou meditação, a Luz amanhece, e enquanto antes sabíamos a verdade intelectualmente, agora sentimos isso, agora nós vemos e agora vivemos isso.

É um grande milagre podermos olhar para todas as pessoas no mundo, aquelas próximas a nós, bem como aquelas distantes, e percebermos que podemos comungar juntos, ser amigos e viver da mesma forma e na mesma casa, mas sempre, sob todas as circunstâncias e condições, "Eu e meu Pai somos Um". Existe aquele senso de unidade, aquele círculo de alegria, de compartilhar, ainda que separados, mas com ausência de dependência.

Geralmente é muito mais fácil ficarmos livre de lugares e coisas do que de pessoas; mas podermos ver todos no mundo sem necessidade ou apego, ver cada um livre, como unidade individual mantida em Unidade com o Pai - essa é a altura da liberdade. Essa é a suprema liberdade. É uma das últimas liberdades a serem alcançadas, e certamente a maior liberdade que pode vir na Terra. Quando alcançamos nossa liberdade de pessoas, a liberdade em nossa unidade espiritual, somos então unidos com todos em uma base espiritual, e esta é uma relação diferente de qualquer outra em todo o mundo. O estranho é que, ao atingir essa liberdade, nos encontramos mais ligados a pessoas em todo o mundo, atraídos por elas, e elas atraídas por nós - mas em liberdade, sempre em liberdade.

Existe o Espírito de Deus no homem, o Espírito da vida, da abundância, e da sabedoria. Existe o Espírito da Presença de Deus no homem. Há o Espírito de Deus em nós, o Espírito do amor, da paz e do conforto. Existe o Espírito do Reino Divino dentro de você e dentro de mim.

Eu vivo pelo Espírito de Deus, não por coisas externas, pensamentos ou pessoas, mas pelo Espírito de Deus.

Este é o verdadeiro significado da Vida Interior, da vida mística que vive pelo e através do Espírito, ao invés de pelo e através do mundo material. Ela nos liberta de todo apego ao universo exterior: não temos medos, esperanças, ambições. Estamos vivendo no Espírito, através do Espírito e pelo Espírito. E isso é viver a vida mística.

O MESTRE ALQUIMISTA

Muitos ocidentais acreditam que a vida mística não apenas é impraticável, mas é, em grande parte, uma invenção da imaginação. Nesta era, no entanto, o caminho do misticismo está sendo mostrado, e não é algo mítico, misterioso ou oculto, mas espiritual, e um modo de vida muito mais prático do que qualquer outro ainda concebido no reino humano. Isso muda a vida da experiência humana cotidiana e monótona, com suas tentativas e tribulações, seus altos e baixos, para um tipo de vida totalmente diferente,

um vida a partir de dentro e, no entanto, não vivida por nós, mas sim vivida através de nós - uma vida em que passamos da vida tomada pelo pensamento e pelo nosso próprio esforço para viver pelo Espírito.

O Mestre Jesus Cristo ensinou seus seguidores a "não resistirem ao mal", para cessarem contendas de todos os tipos, seja pela espada ou pela lei, e para dar o dobro em troca, se algo fosse tirado deles. Tal ensino soa muito impraticável para os dias de hoje, mas, de fato, é muito mais prático do que viver uma vida dependente de sua segurança por um exército, marinha ou força aérea: não só seríamos aliviados da despesa impressionante de mantê-los, mas também seríamos aliviados de qualquer perigo de um suposto inimigo, porque, neste modo de vida, não há inimigos. Seria tão impossível viver com esta Presença transcendental e ter um inimigo quanto seria viver com Ela e depois encontrar-se em perigo de cobras, animais selvagens, fome ou qualquer outra forma de discórdia mental.

Essa é uma idéia muito difícil para a mente humana entender. O que a mente não iluminada vê, ouve, degusta, toca e cheira parece tão real, e o universo material e mental parecem tão reais que nada poderia ser considerado tão ridículo quanto estar diante da mais alta autoridade temporal da época e calmamente declarar: "tu não terias nenhum poder contra mim, se não te fosse dado pelo Alto", ou para dizer: "destrua este templo e em três dias Eu o levantarei". A mente humana é simplesmente incapaz de entender tal atitude, mas essa é a mente humana. A mente incondicionada, a mente iluminada, a mente que compreende o significado da palavra Eu, essa mente é um instrumento para a atividade da Consciência Divina.

Quando podemos nos elevar ao estado quadridimensional de consciência, nós não precisamos de mais nada do que alguém possua: nós então não vivemos em liberdade do medo, pois não há nada a temer; vivemos em paz, segurança e liberdade de todas as discórdias da experiência humana. Quando a Consciência do Mestre torna-se nossa consciência, e quando entramos nesse círculo da eternidade, nós também podemos saber:

Dentro do meu próprio ser eu tenho o Reino de Deus. Não está fora, ou nos céus: o Reino de Deus está dentro de mim.

Neste momento de quietude, eu ouço Deus dizer: "Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Eu tenho carne que o mundo não conhece. Eu sou a carne, o vinho e o pão. Eu sou a ressurreição, Eu sou a vida eterna".

Tudo isso está dentro de mim; tudo isso está incorporado na minha Consciência.

Tudo isso constitui a plenitude do meu próprio Ser.

Eu mesmo incorporo o Reino de Deus e tudo o que está nele. Eu não tenho que cobrar o favor de "príncipes", porque eu incorporo o meu pão, carne, vinho e água, por toda a eternidade.

Dentro de mim há uma Presença que diz: "Eu nunca te deixarei, nem te desampararei. Eu estarei contigo até o fim do mundo. Eu souo teu pão, a tua comida e a tua água".

Este Reino já está estabelecido dentro de mim, e eu não preciso buscar qualquer coisa fora do meu próprio ser.

Tal relacionamento com nossa Fonte faz com que nosso relacionamento com cada pessoa seja de amor e partilha. É literalmente verdade que agora nós não precisamos de mais nada que alguém tenha e que ninguém precisa de qualquer coisa que tenhamos, porque dentro de nosso próprio Ser está estabelecido este celeiro infinito, este infinito Bem, esta plenitude de Deus. Conforme continuamos a olhar para dentro, Ela se transborda abundantemente como o que precisamos, e ainda sobrando doze cestos cheios para compartilhar com os outros.

A chave para viver uma vida completa e plena está na percepção de que existe uma Presença Mística transcendental dentro de nós, que já supriu nosso sustento infinito por toda a eternidade, que contém em Si Mesma nossa companhia para a eternidade, e contém dentro de Si o poder de nos preencher.

Que milagre acontece em nossas vidas, quando nossa visão é removida de olhar para uma pessoa como uma possível fonte de algo, e a realização que nasce quando percebemos que tudo o que podemos precisar da abundância infinita pela eternidade está dentro de nós! Que coragem e força é a nossa! Não mais vivemos de nosso poder intelectual, nosso poder físico, nossa herança, ou em virtude de nossos negócios ou emprego: agora vivemos porque sabemos que há uma Presença Mística chamada "Eu" dentro de nós, um Eu que é nossa substância eterna, e para a qual podemos olhar para realizar a Si Mesma e multiplicar-se.

Mas assim como não temos como provar que uma macieira tem vida, porque nunca vimos a sua vida, também nunca podemos ver, ouvir, provar, tocar, ou cheirar esta interioridade invisível. Nós sempre seremos capazes de testemunhar seus frutos, assim como, em todas as primaveras, vemos a vida interior invisível da macieira fluindo e se manifestando, produzindo botões, flores, folhas e, eventualmente, frutos. Olhando para a árvore em plena floração, temos pouca dificuldade em acreditar que aquela árvore tem uma vida bela e abundante, uma vida presente mesmo nessas temporadas em que a árvore parece estar morta e estéril. A vida é invisível, e apesar de nunca vermos a vida, vemos os frutos dela.

É assim que, apesar de nunca vermos o Cristo do nosso próprio ser, e nem com os nossos olhos veremos o Cristo do ser do outro, sua Presença é fácil e rapidamente reconhecível naqueles que vivem na consciência constante da Interioridade: brilha uma paz interior, integridade e alegria que tornam-se imediatamente aparentes. Mais do que isso, existe a medida necessária de abundância em sua vida, bem como a saúde, proteção e segurança.

Em algum momento do progresso do iniciado no Caminho, ele sente essa Presença invisível que se agita e, ou fala com ele em voz silenciosa suave e pequena, ou de alguma outra forma lhe dá a garantia de que está com ele e que nunca o deixará:

Vive e move-te e tem teu ser em Mim; viver, mover e ter o teu ser na percepção de que Eu estou aqui, que Eu vou adiante de ti e endireito teus caminhos, e prepara mansões para ti.

Eu vou adiante de ti para multiplicar os pães e os peixes. Eu vou adiante de ti para ser o cimento do amor entre ti e todos os que conheces em teu trabalho e vida familiar.

Eu sou Ele que é teu descanso e o teu lugar de permanência.

Fica quieto e sabe que Eu, no meio de ti, sou Deus, uma Presença invisível, intangível para o sentido humano, mas tangível em expressão e prática na vida.

Sobre esse momento que chega, eu não daria a ninguém a impressão de que, até esse momento, não há muitos períodos de dúvida, frustração, e às vezes até falsas esperanças - e depois disso, há outro período em que há muitas alegrias e muitos sucessos; e depois, ocasionalmente, mais dúvidas e frustrações, porque a plenitude da realização ainda não foi experimentada. Até que essa plenitude chegue, temos o benefício de professores e a companhia um do outro, e depois, surgindo essa plenitude, toda uma nova vida se abre, uma vida de dedicação, cheia de novas alegrias e novas experiências. Capacidades ocultas e talentos ocultos vêm à luz conforme essa Presença percebida abre um novo caminho de vida e novas perspectivas de experiência.

Até que a iluminação ocorra, não vivemos uma vida plena, e nem mesmo uma vida protegida por Deus, porque estamos vivendo separados e à parte de Deus - não que Deus esteja ausente de nós, mas se Deus não é conscientemente percebido, é como se Ele não estivesse lá. É a experiência da Iluminação - darshan ou satori - que nos desperta para a Presença e o Poder invisíveis que viverão nossa vida por nós, instruindo, ensinando, orientando, dirigindo, apoiando, mantendo e nos sustentando. Isso não é realizado pela nossa direção ou ordenação da Presença, mas sim pelo relaxamento na Presença, deixando-a tomar as decisões quanto à direção devemos ir, em que capacidade devemos funcionar, e quando, onde e porquê. Toda essa atividade

permanece no plano interior, sem tomar pensamento consciente, e ainda assim, os frutos aparecem na vida exterior.

Nesta fase da nossa vida, entramos no que pode ser chamado de vida de oração, uma oração sem cessar. De manhã cedo à noite, e às vezes no meio da noite, estamos vivendo constantemente e conscientemente na percepção:

Tu dentro de mim és poderoso. Tu dentro de mim és a Presença e o Poder em que eu descanso. Tu és o meu pão e a minha carne; Tu és a inspiração da minha vida e sua realização.

Há uma comunhão constante acontecendo com essa Graça interior, e antes que a conheçamos, estamos testemunhando experiências em nossa vida que não colocamos conscientemente em movimento e que reconhecemos ser o resultado da Graça, um ato de Deus trazido para a nossa vida, sem qualquer vontade humana. Quando isso começa, nossa fé e confiança se aprofundam; nós relaxamos sobre nossos medos do amanhã, próximo mês, ou próximo ano, na garantia: "o que mais posso ter do que a Presença Divina do próprio Deus dentro de mim, a Fonte de tudo, o Criador de tudo, o mantenedor e sustentador de todos? E tudo isso está muito próximo, dentro de mim!"

Tal garantia nos permitiria olhar todo homem, mulher e criança no rosto, e dizer: "você nunca terá que me temer. Tenho acesso a uma Fonte Divina da qual você não sabe. Eu tenho carne que o mundo não conhece. Mantenha o que você tem; aproveite o que você tem: Eu não tenho planos sobre isso". O milagre é que nunca seríamos chamados a dizer ou mesmo pensar isso, porque agora que temos essa fonte infinita dentro nós mesmos, ninguém poderia entrar em nossa presença sem sentir que ele não tem que colocar uma parede mental de proteção contra nós. Linhas de ansiedade e preocupação desaparecem do nosso rosto: brilha a confiança e certeza de nossa própria abundância, e também nossa vontade de compartilhar. Nossos olhos são puros: não desejam mais olhar para fora deles; não têm mais medo a assombrá-los. Toda a nossa atitude testemunha o fato de que encontramos a lâmpada de Aladim.

"A lâmpada de Aladim" geralmente é colocada na categoria do conto de fadas, mas é realmente a história mais verdadeira em todo o mundo, construída sobre a verdade, mas escrita de tal forma a esconder a verdade daqueles muito grosseiros para perceber isso. Esta é a história do Eu, o Eu que está dentro do nosso Ser, o Filho de Deus, a Presença que é o Poder da ressurreição para o nosso corpo, trabalho, casa e família. Seja qual for o templo da nossa vida que tenha sido destruído, Eu vou levantá-lo novamente. Este Eu que está dentro do nosso próprio Ser, Este é a lâmpada do Aladim - e nós não temos que esfregá-la, nem precisamos contar nossos desejos. Conhece a nossa necessidade antes

que possamos pronunciá-la, e é de Seu agrado cumprir isso. Nossa única parte é lembrar que temos a lâmpada de Aladim escondida; nós temos o poder da alquimia.

Cada um de nós tem um Mestre Alquimista dentro de si mesmo, e seu nome é "Eu". Esse Eu vai levar as impurezas da natureza humana e refiná-las. Esse Eu levará a ignorância e proverá o conhecimento necessário em seu lugar; levará a natureza humana mais densa, mais material, e nos fará evoluir para o Cristo; levará o humilde pescador ou o cobrador de impostos e fará dele um discípulo espiritual.

Ponce de Leon saiu procurando no tempo e no espaço pela fonte da juventude, e todo o tempo ele a estava carregando em seu próprio peito. Não há maior fonte de juventude do que EU SOU: Eu é a fonte de juventude; Eu sou a fonte da vida eterna.

O Mestre não disse à mulher de Samaria no poço "Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva"? E Eu posso - esse Eu que está no meio de nós, se é que sabemos quem esse Eu é, e o que esse Eu é. Se pudéssemos conhecer o Eu que está no centro do nosso ser, nós teríamos a fonte da vida eterna, a fonte da juventude, dentro do nosso próprio ser.

A vida mística tem a ver com o segredo da nossa verdadeira identidade. "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?...E vós, quem dizeis que eu sou?" Se nós subíssemos ao nível espiritual de um discípulo, nós responderíamos: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Tu és o Amado do Pai. O Pai está em ti e Tu estás no Pai, pois Tu e o Pai são Um, assim como Eu estou no Pai e o Pai está em mim. E Tu estás em mim e eu estou contigo, e somos Um no Pai". Isso conclui o círculo. Quando percebemos que, por causa desse Eu que somos, porque o Eu dentro de nós é Um com Deus, e porque existe apenas um Deus e, portanto, apenas um Eu, nós somos Um com toda identidade espiritual no mundo do passado, do presente e do futuro. Somos Um com toda a identidade espiritual, seja no nível do santo, do ser humano, do animal, vegetal, ou mineral.

Somos Um com Infinito por causa da nossa Unidade com o Eu que somos. O Eu que Eu sou é o Eu que você é, pois só existe Um Eu, o Pai no céu; e ele é seu Pai e meu Pai; Ele é o Eu do seu ser e o Eu do meu ser. Portanto, quando Eu Sou Um com meu Pai, Eu Sou Um com você, Um com sua identidade espiritual, com o seu amor, com a sua vida, com a sua verdade, mas não só com você que é ser humano, mas com você do mundo animal, do mundo das aves, do reino vegetal e mineral.

Todos nós nos conhecemos, por causa de nossa união com o Eu que somos. Não há nada de ficção sobre a alquimia, a transformação de impurezas ou metais comuns em ouro. Isso não é ficção: isso é fato. Quando a alquimia acontece em nós, quando esse

catalisador, o Espírito Divino, nos toca e transmuta a parte básica e inútil de nossa natureza em ouro de nossa natureza espiritual, na pureza da Consciência Divina, em algum grau somos menos humanos do que éramos, e agora mais divinos.

PERDENDO O EGOÍSMO NO "EU"

Muito poucas pessoas no mundo estão realmente interessadas em viver espiritualmente ou em alcançar o objetivo espiritual e, certamente, há ainda menos pessoas que têm alguma ideia do que significa "morrer diariamente" e renascer do Espírito. Muitos devem inevitavelmente cair pelo meio do caminho, mas aqueles poucos que entendem essa verdadeira grandeza, essa verdadeira sabedoria e verdadeiro sucesso colocam-se na direção oposta de glorificar o ego ou impor sua personalidade; quem permanecer e persistir, atingirá o mais alto grau de desenvolvimento espiritual e consciência espiritual.

Fazer submergir personalidade e torná-la subserviente àquilo que é maior do que ela própria é quase impossível para a maioria das pessoas, e dá origem a conflitos internos que irão desviá-las do caminho. Através da meditação e da prática da Presença, no entanto, a mente silencia, e uma consciência desse Algo maior que elas é desenvolvida. Eventualmente, ao alcançar um estado de quietude completa, em que não há pensamento ou planejamento, o ser humano cederá à Vontade Divina.

Esta entrega da vontade humana ao Divino pode ser mais prontamente entendida se usarmos a analogia de um cubo de gelo flutuando em um copo de água. O gelo repousa na água, embalado por ela: não tem poder de se mover. Apenas a água pode impulsioná-lo de um lugar para outro. O gelo em si é inerte, imóvel, passivo, e todos os seus movimentos são dependentes do movimento da água. Vamos pensar em nós mesmos como o gelo e a Consciência como a água, enquanto esperamos em silêncio e quietude pelo movimento da Consciência. Em outras palavras, devemos esperar pacientemente pela vontade de Deus de se fazer conhecido; devemos estar tão completamente entregues quanto o pedaço de gelo.

Tal estado só pode ser alcançado quando todo desejo foi renunciado, porque o desejo nutre o sentido pessoal do "eu". Enquanto houver um desejo, haverá uma projeção para o futuro; se há um arrependimento, então há um retorno ao passado, ambos os quais são mortos, sem substância e sem vida. Ontem e amanhã, portanto, devem ser descartados Agora. Agora é a única vida; Agora é a única realidade; Agora é a única hora.

Não pode haver desejo, nem mesmo o desejo de dar, pois isso também alimenta a sensação de "eu" e incha o ego. Deve haver um descanso completo, como o gelo

repousa na água, ou como a seiva flui das raízes aos ramos, para formar os botões, flores e folhas da árvore. O gelo não tem preocupações, nem temores: deixa a água movê-lo para onde e como quiser. A árvore não tem preocupação se haverá chuva ou sol suficientes na época devida: espera pacientemente, sem tentar interferir no fluxo normal e natural da vida.

Assim, também, não devemos interferir no livre fluxo da vida, projetando um "ego-ísmo" na imagem já completa, um ego que se manifesta como medo do passado ou temor do futuro: preocupação, ansiedade, desejo.

A diferença entre viver a vida do "ego-ísmo" e a vida espiritual é a diferença entre o sucesso permanente e algum senso temporário de sucesso. A vida do "eu-mim-meu" é limitada e dificultada por esse "eu" - que depende da experiência pessoal, da educação, do senso pessoal do que é certo ou errado, ou do que é oportuno. No entanto, no grau em que podemos relaxar em um silêncio interior, tranquilidade e paz, podemos ser guiados pelo Espírito, influenciados por uma sabedoria infinita, uma inteligência infinita e um poder infinito. Então nossas ações realmente se tornam o cumprimento da Vontade Divina, e não da nossa vontade. Essa é capacidade de ficar quieto e deixar a Graça Divina nos levar a uma vida governada, dirigida e impulsionada por Deus.

A princípio, pode não ser fácil fazer a transição da vida do "eu" comum para a vida de orientação e proteção espiritual, mas na verdade, leva apenas alguns meses de meditação e prática realmente séria da Presença para chegar a um ponto em que podemos aceitar a orientação divina, a vontade divina e o movimento divino.

Para começar, recolher-se em um estado calmo não deve durar mais do que dois ou três minutos no máximo - provavelmente apenas um ou um minuto e meio seria até melhor, mas isso deve ser repetido tantas vezes no dia quanto possível, e deve ser repetido à noite, toda hora que alguém acorde do sono, durante a noite, e então novamente, de manhã cedo. Se nós cultivarmos o hábito de nos voltarmos para dentro, mesmo naquele um minuto, estaremos preparando nossa consciência para a experiência de receber a Graça Divina.

Foi viver como seres humanos que nos separou do Reino de Deus que está dentro de nós, e o que estamos fazendo em nossos períodos de silêncio e quietude é manter um contato com essa interioridade, na qual todo o nosso bem já está estabelecido. O Reino de Deus está dentro de nós. Está dentro de nós, em toda a sua plenitude e perfeição. Isso significa que a plenitude da vida, sua integridade e perfeição, já está estabelecida em nós para eternidade. E se nós deveríamos viver mil anos na terra, nossa plenitude para todo esse tempo está dentro de nós: realização, provisão infinita, sabedoria infinita,

Graça infinita - Infinito em si. Resta-nos abrir um caminho para que este Infinito liberte-se e encontre expressão.

Mas como abrir caminho para a sabedoria infinita, a vida eterna e o amor divino fluírem de nós? Primeiro de tudo, devemos começar a reconhecer que o Infinito "é", e se nós reconhecermos que já é, que está dentro de nós, devemos então desistir de todas as tentativas de obter ou alcançar qualquer coisa fora de nós mesmos. Em vez disso, devemos centrar nossa atenção em deixarmos-nos libertar de dentro de nosso próprio ser. Então, todo momento em que fechamos os olhos, mesmo que seja apenas por quinze segundos, reconheçamos:

O Reino de Deus está dentro de mim. Senhor, deixa fluir em expressão.

Depois desse momento de reconhecimento, voltamos ao nosso trabalho, seja qual for a sua natureza, e entramos em atividade naquilo que nos foi dado fazer hoje. Nós não pensamos no amanhã; o que todos nós somos chamados a fazer é viver neste momento, viver na garantia que a completa Cristandade, a plenitude do ser espiritual, está estabelecida dentro de nós.

Isso é fazer uma transição do sentido humano da vida, em que procuramos os outros pelo nosso bem, para a vida espiritual, em que buscamos dentro de nós mesmos e deixamos a Graça de Deus fluir de dentro de nós.

Não se pode esperar que alguém prove isso além da capacidade que alcançou: ninguém deve tentar andar nas águas até que receba uma garantia interna de que ele pode tentar. Se a "voz pequena e silenciosa" diz-lhe para dar um passo que, no momento, você não pode humanamente ver como certo, o passo deve ser dado somente após o contato interior ser tão certo que não possa haver dúvida, que a voz, e não a vontade humana ou desejo, tenha falado ([exemplo: por que Abraão não duvidou de si mesmo, de sua própria sanidade, ao ser chamado para sacrificar seu filho Isaac? - nota do tradutor G. S.](#)). Quando a voz fala, nunca deixa uma pessoa com a responsabilidade de fazer algo sozinho através de sua força e sabedoria humana, mas está sempre ao lado dele, realizando aquilo que lhe foi dado a fazer.

Nos estágios iniciais, pode parecer que esse voltar-se para dentro não está produzindo nenhum fruto, e é por isso que tantas pessoas perdem a fé e desistem. É como as centenas de pessoas que tomaram aulas de piano e hoje seriam capazes de tocar muito aceitavelmente, se elas tivessem perseverança suficiente para continuar praticando escalas e exercícios que teriam desenvolvido proficiência na arte; mas, em vez disso, desanimaram e perderam o interesse, porque, em relativamente pouco tempo, descobriram que não podiam executar com a facilidade de um pianista de concerto.

Então, também na vida espiritual, quando os resultados não chegam rapidamente, alguns de nós param de fazer qualquer esforço.

A vida espiritual difere tão completamente da experiência humana que, quando embarcamos neste curso, estamos realmente nos preparando para mares desconhecidos... Não que os outros não tenham estado lá antes de nós, mas o registro da jornada de outra pessoa nem sempre indica o caminho para nós.

Temos que ter paciência para avançar devagar, mas com firmeza de propósito. Acima de tudo, a partir desse momento, nunca devemos aceitar qualquer senso de limitação, nunca devemos sentir que qualquer bem está além da nossa capacidade ou alcance, ou que qualquer altura seja muito alta para se atingir, pois não há limites para o Eu que somos, depois de termos feito contato com ele.

Na proporção em que entendemos que somos Um com o Pai, nessa mesma proporção entendemos que tudo o que o Pai tem é nosso: a mente de Deus é nossa, a vida de Deus é a nossa vida, a alma de Deus é nossa alma. Existe apenas um Espírito, uma Vida, uma Alma - e ela é sua, e ela é minha.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

Gênesis 1:26

Esse domínio não nos foi dado como algo de nós mesmos, mas em virtude do Eu que somos, o Eu que está dentro de nós, o Eu que constitui nosso ser individual. É por isso que podemos descansar como se fôssemos pedaço de gelo flutuando na água, e deixar a água nos levar, deixando a água ser a substância do nosso ser, sua atividade, qualidade e quantidade.

A substância da água e a substância do gelo é a mesma, H₂O, e tudo o que é verdade sobre a água é verdade sobre o gelo. Tanto faz que qualidades a água tem, pois o gelo também as tem. Não são duas substâncias separadas, não são duas qualidades separadas: o gelo e a água são Um - sob duas formas diferentes, é verdade, mas elas são Um em essência, Um em substância e Um em qualidade. O gelo não volta-se para a água procurando por qualquer coisa que o gelo ainda não tenha, mas seu movimento é dependente da atividade da água.

Esse mesmo relacionamento existe entre o homem e Deus. É verdade que Deus é invisível para a visão humana, mas, mesmo assim, Deus é a substância da qual o homem é formado e a substância na qual ele vive, se move e tem seu Ser. As qualidades

de Deus são as qualidades do homem, e, ainda assim, Deus é sempre maior, pois Deus é o criador, a lei e a atividade do homem.

Para entender isso, fique claro que, em nossa identidade espiritual, tudo o que Deus é, nós somos. Não há necessidade, portanto, de recorrer a Deus por algo: há a necessidade de reconhecer apenas essa relação de Unidade, e depois criar dentro de nós um vácuo, para que possamos perceber:

Meu ser é constituído da qualidade, da substância e da essência de Deus; e é a Lei de Deus que me governa, me orienta, me dirige e me instrui.

A natureza do nosso Ser é a mesma que a natureza do Ser de Deus, porque somos Um. Relaxando nessa Unicidade, permitimos ao Invisível nos governar, defender, sustentar, mover, alimentar, vestir, abrigar, dirigir e instruir. Isso é diferente de pensar em nós mesmos como algo separado e fora de Deus, ter que pedir a Deus ou tentar influenciá-lo: esta é a diferença entre a vida espiritual bem sucedida e a vida mal sucedida de qualquer tipo.

A Graça de Deus nos governa. A graça de Deus é nossa suficiência, mas essa Graça não é trazida para a nossa experiência pela oração a Deus no sentido de pedir, implorar ou procurar por ele. Pelo contrário, vem por relaxar em uma atmosfera de receptividade.

Neste exato momento, vamos nos voltar da cena humana que está se apresentando para nós para perceber que vivemos, nos movemos e temos nosso Ser em Deus. Onde quer que estejamos, relaxemos no Invisível. Nós não podemos ver, ouvir, provar, tocar ou cheirá-lo, mas através da fé, através de uma convicção interior, podemos entender que o lugar onde estamos é terra santa, que onde o Eu em nós está, Deus está, que o Reino Deus está dentro de nós, exatamente onde estamos, e então, sentindo isso, relaxemos.

O Deus que fez e formou este universo é certamente capaz de manter e sustentar a sua e a minha identidade para a eternidade. Então, por que não deixar a Inteligência de Deus nos mover conforme Sua Vontade - alimentando, vestindo, provendo casa, dirigindo, ressuscitando, restaurando os anos perdidos do gafanhoto, e fazendo-nos retornar à casa do Pai - que a Sua Vontade seja feita em nós, sem ser necessário dizer a ele o que precisamos, ou o que nós gostaríamos, sem qualquer ideia de aconselhar Deus sobre o que nós deveríamos ter, ou o que achamos que deveríamos ter, ou mesmo o que gostaríamos de ter?

Vamos reconhecer Deus como Inteligência Infinita e Amor Divino e ficar satisfeitos com isso:

Estou satisfeito de ser o que queres que eu seja, para fazer o que queres que eu faça, para estar onde queres que eu esteja.

Eu vivo, me movo e tenho meu ser em Tua Consciência. Tu estás mais perto de mim do que minha respiração; sabes das minhas necessidades antes mesmo que eu o saiba. É de Teu agrado dar-me o Reino, e eu posso descansar em Ti.

Precisamos relaxar em Sua Consciência; devemos relaxar em Seu Espírito, sabedoria, julgamento e vontade. Uma pessoa que faz isso está desenvolvendo uma consciência de cura e de redenção, porque ela não está buscando um poder divino; ele não está reconhecendo um poder que tem que ser superado: ele está vivendo no Poder de Deus, está se voltando para a plenitude do misticismo que ensina que o mal não tem existência, exceto na mente que acredita no bem e no mal.

A consciência curativa vem apenas para aqueles que chegam a um estado de consciência em que podem viver conscientemente em União com Deus, em plena e completa confiança de que Deus é infinito, não precisando da ajuda de ninguém. Nessa Consciência de Deus, não há nada para Deus combater, nada para Deus vencer.

A vida mística baseia-se na premissa de que, na presença da Consciência Espiritual, nem poder material nem poder mental são poderes. Essa é a consciência de cura e, na sua presença, o poder humano de todo tipo se dissolve. Todos os indivíduos espiritualmente iluminados estão de acordo que eles não conhecem qualquer poder que possa superar o pecado, doença, privação ou desarmonia nas relações humanas, mas eles também testemunham que, na proporção de sua realização de uma quietude interior, sem qualquer senso de necessidade de poder, as discórdias evaporam.

A percepção de que Deus é o único infinito, e que nem poder material e nem poder mental são poderes, é o que constitui a Consciência Espiritual. Consciência Espiritual não é algo misterioso: não é uma consciência de poder, força ou esforço humano, mas é a Consciência do Meu Espírito. A Consciência Espiritual reconhece que só Deus é Poder; é consciente de não ser dividida, uma Consciência que vê com um único olho, e vê apenas um Poder, uma Presença, um Ser, uma Causa.

Consciência Espiritual é a nossa consciência individual quando não mais dá poder à força física ou força mental, mas entende Deus como a única força, e então vive o comando de Jesus Cristo, "não resistir ao mal". Nós não dirigimos conscientemente a Consciência Espiritual: ela desempenha sua função em nós e através de nós, e nós meramente tomamos consciência do que ela está nos transmitindo.

Por exemplo, nossa mão, por si só, não pode subir e não pode baixar; não pode dar e não pode negar. Nós devemos mover a mão. Nós devemos direcioná-la. Se estamos

vivendo no plano físico ou mental, então podemos fazer isso para o bem ou para o mal; mas se tivermos atingido até mesmo alguma medida da consciência de que só Deus é Poder, então a mão é movida, não por nós pessoalmente, mas pelo Divino Eu que nós somos, e nunca para a destruição, jamais para o mal. Nós não estamos movendo-a conscientemente: estamos deixando que ela seja movida pela Consciência que é Deus, a Consciência que nós somos.

Isso também é verdade no nosso corpo: podemos movê-lo para onde, quando e como queremos, e podemos movê-lo para o bem ou para o mal. A escolha está dentro de nós. Mas na medida em que chegamos à conclusão de que Deus é a Única Consciência, vamos descobrir que nosso corpo está sendo movido. Nós não estamos conscientemente movendo o corpo: ele está sendo movido, mas nunca para o pecado, nunca para doenças ou velhice, e nunca para a morte. Está sendo movido de acordo com a Graça de Deus, e quando passar o tempo dessa cena humana para experiências maiores, será uma passagem, e não um empurrão.

Deus é Uma e Única Consciência Infinita, todo o Bem. Minha consciência e tudo dentro do reino da minha consciência é governado por Deus, mantido por Deus, sustentado por Deus, alimentado por Deus. Deus, a Divina Consciência, é a substância de toda forma: não há forma má, não há forma destrutiva, nem forma prejudicial, Deus é a substância de todas as formas.

Toda forma é do nome e da natureza de Deus. Toda forma é da qualidade e atividade de Deus, e existe sob a lei de Deus. Quando nós entendemos que Deus é a substância de todas as formas, na clareza de nossa visão interior, sabemos que não pode haver forma destrutiva, nem forma prejudicial. Nós não negamos que existam germes, mas sabemos que um germe não pode ser prejudicial ou destrutivo contra a realização do Poder Único, uma Inteligência, um Amor e uma Vida.

Independentemente do nome ou natureza do problema que é trazido para nossa consciência, temos que começar com a verdade de que Deus é Um, uma Presença, um Ser, um Poder - e tudo o que Deus é, nós somos. A Consciência de Deus é a nossa consciência, e nada pode entrar nessa consciência que a "contamine (...) ou faça mentir". Nessa verdade da Unidade, de Um Ser, Uma Presença, Um Poder, não há oposição de poderes.

Quando descansamos nessa verdade, ela transforma nossa mente, corpo, e tudo o que é chamado de nossa vida ou experiência externa, que, na verdade, não é realmente uma experiência externa, mas uma experiência que está acontecendo dentro de nós, nesse mundo interior que é o único mundo que existe.

Esta consciência da Verdade, que é alcançada através da meditação, torna-se a consciência iluminada. Podemos ter uma percepção sobre uma faceta da Verdade e podemos produzir obras poderosas com isso, mas nunca vamos acreditar, mesmo quando tivermos uma percepção da Verdade até mesmo na medida da iluminação, que temos ido realmente muito longe. Nós apenas começamos no caminho. Depois vêm percepções de outras verdades, mais e mais profundas realizações, e isso continua para sempre e, até onde eu sei, nunca termina. Isso deve ser assim por causa da natureza infinita de Deus.

Deus está sempre se comunicando conosco, infinitamente. O começo da sabedoria é o entendimento de que tudo o que estamos buscando já está estabelecido dentro de nós, e que estamos procurando apenas trazê-lo a partir de dentro do nosso próprio ser. Isso nos impedirá de adorar algo ou alguém fora do nosso próprio ser. Quando percebemos a natureza do Eu dentro de nós, o medo diminui, e eventualmente desaparece, porque então não temeremos nem adoraremos nada nem ninguém externo para nós.

Nos breves períodos de meditação que devemos realizar muitas vezes por dia, nosso primeiro pensamento deve ser:

Deus criou este dia perfeito e decretou sua atividade. Seu trabalho é feito em mim hoje.

Mesmo que não tenhamos tempo para mais nada, teremos feito um contato com a Presença, que nos prepara o caminho para expressarmos a infinita Glória de Deus como nós. Nessa curta meditação, reconhecemos a presença, o poder, a vida, a sabedoria, a perfeição e a proteção de Deus. Nós cumprimos as Escrituras, negando a nós mesmos, como se nós, por nós mesmos, fôssemos algo, e nos tornamos receptivos e sensíveis à influência espiritual, na percepção de que nós não vivemos a nossa vida, mas que Cristo vive a nossa vida.

Não há muitas pessoas que estão cumprindo seu propósito e atividade espiritual neste momento, ou mesmo qualquer atividade que se aproxime disso. Esses poucos, no entanto, devem fazer o que lhes for dado para fazer hoje e deixar o futuro cuidar de si mesmo, reconhecendo Deus hoje, mesmo esfregando o chão ou preparando uma refeição. Reconhecendo Deus nessas atividades que parecem tão distantes de uma atividade espiritual traz Deus para a expressão real, e os leva de um atividade para outra, e outra, e outra, até que sejam preenchidos espiritualmente.

Onde quer que estejamos hoje, em uma prisão, em um hospital ou em um sanatório, na casa mais luxuosa ou na mais miserável, nós desconsideramos a aparência. Seja qual for a aparência, não tem nada a ver com a nossa Unidade com o Pai; a condição da pessoa não tem nada a ver com isso; se estamos doentes ou bem, vivos ou mortos, não

tem nada a ver com a realização da Unidade, e nem pode alterá-la. Essas condições são a aparência, mas o Eu em nós está nos chamando aqui onde estamos neste momento e, a partir de agora, Eu, no meio de nós, vai nos liderar, dirigir, governar, alimentar, vestir e abrigar.

Tentar deixar o lugar onde estamos agora através de meios humanos, mantendo o mesmo estado de consciência, não serviria a nenhum propósito, porque, sem uma maior consciência da Verdade, nós retornaríamos ao mesmo lugar onde estamos nesse momento. Enquanto permanecemos na verdade que Eu, no meio de nós, é Um com Deus, nossa consciência se torna enriquecida, aprofundada, ampliada e preenchida com a Verdade Espiritual. Gradualmente - às vezes lentamente, às vezes rapidamente - a Verdade torna-se viva em nós e, conforme essa Verdade preenche nossa consciência, ela aparece exteriormente como maior harmonia em nossa experiência.

Nós devemos viver e nos mover e ter o nosso ser na consciência de que somos Um com o Pai, e que tudo o que Ele tem é nosso, aqui e agora, onde estamos. Conforme continuemos a desconsiderar as aparências, não tentando mudá-las ou melhorá-las, mas mantendo-nos firmes onde estamos, deixamos o Espírito nos mover, na medida em que estamos preparados para isso.

MEU REINO NÃO É DESSE MUNDO

Viver no Meu Reino é viver no círculo da eternidade. "Este mundo" é o mundo da humanidade, mas o Meu Reino é de uma natureza diferente. Meu reino não é o reino da saúde física. Meu Reino não é o reino das riquezas materiais. Nós todos sabemos o que constitui saúde física, mas qual é a saúde do Meu Reino? Qual é a saúde do Reino Espiritual? Qual é o estado da saúde de Deus? E do estado de saúde do Filho de Deus?

Sabemos de que o suprimento material e riqueza material são constituídos, mas o que são riquezas celestiais? O que significa ser "co-herdeiro de todas as riquezas celestiais"? Quais são as riquezas celestiais de que somos herdeiros e que, no entanto, não estamos desfrutando na cena humana? Elas não podem ter nada a ver com tais coisas como dinheiro, investimentos ou propriedades, porque "Meu Reino não é deste mundo".

No caminho espiritual, portanto, não adianta ir ao "Meu Reino" para obter algo para este mundo. Devemos buscar primeiro o Reino de Deus; devemos aprender a orar, para que, ao rezar a um Deus Espírito, oremos apenas pelas riquezas celestiais, saúde espiritual e companheirismo espiritual.

Enquanto tentarmos obter riquezas materiais, saúde física ou companheirismo humano, é isso que vamos conseguir, e às vezes isso pode ser bom e às vezes muito mal, às vezes correto e às vezes errado, porque toda a materialidade é composta da crença em dois poderes - o bem e o mal. Mas se mantivermos nossa consciência alinhada com a realidade espiritual, mantendo nossos desejos no reino da forma espiritual e bem-estar espiritual, sentiremos a alegria e a paz da unidade espiritual.

Procurar conhecer a natureza das riquezas celestes, da saúde espiritual, e do companheirismo espiritual não é procurar por nada de natureza material ou a humana: é um descansar na Graça do Reino Espiritual . A palavra "Graça" não pode ser traduzida em tais coisas como dinheiro, casas ou famílias. Nós temos que deixar a palavra "Graça" exatamente como ela é, e se não entendemos o significado da Graça, podemos sempre orar para que Deus revele a Sua Graça para nós.

Livrarmo-nos dos problemas antes de termos atingido a sabedoria espiritual apenas abre o caminho para outro problema, ou sete problemas, até sermos obrigados a aprender a orar corretamente. Por exemplo, se uma dor de cabeça ou qualquer outro mal puder ser removido sem avançarmos na compreensão espiritual, o que se ganhará, exceto um período temporário sem dor de cabeça? Mais cedo ou mais tarde, outra dor de cabeça virá, e teremos que nos posicionar e perceber que esse problema estará conosco para sempre, a menos que nos seja dada a sabedoria necessária com a qual conhecê-lo. Assim como Jacó lutou a noite toda com o anjo, rogando para que ele não o deixasse até que ele tivesse recebido sua iluminação ou a verdade espiritual necessária ao vencer, assim também nós devemos ser firmes na oração.

Somente nossos problemas nos compelem a buscar o bem espiritual. Em sua maioria, os seres humanos contentam-se com boa saúde, uma suficiência de sustento e felicidade moderada na vida familiar, e, após estas necessidades serem satisfeitas, muitas pessoas sentem que há pouco mais a ser desejado da vida. Aqueles de nós, no entanto, que tiveram problemas lançados sobre si, não por Deus, mas pela sua ignorância de Deus, e tiveram que passar por algumas experiências muito difíceis, sabem disso, e, sem esses problemas, nunca teriam se elevado acima do nível de serem apenas bons seres humanos.

Viver a vida espiritual e rezar corretamente significa que, na medida possível, colocamos o problema de lado, e começamos com a percepção de que o Reino de Deus não é deste mundo, então é inútil orar por qualquer coisa deste mundo. Vamos, portanto, aprender a orar por essas coisas que são do Meu Reino, e buscar apenas a Graça desse Reino.

Nossa função no caminho espiritual é aprender de que consiste o Reino de Deus. Isaías disse: " Deixai-vos do homem cujo fôlego está nas suas narinas; pois em que se deve ele

estimar?" O ser humano é aquele "homem cuja respiração está nas suas narinas". Por que então, devemos pensar em tornar esse homem melhor, mais saudável ou mais rico? Por que pensar sobre ele, quando podemos pensar no Filho de Deus? Mas primeiro devemos saber o que o Filho de Deus é.

Os gregos antigos ensinavam: "Homem, conhece-te a ti mesmo". E o que é esse Ser, senão o Filho de Deus em nós? Há uma parte de nós, uma área de nossa consciência, que é o Filho de Deus, mas quão poucos de nós tem algum conhecimento desta parte do nosso Ser ou qualquer entendimento do nosso Eu mais íntimo! Como podemos conhecer o Filho de Deus em nós?

Somente voltando-nos para onde o Reino de Deus está, tomando um tempo para estarmos sozinhos, para buscarmos o Reino de Deus dentro. Se temos que implorar a Deus, então vamos implorar a Deus que Ele se revele, que revele o Filho de Deus em nós, que revele a natureza da Sua Graça e do Reino Espiritual, e a natureza das riquezas celestiais das quais somos herdeiros.

Ao nos entregarmos à busca desse reino espiritual, nós descobrimos que nosso mundo exterior se encaixa sozinho; as coisas começam acontecer; e, de repente, acordamos para descobrir que a Graça de Deus nos trouxe algo de uma natureza incomum, na forma de uma cura, um enriquecimento, um suprimento, uma companhia, ou o professor cuja função é abrir nossos olhos. Mas esses não virão enquanto estivermos orando por eles. Eles vêm, não pensando ou orando por eles, mas deixando-os fora do nosso pensamento e deixando Deus cuidar de todas as nossas necessidades à sua maneira, enquanto concentramos nossa atenção no que é o Reino de Deus realizado. Todas as coisas duradouras do reino material nos são adicionadas quando não oramos por elas, quando buscamos apenas o Reino, quando nosso pensamento não está mais nas coisas deste mundo e está centrado no reino espiritual.

Quando avançamos o suficiente neste Caminho, sem dúvida, nós também seremos tentados a usar o poder espiritual como tentado foi o Mestre, e é então que devemos resistir à tentação de realizar milagres, e sermos guiados pela sabedoria espiritual do Mestre para não glorificarmos ou atendermos o "eu". Se pudéssemos transformar pedras em pão, não precisaríamos de Deus, e aqueles de nós que estão no caminho espiritual prefeririam ser famintos do que não precisarem de Deus. Seria trágico chegar ao ponto onde nós acreditássemos que subimos tão alto que Deus não teria lugar em nossa vida. Em vez, então, de tentar executar um milagre para demonstrar poder, vamos vencer a tentação de orar por pessoas, condições ou circunstâncias, e tornar nossa vida de oração em uma de busca espiritual, busca espiritual de iluminação e Graça espiritual, orando pela compreensão da natureza das riquezas espirituais e da realização espiritual.

O que é satisfação? O que "na tua presença há plenitude de alegria" pode significar? Como essa plenitude expressa e interpreta a si mesma? O que é a plenitude de Deus? Quando buscamos a compreensão dessa sabedoria espiritual, todas as coisas nos serão acrescentadas, e elas aparecerão no devido tempo, sem pensarmos: só precisamos fazer tudo que nos é dado fazer a cada hora de cada dia, e fazê-lo no melhor de nossa capacidade, mantendo nossa mente centrada em Deus, nas coisas de Deus e no Reino de Deus.

Como já foi apontado anteriormente, um dos princípios cardeais da vida espiritual é que, para a consciência transcendental, poder temporal não é poder, seja de natureza física ou mental. Só a Graça de Deus é poder, só a Consciência Realizada em Unidade, só o Um Poder e o não-poder de tudo o mais que não seja Deus. As orações fracassaram porque foram, em grande parte, uma tentativa para superar um poder temporal que, na realidade, não é um poder. Tal oração é como tentar superar a miragem no deserto ou como tentando superar que duas vezes dois sejam cinco. Como podemos usar um poder sobre uma inexistência?

O mundo humano está cheio de poderes temporais: doença, dinheiro, política, guerra e preparativos para a guerra. Persistir no antigo tipo de oração para "Deus vencer nossos inimigos", ou "Deus superar aquelas bombas atômicas" é desperdiçar tempo e energia preciosos, porque orações assim nunca tiveram sucesso e nunca terão sucesso.

A luta física e mental e, afinal, a tentativa de usar Deus para superar os males deste mundo deve falhar, porque esses males não são poder, e não precisam ser superados. É apenas a nossa aceitação da crença universal de que o mal é um poder que nos faz permanecer em condições ruins. No instante em que aceitamos a Deus como Onipotência, nossos problemas começam a desaparecer.

Quando percebemos que o Reino de Cristo não é deste mundo e, mais ainda, que esse Reino é o único poder no mundo, então, quando somos apresentados a uma aparência maligna, não importa quem ou o que possa ser, paramos e nos perguntamos: "isso é poder espiritual? Isso é poder maligno de Deus? Pode haver um poder maligno vindo de Deus? Não é essa reivindicação de poder, portanto, apenas poder temporal?

Todo o ensinamento do Mestre foi para revelar a falta de poder daquilo que aparece como poder. Para o cego, ele disse: "abra os olhos": ele sabia que não havia poder para mantê-los fechados. Para o homem com a mão ressequida, ele conseguiu dizer: "estende a tua mão": ele sabia que não havia poder para deter a mão. Todo o ministério de Jesus foi uma revelação de que o que é chamado "este mundo", enquanto existe, existe apenas como uma aparência, e não como poder, e lhe foi dada a missão de dissolvê-lo. Essa percepção nos permite sentarmos em silêncio e confiança, e perceber:

Somente Deus é poder. Isso que tem me incomodado e que eu tenho lutado contra é apenas uma aparência que eu estou mantendo em meu pensamento, como uma imagem mental: não é realmente uma coisa. Eu não posso vencer uma batalha contra nada, mas posso relaxar em quietude e confiança, e perceber que esta imagem, com a qual eu sou confrontado, não é nada mais que uma imagem - não uma pessoa ou uma condição, mesmo que pareça como pessoa ou condição.

Tão logo reconheçamos o mal como poder temporal, podemos internamente sorrir e perceber que isso não significa poder, porque aquilo que não é de Deus não é poder. Deus nos deu domínio sobre tudo isso que existe e, portanto, isso que aparece como efeito é temporal. Todo o poder é invisível. Este perigo tão visível e aparente não pode ser poder e não pode ser de Deus.

E quando nos sentamos ao lado de uma pessoa que está doente, e percebemos: "eu não vou dar poder a esta doença, a este pecado ou a este falso apetite; isto é poder temporal, o que significa que não é poder, e eu não vou acreditar nele", vamos encontrá-la cada vez melhor, e então vamos saber que nós provamos, ainda que de maneira pequena, que o poder temporal não é um poder, de forma alguma.

A vida espiritual não é a superação do mal, mas o reconhecimento da natureza do mal: o mal não é ordenado por Deus; o mal não tem lei de Deus para sustentá-lo; o mal não tem existência de Deus, propósito de Deus, vida de Deus, substância de Deus, ou lei de Deus: é temporal, é o "braço de carne", ou seja, não é nada.

Enquanto estivermos orando por um poder divino para vencer o mal, nós estamos resistindo ao mal, mas quando estamos ancorados na Verdade, relaxamos na percepção de que essa coisa que está diante de nós é uma miragem, e não um poder, e que não precisamos temer o que o homem mortal pode fazer para nós, ou o que ele pode pensar ou ser. Todo medo do poder mortal é dissolvido, seja poder temporal, poder material, leis de infecção, contágio, calendários ou idade, porque sabemos que nada no reino do efeito é poder. Todo poder é invisível, e aquilo que está aparecendo para nós como poder é uma imagem mental no pensamento, uma imagem, um conceito errôneo de poder.

Conhecer essa verdade nos libertará, e então conhecendo-a, nossos pensamentos e ações devem estar de acordo com essa verdade que estamos conhecendo. Não podemos negar o poder do efeito e no minuto seguinte entrar nele, ou, para ser mais direto, não podemos negar o poder do efeito e, em seguida, odiar alguém ou temer alguém porque ele é uma parte desse efeito.

Se não conseguirmos fazer isso cem por cento, ou se ocasionalmente nós falhamos, não devemos nos desanimar. É difícil para qualquer um mudar da noite para o dia de um

estado material de consciência para um estado espiritual de consciência, ou tornar-se total e completamente espiritual depois de apenas um ou dois anos de estudo e meditação.

Sejamos gratos, desde o momento em que pusemos os pés no caminho espiritual e começamos a viver dessa maneira, por, em alguma medida, estarmos atingindo aquela "mente ... que também estava em Cristo Jesus"; e nessa medida, por menor que seja, estamos demonstrando externamente os frutos disso. O ponto não é que esperamos alcançar a Cristandade de uma só vez, mas com esse tipo de oração e meditação em todos os dias, estamos alcançando alguma medida dessa mente cristã. Ao olharmos para o universo temporal, percebamos:

Este mundo não é para ser temido, ou odiado, ou amado: ele é a ilusão, e exatamente onde a ilusão está, o Reino de Deus está, Meu Reino.

Meu Reino é a realidade. Isso, que meus olhos vêem ou meus ouvidos ouvem é uma falsificação sobreposta, não existente como o mundo, mas como um conceito, um conceito de poder temporal.

Meu Reino está intacto; Meu Reino é o Reino de Deus; Meu Reino é o Reino dos Filhos de Deus; e Meu Reino está aqui e agora.

Tudo o que existe como um universo temporal é sem poder. Eu não preciso odiar, temer ou condenar: só preciso entender.

Quando somos capazes de entender a natureza do universo temporal, as formas deste mundo começam a desaparecer: formas de doença, pecado, falsos apetites, falta e limitação. Tudo isso vai caindo e, em seu lugar, haverá condições e relacionamentos harmoniosos, e esses serão as manifestações do nosso estado superior de consciência.

Nosso mundo é a externalização do nosso estado de consciência: assim como nós semeamos, assim também devemos colher. Se semearmos para a carne, colheremos corrupção: pecado, doença, morte, falta e limitação. Se nós semearmos para o Espírito, nós vamos colher a Vida Eterna.

A palavra "semear" pode ser interpretada como "ser consciente de". Se estamos conscientes de que o reino espiritual é o real, e que aquilo ao qual os cinco sentidos físicos prestam testemunho é sem poder, temporal, o "braço da carne", semeamos para o Espírito e colhemos a harmonia no corpo, mente, bolso e relações humanas. Se nós continuamos a temer "o homem, cuja respiração está em suas narinas", se continuamos temendo a infecção, o contágio e as epidemias, estamos semeando para a carne; enquanto que, se percebermos que todo o poder está no Invisível, nós semeamos para o Espírito e colheremos harmonia divina.

Meu Reino, o Reino de Cristo, é o real e é poder. Tudo o que vemos, ouvimos, provamos, tocamos e cheiramos, o reino temporal, é ilusão e não é poder.

O caminho espiritual é um campo de treinamento onde ganhamos a convicção que o mundo temporal está se apresentando apenas como uma imagem de poder temporal, e poder temporal não é poder. Somente o Invisível é poder, o Invisível que é o "Eu" que realmente somos.

Consideremos agora nossa ideia em relação ao corpo. Porque nosso corpo é visível, não há poder nele; não pode estar bem, nem doente: o poder está no Eu que somos. Se acreditarmos que esse corpo tem poder, estamos dando poder ao universo temporal. Olhando para um mundo finito e um corpo finito, podemos mudar toda a nossa experiência ao perceber que:

Desde que você é efeito, o poder não está em você; o poder não está neste corpo: o poder está em Mim. Eu dirijo meu corpo, e meu corpo não pode me responder. Eu falo com ele e garanto que sou a sua vida, sou a sua inteligência, Eu sou sua substância, Eu sou sua lei - que Eu Sou - e então o corpo tem que obedecer.

Tal prática nos afasta da busca por um bem material. Nós não estão pensando em termos de um corpo físico melhor: estamos "ausentes do corpo e. . . presentes com o Senhor", e toda a nossa atenção está voltada na direção da harmonia espiritual, e não em melhores relações humanas, melhor saúde, e não apenas mais dólares, mas para a paz e harmonia do Meu Reino:

Meu Reino reina aqui, não o bem humano e nem o mal humano - Meu Reino, o Reino de Deus.

Se existe algum mal humano aqui, qualquer pecado, qualquer ódio, inveja, ciúme, ou malícia, e daí? Não é pessoa e não é poder. Não pode se manifestar e, portanto, tem que morrer de seu próprio nada. Isso é temporal e é impessoal; é para sempre sem uma pessoa em quem ou através de quem se manifestar. É o "braço da carne", não é nada. O Amor Divino, não o amor humano, é o único Poder que opera aqui onde eu estou. A Sabedoria Divina, não a inteligência humana, é o único Poder operando na minha vida.

Assim, mais e mais nossa atenção fica centrada no Reino de Deus e Sua Graça, e não na forma e efeito. E então, como estamos ausentes do corpo de forma e efeito, este corpo, forma e efeito aparecem harmoniosamente.

VIVER ACIMA DOS PARES DE OPOSTOS

Desde o tempo da criação, segundo o capítulo dois do Gênesis, o homem tem vivido em um mundo de dois poderes, oscilando entre o bem e o mal, e muitas vezes experimentando mais do mal do que do bem. Quando ele ganha o conceito de Um Poder, um só, e percebe que não existe nem um bom poder nem um poder do mal, ele não é mais fascinado pelo bem ou o mal da experiência humana, e ele se torna menos identificado com sensações que surgem, de um ou de outro.

O homem gradualmente aprende a olhar para o mal sem emoção, sem ligá-lo a qualquer um, pode-se dizer quase sem empatia. Ele reconhece a natureza da aparência e, em vez de aceitá-la como real, ele a aceita como uma aparência, ou como uma experiência ilusória. Isso nem sempre é fácil de fazer, e é muito mais fácil ver a natureza ilusória de uma aparência do mal do que ver a natureza ilusória de uma aparência do bem; mas, fácil ou difícil, a atitude que deve ser alcançada e sustentada é que, se o bem não é de Deus, não será permanente, e, portanto, não há utilidade em regozijar-se com isso.

É óbvio que essa atitude retira muito prazer dos aspectos humanos da vida, assim como retira também muita miséria dela, mas substitui essas emoções humanas por uma convicção interior de que, por trás dessa cena visível, há uma realidade espiritual, que a qualquer momento pode chegar à plena vista.

Quando um pedido de ajuda chega, nossa primeira reação humana natural é o desejo de mudar a aparência do mal para uma boa. Se somos bem sucedidos na vida espiritual, no entanto, devemos trazer muito rapidamente para consciência o entendimento de que o objeto de um ministério espiritual não é transformar a doença em saúde, pois a saúde é apenas uma daquelas condições temporárias que se tornam doenças amanhã, na semana seguinte, ou no próximo ano; não se deve condenar o mal e tentar trazer o bem, mas sim afastar-se da aparência e manter nosso olhar no Caminho do Meio, percebendo que exatamente onde há uma aparição do bem ou do mal, existe a realidade espiritual.

Uma aparência maligna de hoje pode mudar para uma boa aparência amanhã, e, como bem sabemos, toda boa aparência pode em breve ser transformada em má: um dia de paz na terra pode ser apenas uma pausa momentânea antes de outra guerra; saúde perfeita hoje é apenas uma condição temporária que germes ou a passagem do calendário podem mudar. Na cena humana, somos como uma ciranda, que roda e roda sem parar; na cena humana, nós balançamos como um pêndulo, entre doença e saúde, entre falta e abundância, entre guerra e paz, indo e voltando, mas nunca chegando a lugar nenhum.

Mas os pares de opostos não operam no Meu Reino: Meu Reino é um reino espiritual em que tudo está intacto; Meu Reino está sob a direção, proteção, manutenção e sustento do seu Princípio Divino, Deus. No Meu Reino não há trevas. Essa afirmação parece implicar que a escuridão é má, mas no momento em que chegamos ao terceiro grau, nos elevamos à estatura espiritual do salmista que disse que "as trevas e a luz são a mesma coisa para ti". Aos olhos de Deus não há diferença entre elas. No reino espiritual não há nem luz nem escuridão, em qualquer sentido físico: existe apenas Espírito, uma Luz que não tem semelhança alguma com o que conhecemos como luz. Luz, no sentido espiritual, é a consciência iluminada, não iluminada por uma luz, mas iluminada pela sabedoria. "Considerando que eu era cego, agora eu vejo" não se refere à cegueira ou à ausência de visão. Ela é o modo figurativo de afirmar que, enquanto antes estávamos na ignorância, agora alcançamos a sabedoria. A ignorância é freqüentemente referida como escuridão, e sabedoria como luz, mas não existe real escuridão ou luz a respeito delas.

São necessários meses de experiência espiritual, às vezes anos, antes de percebermos que, no Meu Reino, a luz e as trevas são a mesma coisa, e que não estamos tentando mudar a escuridão para a luz, ou nos livrar da escuridão para obter luz. Escuridão e luz são um. Alcançar esse conceito é um grande salto para qualquer um, mas para a pessoa ignorante da sabedoria espiritual, destreinada em metafísica e misticismo, é um salto ainda maior - quase impossível - compreender a ideia de que doença e saúde são uma coisa só. Realmente elas são apenas extremidades opostas do mesmo bastão. Quando podemos afirmar com convicção: "no que me diz respeito, a escuridão e a luz são uma só; eu não estou procurando me livrar de uma para obter outra: estou procurando apenas perceber a sabedoria espiritual, a verdade espiritual e a Presença Divina", então nós começamos a perceber a natureza espiritual deste universo.

É quando estamos tentando nos livrar de algo, ou conseguir alguma coisa, que deixamos o universo espiritual para aderir ao universo de conceitos humanos. Nem doença e nem saúde têm qualquer parte na vida espiritual: tudo o que existe na vida espiritual é Deus, o Espírito infinitamente e eternamente manifestado como ser individual incorpóreo. O Ser incorpóreo não pode ser conhecido através dos sentidos da visão, audição, paladar, tato ou olfato: só pode ser experimentado em nossa consciência. Mas uma vez que essa experiência vem a nós, realmente entendemos que a escuridão e a luz são uma só. E enquanto não chegamos a esse entendimento, cabe perguntar: o que é isso?

Ilusão Mortal, Maya, Aparência. Tudo o que estamos conscientes através dos sentidos - doença e pobreza hoje, ou saúde e riqueza amanhã - é uma ilusão. Nós não estamos vendo a realidade até que, através da nossa consciência espiritual, vemos o ser espiritual incorpóreo. Quando podemos olhar para este mundo humano e perguntar: "o que lucrou o mundo com todas as suas guerras?" e receber a resposta "nada", estamos começando

a alcançar o objetivo. De mãos dadas com essa pergunta, deve vir, em seguida: "o que lucrou o mundo com todos os dias em que não houve guerra?" e isso também deve receber a resposta: "nada". Espiritualmente, não é guerra ou paz que estamos buscando: é o governo de Deus, governo espiritual, governo divino. E onde isso acontece? Em nossa consciência. É aí que deve ser realizado.

Não importa quantas soluções sejam oferecidas hoje para os problemas do mundo, amanhã eles surgirão em novas e mais sérias formas. O fim de toda essa mudança para frente e para trás virá apenas quando percebermos a natureza do poder espiritual, e percebermos que poder espiritual não tem nada a ver com boas condições hoje ou más condições amanhã. Pelo contrário, tem a ver com o nosso entendimento de que não estamos buscando mudar as condições da matéria, mas perceber a Onipresença do Espírito, perceber que não procuramos doença e nem saúde, nem guerra e nem paz: estamos buscando o governo de Deus, a revelação e a realização de Deus como nossa Consciência.

Isso muda todo o nosso modo de vida. Sob nosso antigo modo de viver, o melhor que podíamos esperar era transformar alguma condição maligna em uma boa, alguma condição negativa em uma positiva, e mesmo que houvesse o medo sempre presente de não ser permanente, nós estávamos sempre nos esforçando por aqueles momentos temporários de saúde, de paz ou de harmonia.

A revelação e compreensão do Um Poder nos ajuda a chegar à consciência pela qual nós não procuramos mudar o negativo para o positivo. Na percepção de Um Poder, não só paramos de procurar algum poder material para satisfazer nossas necessidades, mas também deixamos de procurar um poder espiritual.

Desde que há apenas Um Poder, então, não há nada contra, ou para o qual usar esse poder. O que, em essência, pode isso realmente significar? O que significa alcançar um ponto na consciência onde renunciamos a todo pensamento de usar Deus como poder? Não temos nós, assim, realmente libertado Deus da responsabilidade? E não é exatamente isso o que todos nós deveríamos fazer?

Deus cuida sempre do que é seu. Deus é o princípio criativo, que mantém, influencia e sustenta o universo espiritual. Deus governa seu universo pela Graça, mas não amanhã ou na próxima semana. A Graça Divina, que esteve em operação pela eternidade, continuará de eternidade a eternidade, sem a nossa tentativa de subornar ou tentar influenciar Deus, sem a nossa oração, súplica ou qualquer outra coisa para persuadir Deus a fazer o seu próprio trabalho. Deus "é", e isso inclui a verdade de que Deus sempre cuida de ser Deus.

Nossa função na oração e meditação é "conhecer a Verdade", e a Verdade nos fará livres: conhecer a verdade de que existe apenas Um Poder; saber a verdade de que "tu não terias nenhum poder sobre mim, se não te fosse dado pelo alto"; conhecer a verdade de que, no Reino de Deus, luz e trevas são a mesma coisa. Este é um conhecimento constante, consistente e dedicado da verdade que irá desenvolver um estado de consciência que não muda de uma coisa para outra, do mal para o bem: ele se mantém, afinal, com alguma medida de estabilidade no caminho espiritual e na realização espiritual.

Deus "é", mas a fim de perceber que Deus é, que temos que nos elevar acima do tempo e espaço, porque em ser, nesse "é", não há tempo nem espaço. A vontade de Deus é de eternidade a eternidade; portanto, nada está fora da jurisdição e da condição de Deus; nada no reino espiritual nunca deu errado. Todo o nosso estado de consciência tem que mudar de uma base material, do seu funcionamento em dois poderes, para um descanso na condição de Deus.

Em todo o reino de Deus não há nada de natureza mutável, nada de natureza discordante ou desarmônica, nada que precise de cura ou melhoria. Nesse estado de consciência, nós já não somos hipnotizados pelas aparências, nem somos obrigados a mudar o mal para o bem, ou tentar reter qualquer boa aparência que possa haver. Isso não afeta de forma alguma nossa vida exterior. Quando essa percepção espiritual vem para nós e nossa vida torna-se mais harmoniosa, não estamos mais lidando com uma boa aparência que já foi má: estamos agora lidando com a realidade espiritual que surgiu.

Às vezes os alunos não estão felizes com o desapego que deve vir a até eles enquanto continuam no caminho espiritual. Muitas vezes eles sentem-se como se estivessem perdendo algo que vale a pena na vida: objetos de arte preciosos, seus animais de estimação e suas amizades duradouras não serão mais tão importantes para eles como foram até agora. O mundo está se tornando mais objetivo para eles - seu corpo e até mesmo sua vida. Olhando para fora neste mundo como um observador, muito do que constitui uma grande parte da vida humana, isto é, a emoção, está perdida.

É verdade que há uma reorientação dos valores humanos conforme os estudantes avançam na vida espiritual: eles não são tão feridos pelos aspectos negativos da vida humana, mas nem eles podem se alegrar tanto sobre as coisas boas como já fizeram. Sentimentos e emoção não entram na vida diária na mesma medida em que entraram anteriormente. Conforme essas coisas caem fora, no entanto, há ganhos que superam as perdas.

Quando nos tornamos contempladores da vida, não olhamos para a vida perguntando o que vai acontecer, nós vemos o que Deus está fazendo. O observador no caminho espiritual desperta pela manhã e percebe, "este é o dia de Deus", este é o dia que o Senhor fez. O que Deus vai fazer nesse dia em seu relacionamento comigo? Que experiência a atividade de Deus trará para mim neste dia?"

Nesse caminho objetivo e imparcial, nós passamos o dia com a expectativa de algo ao nosso redor, a sensação de que, seja o que for que Deus faça acontecer nesta hora, na próxima hora, e na hora depois disso, é o produto de Deus, o efeito da atividade de Deus. Entramos agora na experiência de uma harmonia imutável.

Estamos nesse ponto em que não estamos mais preocupados com efeitos exteriores como nós estivemos uma vez; chegamos a esse ponto de olhar para a aparência, seja ela boa ou ruim, e perceber sua natureza ilusória.

Ocuparmo-nos com a natureza da aparência tolera e perpetua o hipnotismo. Manhã, tarde e noite, devemos manter dentro de nós um equilíbrio espiritual, na percepção de que não há nem bem nem mal no Reino de Deus: só existe Espírito; e no reino deste mundo, a aparência do mal e a aparência do bem são igualmente ilusórias. Se quisermos trazer uma demonstração espiritual da Cristandade, não podemos nos preocupar com as aparições momentâneas, mas devemos nos apegar à Verdade Espiritual dentro de nós mesmos.

Embora o reino de Deus seja invisível e incorpóreo para a visão humana, é tangível e real para aqueles que têm visão espiritual para contemplá-lo. Somente através da consciência espiritual, através da consciência quadridimensional, da consciência crística, podemos ver a identidade espiritual. Nós não podemos ver a identidade espiritual com nossos olhos, mas assim como Deus pode olhar através da luz e escuridão e contemplá-las como sendo um, assim pode o espiritualmente iluminado olhar através da aparência da humanidade boa ou má e contemplar a Cristandade.

Em um ensinamento místico, não temos o direito de olhar para um ser humano com a idéia de transformar o mal em bem, doença em saúde, ou falta em abundância. O que devemos fazer - e é imperativo que façamos - é olhar através da aparência e perceber:

Invisível aos meus olhos humanos, este é o Cristo, o Filho de Deus. Não procuro mudá-lo, melhorá-lo, reformá-lo ou enriquecê-lo. Eu olho através da aparência, e lembro-me que, embora eu não possa vê-lo, aqui está a identidade espiritual.

Para aqueles que foram treinados para ver a irrealidade das aparências errôneas, isso pode não parecer muito difícil de fazer, mas a razão pela qual a maioria de nós não tem

sucesso em olhar através das aparências é que nós não aplicamos este princípio quando vemos boas aparências humanas. Por que deveria haver alegria por uma aparência saudável, rica, bem sucedida ou feliz quando toda imagem pode ser revertida em menos de uma hora? Não é fácil para ninguém, nem mesmo para o estudante espiritual, ser capaz de olhar para si mesmo, seus amigos ou seus parentes, quando eles estão mais saudáveis, mais ricos e mais puros, e perceber que isso é apenas aparente; mas invisível à visão humana está o Cristo, o Filho espiritual de Deus, a Realidade. Se uma pessoa é capaz de fazer isso, no entanto, ela sempre estará comungando com a identidade espiritual de seus amigos, parentes e estudantes. É o próprio Amor de Deus fluindo através dela que está fechando os olhos para as aparências e mostrando-lhe a Alma de cada um, daqueles que são bons, assim como aqueles que são ruins - a mesma Alma pura que é Deus.

Na proporção em que podemos estar neste mundo, mas não ser dele - nele, e ainda não ser fascinado pela identidade humana das pessoas, mas perceber que cada pessoa é realmente a Alma de Deus tornada evidente nesta Terra, estaremos vivendo em "Meu Reino". Isso pede uma visão interior desenvolvida, que vê a Presença de Deus em cada pessoa.

É incrível ver que milagres acontecem quando desistimos de todas as tentativas de fazer boas as pessoas más ou doentes, e começamos a habitar nessa percepção:

Deus, revela-me a Tua individualidade espiritual; revela Teu filho espiritual; mostra o Filho de Deus em cada indivíduo.

Com esta visão, começamos a ver e a sentir a filiação espiritual em volta de nós. As pessoas agem de forma diferente em relação a nós e nós em relação a elas, porque não estamos mais tratando-as como achamos que merecem ser tratadas. Não temos ninguém em condenação, porque sabemos que é apenas a sua ignorância do que ele está fazendo, sua ignorância de sua filiação divina, que o faz agir assim. Crimes contra a sociedade e indivíduos - mentir, roubar, trapacear, defraudar - podem ser cometidos apenas enquanto pensamos que você é você, e eu sou eu.

Tudo isso pára no minuto em que descobrimos que somos irmãos, filhos do mesmo Pai, e que pertencemos à mesma família e vivemos na mesma mesma casa. De uma vez só isso torna o mundo menos real e Meu Reino mais real, revelando o universo como um reino espiritual onde nada tem que ser conquistado pela força.

Esta é a vida mística: não olhamos para a boa aparência humana e nem alegremo-nos com isso, mas olhamos através do bem, assim como através do mal, da aparência humana, eis a Cristandade. Nós podemos fazer isso. Todos nós podemos fazer isso. É

verdade que requer alguma disciplina e algum treinamento, porque o que estamos tentando fazer é superar os efeitos de centenas de gerações daqueles que nos deixaram como herança a crença em dois poderes. Estamos deixando de lado tanto o bem quanto o mal para contemplar o espiritual, deixando de lado tanto a boa saúde quanto a má saúde, a fim de atingir a realização dessa Cristandade, que é nossa identidade permanente em Deus. Somente nossa identidade espiritual como o Filho de Deus nos permite comer daquela carne que o mundo não conhece.

Não é em virtude de ser um bom ser humano que qualquer um de nós pode alegar que somos "co-herdeiros com Cristo" porque a boa humanidade está tão longe do céu quanto a humanidade ruim. Os escribas e os fariseus eram o melhor dos hebreus: os mais religiosos, os maiores adoradores do Único Deus, os maiores defensores do templo. Ser bom era uma obsessão para eles e, no entanto, o Mestre disse a seus seguidores que sua bondade deve transcender a da escribas e fariseus. Humanamente, isso teria sido quase impossível porque já haviam praticamente atingido a perfeição.

A verdadeira bondade reside na capacidade de perceber que o Reino de Deus é nosso, não em virtude de nossa bondade, mas em virtude de nossa identidade espiritual. Isso significa ser corajoso o suficiente para jogar de lado todo o pensamento passado ou presente de nossa maldade, e no mesmo fôlego deixar de lado a nossa bondade também - jogando-os para fora e não tomando crédito para nós mesmos pelo bem, e nenhuma condenação para o mal, mas reivindicando para nós somente nossa identidade espiritual em Deus. Neste relacionamento com Deus, vamos descobrir que somos Um com Deus, que nós somos co-herdeiros de Deus de todas as riquezas celestiais, mas se pensarmos que os nossos maus caminhos estão nos impedindo dessas riquezas, ou que o nosso bem está nos aproximando delas, estaremos perdendo o caminho.

Aquele que acredita que algum erro, algum mal temporário, ou algum erro por ato ou omissão é capaz de separá-lo de Deus está tão longe dele quanto a pessoa que acredita que a sua bondade está ganhando a Graça de Deus. Ninguém alcança a Graça de Deus somente pela bondade: a Graça de Deus é alcançada pela realização da identidade espiritual; e no reconhecimento de nossa identidade espiritual, nós seremos bons em todos os aspectos espirituais. Como assim? Pela bondade humana não há como saber, mas a integridade espiritual só pode vir através do nosso relacionamento com Deus, e não por virtude de quaisquer boas qualidades, ou de quaisquer sacrifícios pessoais, ou esforços.

Nossa experiência humana do passado e do presente, com seu bem e seu mal, é o sonho mortal; mas, dentro da nossa Alma, somos deuses em nossa luz interior, somos Filhos de Deus; nas profundezas de nosso Ser interior, somos Um com Deus; e nós

temos "carne", não por ganharmos ou merecermos, mas ainda assim a temos em virtude da herança divina.

Muitos de nós recebemos ou receberemos muito do que sabemos em nosso coração e alma que não merecemos. Muito mais isso será verdade em nossa experiência espiritual, quando encontrarmos a bondade de Deus derramando-se sobre nós, mais rápida do que podemos aceitá-la, e percebermos que nada em nossa vida humana nos dá direito a isso. Ela vem para nós como a Graça de Deus, da qual nem a vida nem a morte podem nos separar.

Não há lugar onde possamos ir e sermos separados do cuidado de Deus, da jurisdição de Deus, a vida de Deus e a lei de Deus. Se vivemos de um lado do véu ou do outro, isso não tem importância, exceto às poucas pessoas que temporariamente sentirão falta da nossa presença física.

Mas muito breve, quando essa sensação de ausência é curada, percebe-se que nada mudou, ninguém perdeu nada, ninguém foi ferido, porque, em Deus, a vida e a morte são a mesma coisa. Eles são aparências mortais, ilusões humanas. Entender que ambas são da mesma substância, o tecido do nada, e que não há diferença entre a vida e a morte, traz uma compreensão do significado da imortalidade.

A imortalidade não tem nada a ver com vida ou morte, pois a vida e a morte são apenas imagens ilusórias, ao passo que a imortalidade é espiritualmente real, a eternidade é espiritualmente real, a incorporeidade é a espiritualidade real. Vida e morte são duas fases da ilusão humana, assim como são doença e saúde, pobreza e riqueza, pecado e pureza.

No caminho espiritual, temos que superar tanto o mal quanto o bem, e embora seja verdade que em nosso primeiro estágio nós tentávamos mudar saúde doente em boa saúde, à medida que avançamos neste caminho, percebemos que temos que nos elevar acima da boa saúde, assim como nos elevamos acima da enfermidade, para o reino, a realização e a consciência da Presença de Deus como Espírito. Para a consciência iluminada, a escuridão e a luz são Um.

A ÁRVORE DA VIDA

Para compreender a natureza do modo de vida místico, e compreendê-la plenamente, devemos, antes de tudo, entender o conflito subjacente que existe entre os seres humanos, a luta entre todos homens na face da Terra. Até entre maridos e esposas, pais

e filhos há conflitos, e o conflito é sempre uma batalha pela supremacia do ego. Cada um quer ser algo por si mesmo, e esse algo entra em conflito com o algo do outro eu.

Assim é que, em toda a cena humana, sempre houve conflito. É verdade que há uma aparência de paz, mas enquanto cada um tiver um ego próprio, ele estará atendendo a esse ego, tentando manifestar, expressar ou beneficiar esse ego.

Isso coloca a questão: é possível que os seres humanos vivam juntos harmoniosamente, ou eles devem viver em guerra constante, de uma natureza ou outra? Nenhum dos esforços feitos para trazer a paz na Terra e boa vontade entre os homens já foi bem sucedido em qualquer tempo, em grande parte porque esses esforços foram baseados na tentativa de unir as pessoas humanamente, quando na maior parte eles não têm nenhum interesse comum.

Alguns afirmam que na união há força, mas isso é uma falácia. Desde o início dos tempos, as tribos se uniram, os países foram unindo-se, e as igrejas têm se unido, mas, até agora, nenhuma união trouxe força permanente. Dura por um tempo, e então alguma outra combinação surge, e logo cai, para abrir caminho para ainda outra combinação.

Não há força em nenhuma união fundada por seres humanos, nenhuma provou ser duradoura. A única força que existe é na união espiritual, mas isso em si é um paradoxo. Não pode haver realmente uma união espiritual, porque não há realmente dois para se unirem: existe apenas Um Ser, e desde que eu reconheça que o Ser que eu sou é o Ser que você é, eu não posso ser antagonista em relação a você, mas também não posso me unir a você, porque, na verdade, não há dois de nós: só existe Um. Pode haver muitas formas, mas por trás das formas existe apenas o Um.

A verdadeira paz só pode ser estabelecida entre nós quando os egos são subjugados, na percepção de que há apenas Um Ser, Um Eu, e Deus é esse Ser, esse Eu, o Ser de cada indivíduo. Agora, em vez de estarmos em conflito um com o outro, estamos unidos.

Pode haver cem papaias em uma árvore, mas há apenas uma vida, uma árvore, e qualquer coisa que prejudique a árvore acaba prejudicando todas as partes da árvore. A vida da árvore constitui a vida de cada ramo, e de cada fruta sobre ele. Se cada mamão sentisse que tinha uma vida, uma dignidade e uma identidade própria, haveria em breve uma luta. Apenas por causa da unicidade da fruta com a árvore, pode a árvore, os galhos e os frutos permanecerem juntos harmoniosamente.

Agora, por um momento, tente visualizar um ramo de uma árvore que é cortado, que partiu-se a si mesmo, não tendo qualquer relação com a árvore, e você entenderá o que significa "dualidade". Além disso, fosse possível que qualquer parte da árvore tivesse um

ego, seria também possível para um ramo tornar-se invejoso de todo o bem que está na árvore e querer um pouco dele; ou então a árvore, vendo a glória do ramo, poderia querer subjugá-lo ou possuí-lo.

Mas olhe de novo e veja aquela ramificação de volta em sua árvore: agora existe uma árvore e uma vida, e a vida da árvore é a vida de todos os ramos da árvore. Não há união ali, porque ali não há dois: existe apenas um. Pode haver dezenas de ramos, mas só uma vida, uma inteligência, uma fonte de suprimento - apenas uma - e, portanto, nenhum ramo de uma árvore pode entrar em conflito com qualquer outro ramo dessa árvore.

Se entendemos isso sobre uma árvore, em breve poderemos também entender e perceber que existe uma Árvore da Vida, uma Fonte Central da Vida, e que somos todos partes dessa Vida. Nós não somos ramos separados como parecemos ser, mas estamos unidos por um laço invisível que é a própria vida, o tema central do Ser. A Vida é a Árvore da qual somos todos ramos e todos nós derivamos nossa vida, inteligência, amor, cuidado e proteção da mesma Fonte.

Vamos retornar mais uma vez ao ramo que foi cortado da árvore, um ramo que está carregado de frutas neste momento. Imagine quão orgulhoso esse ramo da árvore poderia estar do seu fruto maravilhoso, e como poderia pensar: "que coisa gloriosa eu sou! Eu sou tão lindo! Eu tenho essas lindas flores! Eu posso trazer uma fruta tão deliciosa!" Então imagine o que poderia acontecer com todos esse frutos em apenas alguns dias, quando, porque o ramo foi separado da árvore, a vida não estaria mais alimentando esse ramo, e quando a vida não o alimenta mais, nada mais há a fazer além de murchar e, naturalmente, não haveria mais flores e nem mais frutos dos quais se orgulhar.

Isso é semelhante ao que acontece com uma pessoa, quando ele acredita que é inteligente, boa, forte, rica, saudável ou de boa moral. Pense o que acontece com essa pessoa quando, um dia desses, andando por aí como um ramo separado, ela começa a sentir-se murchar por dentro, e ouve seus amigos dizerem: "oh, isso é natural! Você está velho". Mas não é nada natural, não do ponto de vista espiritual. É natural só porque ela tem alimentado seu ego, e acreditando que ela, por si mesma, é alguma coisa, quando a verdade é que ela é algo somente porque ela é Um com a Árvore da Vida.

Aqueles que estão vivendo a vida do ego estão lutando ou competindo um com o outro, tentando superar ou ser melhor que outro, mais rico ou mais bonito, e vivendo uma vida de atrito, porque sempre há uma sensação de dualidade. Onde e quando há dualidade, há obrigatoriamente atrito, porque uma pessoa está sempre se batendo contra outra. Mas todo esse atrito desaparece, toda competição e toda oposição desaparece na realização da Unidade.

Quando a convicção da Unidade é percebida, percebemos que cada ramo deriva seu bem de sua Fonte, e, portanto, não há necessidade de um ramo competir ou lutar com outro ramo para tentar obter o melhor ou superar o outro, porque cada ramo então percebe o que John Burroughs tão lindamente expressa em seu poema "Esperando": "o meu próprio virá para mim". Por que isso virá? Porque vem para nós da nossa Fonte, não de outro ramo, não de outra pessoa, e não de sair pelo mundo tentando consegui-lo. Isso remove qualquer desejo ou compulsão de tirar qualquer coisa de qualquer outra pessoa, ou de atrair qualquer coisa para nós de qualquer fonte externa. "Meu próprio virá para mim" - mas meu, não o seu.

O nosso próprio bem virá para nós da Fonte, porque somos ramos da Árvore da Vida, e nós somos alimentados pela Vida daquela Árvore, que encontra um modo de nos conduzir para acima do chão, qualquer que seja a necessidade de nossa natureza particular. A função de um ramo é ser, mas ainda sabendo que não é apenas um ramo, mas parte de uma árvore. Quando olhamos para uma árvore de longe, nós não a dissecamos e nem discriminamos: "aqui é o tronco de uma árvore, e ali uma folha". Não, nós vemos a árvore como um todo, constituída de tronco, galhos, folhas e frutos. Assim é a Árvore da Vida constituída por você, por mim e por todos os outros que você e eu somos no mundo; e, mesmo que nossa função particular seja a de um ramo, uma parte da árvore, no entanto, somos a própria árvore.

Enquanto estivermos unidos à Árvore, a Vida da Árvore estará nos suprimindo com sabedoria, amor, orientação, direção, atividade, remuneração e reconhecimento, com tudo o que deve se tornar parte da nossa vida.

O homem-ego, o homem da terra, está sempre afirmando-se no mundo: discutindo, lutando e competindo. O contemplativo, o homem de Deus, pode estar no mundo fazendo o seu trabalho, seja qual for, mas mental e espiritualmente, ele está em casa, dentro de seu próprio Ser.

O contemplativo não se retira de uma vida ativa; de fato, ele pode se tornar cada vez mais ativo. Ele seria, sem dúvida, melhor qualificado para ser o presidente de uma corporação do que um homem-ego, porque o homem-ego poderia realizar apenas o que seu próprio poder mental poderia abranger, mas o contemplativo atrairia sua sabedoria de uma Fonte interior, à qual o homem-ego não tem acesso.

O contemplativo sabe que o ramo não pode ditar regras à árvore, e que o ramo não precisa dizer a árvore o que ela precisa, nem se e nem quando precisar. O ramo sabe que tem que se aquietar e deixar a árvore manifestar sua própria glória, e qualquer glória que a árvore manifeste será regada e compartilhada com os galhos, e isso incluirá tudo o que o ramo pode precisar. A única função de um ramo é ser, na serenidade, e ainda

deixar que, no devido tempo, a vida da árvore forneça ao ramo tudo o que ele precisa; e quando o ramo estiver cheio de flores e frutas, em vez de se orgulhar disso, o ramo será humilde e se lembrará de estar apenas revelando a glória da árvore, e que, por si mesmo, não cria nada e nem consegue criar beleza, frutas e essa riqueza.

Quando o Bem começa a se desdobrar em nossa experiência, seja a paz, harmonia, saúde ou abundância - o que quer que seja - temos que desenvolver essa profunda humildade que nos permite reconhecer que esta é a manifestação da Glória de Deus, Deus se mostrando como nossa saúde, nossa vida e nosso suprimento; e no reconhecimento disso, nós contemplamos a Graça de Deus, Seu Amor, Onipresença e Onipotência. Ao permanecer nesse estado contemplativo, estamos permitindo à Lei da Vida funcionar em nossa mente, nosso ser, corpo e trabalho. Além disso, o fluxo é normal, porque não é confuso ou interrompido por um ego tentando se gabar, se enfeitar e dar crédito a si mesmo. É tão fácil pensar que podemos nos beneficiar uns dos outros.

Essa é a crença natural do homem natural, do homem-ego. No entanto, um ramo não pode realmente beneficiar outro ramo, porque, o que quer que seja benefício que possa vir para você ou para mim através um do outro, é realmente a própria Vida usando-nos como instrumento. As bênçãos que vêm de qualquer direção em nossa experiência são realmente o próprio Deus fluindo para nós. É verdade, claro, que, como servos do Altíssimo, também servimos uns aos outros, mas servimos apenas como instrumentos de Deus.

A verdade que nos permite servir uns aos outros é saber que eu não tenho nada para dar a você, e você não tem nada de seu próprio para me dar: nós derivamos nosso Bem da mesma Fonte, porque somos Um - uma árvore. Nós somos a manifestação de uma árvore da Vida e, por uma ligação invisível, somos todos ramos dessa única Árvore.

A pessoa que sabe disso está começando a se purificar do ego, porque ela não se vê como a fonte do bem de outra pessoa: ele está pensando apenas em termos de Um, e não de dois. Onde existem dois haverá eventualmente atrito, mesmo quando alguém estiver fazendo o bem temporariamente para outro.

O antídoto para todo atrito é uma compreensão da Unidade. Nós devemos manter uma imagem da Árvore da Vida diante de nós, conscientemente, e devemos nos ver como ramos dessa árvore, cada um crescendo do centro para a circunferência, sem dependência uma da outra, ainda que com uma cooperatividade, porque somos partes de um todo completo.

Na vida mística, uma pessoa vive constantemente e conscientemente no Centro, na realização da Unidade, e apesar de toda tentação para ver a dualidade, oposição ou

competição, ela sorri interiormente, na percepção: "não tenhas medo, sou Eu. Há apenas Um de nós aqui, não dois. Não existe um 'eu' em perigo, não existe um 'eu' em competição, não há um 'eu' e mais um inimigo - isso seria dualidade".

O caminho do místico não é uma luta para superar os inimigos e um esforço para fazer amigos. O místico sabe: "Isto sou eu, Eu sou esta árvore que é tudo que existe. Mesmo se eu estou vendo mil diferentes ramos, é Uma árvore. 'Isto sou Eu; não tenhas medo. Há uma Árvore da Vida, e nós somos todos Um nessa Árvore e desta Árvore".

Por longos meses e às vezes até anos, os místicos são confrontados com tentações externas para acreditar na dualidade, para acreditar que existe um "eu" e um outro. Eles superam tais tentações pela capacidade de olhar ao redor e perceber que, mesmo que pareça haver uma dúzia de pessoas diferentes, na verdade elas são todas uma só Árvore, todas são partes da Árvore da Vida e, portanto, o que for bom para um é bom para os outros. Este é o ensinamento do Mestre: "Ama teu próximo como a ti mesmo ", e é só quando estamos vendo nosso próximo como parte desta Árvore da Vida que estamos amando-o como a nós mesmos: nós o vemos alimentado por dentro, sustentado, fortalecido, curado e ressuscitado de dentro, não precisando de qualquer ajuda externa.

Ao viver esta vida, o místico torna-se uma bênção, sem conscientemente o desejar ou tentar ser. Todos aqueles que entram em sua presença sentem algo emanando de sua consciência. E o que é que eles sentem? Nenhum desejo de fazer o bem: apenas a habilidade de viver no Centro, nessa contemplação da Unidade.

O homem-ego está sempre desejando algo fora daqui; ele está sempre conseguindo algo, fazendo algo, conquistando algo, e isso resulta em turbulência interna e externa, que pode ser sentida. O místico está sempre vivendo no Centro de seu Ser. Independentemente do trabalho que ele realiza, ele não tenta alcançar ou competir, ele não se esforça para conseguir qualquer coisa de alguém: ele está em repouso, e esse descanso é sentido por todos que tocam sua consciência, isto é, todos de uma natureza sensível.

Sempre que a competição, oposição ou atrito de qualquer tipo vier em nossa experiência, retiremo-nos para esse Centro do Ser, e por perceber que não somos dois, mas Um, novamente estabelecemos a ordem da divina harmonia. Contanto que possamos traduzir uma aparência de dualidade na imagem da Árvore da Vida, nós somos a luz do mundo, e uma bênção para ele.

O princípio que uniria as pessoas e asseguraria a harmonia de relacionamentos frutíferos na família, na comunidade e, eventualmente, no estado, nação e em todas as nações do mundo é a União Consciente com Deus.

Quando uma pessoa leva essa relação de Unidade com Deus para seu negócio ou vida profissional, ela cada vez mais atrai para si aqueles que mais representam seu estado de consciência. A chave para uma vida plena, bem como a chave para o sucesso, é a Unidade com Deus. Somente em nossa relação de Unidade com o Pai podemos ter um vínculo permanente em todo e qualquer nível da existência humana - no nível de amizade, no nível conjugal, social e de trabalho. Nós só podemos ser Um através de nossa Unidade com Deus, e nessa unicidade, a alegria flui, uma alegria em todos os níveis.

É somente em Unidade com Deus que os povos de todo o mundo podem se unir na casa de Deus: americanos, ingleses, chineses, japoneses, africanos. Nessa Unidade, somos do mesmo lar: nosso relacionamento com Deus, nossa irmandade no Espírito e nossa comunhão com Deus nos une em comunhão uns com os outros.

Um dia seremos capazes de provar que, quando uma pessoa faz contato com Deus antes da primeira hora dos negócios em sua agenda, ela atrairá para si a união com alguém interessado no modo de vida espiritual, alguém procurando por Deus, alguém que também está buscando alcançar a União Consciente com Deus, e esse interesse em comum será o vínculo que lhes permitirá desfrutar de uma união frutífera em todos os aspectos.

Existem muitos fatores envolvidos numa união, num casamento: companheirismo, paternidade, responsabilidades sociais, comunitárias e acordos financeiros; mas quando há esse relacionamento espiritual, todas as fases do relacionamento vão para seu devido lugar. Sem esse vínculo espiritual, até mesmo o melhor dos casamentos tem pouco ou nenhum valor, sendo apenas um relacionamento humano, às vezes agradável, e muitas vezes muito desagradável.

Não é possível que duas ou mais pessoas vivam juntas em Deus para mentir uma para a outra, enganar ou defraudar uma à outra - isso não é possível. Uma pessoa destruiria sua mente e seu corpo se tentasse viver assim, tentando trazer sua vontade humana, desejos humanos e truques humanos para um modo espiritual de vida, ao contrário do Caminho de Deus ou da Vontade de Deus. Quem tentasse desviar-se da integridade espiritual, em breve seria descoberto e removido. Nenhuma traição ou prática desonesta pode permanecer encoberta. Nada está oculto de Deus. Há então uma única razão pela qual a desonestidade nas relações humanas continua, apenas uma razão: os seres humanos não expõem consciente ou voluntariamente sua conduta à Luz de Deus. Eles

são espertos o suficiente para ficarem longe de Deus, e por um tempo eles podem ter sucesso em sua maldade, mas quando eles se aproximam de Deus, eles acham que eles não podem mais se desviarem da integridade espiritual. Nada "que contamine ... ou faça mentir" pode entrar na consciência daqueles que estão unidos na família e na casa de Deus. Quando entendemos que somos Um com o Pai e que somos o templo de Deus, não fica claro que mais cedo ou mais tarde seremos compelidos a vivermos de acordo com essa estimativa de nós mesmos? A partir do momento em que alcançamos essa visão, não podemos mais violar nossa integridade, nem podemos violar nossos relacionamentos com os outros, especialmente quando percebemos que, como somos o templo de Deus, assim também o são todos os outros.

Reconhecer os outros como o próprio templo de Deus, assim como nós mesmos, é um passo em direção ao cumprimento dos Mandamentos para amar a Deus sobre todas as coisas e nosso próximo como a nós mesmos. A verdade é que, humanamente, ninguém pode fazer isso. Podemos tentar, mas só estamos no caminho quando o primeiro instinto de querer conhecer Deus vem corretamente a nós, um desejo interior de descobrir a natureza do "Meu Reino" e "Minha Paz". Então nosso relacionamento com Deus e com o homem muda: o Amor entra, não o seu amor ou meu: é o Amor de Deus que entrou em qualquer parte de nossa consciência e nos abrimos ao seu fluxo, e esse Amor de Deus se torna o amor por Deus e pelo homem.

Damos provas do nosso amor a Deus por nosso amor pelo próximo. Não há Deus pendurado no espaço - não no espaço desta sala ou acima da sala, e não no espaço acima do solo, ou o espaço acima do céu. O único Deus que existe está encarnado em nossa Alma, e na Alma de cada indivíduo.

A única maneira de amar a Deus é amarmos uns aos outros, mas não apenas aqueles de nosso ambiente imediato. Isso seria tão restritivo que seria mais egoísmo do que amor. E se esse amor que sentimos um pelo outro for amor verdadeiro, nos fará também querer ajudar pessoas que estão em perigo, pessoas de qualquer nação, qualquer cor, ou qualquer credo.

Se esse amor que entrou em nosso coração não nos faz interessar-nos por todos os infelizes do mundo, podemos ter certeza de que não é o Amor de Deus, e nós nos enganamos. Nós amamos uns aos outros só porque nos abrimos a Deus, e assim descobrimos o Deus em mim e o Deus em você, e descobrimos ser o mesmo Deus, a mesma Vida e o mesmo Amor. Apesar de povos deprimidos e desprezados do mundo não conhecerem ainda sua identidade, nós o fazemos; e além disso, sabemos que um dia desses eles despertarão para sua verdadeira identidade, assim como as pessoas, cujas necessidades materiais estão sendo atendidas tão abundantemente que eles nem

sentem necessidade de Deus, algum dia também despertarão para sua identidade espiritual.

Pode haver paz na terra, paz entre nações e raças, paz em nossas comunidades, paz em nossas casas, mas esta paz só vêm em base permanente quando é por causa de alguma medida de realização de nosso relacionamento com Deus. Nós mesmos devemos primeiro alcançar essa realização.

À medida que alcançamos um grau de compreensão de que Deus encarnou Ele mesmo como nosso próprio Ser, que nós somos o templo de Deus e que Deus habita em nós, começamos a atrair para fora do mundo aqueles que estão viajando na mesma direção, aqueles cujo objetivo é habitar na casa de Deus, o templo que não é feito com as mãos.

O vínculo invisível com o qual estamos unidos é a nossa União Consciente com Deus, e por causa de nossa unidade percebida, nós atraímos para nós mesmos todos aqueles com qualquer medida de amor por Deus.

ALÉM DO TEMPO E ESPAÇO

Como seres humanos, vivemos no passado, no presente e no futuro. O passado já foi, e não há mais nada que possamos fazer sobre isso; o futuro não chegou, e não há nada que um ser humano possa fazer, exceto esperar para ver o que o futuro vai fazer com ele.

No caminho espiritual, toda a nossa atitude em relação ao passado e ao futuro muda, porque percebemos que estamos construindo nosso futuro agora. O que quer que preencha nossa consciência neste minuto é a semente que estamos a semear, e determina o tipo de fruta que teremos. Se nós estamos semeando para a carne, colheremos um futuro de corrupção; enquanto que, se semeamos para o Espírito, nós colheremos vida eterna no futuro.

No sentido absoluto, não há futuro: o futuro é apenas uma continuação do presente; é uma extensão do presente no tempo e espaço; e é seguro dizer que nosso futuro será este presente, seja qual for o presente, estendido no tempo e no espaço.

Como a vida é consciência, as sementes que semeamos em nossa consciência, a todo e qualquer momento do dia, determinarão a natureza das culturas que vamos colher nessa extensão do presente, que é chamado o futuro. Não há futuro separado deste minuto: o futuro é só esse minuto se estendendo, e a natureza desse futuro deve ser a natureza deste minuto se estendendo. Assim, se nós permanecermos na Palavra e deixarmos a

Palavra habitar em nós agora, nós colheremos ricamente, espiritualmente, divinamente e harmoniosamente.

O homem está semeando continuamente as sementes de seu próprio futuro. A cada minuto de sua vida ele está construindo o amanhã, e o próximo ano e o ano seguinte, e até mesmo garantindo que haverá estes anos por vir. Construimos nossa vida na consciência, de acordo com a natureza daquilo que ocupa nossos pensamentos. Enquanto vivemos neste minuto, esse minuto se estende e avança no tempo e no espaço, levando consigo a qualidade com que temos imbuído este minuto.

Se, constantemente e conscientemente, estamos percebendo que Deus é Espírito e que Deus é a Lei e, portanto, essa lei é espiritual, e se formos governados pela lei espiritual, isso se torna a lei não só para o momento presente, mas para este momento presente que continua estendendo-se no tempo e no espaço. Tudo o que há no tempo e o espaço é a nossa consciência estendendo-se. Se nossa consciência parasse de funcionar, o tempo e o espaço não existiriam mais para nós.

O tempo não desempenha nenhum papel na ação de Deus. Só existe o Agora no reino espiritual, há apenas este momento, este momento contínuo. É por causa desse momento contínuo que tudo isso que acontece no futuro vai acontecer. Se, no próximo mês, todas as folhas das árvores do parque terão se tornado marrons, amarelas ou vermelhas, é apenas por causa do processo acontecendo na árvore neste minuto. Quando as folhas caem das árvores no outono, é por causa do que teve lugar na árvore antes desse tempo. O que ocorre neste minuto determina as condições que serão daqui a uma hora, um dia ou uma semana, a partir de agora. Deus está funcionando neste minuto, e é por causa deste minuto que algo ocorre quando se torna "este minuto", um minuto a partir de agora.

Qualquer atividade do Espírito que esteja acontecendo agora determina a atividade do universo um segundo a partir de agora. Deus não pode inaugurar uma ação. Deus não pode fazer duas vezes dois igual a quatro agora, e se Ele quisesse fazê-lo, Ele não poderia fazer isso igual a cinco também. O que duas vezes dois são já está determinado desde o início dos tempos.

Deus "é", e a única vez em que Deus é, é Agora. Deus está "sendo" agora, e esse "ser", esse "é", continua, como uma continuidade do agora. É sempre agora no Reino de Deus: nunca é quinze minutos atrás ou quinze minutos a partir de agora.

Estamos vivendo uma vida sem Deus a todo momento que perdemos tempo vivendo no passado. Não há nada que Deus possa fazer sobre o passado, porque Deus não está lá: Deus está aqui e Deus está agora. O lugar onde nós estamos é solo sagrado - Agora. Se

alguma coisa acontecer no que chamamos de futuro, tem que ser como uma continuação da Presença do Deus do Agora. A única maneira de nos colocarmos sob a lei de Deus é desistir do passado e do futuro e nos alinharmos com Deus através da realização da Onipresença, "toda-ação" e "todo-ser", tudo aqui agora.

Isso é viver a vida do lugar-onde-eu-estou-é-terra-santa. Se, a qualquer momento, nossa falta de compreensão disso resultou em estarmos na prisão, no hospital, no pecado, na doença ou na pobreza, então o remédio é começar neste segundo e atualizarmo-nos com Deus, perceber sua Onipresença.

Não sabemos nada sobre o amanhã, nem podemos ter o mais vaga ideia do que acontecerá amanhã. Se pensarmos que sabemos, estaremos limitando nosso amanhã ao que sabemos sobre ontem e hoje; e se fizermos isso, não estaremos nos deixando abertos para uma experiência de Deus.

Deus não opera amanhã. A operação de amanhã de Deus depende da operação de Deus hoje, porque Deus está atuando somente nesta fração de segundo, em cada fração de segundo contínua.

Mesmo Deus não pode tomar um botão de rosa e em poucos minutos transformá-lo em uma rosa completa. Deus funciona agora. Nós, então, sendo uma parte do funcionamento do agora, desenvolvemo-nos de acordo com a natureza de nosso ser, mas não podemos fazer isso sem Deus. Nós não podemos levar Deus a fazer isso ontem, e não podemos fazer com que Deus faça isso amanhã. O amanhã de Deus deve-se unicamente ao Agora de Deus. Agora, Deus é Deus, e Deus é um Deus eterno, funcionando eternamente no Agora, nunca no passado e nunca no futuro. Quando estamos vivendo no futuro, estamos vivendo uma vida sem Deus, assim como se estivéssemos vivendo no passado.

Ao levarmos a vida mística, no entanto, teremos um período de ação de Graças ao retirarmo-nos à noite, agradecendo a Deus pelo modo que Ele administrou esse universo nas últimas vinte e quatro horas, e lhe dando um tapinha nas costas porque o sol e a lua surgiram na hora certa, a chuva chegou na devida estação, pelo raiar do sol, pelo ritmo das marés. Ele merece um crédito por tal precisão e equilíbrio, e com isso como base, podemos olhar e avançar com confiança para o amanhã. Sem dúvida, amanhã Ele vai cuidar de tudo isso também, então esta noite podemos ir dormir e confiar nele.

E quando acordarmos pela manhã, não tentaremos novamente assumir toda a responsabilidade por este universo, mas vamos lembrar, "Deus, você fez tudo certo ontem à noite sem a minha ajuda. Eu acho que confiarei em você hoje".

O místico não fica sentado, preocupando-se com o que vai acontecer ao mundo: o místico contempla a vida e observa os trabalhos de Deus. Se ele quer ver o sol nascer, ele se levanta cedo, e então percebe que ele está assistindo uma atividade do Princípio que governa este universo.

À medida em que nos tornamos observadores e observamos cada hora se desdobrar para ver o que Deus faz com isso, superamos a crença egoísta de que este é o nosso mundo e que somos responsáveis por isso. Nós não tememos o "homem, cuja respiração está em suas narinas", o homem que forjou as armas deste mundo; mas acordamos de manhã com a mesma confiança com a qual fomos dormir à noite, deixando este mundo aos Seus cuidados. E também deixamos o dia sob os cuidados dele, e aprendemos a ficar um pouquinho de lado de nós mesmos, observando como Deus dirige lindamente o universo e como Ele supre antecipadamente cada necessidade. Este é um universo glorioso, quando vemos Deus trabalhando, Deus em ação.

Isso é ser uma testemunha. Uma testemunha não é um participante ativo: uma testemunha é alguém que dá testemunho, quem vê e contempla. Isto é o que nós somos: testemunhas de Deus. No começo, este princípio é difícil de praticar.

Leva tempo para nos acostumarmos a confiar a Deus os nossos dias com o mesmo grau de confiança em que confiamos nossas noites. Alguns de nós não confiariam a Ele nem a noite, a menos que estivessem cansados demais para ficarem acordados! Aqueles de nós que passam boa parte da noite meditando em comunhão não o fazem com o propósito de ajudar a Deus. Nós meditamos porque gostamos de ver Deus em ação, mesmo no meio da noite, e Ele faz tantas coisas milagrosas quanto faz de dia.

"Agora é o dia da salvação". Agora é o único momento, e Agora é o tempo perfeito. Agora Eu Sou. "Amados, agora somos os Filhos de Deus". Quando? Não amanhã, não quando estivermos mortos - Agora! Agora vivemos, nos movemos e temos nosso Ser na Consciência de Cristo.

Toda a vida acontece agora. Enquanto vivermos no nível humano de vida, a lei do "como semeamos, assim colheremos" irá operar em nossa experiência; e isso significa que, como semeamos agora, também colheremos. A natureza da nossa semeadura determina a natureza da nossa colheita, mas o colher no futuro não pode ser mais harmonioso do que a semeadura que fazemos no agora. O fruto espiritual do amanhã é o produto da semeadura espiritual de agora, e se nós não semearmos espiritualmente agora, não haverá frutos espirituais depois. Todo carma pode ser apagado a qualquer momento, porque os resultados do carma podem durar apenas enquanto as sementes do carma estão operando. Assim que uma pessoa sai dessa consciência material, onde ele

semeou materialmente, não há mais colheita material, porque ele não está mais lá: ele "morreu".

No momento em que "morremos" para o passado, renascemos neste Agora, e em nosso renascimento no Espírito, nós não carregamos conosco nada do passado, não mais do que a borboleta traz consigo qualquer coisa da lagarta. Depois que a lagarta teceu seu casulo e teve um longo período de silêncio, separada e à parte do mundo exterior, ela morre, e a borboleta nasce, mas aquela borboleta não tem lembrança de seu estado de lagarta.

Qualquer momento em que tenhamos a percepção consciente da Presença de Deus, nós "morremos" para o nosso materialismo. O nascimento do Cristo aconteceu. Pode acontecer vinte vezes por dia na meditação, e cada vez que isso acontece, alguma parte do passado humano que continuou a intrometer-se é eliminado.

É necessário ter períodos em que vivemos conscientemente, como se estivéssemos olhando diretamente por uma longa linha reta do agora, não vendo nada do passado, não se preocupando com o futuro, e vivendo Agora, em União Consciente com o Pai.

Quando, em nosso silêncio, esta Unidade foi confirmada em nós, Deus está trabalhando conosco, então podemos ir em frente. Se somos chamados a fazer planos para a próxima semana ou para o próximo ano, podemos fazê-los, ou até mesmo por dez anos à frente, se depois da nossa meditação nos for dado algum plano.

Tal planejamento não faz deste um ato do futuro: torna-se um ato do presente estendendo-se para frente. Quando se diz que não fazemos planos para o futuro, isso é verdade em um sentido, mas não em outro. Por exemplo, quando vem uma consciência que deveria haver aulas e palestras em várias partes do mundo, esta ideia está se apresentando para mim no presente, em algum dado momento. Embora isso envolva o futuro, a ideia surgiu no presente, e a execução da mesma pode ser considerada uma continuação do presente, e posso prosseguir com planos de natureza humana que incluam os arranjos necessários. Nesse sentido, planejamos para o futuro, mas esses planos são apenas o produto de Deus trabalhando conosco agora, e nos revelando que deveria haver uma aula aqui ou lá em um determinado momento. Assim que essa convicção chega, nós fazemos todos os planos, mas isso não é planejamento humano: isso é apenas tomar os passos humanos que seguem o plano divino que foi revelado para nós.

Preocupar-se com o passado ou ter um complexo de culpa sobre isso é uma perda de tempo, porque não há Deus no passado, e se Deus não está no passado, podemos também nos remover dele também. Além disso, não há necessidade de uma

preocupação indevida sobre o futuro, exceto na medida em que os planos para o futuro sejam o resultado de ideias que nos são dadas no presente, sobre o que fazer sobre o futuro.

À medida que esse princípio do Agora é compreendido, cada momento da vida se torna vital e importante. Nenhum ontem pode ser importante depois de termos aprendido esta lição. Mesmo que tenhamos alcançado algo grande ontem, não podemos descansar satisfeitos com essa conquista, porque não vamos conseguir nada no futuro, exceto como um produto do que fazemos hoje. É hoje que estamos construindo nosso futuro. O passado é passado, e não há nada que possamos fazer sobre isso. Mas há muita coisa que podemos fazer no presente imediato que governa tudo o que chamamos de futuro.

Uma realização espiritual produz agora uma harmonia que pode se fazer evidente amanhã ou no próximo ano; pode pôr em movimento forças que podem trazer efeitos tangíveis daqui a um ano. A verdade realizada deste instante está preparando o caminho para a nossa próxima encarnação e determinando em que nível será. Se estamos satisfeitos com o que nós alcançamos durante nossos anos aqui, se não estamos preocupados com qualquer coisa além desta vida, ou se estamos convencidos de que vivemos apenas para este período na Terra, não há necessidade de prestar atenção a nada disto.

Se, no entanto, nosso estudo da sabedoria espiritual, nossa meditação e nossa contemplação nos convenceram de que a vida não começou no nascimento e que não vai acabar com o que é chamado de morte, devemos necessariamente estar tão preocupados com a nossa vida daqui a cem anos como estamos com a nossa vida no próximo ano. É por essa razão que temos que chegar conscientemente a uma realização do Agora da vida, porque não podemos moldar sequer o próximo ano, exceto com base no que estamos moldando neste momento de percepção consciente.

A vida é uma experiência contínua; consciência é uma experiência contínua; e o que estamos conscientes agora determina a natureza, estado, e grau de nossa consciência em todos os amanhãs que nós podemos sonhar. Nós nunca vivemos em nenhum outro momento que não seja Agora; nós nunca vivemos senão neste momento. Cada momento de nossa vida tem sido um "neste momento". Nós não podemos viver antes disso e nem podemos viver adiante: devemos viver Agora. Quando percebemos que as profundezas da nossa consciência e as alturas da nossa realização espiritual são a medida da nossa paz enquanto descansamos e dormimos esta noite e a medida de nossa saúde e harmonia amanhã, então é nossa a responsabilidade de viver cada momento na consciência do Agora, e essa consciência do Agora determina todos os "agoras" futuros.

A harmonia deste mês é o produto da profundidade da nossa visão espiritual do ano passado, de nossas horas, dias, semanas e meses de estudo, meditação e preparação. Todos os momentos do ano passado entraram em qualquer grau de harmonia que estamos experimentando este ano. Assim será para a eternidade - não somente ao longo desta vida, mas ao longo de todas as vidas vindouras.

Foi justamente porque o Mestre demonstrou que a vida era eterna e imortal que ele pôde tornar-se visível para seus discípulos após a crucificação. Sua vida após a crucificação foi o produto de todos os momentos de sua vida na Terra. O que quer que ele tenha alcançado na Terra, ele carregou com ele. A grande lição da ressurreição, no que nos diz respeito, é que demonstrou que a vida continua além do tempo.

A questão é: qual é a natureza dessa vida além do túmulo? Para o mundo, este é um problema sério, para o qual ele não tem resposta. Ninguém tem certeza de qual forma a vida terá no próximo plano de experiência, se será vivida nas nuvens, ou se alternará entre o céu e o inferno. Embora o mundo, como um todo, ainda não tenha chegado a nenhum entendimento disso, o misticismo revela que a nossa vida após a transição será o resultado da nossa vida antes da transição, e que toda a consciência espiritual que nós alcançamos na Terra é o grau de consciência espiritual com o qual começaremos nossa nova experiência.

Um graduado do ensino médio com notas A e B não precisa de um adivinho para prever como será sua conquista escolar na faculdade. É muito provável que seja de alta ordem, porque o conhecimento e os hábitos de estudo adquiridos em seus anos de ensino médio servirão como base sobre a qual construir maiores conquistas. Então é assim que o grau atingido de nossa percepção espiritual torna-se o grau que se transmite para nós neste ano, no próximo ano, no ano seguinte, e eventualmente além do ponto de transição.

Podemos aceitar e provar isso somente se pudermos percebê-lo por conta do nosso estudo e meditação dos anos anteriores, se existe para nós, neste momento, um certo grau de consciência realizada. Por conta da nossa vontade de desistir de alguns dos nossos prazeres materiais e lucros para promover o desenvolvimento de nossa Alma - mantendo nosso pensamento em Deus e morando no lugar secreto do Altíssimo - isso já é, ao menos, alguma medida de desenvolvimento de nossa consciência.

E esse desenvolvimento é responsável por qualquer grau de harmonia, paz, felicidade, satisfação e abundância que estejamos agora expressando e desfrutando. Pela Graça de Deus, nos entregamos à obtenção de mais luz espiritual, e agora estamos em um estado de consciência que começa a mostrar alguns frutos espirituais.

E assim sempre será. A saúde, o sucesso e os frutos que virão a nós este ano ou no ano seguinte podem ser medidos pelo grau de nossa atenção para com o nosso desenvolvimento espiritual. Quão tolo seria sentir que tudo o que estamos fazendo é tornar a vida um pouco mais confortável por dez, vinte ou trinta anos, e que tudo isso acaba na sepultura, sob uma lápide. Mas é isso mesmo que trazemos a nós mesmos, se aceitarmos isso em nosso pensamento.

Agora, Agora somos Filhos de Deus, não ontem, nem amanhã, somente Agora! Agora, "Eu e meu Pai somos Um", e esse Agora que estamos vivendo é uma experiência contínua, porque tudo o que somos Agora nós somos infinita e eternamente, e se somos Um com o Pai Agora, e se tudo o que o Pai tem Agora é nosso, só temos que viver neste Agora.

De acordo com o relógio, nós começamos a considerar todo esse assunto de "Agora" há uns dez minutos atrás, mas estamos vivendo dez minutos atrás ou estamos vivendo agora? E não é o Agora deste momento a continuação do Agora de dez minutos atrás? E não estamos nós num nível mais alto de consciência Agora do que estávamos há dez minutos atrás? Viver dez minutos do Agora no Espírito deve trazer uma consciência mais profunda, mais rica, mas, se aquele que vive na consciência não tivesse iniciado no Agora de dez minutos atrás, onde estaria agora, dez minutos depois? Estaríamos de volta no mesmo nível em estávamos há dez minutos atrás, mas nós não estamos. Nós temos mais verdade, mais consciência, mais consciência alerta, e isso só porque começamos com o que nós tínhamos dez minutos atrás, e então nós construímos sobre isso.

O que nós construímos? Agora! Agora! A lembrança consciente do que somos Agora, de quem somos Agora, a lembrança consciente da natureza da vida e da lei e do Espírito Agora.

É essa percepção da natureza da consciência, a realização de que a consciência só conhece o Agora que nos ajuda em todas as áreas da nossa vida. Quando olhamos para as árvores no parque ou em nosso jardim, podemos ver que elas estão vivendo Agora. Eles não podem viver ontem, e se houver um amanhã para elas, tem que haver como continuação do Agora. Não haverá amanhã para aquelas árvores, a menos que isso seja continuar o Agora. Portanto, não há vida após qualquer coisa ou para qualquer um que não seja uma continuação do Agora.

Pois estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem principados, nem poderes, nem coisas presentes, nem coisas futuras, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura, será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus Nosso Senhor.

Nem a vida nem a morte podem nos separar da consciência de viver Agora, e este é o único momento em que devemos querer viver. Agora é uma experiência contínua além dos limites da carne. A vida está se expressando Agora. Isso tira as palavras "eu", "você", "ele" e "ela", e nos permite sair da finitude e mortalidade para o infinito e a eternidade. Quando usamos esses pronomes pessoais, seja conscientemente, inconscientemente ou subconscientemente, o pensamento remonta ao espaço entre o berço e a sepultura, para os dias de nascimento e dias de morte. Estamos ligados a essa aparência - aparência finita - mas se vivemos na percepção de que, assim como a Consciência está se expressando, a Vida está expressando e vivendo a si mesma, nós vamos além da forma finita e estamos no Infinito e na Eternidade.

Enquanto estivermos pensando em nossa vida, nosso corpo e nossos assuntos, como modificá-los ou melhorá-los, estamos entre parênteses, em finitude e limitação. Mas no momento em que podemos ver todo o círculo, não estamos limitando a Vida aos parênteses. Nós testemunhamos no ponto deste parêntese em particular, mas pelo menos nós estamos testemunhando a Vida que não tem começo e não terá fim, e assim estamos apagando os parênteses.

Nenhuma verdade espiritual se aplica à vida como é vivida nos parênteses, então temos que ir além dos parênteses e perceber que a Consciência está agora se revelando como forma. Se pensarmos na forma como sendo a Vida, no entanto, aí estamos no parêntese, mas se vemos a forma como a Vida expressando a Si Mesma, ela deve continuar indefinidamente, mesmo que tenha que criar novas forma a cada hora.

Se você e eu acreditamos que estamos expressando amor, estamos mantendo nós mesmos dentro dos parênteses. Se, por outro lado, vemos que O Amor está se expressando, a Vida está se manifestando e se formando, e a Consciência está se desdobrando e revelando-se de forma infinita, somos tirados do parêntese e movidos para a eternidade. A eternidade nunca acaba. A eternidade não tem passado; a eternidade não tem futuro; a eternidade é um contínuo Agora.

Através da meditação, podemos voltar a essa Eternidade, porque na meditação estamos nos abrindo para o infinito, esperando ele expressar-se, observando a Consciência aparecer como forma, seja qual for a forma no momento. Quando estamos em meditação, nós estamos dentro do parêntese; mas chegando lá fora, alcançando o caminho de volta à Consciência para que haja mais Consciência, mais Vida, Amor e Verdade em expressão no que parece ser o parêntese, estamos rapidamente rompendo os limites dos parênteses. Estamos assentados no que parece ser finitude, voltando-nos para o infinito e para a eternidade, pois a eternidade está sempre funcionando Agora, é

sempre no Agora que estamos voltando para a Eternidade, e isso se faz por uma continuidade desse Agora.

À medida que ganhamos o verdadeiro conceito do que o Agora significa e como vivemos nesse Agora, então, de repente, acordamos para perceber que o que nós temos tentado fazer é viver três vidas ao mesmo tempo - passado, presente, e futuro. Temos pensado no bem do passado e pensando em ficar melhor no presente e no futuro. Tudo isso ficou provado ser apenas uma maneira de nos separarmos de Deus. Mas Agora é o único momento em que somos Filhos de Deus; Agora é o único tempo em que o Eu está conosco, e este Eu nunca nos deixará, nem nos abandonará. Eu sou o Pão da Vida *Agora*. Tudo volta para o Agora, vivendo no agora, e não tentando abraçar-nos aos farrapos que vestimos ontem. Se pudermos desistir de nossos ontens e de nossos amanhãs por uma experiência espiritual que podemos ter em meditação agora, e depois continuar vivendo na percepção de que a Graça de Deus está operando agora, nos tornamos o fermento, até que toda a consciência humana comece um processo de ser tirada do parêntese.

DEUS FEZ ESTE MUNDO PARA HOMENS E MULHERES

O homem é um prisioneiro de sua mente. Ele está trancado dentro de sua mente assim como um pequeno pinto está trancado dentro do ovo. Se pudesse ver ao redor da casca, veria apenas escuridão. Pode até ter uma sensação de fome e não encontrar comida lá, e certamente, acima de tudo, nenhuma companhia. Nessa concha solitária e firmemente trancada, o pintinho deve se perguntar o que tem para viver. Não há nada para ser feliz, mas por outro lado, também não há nada para ser infeliz: nunca conheceu o mundo, por isso não sabe o que lhe falta. Tudo o que ele sabe é o que está experimentando trancado dentro da casca, e ainda nem sabe que está trancado dentro de sua casca.

No que diz respeito ao pinto, ele pode ficar lá para sempre, vivendo nessa escuridão. Pode até encontrar comida suficiente na casca para mantê-lo vivo. Não estaria realmente vivo: seria existir, e por si só, nada poderia fazer a respeito. Lá está, e parece como se condenado a estar. Mas felizmente para esses filhotes, existe algo além de si, há algo que causa um pinto a bicar a casca, e continuar bicando e bicando nela, até que ele quebra um buraco e vê alguma luz.

Imagine o que se passa na mente de um pinto quando ele começa a ver um raio de luz de fora, e percebe que há algo lá fora que nunca viu, algo que não sentiu, algum lugar que ainda não foi. Ele continua bicando e bicando. Nada sabe sobre um mundo exterior, não tem vontade de sair; e provavelmente, deixado por si, ficaria satisfeito com o conforto

da casca em que está envolvido; mas há algo que eventualmente obriga o filhote a abrir a casca e a sair, e encontrar um grande mundo para procurar comida e outros filhotes para brincar.

Nas primeiras seis horas em que o pinto está fora da casca, ele encontrará coisas mais novas e interessantes do que uma criança ao pé de uma Árvore de Natal. Agora não está mais restrito, não mais limitado, e é capaz de olhar para o mundo e ver, ouvir, sentir e experimentar inúmeras coisas em um grande mundo novo.

Não é a força da natureza que empurra o filhote para fora de sua casca a mesma força que instiga e empurra o feto para a frente e fora do ventre de sua mãe? Também ele não sabe nada do grande mundo lá fora, e tudo o que deriva do momento do nascimento é adquirido a partir dos seus pais, professores, meio ambiente e experiência. O conhecimento dessas fontes vêm através de mentes condicionadas e entram em uma mente condicionada por esses fatores. Tudo o que a maioria das pessoas sabe sobre o que está acontecendo neste mundo é conhecido através das limitações de uma mente condicionada. Eles estão vivendo uma vida restrita e limitada: eles não conhecem as possibilidades ilimitadas de seu próprio ser. Eles estão vivendo em uma concha que chamamos de crânio, pensando apenas seus próprios pensamentos, acreditando apenas em seus próprios conceitos, e aceitando suas próprias limitações.

É um mundo estupidificante de se viver, esse mundo da mente, porque essa mente não conhece nada além de suas próprias limitações. Não sabe nada, exceto o que tem experimentado, ou o que alguém com um provável conceito muito limitado do mundo lhe falou; e assim, aceita todo tipo de crença que lhe é dada, toda lei de limitação, estabelecendo-se, finalmente, em um pequeno pedaço de terra, por trinta, por sessenta anos, e chamando-o de lar, e considerando-se sortudo mesmo por ter tanto assim.

A maioria das pessoas está em uma rotina: elas comem, bebem e dormem; elas têm famílias; elas estão vivendo uma vida de limitação, trancadas em suas mentes. Em alguns, algo se agita dentro da mente e os faz divagar: existe algo além disso que eu conheço? Existe algo além disso que estou vendo com meus olhos ou ouvindo com meus ouvidos, ou pensando com a minha mente?

Vamos tirar as traves dos nossos olhos e realmente começar a ver as árvores, plantas e outras formas de vida neste planeta, imaginando a vastidão do oceano que se estende até o horizonte, olhando para algumas das montanhas imponentes deste mundo, e ver o mundo além das montanhas, além dos mares, e assistir a lua brilhar no oceano com sua sensível beleza, iluminando as montanhas, mostrando-nos algo da vastidão do Infinito; observar os milhões de estrelas no céu, cada uma um mundo, cada uma contando sua própria história da luz, do fogo, da razão de estar onde está e daquilo que fez com que ali

estivesse. Por que elas estão lá? O que elas estão fazendo ali? Para que finalidade elas servem?

Suponha que não houvesse homens ou mulheres na terra... Que propósito teria tudo isso? Para que propósito haveria um sol? E uma lua, e estrelas, aquelas gigantescas árvores de todos os tipos, plantas, flores, legumes, frutas, diamantes no chão e peixes no mar... E se não houvesse homens e mulheres, se não houvesse o que conhecemos como a vida humana na terra, que, na verdade, não é a vida humana, mas divina?

Uma vez que começamos a bicar o nosso caminho através da casca da mente humana e olhar para fora, descobrimos que toda essa glória que lá está para você e para mim. Deus criou um universo ilimitado, não apenas para as aves voarem no céu, para os peixes nadarem na água, mas para o homem, que deve viajar, possuir e se divertir - não ser o dono no sentido de ter um título de um pequeno pedaço de terra, mas possuí-lo no sentido de ser uma parte de sua beleza e magnificência. Se pensarmos em termos de uma propriedade, ainda que seja um latifúndio, devemos ver o quão pequeno isso é em comparação com a vastidão do mundo. Mas quando podemos olhar para baixo no panorama que se estende diante de nós e perceber que Deus fez tudo isso para o nosso prazer, a maravilha deste universo surge através de nós.

Ninguém pode comprar um oceano, e ninguém pode comprar um pedaço de terra grande o suficiente para sentir que ele possui muito desta terra. Se ao menos levantássemos as restrições impostas a nós pela mente, em vez de vermos nossas próprias limitações feitas pelo homem, limitações feitas pela mente, e saíssemos desse crânio de ferro para viver, não existiria razão para circunscrever nossas vidas a comer três refeições por dia, ter um lugar para dormir, ou uma família para desfrutar; começaríamos a ver que um universo tal como temos aqui deve ter sido criado por nada menos que do que o que chamamos de Deus.

Criar um universo como este deve ter tomado a sabedoria de uma Inteligência Infinita, de um Amor Divino - um grande amor - mas um amor por quê ou quem? Só pode ter sido um amor por nós, se tudo isso nos foi dado para desfrutar - não para possuir - mas desfrutar, ser grato que existe um Deus, um Algo, um Espírito que criou este grande universo e depois nos colocou nele.

Se nos comprimimos dentro do crânio, não temos mais visão do que o filhote que está dentro de sua casca. Esse é o limite do seu mundo, e esse crânio será o limite do nosso mundo, se permitirmos que a multidão de pequenos pensamentos que se acumulam sobre nós, o quatinho, a pequena cidade ou a grande cidade onde vivemos fechem a grandiosidade em torno de nós. Se deixarmos essas "raposinhas ... estragarem as vinhas", não conseguiremos abrir nossas mentes para uma consciência das qualidades

divinas que existem em todo o mundo, as qualidades que existem como o amor dos homens e mulheres, não só o amor da família, mas o amor que é o cimento da relações em escala mundial, em uma escala pessoal e também em escala impessoal. É um amor que não se limita às poucas pessoas que estão ao nosso redor: é uma partilha do amor com pessoas em todo o mundo.

Como podemos estar cientes das pessoas deste mundo? Só há um caminho: temos que bicar aquela casca e abri-la. Nós temos que romper as limitações dessa mente que tenta nos dizer que existem apenas as pessoas e o território ao nosso redor. Nós temos que abrir nossa visão, até que tenhamos consciência do sol, da lua e das estrelas, dos oceanos e montanhas e, em seguida, antes mesmo de conhecê-las, conforme nossa visão se torna mais ampla mais e mais, descobrimos que existem terras e países de além-mar cheios de pessoas. Nós podemos não tê-las visto com nossos olhos, mas quando nós paramos com esse pensamento limitado, baseado apenas no que nós sabemos, nós nos abrimos para o que Deus sabe, o Deus que nos colocou aqui e que colocou tudo isso aqui para nós; e o Deus dentro de nós revela que há algo além de nosso ambiente imediato: há pessoas além, há alegrias, glórias e experiências além desta presente.

Não é necessário viajar pelo mundo para experimentar essa expansão da consciência. Uma vez que abrimos nossa consciência para o tremendo universo sobre nós, ele começa a chegar até nós. Vem em livros, em visitantes, em novas experiências; e vem em revelações interiores. Nós nunca precisaríamos deixar nosso próprio ambiente, e ainda assim todo esse universo poderia ser trazido para a nossa porta. De qualquer forma, podemos desfrutar da arte, literatura, ciências, invenções e descobertas, bem como das pessoas, porque há sempre pessoas que viajam de país para país, de modo que a alegria de conhecê-los seria nossa, mas somente se tivermos quebrado as limitações da mente, de modo a não estarmos ancorados a este sentido finito que nos diz que somos restritos ao quarto em que estamos sentados (de fato, com o avanço da internet, esse quarto em que "estamos sentados" ficou aparentemente muito maior, mas, na verdade, "ainda é um quarto onde estamos sentados" - nota do tradutor - G. S.).

Se pudesse pensar conscientemente, o pintinho chamaria a casca que vive de seu mundo, mas, quando sai para fora, vai um passo além, perambula por aí em seu celeiro, e, inconscientemente, acha que esse novo ambiente é o seu mundo. Isso pode ser para sempre o limite do mundo do pintinho, mas para nós não é. Nós nunca estamos confinados no tempo e espaço, porque não estamos presos no crânio: nem sequer estamos trancados em nosso corpo. Há algo que age como uma força para nos levar a olhar para fora, a olhar para cima, a olhar em volta. Nós não o faríamos, mas algo dentro de nós está cutucando, empurrando e nos obrigando a olhar em volta, até nos tornarmos

conscientes dessa imensidão ao redor de nós, da beleza, harmonia, alegria e companheirismo, do passado, do presente e do futuro.

Simultaneamente com esta consciência aumentada, vem a introspecção, trazendo questões de pesquisa da alma: por que estou na Terra? Eu estou realmente vivendo, ou estou apenas existindo de um dia para o outro? É minha vida apenas uma ciranda de ir de casa para o escritório, ou de casa para o mercado? Minha vida consiste em ir de uma refeição para outra, de uma noite de sono para a próxima? Estou realmente vivendo? Eu sou uma parte deste mundo? Este mundo foi destinado a mim? Eu nasci para viver em um pequeno canto do mundo, ou este mundo foi criado e me foi dado? Não é minha a terra? Não são meus os céus? Somos menos que Abraão? E Deus não lhe disse: "por toda esta terra que vês, a ti darei, e a tua descendência, para sempre"?

Quanto mais subimos em um avião, mais vemos; e quanto mais alto nos elevamos na consciência, mais ampla e vasta será a nossa visão. Em breve perceberemos que não estamos aqui. Nós não estamos aqui mesmo, neste pedaço limitado de terra. Nós quebramos as limitações do crânio; nós não estamos mais amarrados dentro de um crânio de osso; nós não estamos nem mesmo limitados a este corpo: somos "Eu".

Agora, quando olhamos para cima e vemos dez mil milhas quadradas de céu, dez mil milhas quadradas de oceano, e as pessoas de todas as nações, de cada qualidade e quantidade, de repente descobrimos que somos "Eu". Estamos fora da casca, fora do crânio, no topo de uma montanha, e ouvimos: "tudo o que você pode ver é seu". O que podemos ver? Não com os nossos olhos! Tudo o que podemos apreender, tudo o que podemos compreender, discernir. Qualquer coisa que possamos entrever e pressentir é nossa!

Este mundo foi criado para nós. A terra inteira, os tempos e as marés são nossas. Somos herdeiros deste universo, co-herdeiros. Nós não queremos direitos sobre isso, não mais do que queremos direitos sobre uma pintura de dois milhões de dólares. Nos é suficiente nos ser dado o privilégio de entrarmos em um museu de arte, enchendo nossas almas, nossos olhos e nossas mentes com sua beleza, e então, na quietude de nossas casas, reviver a maravilha dessa pintura. Nosso prazer pode ser muito maior do que o do homem que pagou seus dois milhões de dólares por isso, pois ele pode ser ciente demais de seu valor em dólar e de seu senso de posse. Nesse sentido de posse, ele está trancado em sua carteira, confinado em um bolso - mesmo que seja grande - e esse é um lugar escuro para ser trancado, uma forte prisão.

Mas a liberdade vem, quando isso que está dentro de nós nos obriga a irmos mais e mais alto na visão, deixando pouco a pouco o crânio, e cada vez mais percebendo a natureza de nossa verdadeira identidade como Eu, a descendência de Deus, o herdeiro de Deus,

herdeiro conjunto! Não há limitações então à nossa herança, nem limitações à nossa visão, nem limitações para o que podemos possuir. Toda a terra é nossa, e o sol, a lua e as estrelas. E poderíamos ter mais, se tivéssemos direitos legais sobre eles? Nós ainda teríamos que deixá-los onde eles estão, para todos os que não tivessem direitos desfrutarem.

Isso que empurra o pinto para fora da casca, isso está nos expulsando da casca, fora deste crânio limitado, obrigando-nos a empurrar o crânio, afastar os ossos, para que possamos ser livres e ser o que somos. Quando fazemos isso, percebemos que, onde quer que olhemos, estamos entre irmãos e irmãs, onde quer que olhemos, estamos vendo nossa mãe, nosso pai ou nossos filhos - em qualquer lugar, e por toda a parte. Até os pássaros, os cães e os gatos vêm correndo para mostrar que eles sentem que foram reconhecidos como irmãos, e eles também reconhecem o irmão, assim como eles são reconhecidos. A visão através da qual nós vemos é a visão que nos é devolvida.

Não há limitação, e agora sabemos que não há nem mesmo a limitação do tempo. Nós não estamos limitados apenas ao século em que nós vivemos. Isso é também outro exemplo de como ser trancado naqueles ossos do crânio, acreditar que a nossa vida está sendo vivida somente neste século XX. Essa é uma parte tão pequena da nossa vida. Nossa vida realmente abrange todo o passado e o presente, e todo o futuro que podemos subir alto o suficiente para imaginar. Se ao menos nós subirmos alto o suficiente em nossa visão espiritual, poderemos conhecer todo esse mundo para as gerações vindouras. Está tudo aqui para ser visto; está tudo aqui para ser experimentado.

Nada de novo será criado amanhã, nem uma só coisa; tudo o que era, é agora; e tudo o que será, é agora; mas temos que subir para o topo da visão para contemplá-lo, e chegamos ao topo da montanha quando quebramos todas as limitações e sabemos que: "Eu sou Eu, o Filho de Deus, herdeiro de Deus, herdeiro de todas as riquezas celestiais". Então saímos pela rua, junto ao mar, subimos a montanha, ou voamos pelo ar, sem senso de posse pessoal, apenas uma sensação de prazer por tudo o que existe, por tudo o que é livre.

Nos primeiros anos do meu trabalho, um empresário muito próspero e bem sucedido veio a mim por ajuda. Ele era um homem extremamente ocupado, e alegou que ele não tinha tempo ou dinheiro para qualquer tipo de relaxamento ou recreação. Manhã, tarde e noite foram gastos tomando conta de suas posses. Como ele estudou comigo, eu disse a ele:

"Vamos tirar este fim de semana".

"Oh não, eu não posso fazer isso. Não, eu tenho que cuidar do meu negócio."

"Oh, vamos, vamos nos divertir por algumas horas!"

"Não, não; eu tenho compromissos."

"O que você vai fazer com todo esse dinheiro? Afinal, no ritmo que você vai, você provavelmente vai cair morto antes de você começar umas férias para gastá-lo".

Assim foi que veio a partir do Espírito:

"Vamos dar uma olhada por aqui e ver se não conseguimos encontrar algumas coisas para aproveitar, isso não custa dinheiro. Vamos para o Central Park, ficar ao redor dos lagos, e observe as crianças com seus pequenos barcos, e os pássaros no santuário de pássaros".

Então fomos ao Central Park; de outra vez, nós nos bronzeamos num jardim de cobertura; e ainda outra vez assistimos a um concerto. Isso foi não muito antes de ele começar a dizer:

"Você sabe, as melhores coisas da vida realmente são livres" (ele quis dizer "free" também no sentido de coisas gratuitas, mas na continuação do texto, vemos que o autor refere-se a serem livres mesmo - nota do trad. G. S.).

E elas são, se nós pudermos nos libertar. O mundo é livre, mas nós não somos livres. É porque não somos livres que amarramos tudo com uma etiqueta de preço. Originalmente, as coisas mais valiosas da vida nunca tiveram etiquetas de preço nelas: somos nós que as colocamos. Deus nunca coloca um preço no tempo, espaço ou lugar. Deus nunca colocou um preço em montanhas, lagos ou oceanos, e é só quando estamos trancados nesse crânio que estamos atados pelas limitações que a mente humana colocou em tais coisas.

Saia, rompa as limitações de sua mente e não acredite nos sinais que você vê. Trabalhe mais consigo mesmo, perceba quem você é. Não há experiência mais gratificante do que tirar um dia folga para andar onde você pode ver montanhas, lagos, ou o mar, e se você não mora onde eles estão, você sempre pode olhar para o sol, lua e estrelas, as flores e árvores. Tudo isso foi feito para a elevação de nossa alma, para o cumprimento de nossas vidas. Tudo nos foi dado para que pudéssemos ter beleza em nossas vidas, não do tipo que devemos pagar, mas a beleza que já está presente em virtude do fato de Deus ter feito tudo isso antes de fazer o homem, e então Ele fez o homem para desfrutar de tudo. Deus colocou comida no chão e árvores na terra; Ele formou as montanhas, os lagos, os mares, os rios e córregos, e Ele fez isso por nós; mas somos nós que atribuímos beleza e valor a essas coisas. Tudo neste universo é traduzido em seu verdadeiro valor pela nossa consciência interior.

Homens e mulheres são prisioneiros de suas mentes e vêem apenas as limitações de seu próprio pensamento, até que eles começam a romper suas próprias barreiras para

olhar para este mundo afora, e na observação da grandeza do universo, então percebem: "Está tudo aqui para mim. Veja o que Deus fez por mim, para me dar este universo para viver, e toda esta beleza para desfrutar".

Os pais trabalham uma vida inteira acumulando bens para que eles possam ter a alegria de deixar um legado abastado para seus filhos. Quão muito maior é o Amor de Deus, Ele, que armazenou os segredos da matemática, ciência, arte, literatura, música e toda a grande sabedoria do mundo para nós, seus filhos e filhas! Por que então nós saímos por aí lamentando nosso destino, temendo um evento ou condição insignificante, sempre, no fundo, com o grande medo da morte à espreita, como se a morte pudesse fazer alguma diferença em nosso relacionamento com Deus? Nem a vida nem a morte podem nos separar do Amor de Deus; nem a vida nem a morte podem tirar de nós aquilo que Deus tem armazenado para nós - e Deus armazenou todo este universo.

Não é pecado acreditar que Deus o armazenou para alguma pessoa particular, família, país ou raça? Não teríamos que estar trancados dentro dos limites de uma caveira para acreditar que o que Deus fez é para uma pessoa ou grupo de pessoas? Não é para alguma pessoa especial ou grupo: é para todos os capazes de aceitá-lo, os que podem romper essa limitação e perceber: "Eu sou Eu, Eu sou a descendência de Deus; Eu não chamo nenhum homem na terra meu Pai. Há apenas um Pai, Aquele que me criou à sua própria imagem e semelhança e me fez herdeiro de toda a sua criação".

Se continuarmos vivendo dentro dos limites de nossa mente, seremos como o pinto na casca, e nunca seremos capazes de abrangermos a herança ilimitada que foi dada a Abraão: "olha, olha para fora! Tanto quanto seus olhos podem ver, Eu estou dando a você". Até onde nossos olhos podem ver, não nossos olhos físicos, mas os olhos que olham para além do topo da montanha de visão espiritual? Quão alto podemos subir em consciência para percebemos que não somos outro tipo de pinto em uma casca, nem um homem trancado em um crânio? Vamos abrir essa casca, parar de pensar em termos de personalidades finitas, vamos sair e perceber: "eu sou Eu".

Quando estamos na visão do alto do monte, podemos olhar para baixo e ver na mente, ver as pequenas coisas mesquinhas que nos impelem a fazer as coisas que fazemos - as coisas limitantes, o mal, o egoísmo e a inveja. Nós vemos esses lugares escuros em nossa mente e desejamos ansiosamente: "oh, se eu pudesse apenas abrir a casca, sair e perceber que eu sou "Eu" e que não há razão para eu agir assim, não há razão para fazer isso, porque eu sou um herdeiro de Deus". Então, quando nós crescemos o suficiente para além do nosso pequeno "eu", podemos olhar e não ter ciúme do sucesso de outra pessoa, mas alegrarmo-nos de que outra alma se abriu para a visão de sua verdadeira identidade e entrou em sua herança.

Somente das alturas espirituais podemos ver que a terra não é matéria e que não pode ser dividida em lotes de construção. Não faz nenhuma diferença se estamos numa pequena ilha ou num grande continente, nós estamos sujeitos à limitação enquanto vivermos nesse osso craniano chamado "eu". Há pessoas que são gloriosamente livres, pessoas que nunca viajaram para além da sua pequena comunidade, mas através da sua visão elas trouxeram a riqueza do mundo e as pessoas do mundo para elas.

Nós não vivemos no tempo ou no espaço: vivemos na Consciência. Nós podemos viver tão grandemente quanto a nossa consciência pode ser, ou tão pequenos quanto o que pode ser comprimido entre os ossos do crânio, como se tudo o que está lá tomando lugar fosse o mundo. Quanto menos tempo passamos em nosso limitado sentido da mente, melhor estaremos.

Quando entramos em meditação, não estamos vivendo na mente com nossos pensamentos: estamos vivendo em uma receptividade ao Infinito. É por isso que, em meditação, nós não pensamos nossos próprios pensamentos; é por isso que não nos restringimos ao que sabemos; nós não declaramos o que pensamos, acreditamos ou o que é o nosso conceito. Quando nos voltamos para dentro, em meditação, é para percebermos que o Reino de Deus, o Reino de todo este universo, está dentro. Então nosso peito se expande para incluir todo o universo de Deus, e agora podemos olhar para esse silêncio e escuridão e termos a experiência de toda a Sua Sabedoria vindo a nós, todo Seu Amor, toda a Sua Vida, toda a Sua companhia fluindo, porque agora nossa Consciência é tão grande quanto o universo: está abarcando o universo inteiro dentro dela.

Se pensarmos em termos de nossa educação ou a falta dela, estaremos obrigatoriamente em finitude, porque ninguém pode acumular conhecimento de livros suficiente para que seja igual a um grão da sabedoria de Deus. Deus fez esta obra para homens e mulheres. Temos que ir além de tudo que sabemos ou pensamos que sabemos, tudo o que aprendemos ou pensamos que aprendemos. Temos de ir para além disso, para o infinito Desconhecido, e até chegarmos ao infinito Desconhecido, não temos o ilimitado Reino de Deus.

A Sabedoria de Deus pode revelar-se a qualquer indivíduo no mundo hoje, assim como fez para os antigos, a quem as leis de matemática e engenharia foram reveladas pela primeira vez, as leis que tornaram possíveis as pirâmides, os grandes templos e as estradas de César que ainda são usadas na Itália e na Inglaterra, estradas que estão lá há milhares de anos.

As maravilhas arquitetônicas inigualáveis de um mundo antigo que ainda permanecem como maravilhas hoje eram possíveis para os homens, porque eles tinham acesso à

sabedoria por trás da sabedoria do homem. A única maneira de realizarem essas coisas milagrosas era voltando-se ao infinito Desconhecido na consciência, e deixar ele declarar-se a si mesmo. Assim como a melhor música, arte, literatura e ciência deve vir através do contato com a Fonte, então os segredos do universo que estão sendo desbloqueados para nós hoje devem ser aproveitados através do contato com essa mesma Fonte.

Por que essas grandes coisas estão sendo reveladas para nós hoje? Não estão elas sendo reveladas porque o homem é um herdeiro de Deus e tem o direito a tudo o que o Pai tem - toda a alegria, toda a abundância, todo o infinito, toda a vida, todo o amor e toda a sabedoria? o Homem tem direito a cada pedacinho disso, e está sendo revelado a ele para seu uso, sua alegria, sua beleza, para que sua vida seja de Graça e Paz. Quando isso é entendido, podemos então dar o próximo passo e perceber: "Eu sou aquele homem; Eu sou aquele para quem tudo isso foi criado".

Para cada um de nós virá o que quer que se cumpra para sua natureza. Para mim, os princípios da matemática e da ciência não virão, porque não preencheriam minha natureza particular. Para mim vêm os segredos do universo espiritual e da alma dos homens que viveram em todas as eras, porque isso me satisfaz. Nisso, eu encontro minha alegria e minha companhia; nisso, eu posso comungar. Mas há outros a quem virão a matemática, a química, as artes e as ciências, porque esses sentimentos cumprem sua natureza.

Deus é infinito e somos infinitos em Ser. Existe uma infinidade da natureza na Terra, e cada um de nós tem alguma parte dessa natureza com a qual devemos ser preenchidos. Está tudo aqui para nós, e nós somos tão grandes aos olhos de Deus que Ele armazenou tudo para nós, para que possamos conhecer o Bem infinito e ilimitado.

*"Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;
Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?*

Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés".

Salmos 8:3-6

A maior coisa na terra são homens e mulheres. Neles encontramos plenitude; neles encontramos a Alma de Deus, cheia de vida, cheia de amor, cheia de alegria, cheia de paz. Nós podemos apreciar a magnificência deste universo, suas montanhas, lagos, oceanos, estrelas, sol e lua; nós podemos desfrutar de boa comida, casas confortáveis e recreação saudável, mas nenhuma dessas coisas constitui a nossa verdadeira alegria.

Conhecemos a verdadeira alegria somente em homens e mulheres, porque neles encontramos o Todo de Deus revelado. O Todo de Deus está armazenado em nós, e todo esse mundo é realmente um instrumento, um jardim de alegria, um lugar de inspiração feita para a nossa realização.

"RESTA UM DESCANSO"

Os antigos aprenderam que deveria haver um dia de sábado (Sabbath) cada semana, um dia dedicado a adorar a Deus e a viver em Sua palavra. Para ser imerso no Espírito, esse sábado deveria ser mantido totalmente livre de todas as preocupações e afazeres mundanos.

O significado místico do sábado é um descanso do poder. Todos nós, ao longo do ano e durante toda a nossa vida, recorremos a poderes e forças mentais e materiais, e o período em que descansamos do uso dessas forças, experimentando a Presença Espiritual, é, na realidade, o único sábado que existe.

Idealmente, deve haver pelo menos um dia inteiro da semana reservado para tal descanso, mas por causa de deveres familiares e responsabilidades profissionais, muitas vezes isso é quase impossível. No entanto, todos podem ter um sábado durante o dia ou a noite, mesmo que seja apenas por períodos de dez, quinze ou vinte minutos. Então, quando um dia ocasional vem completamente livre, há a oportunidade de viver com a Bíblia e outros escritos espirituais, vivendo em meditação, e assim experimentando um dia completo e pleno de renovação espiritual.

Um sábado só é um sábado verdadeiro se não permitirmos a entrada do mundo humano nesse período. Nós devemos ter um único propósito: buscar a realização de Sua Presença, Seu Poder e Sua Graça. Quando emergimos desses períodos, geralmente descobrimos que "coisas" são adicionadas a nós: seja qual for o conhecimento que precisamos para conduzir nossos negócios, qualquer força física ou apoio moral.

No "Caminho Infinito", nenhuma provisão é feita para um sábado específico, períodos como qualquer dia da semana ou qualquer hora do dia, nem para casas de repouso, igrejas, mosteiros ou retiros. À luz da revelação espiritual, o sábado não é tanto um dia específico da semana, mas é um estado específico de consciência. Qualquer dia da semana - sábado, domingo, segunda-feira - qualquer dia pode ser um sábado. Esta hora pode ser o nosso sábado espiritual, e de novo amanhã de manhã, às seis horas, se entendermos que o sábado significa um período de descanso de nossos esforços físicos, recursos materiais, fé humana e, mais especialmente, um descanso do poder temporal.

O verdadeiro sábado é um descanso de qualquer poder que conhecemos ou podemos entender, e nesse período de descanso algo toma posse de nós e nos renova. Não há indicação em nenhum lugar nas Escrituras que nesse sábado devemos sacrificar nossa capacidade de pensar, nossos pensamentos ou nossas ações. Não é dito que não devemos pensar pensamentos, só que não devemos "tomar pensamentos" para o que devemos comer, ou o que devemos beber, ou com o que nos vestiremos: o ponto é que deveria haver apenas renovação espiritual.

De fato, até mesmo jejuar por um período faz do nosso sábado específico um período de renovação. Os mais sagrado sábados são os dias do jejum: jejum dos prazeres dos sentidos, mesmo jejum das necessidades como comer e dormir, e daquelas coisas sobre as quais normalmente depositamos confiança. "Dentro, silêncio e confiança serão suas forças"- em silêncio e na confiança está a fonte de força, a quietude e a confiança são o período de renovação espiritual, porque são uma negação dos sentidos.

Jesus não ensinou que não devemos comer pão: ele disse que nem só de pão deve viver o homem. Jesus não negou a ninguém comer carne: ele disse: "Eu tenho carne para comer de que não conheceis." Ele não negou a ninguém a participação de pão, água ou vinho, ele disse: "Eu sou o pão da vida".

Aqueles no caminho místico não negam o corpo humano: eles trazem alívio e refrigério a ele. Eles trazem uma comida para o corpo que não é um alimento material, mas um alimento espiritual que produz energia. Esse alimento espiritual é obtido através do jejum da comida material e atividade física, até mesmo de comida mental e de atividade mental, período em que a Presença Transcendental permeia e renova mente e corpo para que uma pessoa se encontre com maiores capacidades mentais e maiores capacidades físicas do que ele tinha até agora conhecido.

No Caminho Infinito, não há negação da mente ou do corpo. Em vez disso, deixamos a mente e o corpo ficarem imbuídos do Espírito; deixamos a mente e o corpo serem alimentados, vestidos e abrigados pelo Espírito; deixamos o Espírito ser a ressurreição da mente e do corpo; nós deixamos os anos perdidos dos gafanhotos serem restaurados para nós - aqueles anos da nossa esterilidade espiritual, anos em que fomos apenas seres físicos e mentais - para que nossa antiga e verdadeira Personalidade possa ser revelada. Isso pode ser feito somente através do Espírito, e do Espírito pode ser realizado apenas através do silêncio, na quietude, confiança, e segurança, e em um descanso físico e mental das atividades da experiência diária.

Descansando de preocupação e medo; descansando de saber, fazer e pensar. Descansar em quietude, tranquilidade, paz e confiança não significa que temos que brincar de Deus. Nossa única função é ficarmos quietos, estarmos quietos e em paz.

Nada é esperado de nós, porque o Eu, o Espírito de Deus em nós, executará aquilo que nos é dado fazer.

Se dermos a Deus os primeiros frutos do nosso tempo, os primeiros minutos de a cada hora, mais cedo ou mais tarde aprenderemos que podemos ganhar, vivendo um número menor de horas de trabalho do que antes parecia necessário. Não precisamos de sessenta minutos a cada hora: podemos realizar mais trabalhos em cinquenta e quatro, cinco, seis ou sete minutos do que fazíamos antes nos sessenta minutos completos, se os outros minutos são reservados para a renovação silenciosa e espiritual. Todo mundo que vive a vida espiritual descobriu que, quando se doa inteiramente a Deus e dedica seu trabalho a Deus, a quantidade de seu trabalho é maior e a qualidade melhor.

As bíblias do mundo estão repletas de relatos de religiosos que, em algum momento ou outro, estabeleceram seu sentido de vida e dedicaram-se a Deus. Eles não foram famintos, sem lar ou sem amigos, mas eles prosperaram.

Os profetas do Antigo Testamento experimentaram intervalos de frescor espiritual por até quarenta dias e quarenta noites. Foi também costume do Mestre se separar por algumas horas e ter um sábado, uma renovação e contemplação interior do universo espiritual, uma liberdade até mesmo de ter que ministrar aos seus discípulos. Houve momentos em que ele se afastou por dias e jejuou de seus labores, jejuou até de atos de benevolência, e viveu total e completamente no Espírito.

Nos mosteiros e escolas de sabedoria, a idéia do sábado alcançou um ponto alto de desenvolvimento. Aqueles que entram nessas escolas ou mosteiros são obrigados a desistir de todos os seus interesses mundanos, desejos, e posses, a fim de dedicar-se a uma vida inteira de descanso na atmosfera de Deus e se sujeitando a Deus.

Viver em e através de Deus é o que todos nós estamos procurando, mas uma grande falha a ser encontrada numa retirada completa do mundo é que, uma vez que as atividades humanas normais da vida são separadas da vida espiritual, é provável que pensemos que o mundo do Espírito não tem qualquer relação com a vida cotidiana. Sob tal sistema, a vida espiritual é separada, e no final, tornada sem valor. A menos que o Verbo se torne carne, isto é, a menos que a atmosfera de Deus possa fazer parte da vida diária - sua obra não se completa, pois não é algo separado para aquelas pessoas que desejam se aposentar da vida humana, é necessário que a atmosfera de Deus possa realmente vir a abraçar o universo humano e ter uma parte em seu funcionamento.

Todos os períodos de desvios de nossas costumeiras relutâncias e esperanças, dos nossos medos e dúvidas recorrentes para uma quietude interior em que não há poder -

nenhum poder que conhecemos, nenhum poder que possamos entender, e nenhum poder que possamos usar - são os sábados.

Para o trabalhador no campo, o trabalhador na fábrica ou do escritório, o sábado pode ser o único dia da semana que ele pode dedicar a Deus, mas, eventualmente, todos nós devemos aprender a aproveitar períodos curtos de quietude e tranquilidade fora do trabalho, para que, entre cada bloco de tempo, haja um, dois ou três minutos para devoção interior, um tempo reservado para comer o pão espiritual e carne espiritual. "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna" é apenas uma outra maneira de dizer: "descanse e relaxe de seu trabalho para este breve momento".

Trabalho espiritual "não pela carne que perece" é um descanso de atividades mentais, bem como um descanso de atividades físicas, porque o poder espiritual não é gerado pelo que sabemos com nossas mentes. O que sabemos intelectualmente leva-nos até o limite, a partir do qual somos liberados de fazer e de saber, para aquele momento de ouvir e depois ser preenchido por dentro.

Se temos esses períodos de sábado e somos capazes de permanecer na Presença do Senhor e estarmos ausentes do corpo, o corpo de nossa casa ou o corpo do nosso trabalho, estarmos ausentes deste mundo e estarmos presentes na Consciência e no Espírito de Deus, descobriremos que, quando voltarmos ao nosso trabalho, levaremos conosco a atmosfera de Deus. Ao lançar nossos fardos sobre o Senhor, nossos trabalhos se tornam mais fáceis e nosso fardo menos pesado. Seu jugo é leve, e quando tomamos sobre nós mesmos este jugo de Deus, Ele carrega o peso do trabalho e nos libera para executar tudo o que temos que fazer sem querer, sem medo, e sem qualquer sensação de peso, qualquer arrasto, ou qualquer cansaço.

Nossos períodos de meditação são, na verdade, nossos períodos de descanso do sábado, de frescor e renovação espiritual. Quando eles são observados regularmente, não há necessidade de reservar um dia inteiro de uma semana, porque o nosso sábado está sendo observado ao longo de todos os dias de cada semana. Normalmente, quando começamos com um período de dez ou quinze minutos de sábado a cada dia ou noite, esse tempo se torna tão importante que achamos necessário ter três ou quatro desses períodos no dia. Nós sentimos uma maior fome por esses intervalos de dez ou quinze minutos de sábado do que jamais sentiremos por comida.

A possibilidade de ter um dia inteiro ou um fim de semana de vez em quando, além daqueles períodos de meditação, vale realmente a pena de se pensar, porque só aqueles que tiveram a experiência de viver por vinte e quatro horas inteiras em nada além de literatura espiritual, meditação e contemplação podem apreciar a diferença que esse

sábado pode fazer na experiência de alguém. Ser capaz de viver em um pouco de bela poesia, mais especialmente de natureza espiritual, ou em alguma porção de prosa instigante, nos leva a essa mesma atmosfera santa em que esses escritores estavam vivendo quando essas jóias vieram através deles.

Todos os místicos e os fundadores das grandes religiões do mundo tiveram períodos em que eles estavam completamente no Espírito, e naqueles momentos, eles receberam as transmissões mais altas e mais espirituais, muitos das quais formaram uma grande parte das escrituras do mundo, sejam hebraicas, cristãs, indianas, budistas ou muçulmanas.

Existem graus de compreensão da Consciência Espiritual. A Consciência ela mesma está sempre no ponto de vista do Ser perfeito e absoluto, mas nem sempre estamos em estado de absoluta consciência. Quando permanecemos nas transmissões da Verdade que vieram através das grandes luzes espirituais do mundo, particularmente naquelas horas nas quais nos separamos do mundo, estamos vivendo na Consciência daqueles que as trouxeram, e então nós realmente nos sentimos na Presença de Deus, assim como aconteceu com aqueles grandes videntes, quando eles estavam recebendo essas transmissões.

O objetivo de um sábado é deixar de lado o mundo, esse mundo que Jesus disse ter vencido. Nós também devemos superá-lo, mesmo que o superemos por apenas quinze minutos ou uma hora. Se nós damos uma hora por dia, quinze minutos, ou se tomamos o total de um dia sabático, ou ocasionalmente um fim de semana completo de Sabbath, nós nos tornamos tão cheios do Espírito que, como a primavera, manifestamo-nos com exuberância por toda parte.

Então descemos da montanha para o vale, como Jesus, a curar os doentes, consolar os desamparados, alimentar os famintos, e ajudar a aliviar os fardos do mundo, compartilhando com os outros parte do Espírito que nos foi dado em nosso período sabático.

Chegará o dia em que todas as pessoas terão livre acesso ao Espírito e à Presença de Deus, e cada pessoa será capaz de entre naquele sagrado santuário, a Shekinah, e ali comungar com Deus, em meditação e contemplação.

Pai, eu estou aqui contigo por um único propósito: eu devo saber o que Tu és, quem és, onde és e porque és.

Eu devo até descobrir se Tu és, alcançar alguma consciência de que Tu existes, que Tu realmente existes dentro de mim. Eu tenho que encontrar alguma maneira de ligar o Teu Espírito com a minha vida individual.

Eu tenho fome e sede de Te conhecer. Eu devo comungar contigo, com algo dentro de mim que é maior do que o meu eu humano, algo maior que minha capacidade humana, minha bondade humana ou mal humano, comungar com algo em mim que é divino. Se não houvesse algo divino em mim, eu não poderia estar vivo, e preciso saber o que é isso.

Ó Senhor, quanto tempo posso continuar vivendo, sem conhecer Tua Presença dentro de mim? Quanto tempo isso pode durar? Eu vou morar aqui sessenta anos e mais dez, vinte ou trinta, e no final sentir que eu não contribuí com nada para este mundo, nada para o Teu Reino, nada para o Teu povo? Por que eu estou na Terra? Eu vou viver um desperdício de vida, sem nada para mostrar no final?

Faria a Tua Vontade se soubesse qual é a Tua Vontade; Eu viveria a vida espiritual, se eu soubesse como. Agora, aqui no santuário interior do meu próprio Ser, separado do mundo, Pai, revela a Ti mesmo. Revela a Tua Vontade, Teu Caminho, Teu Reino; revela o Teu propósito para mim.

À medida que continuamos com este tipo de meditação, uma resposta virá de dentro. Haverá um período de liberação e sentiremos uma quietude, confiança e uma completa liberdade deste mundo. Então podemos voltar para a nossa vida novamente, porque nós tivemos nosso intervalo de renovação espiritual e paz.

Um dia chegaremos à maior experiência que pode ter lugar em uma vida humana: perderemos todo o desejo, exceto o desejo de conhecer a Deus. E então, quando entrarmos em nossa meditação, teremos superado o mundo. É quase como sentir uma mão em cima de nossa cabeça nos abençoando, enquanto oramos:

Deixa que Tua graça seja minha suficiência. Eu não peço por pessoas, coisas ou condições: peço-te apenas para que eu possa honestamente dizer que Tua Graça é minha suficiência, qualquer que seja a forma que ela possa tomar. Deixa-me conhecer a Tua Graça, conhecer e cumprir Tua vontade, sentar-me aos Teus pés, comungar contigo e sentir que a Tua Vida é a minha vida. Deixa-me saber apenas isso, pois onde quer que eu esteja, Tu estás; e que, onde quer que Tu estejas, eu estou.

Eu estou no estado de desconhecimento. Deixa Tua Sabedoria se expressar através de mim; deixa que a Tua Sabedoria seja a minha sabedoria. Fornece Sabedoria, Energia e a Graça para que eu possa sempre sentir meu próprio nada, e ainda assim sentir uma perfeição eterna e sempre presente, uma plenitude através de Tua Graça e Tua Sabedoria. Não tenho trabalho a fazer, mas aquele que me deste, e não tenho nenhuma sabedoria com a qual fazer isso, mas a Tua Sabedoria, e nenhum poder com o qual realizá-lo, mas o Teu Poder. Deixa-me sempre permanecer em Ti.

Nós não estamos nos entregando à Vontade de Deus, a menos que façamos uma rendição consciente de nós mesmos a essa Vontade, negando qualquer vontade própria nossa:

Eu não tenho vontade nem desejo por mim mesmo. Enche-me com tudo o que Tu és. Enche-me com a Tua Sabedoria, Tua Força, Tua Justiça, para que eu possa não ter nada de mim mesmo e não ser nada de mim mesmo, mas que eu seja o Todo que Tu és.

Que sábado esse! Que jejum do mundo, das coisas do mundo e das pessoas do mundo, e como isso espiritualmente nos preenche, renova e rejuvenesce! Depois disso, podemos descer da montanha até o vale, nos misturarmos e ajudarmos a encontrar as necessidades daqueles que são atraídos para nós, não por causa de qualquer virtude em nós, mas em virtude da Graça de Deus que agora nos preenche.

Estamos na Presença de Deus a qualquer hora que pudermos fechar nossos olhos para este mundo e retirarmo-nos para o nosso santuário interior. Se tivermos nossos períodos de sábado, descobriremos que, ao sairmos para o mundo, nós seremos uma luz para aqueles que ainda estão na escuridão, preocupando-se apenas com este mundo; seremos uma luz para aqueles que não aprenderam a comungar com Deus.

ABENÇOE SILENCIOSAMENTE O MUNDO COM A PAZ

Mais e mais, à medida em que seguimos o caminho místico, nos tornamos centros espirituais e projetamos luz espiritual e sabedoria, presença espiritual e poder. Às vezes, é difícil para iniciantes compreender a ideia de que ninguém atinge a sabedoria espiritual ou luz espiritual para o seu próprio bem, ou para qualquer benefício pessoal que possa vir para ele. Sempre que a luz espiritual chega a uma pessoa, ela é chamada por essa luz, e daqueles que mais têm, mais deles é esperado.

É quase impensável que Moisés pudesse ir embora para viver o resto de sua vida sozinho, depois de receber sua iluminação na montanha. Como poderiam Elias, Eliseu, Isaías, Jesus, João e Paulo esconder sua luz espiritual sob uma cesta ou ir embora para uma caverna em algum lugar distante, ou um refúgio na montanha, e viver essa vida espiritual para si mesmos?

Isso também é verdade para aqueles que são luzes menores. Cada grão da luz espiritual que alcançamos não é para nós mesmos, mas sim para ser usado em benefício da consciência humana em geral, até que a consciência humana seja totalmente dissolvida, e nada permaneça, senão aquela mente que também estava em Cristo Jesus. Pode

parecer que a luz que um indivíduo recebe dissolva parte da consciência mais grosseira de seu próprio ser, mas isso não é verdade, porque ninguém, de si mesmo, tem alguma consciência mortal. Toda a consciência mortal que lá está é o sentido universal de separação de Deus, que é um hipnotismo universal.

Cada raio de luz que qualquer pessoa recebe, portanto, dissolve alguma medida dessa mente humana, mortal ou carnal, alguma medida da vasta ilusão humana, da qual consiste o sentido material. Esta dissolução do sentido material pode ser observado em nossa própria experiência ou na de nossa família, conforme esses princípios espirituais resolvam algum problema para nós ou removam algumas relações indesejáveis ou experiências negativas.

Ao tomarmos cada princípio da verdade e aplicá-lo para trabalhar em algum problema pessoal, e conforme atingimos luz suficiente para que o problema particular seja atendido, vamos descobrir que, a partir de então, estaremos convocados, dia após dia, a compartilhar nosso entendimento e aplicar a sabedoria que nos foi dada aos problemas dos outros. Podemos nos perguntar como nossos amigos sabem que temos essa luz, mas humanamente eles não sabem: é só espiritualmente que eles percebem a direção para a qual eles podem pedir ajuda.

As exigências feitas sobre nós se tornarão cada vez maiores conforme nossa luz espiritual e sabedoria aumentem, até que finalmente descobrimos que não estamos apenas mais conscientes dos problemas do mundo, mas também estamos começando a aplicar nosso entendimento da verdade a eles. Então vamos observar a rapidez com que a luz que recebemos começa a dissipar a escuridão do círculo mais amplo da humanidade.

Em nossa experiência inicial, há praticantes e professores a quem podemos recorrer, e eles geralmente resolvem a maioria dos nossos problemas para nós. Esse é apenas um relacionamento temporário, porque chega a hora em que começamos a enfrentar nossos próprios problemas através de nosso próprio entendimento, e recorremos a alguém para pedir ajuda apenas quando nos deparamos com um problema que não cede ao nosso entendimento atual. Então, claro, temos todo o direito de procurar a ajuda daqueles que alcançaram alguma realização mais profunda da Verdade, quem deu um passo mais adiante no Caminho. À medida que continuamos, no entanto, nos encontramos pedindo cada vez menos ajuda dos outros, cada vez mais e mais capazes de resolver nossos próprios problemas, e também capazes de ajudar aqueles em nosso ambiente imediato e, eventualmente, começamos a trabalhar espiritualmente com os problemas do mundo.

Toda a ajuda que podemos dar a qualquer um, qualquer grupo ou ao mundo está em proporção direta à nossa compreensão dos princípios espirituais com os quais estamos

trabalhando, e ao grau de consciência espiritual que alcançamos. É responsabilidade nossa estudar, meditar e fazer tudo o que for necessário para trazer uma luz maior para a nossa consciência individual, não apenas para o nosso próprio bem, mas para que essa luz que toca nossa consciência possa fluir para o mundo e beneficiá-lo, para que possamos nos tornar um centro do qual sai essa luz de cura, regeneração, bênção, paz, conforto e especialmente perdão.

Quão poucos de nós percebem a importância da consciência que perdoa! Não carrega todo mundo consigo a lembrança de algum pecado de omissão ou comissão que, se pudesse, ele iria rever ou desfazer? Não temos todos nós pelo menos algum pequeno sentimento de culpa? Não estamos nós sempre esperando pelo nosso próprio perdão e tentando nos perdoar, e muitas vezes achando isso muito difícil de fazer? É por isso que é tão necessário que cada um de nós desenvolva o perdão em sua consciência, para que todos que nos procuram possam sentir uma completa ausência de julgamento, crítica ou condenação.

Não vamos dizer a ninguém que nós não o condenamos. Nós dificilmente diríamos a alguém: "eu sei que, no fundo, você é tão pecador quanto eu sou". Nós não expressamos isso de forma audível: nós sabemos disso, e sabemos que, assim como desejamos ser libertados de nossos pecados de omissão e comissão, assim sabemos que todo mundo também o quer.

Acima de todas as outras coisas, cabe a nós desenvolvermos dentro de nós uma consciência interna, silenciosa e sagrada, que possa dizer - mas não falar externamente - aos nossos parentes e vizinhos: "não há julgamento nenhum sobre você; não há memória do passado: só existe a compreensão deste momento". Esta foi a atitude mostrada pelo Mestre quando ele perdoou a mulher apanhada em adultério, e quando ele disse ao ladrão na cruz: "Ainda hoje estarás comigo no paraíso".

O pecado tem um significado muito mais profundo do que o conceito comumente aceito disso. O pecado não é apenas mentir, roubar, trapacear, dar falso testemunho, cometer adultério e assassinato; pecado também inclui aquelas ignorâncias menores em que todos nós nascemos: os julgamentos humanos e inibições, medos e superstições humanas. A consciência indulgente dissolve tudo isso pelo perdão.

Qualquer um que possa perceber que os erros de sua vida foram todos provocados pela ignorância, superstição e medo pode facilmente desenvolver uma consciência que perdoa. Esse tipo de consciência é uma consciência de cura, porque compreende a natureza dos medos, superstições e ignorância universais. Ela vive sempre nessa atmosfera de libertar a todos de seus medos e pecados escondidos, sejam de omissão

ou comissão, os quais não são pessoais, mas o resultado de um senso universal de condenação.

"Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço, isso faço".

Romanos 7:15

Nesta declaração, Paulo reconheceu que não havia nada pessoal sobre o pecado. O pecado se torna parte de nossa experiência apenas porque é uma parte da ignorância universal da consciência humana; e depois, em algum momento fraco, nós nos entregamos às mesmas coisas que depois nos arrependemos, sendo que a maioria dos erros é menor, mas ocasionalmente trata-se de algo de grande importância.

Que bênção quando, confrontados com um sentimento de culpa, entramos na presença de uma pessoa cuja mente não está cheia de críticas, julgamento e condenação, mas que entende, perdoa e acolhe, cuja gentileza é tal que nenhum pensamento de qualquer natureza dura entra em sua mente!

Isso é ter aquela mente que estava em Cristo Jesus, e quando nos elevamos para esse estado de consciência, todos que vêm dentro do alcance de nossa consciência sente o que o mundo chama de amor. O perdão é um atributo do amor; a compreensão é um atributo do amor; e acima de tudo, entender a natureza universal dos males do mundo é o amor. Compreender é perdoar; perdoar é amar o próximo como a nós mesmos.

Quando entendemos a natureza universal e impessoal do mal, nós entendemos a natureza espiritual do ser individual, e apesar das coisas que externamente parecem ser nossas falhas, somos para sempre e sempre o templo de Deus. Vamos entender que essas falhas não são nossas, mas causadas pelo hipnotismo universal, e que nossa natureza real é um centro do qual emana a Graça de Deus e o Amor de Deus, um centro de paz e harmonia. Essa paz interior só nos pode vir quando liberamos a humanidade de suas falhas, nosso próximo da responsabilidade por seu passado, e nossos amigos e parentes da nossa condenação: "vai em paz, tu também és o Filho de Deus, tu também és o templo do Deus vivo".

Por todo lado, a humanidade é tomada pelo medo diante das condições tensas e caóticas do mundo; e aqueles de nós que foram capazes, mesmo em pequena medida, de ver a natureza irreal do mal galopante no mundo, não só tem a responsabilidade de liberar as pessoas de seus medos, mas, ao libertá-los de seus medos, prevenir uma maior tragédia que seus medos poderiam trazer sobre eles. As pessoas não temem porque são covardes: temem porque são tomadas por um hipnotismo universal que os

faz agir de formas estranhas à sua própria natureza. É histeria em massa, tendo sua base na ignorância.

Todos os assuntos mundiais eventualmente estarão sujeitos à influência do Divino, através da oração de que a Graça de Deus é suficiente para este mundo. Nós não oramos a Deus pela vitória ou para que nossos inimigos sejam destruídos. Nós permanecemos na Vontade e no Caminho de Deus. Nós não vamos cometer o erro de tentar canalizar Deus para fazer a nossa vontade: oramos para que o Espírito de Deus flua através de nós e traga justiça à Terra, não de acordo com o nosso conceito, mas de acordo com a ideia divina da Justiça; sintonizamo-nos com Deus, na percepção de que, se fizermos isso, com Deus em cena, haverá equidade, misericórdia, harmonia, paz, e todas as qualidades divinas manifestadas igualmente por toda parte. Nós não deixamos a mente condicionada determinar o que esperamos que Deus faça, ou como Ele fará isso. Aproximamo-nos de Deus com uma mente não condicionada:

Tua Graça é minha suficiência. Tua Graça é a suficiência para este universo. Que ele tome forma segundo Tua Vontade.

A Palavra se torna carne. Tudo o que nos interessa é ouvir a Palavra e então deixar que a Palavra se torne carne, não delineando que forma ela deve tomar. Nunca vamos a Deus com qualquer pensamento de vitória sobre qualquer coisa ou qualquer um. A vitória sempre implica em um certo e um errado; isto significa um vencedor e um perdedor, e não pode haver vencedores em Deus, nem pode haver perdedores. Não pode haver um certo em Deus ou um erro em Deus: só pode haver Espírito, Graça espiritual e harmonia espiritual, e isso não está de acordo com a opinião do homem.

As perguntas batendo na consciência de todos aqueles que, em certo grau, estão vivendo no círculo da eternidade, e que, desse modo, vivem de acordo com os dois grandes mandamentos, são: como podemos expressar nosso amor por nossos semelhantes de uma maneira concreta? Como podemos ajudar a acalmar esses medos e acalmar essa histeria em massa?

Primeiro, e acima de tudo, devemos parar com o julgamento e entender que as pessoas não são responsáveis por seus medos: elas são vítimas de um hipnotismo em massa. Depois de termos feito isso, podemos ir até a verdade específica da Escritura, que revela que Deus é a vida do homem, a vida do universo, a vida eterna e imortal. Seja qual for a vida que nós temos, é a vida que nos foi dada por Deus, então deve ser a vida de Deus que é a nossa vida, divina, espiritual, imortal e eterna. Portanto, temos qualquer outra vida além daquela que nos foi dada por Deus, nosso Pai?

Que libertação de todo medo nos viria, se pudéssemos perceber que Deus constitui a nossa Vida Eterna, que a vida do Pai é nossa única vida, que não temos vida própria a perder, que nunca tivemos uma vida senão a Vida de Deus, que o próprio Espírito de Deus habita em nosso ser, mesmo em nosso corpo, e que nosso corpo é o templo do Deus vivo!

A doença não tem poder de sobrevivência em nosso corpo, uma vez que sejamos capazes de discernir que não temos vida própria. Deus constitui a própria respiração do nosso ser, a própria vida do nosso ser. A limitação da crença da idade não tem poder quando vemos que nossa vida não depende de cinquenta, sessenta ou setenta anos atrás, mas que a vida que entrou em expressão é a vida imortal que surgiu da Fonte da Vida. Deus soprou em nós Sua Vida - não sua vida ou a minha, mas Sua Vida - e Sua Vida é minha vida e sua vida, e Sua Vida é imortal e eterna, e você e eu somos o templo dessa Vida:

Obrigado, Pai. Eu não tinha vida própria para começar, e não tenho vida própria que possa chegar ao fim. A vida que me foi dada é a Tua Vida, a Vida Espiritual do Filho de Deus.

Enquanto permanecemos nessa Palavra e deixamos que a Palavra habite em nós, conosco conscientemente mantendo essa verdade, nós nos tornamos conscientes de seu efeito em nossa mente e corpo, e entendemos que a Vida de Deus nos anima a "morrer" para a crença de que temos uma vida própria, e que ainda tenha uma idade ligada a ela.

Não demorará muito para sentirmos os efeitos mágicos desta verdade em nossa mente e em nosso corpo, e continuando a habitar na Palavra, rapidamente vamos perceber que esta é uma verdade universal.

Silenciosamente e secretamente, nos encontraremos olhando para todos os membros da nossa casa e regozijando-nos na verdade: "Eu te conheço, agora sei quem tu és. A Vida de Deus é a tua vida; a Vida do Cristo é a tua vida", e logo haverá mudanças na mente e no corpo de todos ao nosso redor.

Agora estamos nos tornando o centro a partir do qual esta luz está fluindo, o centro através do qual o perdão, a compreensão e a verdade começam a derramar. Então, quando lemos ou aprendemos sobre essa histeria em massa, seja por alguma epidemia rondando, ou por mísseis de longo alcance e abrigos à prova de bombas - seja lá o que for - estaremos em paz dentro de nós mesmos, e ainda que vejamos nossos amigos sucumbindo a este histeria, dentro de nós diremos: "Graças a Deus, eu sei que você tem a Vida Eterna, e se você sabe ou não, eu sei que sua vida não está em perigo. Eu sei

que nem o seu corpo está em perigo, pois o seu corpo é o templo do Deus vivo". A paz que flui fora de nós será sentida em toda a comunidade, e como flui de comunidade para comunidade, chegará o dia em que a histeria vai acabar.

A paz deve começar em algum lugar, e deve começar com um indivíduo. A luz espiritual sempre entrou na consciência através de um indivíduo tão permeado pela verdade que uma dúzia de discípulos aqui, ou meia dúzia lá o seguiram, e depois deles, vieram os cinquenta, duzentos, dois mil. Ninguém pode ser a luz do mundo: pode ser apenas a luz que acende a luz nos outros, até que se espalhe pelo mundo. Tanto é assim que nos tornamos um em nossa casa, aquele um em nosso bairro, e, dependendo da profundidade e do grau de nosso próprio amor, podemos nos tornar aquele um para uma nação inteira ou um grupo de nações. Por que não? Sempre começa com um.

Nós podemos ser esse um; podemos ser essa luz, na medida da nossa compreensão; mas se não percebemos que o Deus que é nossa vida e a vida de cada indivíduo é o mesmo Deus que foi a vida de Jesus Cristo, não podemos ter parte em trazer a paz a este mundo tão incomodado e amedrontado.

Não são todas as mortes e destruições baseadas na crença de que cada um tem uma vida própria, uma vida que pode terminar em algum momento? Mas existe apenas uma Vida, um Pai, um Criador, um Princípio Criativo, e Ele soprou em nós a Vida que é eterna e imortal. Como qualquer arma poderia destruir essa vida? Uma vez que podemos realmente ver isso, nos tornamos não apenas a luz para o nosso mundo, mas a vida para o nosso mundo. Nós ressuscitamos nosso próximo do túmulo da crença de que ele tem uma vida própria e que está em perigo. Nós nos tornamos a fonte da paz que ultrapassa toda compreensão; nos tornamos a fonte do perdão; nos tornamos o consolador.

Nenhum de nós nasceu apenas com o propósito de viver sessenta e mais dez, vinte ou trinta anos, realizando algo para nós mesmos ou para nossas famílias e depois morrer. Nenhum de nós nasceu para alcançar nome ou fama, exceto aquilo que nos chega como parte da Glória de Deus. Todos nós nascemos para mostrar a Glória de Deus, e a única razão pela qual existimos é mostrar a vida de Deus na Terra, Sua vida eterna e imortal. Quando realmente sabemos isso, lá no fundo, estamos virtualmente endereçando-a a todos os membros da nossa casa; mas se formos sábios, nós faremos isso silenciosa, sagrada e secretamente.

As orações que oramos em segredo são as orações que são respondidas abertamente. A verdade que nós dirigimos a outro e que tem como principal propósito deixar o mundo ser informado de quanta verdade nós conhecemos, é verdade desperdiçada. É um desperdício para aqueles a quem é dirigida e, além disso, nos priva do benefício dela, porque nós mesmos a perdemos um pouco, por dá-la onde não é desejada.

Há apenas uma ocasião em que a verdade deve ser expressa, e isso é quando a verdade sai de um professor espiritual para um seguidor de consciência aberta e receptiva. Então sai e volta como um círculo, porque existe esse vínculo espiritual entre professor e aluno. Ensinar a verdade para as massas não serve para nada, mas quando os buscadores se trazem a uma mensagem espiritual ou professor, eles estão receptivos, e a mensagem que vem é uma bênção para eles e para o professor. Quando encontramos alguém ansioso para ouvir e aprender, então nós compartilhamos abertamente tudo o que aprendemos; caso contrário, nós oramos de modo silencioso, secreto e sagrado, e essas verdades que conhecemos de dentro de nós mesmos são recebidas por aqueles que não puderam recebê-las conscientemente, mas ainda assim podem recebê-las, por causa do vínculo espiritual que existe entre todos os Filhos de Deus.

Dentro de nós, podemos saber a verdade sobre todos os nossos familiares:

Você é o Filho de Deus; você é o templo do Deus vivo.

Deus é sua vida, sua alma, seu ser, sua mente; e até mesmo o seu corpo é o templo do Deus vivo.

Conhecemos esta verdade silenciosa e sagradamente, expressando audivelmente apenas para aqueles que perguntam e buscam, aqueles que a acolhem. Então, quando saímos de nossa casa, lembramos que, a fim de amar o próximo como a nós mesmos, devemos reconhecer essa verdade em cada vizinho, vizinho amigável e vizinho inimigo, vizinho próximo e vizinho a dez mil milhas de distância:

Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo. A Vida de Cristo é sua vida imortal e eterna. A Vida do Pai é a vida de toda a humanidade.

Tal realização pode tocar aqueles em níveis altos e em níveis baixos, em nível de qualquer grau, e pode despertá-los, na medida de sua prontidão.

Nossa responsabilidade na vida é ser um centro de luz, ser a luz do mundo, e assim permearmo-nos com nossa consciência da Verdade, ao longo de nossas horas de vigília ou mesmo quando estamos dormindo. Nosso ser espiritual nunca dorme, e quem quer que nos alcance encontra esta verdade esperando por ele, mesmo enquanto os sentidos físicos estão em repouso. Nossa consciência repousa em ação, mas ainda somos uma centelha, pelo fato de que nosso último pensamento à noite é de verdade espiritual, algo bem-vindo a qualquer pessoa no mundo, em qualquer lugar, a qualquer hora, por alcançar a nossa consciência e encontrar a bênção da verdade que nós sabíamos antes de entrarmos no sono.

Toda vez que nos lembramos conscientemente de que a única vida que ali está na Terra é a vida de Deus, estamos ajudando a acalmar o medo, estamos ajudando a restaurar a Paz que ultrapassa a compreensão. Até que a paz seja estabelecida em nosso íntimo, não haverá paz doméstica ou paz mundial. Somente quando a paz tiver sido estabelecida nas mentes e corações da humanidade, a paz será restaurada nacionalmente e internacionalmente. Em algum período de cada dia, devemos enfrentar o mundo e lembrarmo-nos:

*Eu estou sempre com você. Eu sou a Vda Divina; Eu sou a Vida Eterna.
Eu estou com você sempre.*

À medida que abençoarmos nossa casa, nosso bairro e depois, à janela, abençoarmos o mundo, seremos a luz do mundo.

Quando a Graça de Deus é recebida em sua consciência e na minha, não é uma coisa estática e limitada, incorporada em algum lugar dentro do nosso panorama: é uma luz que nos penetra e flui de nós e através nós; e na medida em que não há barreiras para a atividade do Espírito, essa luz que recebemos, como resultado de nossa união com a nossa Fonte, flui através das paredes e janelas de nossas casas para o mundo, e se torna um fermento, onde quer que um indivíduo esteja elevando seu pensamento a Deus, independentemente de qual conceito de Deus ele mantenha. Se ele está em um hospital ou em uma prisão, se anda livre na terra ou se vive como escravo em alguma nação, se ele estiver levantando seu pensamento acima do poder humano, para qualquer que possa ser o seu conceito do Divino, a luz que sai de nós e através de nós, por causa da nossa meditação, atinge aquela Alma receptiva e, em certa medida, alivia seu fardo, às vezes libertando-a do pecado, da doença ou falsos desejos.

Quando nos unimos com a Fonte da Vida e deixamos que ela tenha a sua própria vontade, que governe e reine na Terra assim como no Céu, onde quer que haja um pensamento receptivo, onde quer que haja um indivíduo que possa estar dizendo: "oh, Deus, Deus, Deus, me ajude! Existe algo além do humano?" Essa Alma será tocada pelo Espírito de Deus que está sobre nós. Nós inconscientemente nos tornamos transparências através das quais essa luz flui para um mundo cheio de escuridão, pecado, ignorância, pobreza e servidão.

Ser o instrumento pelo qual a Graça de Deus possa tocar toda a consciência humana e iluminá-la e despertá-la, de modo que toda a humanidade possa ser livre - isso é viver a vida mística.

O UNIVERSO INTERIOR

Toda aspiração espiritual, todo esforço na direção da realização de Deus é um passo adiante dos parênteses em direção ao círculo total da eternidade. Como nós semeamos, então devemos colher, e se hoje estamos semeando para a consciência espiritual da vida, o parêntese torna-se cada vez mais fraco. Mas se estamos semeando apenas para conforto físico - saúde, riqueza e posição - não é inevitável que nós permaneçamos presos entre parênteses, colhendo tanto o bem material quanto o mal material?

Nossa principal preocupação, portanto, é com a semeadura do presente momento, e isso não tem nada a ver com mais ninguém. Não há alguém que possa ajudar e ninguém que possa impedir o nosso progresso espiritual. Nós determinamos até que ponto nos dedicaremos ao caminho espiritual. Determinamos a seriedade com que nos dedicaremos a este caminho. Se estamos nos dedicando a uma prática espiritual interna, ninguém pode interferir, porque ninguém sabe o que se passa.

Não faz diferença que violentas objeções a este modo de vida podemos encontrar em nossa casa, em nossos negócios, escola ou vida social. Ninguém sabe o que está acontecendo em nossa mente, porque estamos orando em segredo; Estamos vivendo em um mundo interior, um universo interior. Essa é uma vida secreta que estamos vivendo, essa vida mística, e não serve para qualquer propósito violar esse sigilo, dizendo a outras pessoas sobre isso, mais especialmente àqueles que não têm interesse nisso (ou que fingem ter! - nota do tradutor G. S.).

Nesse momento, podemos deixar nossa família do lado de fora - pai, mãe, irmã, irmão, marido, esposa - deixe tudo para entrar no Espírito de Cristo. A vida é tão completamente individual que, por enquanto, podemos esquecer que há mais alguém no mundo além de nós mesmos. Nós podemos esquecer qualquer obrigação ou dever que possamos ter para com os outros; podemos esquecer nosso passado, seja ele bom, ruim ou indiferente, e mesmo que não sejamos totalmente capazes de fazê-lo, podemos tentar esquecer o futuro, na percepção que estamos criando nosso futuro: nossos amanhãs são determinados pelo que fazemos hoje.

O Espírito de Cristo está bem aqui, onde você está e onde eu estou. Esta presença do Cristo está no meio do nosso próprio ser, está preenchendo nossa consciência. Nós não temos que buscar isso. Tudo o que temos a fazer é ficarmos quietos e deixar que Ele fale conosco, de dentro do nosso próprio Ser.

O Reino de Deus está dentro de nós. Dentro do nosso próprio Ser está o Reino do Amor. Se é amor que parece estar faltando em nossa experiência, não procuremos por isso fora do nosso próprio ser; mesmo se parecer que o encontramos, ficaremos desapontados.

Tudo o que temos que fazer para encontrar o amor é voltarmos para este grande reino espiritual que está dentro de nós, e ali o Amor Divino tem sua morada.

Vá para dentro de você, descanse, e reconheça Sua Presença, ore para que Ele se revele a você, convide-o a fluir através de você e então dar ação e expressão a Si Mesmo, deixando o Amor derramar-se para seus amigos e seus inimigos, para os amigos da sua nação e inimigos da sua nação, a homens de boa vontade e homens de má vontade. Abra seu coração abraçando o mundo inteiro, e diga para si mesmo: "Amor, flua para fora: flua para os santos, para apoiá-los em sua atividade; flua para os pecadores, para purificá-los; flua para os tiranos para suavizá-los e dar-lhes misericórdia e justiça".

Se você parece carecer de sabedoria, volte-se para dentro, lembrando que a natureza de Deus é inteligência infinita, e a inteligência infinita está nesse Reino de Deus dentro. Se você precisa de sabedoria, ore para que a sabedoria já trancada dentro do seu ser como a Graça de Deus manifeste-se a você, na proporção de sua necessidade. Busque sabedoria, mas busque isso dentro de você. Ore por isso. Se sua necessidade, neste momento, é de orientação, volte-se para dentro. Não busque a orientação do "homem cujo fôlego está em suas narinas". Volte para o único lugar onde a inteligência infinita e a orientação amorosa esperam por você, no Reino de Deus.

Liberdade - busque sua liberdade a partir de dentro, não busque sua liberdade em nada exterior. Não faz diferença se é um governo ou uma igreja que o algema, se é um corpo doente, se é pecado ou medo, você vai descobrir que a liberdade é uma qualidade de Deus, e isso, como toda qualidade de Deus, já está dentro de você.

Quando você consegue a demonstração de liberdade de dentro, você experimenta liberdade fora; mas certifique-se de que, quando você convidar a liberdade para sair, você também esteja disposto a dar liberdade para aqueles que você mantém aprisionados. Mesmo se você estiver segurando-os à escravidão da crença de que eles são seres humanos, dê-lhes a liberdade.

Reconheça que ninguém é um ser humano, mas que Deus está no meio de cada indivíduo do passado, presente e futuro, nos chamados vivos, nos chamados mortos e nos chamados nascituros. Você não pode ter liberdade, a menos que você primeiro dê liberdade. Você não pode ter amor, a menos que você primeiro dê amor. Você pode ter apenas o que você está disposto a dar: o que você segura e retém, você perde - essa é uma lei espiritual.

Você nunca pode obter suprimentos espiritualmente, ou de qualquer outra forma. Prover é uma atividade de Deus; o suprimento é dom de Deus; a provisão é corporificada e abarcada dentro por Deus, e Deus está no meio de você. Portanto, uma infinidade de

suprimento está dentro de você, mas se você deixar sua visão se desviar para o marido ou a esposa que pareçam ser o canal, a via para a posição, o negócio ou os valores mobiliários, você pode estar perdido, pois todos na terra descobrem que todas as relações externas desmoronam algum dia.

Se você pensa em suprimento em termos de suprimento de amor, de lar e companheirismo, uma oferta de oportunidade e reconhecimento, um suprimento de dinheiro, compensação ou recompensa, a oferta está dentro de você, e deve fluir de você, e você deve viver a realização de sua onipresença começando com um centavo, se necessário, e dando-lhe para algum propósito impessoal. A oferta é onipresente dentro de você; o suprimento nunca te deixará, nem te abandonará. Você nunca pode ir a qualquer lugar onde a oferta não está. Você a carrega com você, assim como carrega sua integridade, sua lealdade e sua fidelidade. Você não pode deixá-la para trás, porque a oferta é espiritual: é a sua Consciência de Deus no meio de você por ser experimentada, começando por dar, compartilhar e expressar.

Se necessário, você tem que dar perdão: você tem que se sentar e procurar em seu pensamento, vendo o que ou quem, em toda a face do globo, você está mantendo em condenação, crítica ou julgamento, e perdoe-os. Perdoe, perdoe.

Deus é ser infinito, e Deus é a infinitude do seu ser individual. Demonstre isso, prove isso. Comece por qualquer via que esteja aberta para você neste segundo, para deixar a Graça de Deus fluir de você, através de você. Não reze para que a Graça de Deus venha até você: abra um caminho para deixar a Graça de Deus fluir de você.

Há uma Presença dentro de você que vai adiante de você para "endireitar os caminhos tortos". Sua percepção dela a liberta. Há um cimento dentro de você que cimenta seus relacionamentos com todos no mundo inteiro: é a sua percepção que libera isso.

Este mundo é governado por dentro. Este mundo, este mundo exterior, é governado de dentro. Nenhuma flor floresce, exceto em virtude de uma atividade invisível. Uma atividade invisível retira da terra para as raízes e envia aquilo que é retirado para dentro dos ramos e brotos, que finalmente se tornam as flores e frutos.

Existe um vínculo interior entre você e Deus que torna possível que Deus lhe envie onde você encontrará o que você precisa: a verdade, o emprego, as relações humanas. O poder está dentro de você, e é invisível.

O que você vê neste mundo consiste de efeitos, mas não há qualquer coisa que você possa ver que não seja o resultado de uma atividade interior. Você libera essa atividade interna que sai para o mundo invisivelmente, e depois produz frutos visíveis. Permanecer

na Palavra é um procedimento invisível. Você não pode viver em Deus externamente; você não pode viver na Palavra externamente. Você deve viver em Cristo internamente, você deve deixar a Palavra de Cristo habitar em você internamente, e então você dará ricos frutos externamente.

Este mundo é invisível. Os efeitos disso se tornam visíveis - a fruta, a idade e as harmonias - mas a Causa, a Lei, o Criador, a Atividade e a Substância são invisíveis. Eles são parte de um universo invisível e, graças a Deus, esse universo invisível está dentro de você. O Reino, o reino invisível que é a fonte do universo visível, está dentro de você. Você normalmente libera as forças que abençoam a você mesmo, e em sua ignorância, você também libera forças que te amaldiçoam. Mas o Reino de Deus, o todo da criação de Deus, está dentro de você.

Este é um mundo invisível. Os seres humanos vivem apenas no exterior, à margem da vida, e é por isso que eles encontram pouca ou nenhuma satisfação. Na infância, eles ganham um prazer momentâneo de seus brinquedos, mas depois eles os esmagam: eles não são mais úteis, não satisfazem mais, então eles são quebrados e outro brinquedo tem que ser encontrado, e outro e mais outro. Então o homem encontra um jogo, e depois um negócio, e às vezes ele encontra uma igreja, mas quase tudo que ele encontra é no mundo exterior. Ele vive na superfície e tem um pouco de prazer nisso, um pouco de alegria, e talvez um pouco de lucro, e depois, porque não traz satisfação duradoura, ele quer acabar com isso. Nada no exterior o satisfará para sempre, mas quando aprendermos a deixar o Invisível fluir e liberar-se através de nós, ele aparece como frutos dos quais nunca nos cansamos.

O Reino de Deus, toda a Fonte deste mundo, está dentro de você, e é este mundo invisível, tão lindo, tão satisfatório, e tão completo que aparece como fruto externo, como comida, roupa, lar, relacionamentos humanos, casamento ou o que quer que seja necessário. Então você nunca se cansa disso: está sempre venturoso. Você passa de glória em glória porque, nesta vida mística, você não mais depende da forma. Você encontra alegria nesta cidade ou naquela; você encontra companheirismo numa pessoa ou noutra; você encontra a verdade nesta religião ou naquela; você encontra paz nesta igreja ou naquela. Você os encontra porque você não os procurou em formas externas, mas os liberou de dentro do seu próprio ser, e então eles aparecem exteriormente como infinitos, formas eternas, alegres e satisfatórias.

Este mundo interior tem sido chamado de um mundo místico, e a vida que flui dele, uma vida monástica. Muitas pessoas não entenderam estes termos, e eles pensam o místico e o misticismo como algo misterioso, ou a vida monástica como entrar em um mosteiro ou um convento, enclausurando-se longe da sociedade, evitando assim o trabalho e

removendo toda a tentação de pecar. Não é tolice? Alguns dos trabalhadores mais duros do mundo estão em mosteiros e conventos, e se eles não perdem o sentido do pecado antes de entrarem nessa vida, eles levam seu pecado com eles direto para o mosteiro ou convento. Você não pode se trancar em nenhum lugar onde você não encontre um pouco de solidão, pecado, falta e limitação - se tudo isso está em você.

A vida mística é a vida que você vive quando reconhece que a Presença invisível dentro de você é a Realidade, e que forma as alegrias de sua experiência exterior. Quando você encontra a Fonte e a substância de sua alegria, prosperidade, felicidade, sabedoria e amor dentro de você e, em seguida, descobre essa Fonte manifestando-se em frutos no exterior, você está vivendo a vida mística, que muitas vezes resulta em viver a vida monástica.

Na vida monástica, você vive dentro de você, onde você encontra sua completude em Deus, e onde você descobre que não precisa de alguém ou alguma coisa, porque você encontrou auto-completude em Deus. Você atrai para si mesmo companheiros que valem a pena, parentes amorosos e compreensivos, associados de negócios capazes e honestos, porque a vida monástica produz frutos no plano exterior, em harmonia e em todas as formas de bem.

Você está vivendo a vida monástica quando está nos negócios do mundo, mesmo cercado por mil pessoas, mas por dentro, você está vivendo como Um com o Pai. Você está vivendo a vida monástica quando você é casado, se você encontrou sua auto-completude dentro e depois a compartilha com sua companhia fora. Você não está vivendo a vida monástica se você é dependente dos pais, esposa, marido ou filhos, e se não pode encontrar a sua paz sem eles. Você não encontrou a vida monástica se, no mundo dos negócios, você está colocando sua dependência em pessoas, influência, poder ou dinheiro.

A vida monástica é uma vida de auto-completude. Você pode levar uma vida monástica enquanto vive no meio de uma cidade movimentada ou sozinho, em um deserto, porque você encontrou a sua auto-completude interior, e essa mesma completude do Ser, que você descobriu dentro, você compartilha com outros. Essa é a verdadeira vida monástica. Você não precisa viver separado de sua família ou de seu trabalho; você não tem que ser separado deste mundo. Você pode ter um cargo político e ainda levar a vida monástica, se você tiver integridade interior e trazer a integridade da sua vida interior para a vida política.

O maior, o mais gratificante e recompensador lugar em todo o mundo está dentro de você. Lá você pode comungar com o Espírito de Deus em você. E não se surpreenda se, nesse templo interior em si mesmo, você encontrar os santos e os sábios de todos os

tempos, pois esses santos e sábios são consciência espiritual em diferentes níveis, e você deve esperar encontrar a consciência espiritual dentro de si mesmo em muitos níveis. Quando você faz o seu contato com Deus dentro, você encontra realização, pois é pelo que acontece dentro de você que se estabelece sua vida exterior, e o grau, intensidade, qualidade e quantidade do que está fora.

Viver no mundo interior garante um equilíbrio perfeito à vida. Mas, se você vive inteiramente no plano exterior, tudo com o que você tem contato uma hora torna-se apenas um brinquedo que, ou quebra por sua própria fraqueza, ou talvez você mesmo quebre. Se, no entanto, você vive parte do seu tempo neste mundo interior, celebrando no Reino de Deus, comungando com a Presença Interior, você descobrirá que a substância interior que você liberou aparecerá externamente como um dia de sucesso, um dia protegido, um dia em que você pode abençoar aqueles com quem você se associa.

Por você mesmo, você não pode abençoar ninguém. Você não tem valor para qualquer um, exceto na medida de seu contato com o Espírito Interior. Ao atrair o Reino de Deus dentro de você, ele tem um jeito de satisfazer a todos aqueles que vêm até você. Torna-se carne e bebida, oportunidade, suprimento, lar, felicidade e alegria.

As fontes de água do interior borbulham para a vida eterna, e é água que você pode trazer sem balde. Como? Vivendo uma vida interior, percebendo que a Substância de todas as formas está dentro, e então entrando e estando com ela, orando com ela, vivendo com ela, e liberando-a.

Você tem carne que o mundo não conhece, mas você deve ir dentro para encontrá-la, para compartilhar, manifestar e liberar. "Eu sou o pão da vida", então por que lutar tanto por pão? Por que lutar por isso, às vezes mentir, enganar e trapacear por isso? Por quê? Você não precisa lutar. Todo o bem está dentro de você, mas se você não entrar, se você não aprender a passar um pouco mais de tempo dentro, se você não puder encontrar paz e alegria, não será externamente que vai aparecer, e você passará por este mundo sem nada para dar a ninguém.

Se você tem quantidades de dinheiro e o dá, o mundo pode odiar você por isso. Se você perdoar aqueles que o ofenderam e lhes disser, eles vão odiá-lo, porque eles o prejudicaram. Humanamente, você não tem nada para dar - ninguém tem, nem mesmo o próprio Jesus Cristo. Mas conforme você passa seu tempo com seu Pai dentro, a Graça de Deus dentro de você pode fluir, e você pode compartilhar abundantemente com todos os que são parte da sua experiência. A Graça de Deus é da mesma proporção a qualquer demanda que possa ser feita sobre você. Nenhuma demanda sobre você pode ser muito grande, quando você tem a Graça Divina na qual confiar.

O mundo interior, o mundo dentro de você, é o mundo da realidade. Se você não tiver primeiro voltado-se para dentro para entrar em contato com o Pai, você encontrará externamente apenas formas, formas ocas. A promessa é: "Eu nunca te deixarei, nem te abandonarei". Que bem pode haver para você, se você não entrar e conhecer o Eu? Eu estou aí, no meio de você, Eu sou poderoso no meio de você. Mas o que pode ser bom para você, se você não entrar e se familiarizar com esse Eu?

Você deve ter períodos, dia e noite, para voltar-se para dentro e se encontrar com Deus; mas porque, durante séculos, Ele ficou oculto sob camadas de humanidade, séculos em que o homem tem andado pelo mundo, vivendo no limite do mundo, vivendo para as coisas externas, nas primeiras vezes que você vai para dentro de si mesmo, você não pode conhecê-lo. Com paciência, no entanto, eventualmente você o conhecerá.

Há provavelmente uma crosta grossa de si mesmo, entre você e o Eu que está dentro de você. Seja paciente: bata e a porta se abrirá para você; pergunte, e a resposta será dada a você - mas entre e bata, entre e pergunte: "Pai, revela a Ti mesmo!" Aprenda a voltar-se para dentro, porque todo o Reino da Realidade está trancado dentro de você; a totalidade do Cristo está corporificada dentro de você. Não é andar pelas ruas de Jerusalém, embora eu te diga que, se você andar pelas ruas de Jerusalém com humildade suficiente, você vai sentir isso lá. Você pode andar pelas ruas de Damasco e sentir Paulo andando bem ao seu lado. Mesmo com todo o grande movimento de humanidade em massa que hoje anda pela rua onde Paulo andou, você pode realmente sentir a presença de Paulo.

O Espírito de Deus está dentro de você, mas como você vai se encontrar com Ele, se você só brincar na superfície do mundo, com brinquedos e bugigangas? Entre e encontre o Cristo, que é o Espírito de Deus individualizado. Este Espírito de Deus era a inteligência e o amor de Lao Tzu; foi tudo o que foi para compor Gautama, o Buda; foi a vida, coração e alma de Jesus.

A mensagem que Jesus Cristo deu ao mundo foi em palavras tão claras que você não pode perdê-las. Você não pode perdê-las, uma vez que tenha um vislumbre da verdade de que ele revela um reino interior, um mundo interior que é mais real que o exterior. O mundo interior não pode ser destruído, e mesmo se uma bomba fosse lançada para destruir toda esta Terra, ainda haveria tanto de Deus quanto houve antes. Quando havia apenas alguns milhões de pessoas na Terra, havia menos de Deus do que há agora com três bilhões? Haverá mais de Deus no próximo ano, quando teremos um adicional de cento e cinquenta milhões na Terra? Deus não está sempre presente em Sua perfeição e completude, mesmo quando há apenas um? Não é a totalidade e a plenitude de Deus representada em todos?

Você é esse um. A plenitude da divindade é expressa corporalmente como você. Se você fosse a única pessoa na face da Terra, você poderia viver a vida monástica - completa, perfeita e harmoniosa. Se houvesse um bilhão em torno de você, não entendendo e não acreditando, você ainda poderia levar a vida monástica, completa e plena vida em Deus, porque você sempre pode fechar os olhos em seu escritório, em um parque, ou em sua própria cozinha, virar para dentro e perceber que "o Eu Interior é o segredo do universo. Dentro de mim está todo o segredo! O Santo Graal está dentro de mim, a Palavra de Deus está dentro de mim, a Torá Hebraica, os Dez Mandamentos, o Bhagavad-Gita, o Testamento Cristão - todos eles estão dentro mim. Posso me abrir para eles e deixá-los fluir".

Você volta-se para dentro e comunga com Deus, com o Cristo, com os santos e sábios de todas as idades, e quando você sair para o mundo exterior, seu espírito fluirá através de você, para ser o pão, o vinho, a carne e a água para quem entra em contato com você, em sua vida familiar, seu trabalho, seu círculo social e sua vida política. Eles podem não conhecer a Fonte - eles nem precisam saber. Esse é o seu segredo, e é um segredo que você pode divulgar apenas para aqueles que o sabem respeitar, valorizá-lo e apreciá-lo.

Para as muitas pessoas que você encontra todos os dias, você é apenas um homem ou uma mulher em roupas cotidianas, e em sua maior parte, eles são completamente inconscientes de que, dentro de você está o segredo da Vida, o Reino de Deus, a Graça de cura do Cristo, o poder de multiplicar pães e peixes, a alegria e a paz do universo. Dentro de você está o poder de atrair para a palavra de Deus todos aqueles que estão buscando a Deus.

Até certo ponto, todos vocês demonstraram isso, mas não o suficiente. Até certo ponto, eu demonstrei isso também, mas não o suficiente. Eu sei, como você também sabe agora, que existe um mundo interior, um mundo real que é a fonte do mundo exterior, a criação, manutenção e princípio de sustentação do mundo exterior.

Você deve aprender a celebrar com Deus, a comungar com Ele no centro do seu ser. Encontre-o lá todos os dias. E lá também você pode encontrar todas as outras pessoas que você conheceu no caminho espiritual. Entre em você e encontre-os lá. Você nunca pode estar só - aqueles que você conhece no caminho espiritual estão sempre com você. Eles são tão parte de sua consciência quanto sua própria família, se ao menos você fechar os olhos e procurar por eles lá.

Cada palavra de Verdade que Deus já proferiu está trancada dentro você. Solte-a e deixa-a ir, mas nunca diga sobre este segredo, exceto àqueles do seu lar espiritual. Não exponha sua "pérola" àqueles que não são conhecedores de pérolas. Nunca dê

oportunidade a ninguém de ridicularizar sua vida interior. Não deixe ninguém tentar destruir sua fé, sua compreensão ou sua sabedoria. Você tem uma "pérola" pelo qual as pessoas do mundo venderiam suas almas, se elas apenas soubessem o que poderia fazer por eles.

Esta é a vida mística. Esta é a vida monástica:

"Eu e meu Pai somos Um", e em Deus eu encontro minha auto-completude. E quando abro os olhos, saio para o mundo para compartilhar as glórias de Deus, a Graça de Deus e a Paz de Deus que ultrapassa a compreensão.

Eu por mim mesmo não sou nada, mas posso voltar-me para dentro e desfrutar da Graça de Deus.

Nenhum homem pode tirar suas riquezas de você; nenhum homem pode tirar a sua Paz. O mundo não pode encontrá-lo quando você está vivendo por dentro, porque não sabe nada de um mundo interior, e se fosse dito, só riria com incredulidade. Se o mundo atacar você, será apenas para pegar seu dinheiro, sua propriedade ou sua empresa. Não sabe que esses são seus brinquedos, a fruta que cresce na sua Árvore da Vida, o efeito da vida mística. E isso é tudo que o mundo sempre quer tirar de você. Se o mundo tentar privá-lo desse fruto, você permanecerá inabalável, porque você sabe que, se essa tentativa for bem sucedida, um processo de multiplicação espiritual já estará em progresso e, no devido tempo, haverá mais frutos na sua Árvore.

Nenhum homem pode tirar sua paz depois de você ter descoberto o mundo interior. Depois de ter descoberto que dentro de você está a substância de toda forma, a lei de todo efeito, a Graça Divina, nunca mais o mundo poderá incomodar você, tocar em você.

O coração e a alma do Caminho Infinito é o seu misticismo e sua vida monástica, um modo de vida que nada tem a ver com deixar o mundo no plano exterior. Tudo tem a ver com deixar o mundo enquanto você entra e se alimenta daquela carne interior, bebe daquela água interna, comunga com os santos e sábios - o Cristo - mas depois sai de novo e desfruta e se alegra por cada pessoa e cada coisa que, pela Graça de Deus, surge na sua Árvore da Vida.

tradução: Giancarlo Salvagni - 2018
reikibahia@gmail.com